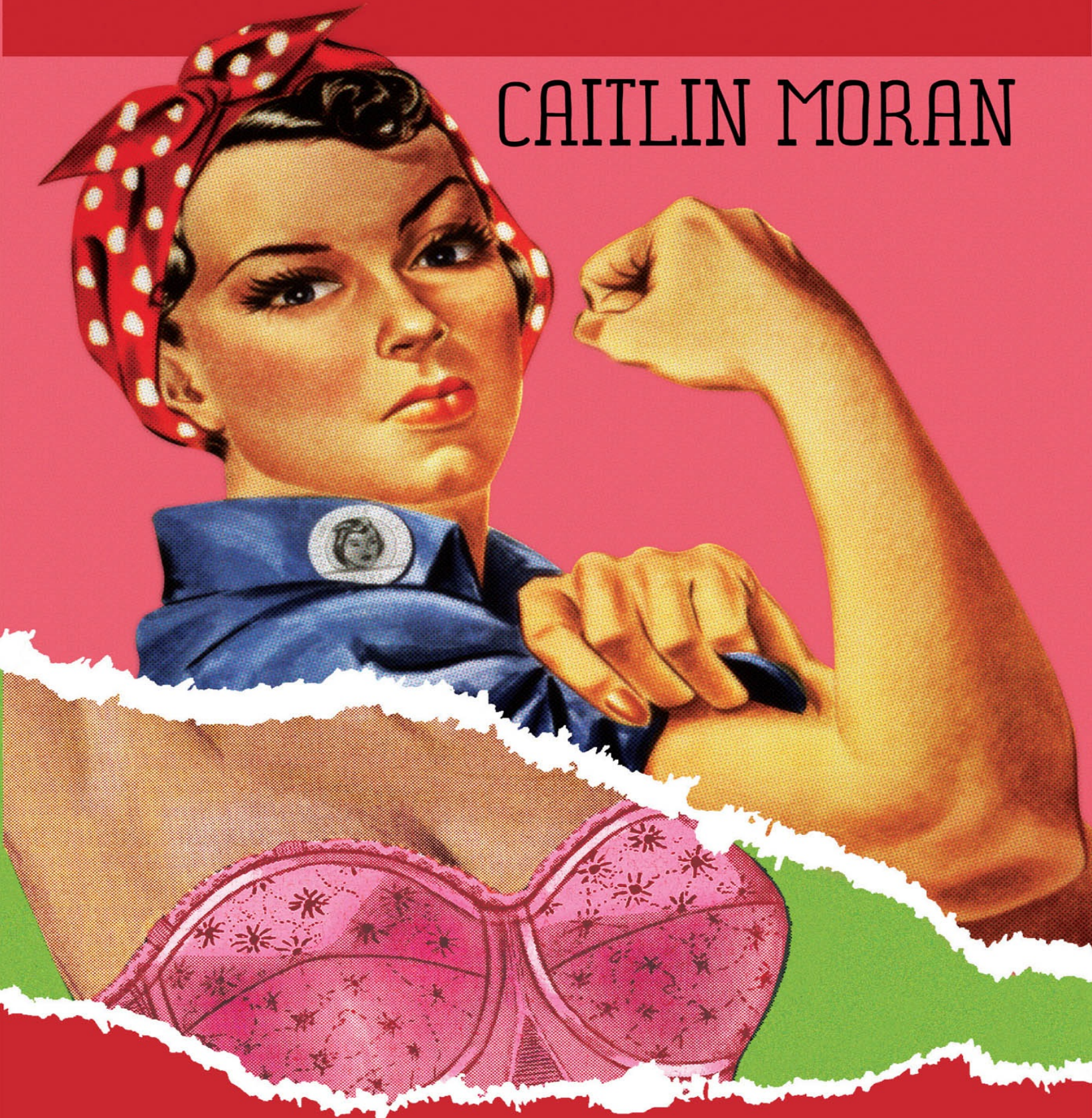


UM DIVERTIDO MANIFESTO FEMININO

CAITLIN MORAN



COMO SER MULHER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CAITLIN MORAN

COMO SER MULHER

UM DIVERTIDO MANIFESTO FEMININO

Tradução

ANA BAN

**PA
RA
LE
IA**

Sumário

Prólogo — O pior aniversário de todos os tempos

1. Começo a sangrar!
2. Fico peluda!
3. Não sei como chamar meus seios!
4. Sou feminista!
5. Preciso de um sutiã!
6. Sou gorda!
7. Descubro o machismo!
8. Estou apaixonada!
9. Vou a um clube de striptease!
10. Eu me caso!
11. Entro na moda!
12. Por que ter filhos
13. Por que não ter filhos
14. Modelos de comportamento e o que fazer com eles
15. Aborto
16. Intervenção

Pós-escrito

Agradecimentos

Prólogo

O pior aniversário de todos os tempos

Wolverhampton, 5 de abril de 1988

Aqui estou eu, no meu aniversário de treze anos. Correndo dos Delinquentes.

“Moleque!”

“Esquisita!”

“Moleque!”

Corro dos Delinquentes no playground perto de casa. É um playground típico do final da década de oitenta na Inglaterra. Nada de superfícies seguras, design ergonômico, ripas de madeira nos bancos. Tudo é feito de concreto, garrafas de cerveja quebradas e ervas daninhas.

Corro totalmente sozinha. Dá para sentir a respiração pegando na minha garganta, como uma ânsia de vômito. Já vi documentários sobre a natureza assim. Compreendo o que está acontecendo. Meu papel, obviamente, é de “antílope fraco, separado da manada”. Os Delinquentes são “os leões”. Sei que essa história nunca acaba bem para o antílope. Em breve, assumirei outro papel: “almoço”.

“Ei, pobretona!”

Estou usando botas de borracha, óculos fornecidos pelo serviço de saúde que me deixam parecida com Alan Bennett e o casaco do Exército do meu pai. Reconheço que não sou muito feminina. Diana, a princesa de Gales, é feminina. Kylie Minogue é feminina. Eu sou... femi-nada. Por isso, entendo a confusão dos Delinquentes. Eles não parecem conhecer muito a) a iconografia da contracultura e b) o imaginário que inspira os radicais que desafiam a questão de gênero. Imagino que fiquem confusos com Annie Lennox e Boy George no programa *Top of the Pops*.

Se os Delinquentes não estivessem tão ocupados correndo atrás de mim, eu provavelmente diria algo a respeito. Talvez explicasse que li *O poço da solidão*, escrito por Radclyffe Hall, a famosa lésbica adepta das calças, e que eles precisam abrir a mente para maneiras alternativas de se vestir. Talvez também mencionasse Chrissie Hynde, do Pretenders. *Ela* usa roupas masculinas. E Caryn Franklin, do *Clothes Show* — e ela fica *superbem!*

“Ei, pobretona!”

Os Delinquentes param por um instante, aparentemente para trocar ideias. Diminuo a velocidade para um trote, depois encosto em uma árvore e respiro com muita dificuldade. Estou acabada. Com mais de oitenta quilos,

realmente não fui feita para uma perseguição alucinada. Estou mais para Hortelino do que para a corredora Zola Budd. Enquanto retomo o fôlego, reflito sobre minha situação.

Seria incrível ter um cachorro. Um pastor-alemão bem treinado, que atacasse esses meninos — de maneira quase brutal. Um cachorro realmente conectado com o medo e a apreensão de sua dona.

Olho para a minha pastora-alemã, Saffron, a duzentos metros de distância. Ela está feliz, rolando em cima de uma pilha de cocô e agitando as patas no ar de tanta alegria. Parece radiante. Realmente é um bom dia para ela. O passeio está bem mais longo e veloz do que o normal.

Apesar de obviamente não ser um bom dia para mim, nem fico surpresa quando — depois de terminado o tête-à-tête — os Delinquentes fazem uma pausa de um minuto e começam a jogar pedras em mim. Isso me parece um tanto extremo, penso. Volto a correr.

Nem é preciso tanto esforço para me oprimir, penso, indignada. Eu já estava para baixo! Sério, o “pobretona” já tinha acabado comigo.

Só algumas das pedras chegam a me acertar, e é claro que não dói: meu casaco passou por uma guerra, possivelmente duas. Pedrinhas não são nada para ele, que foi feito para aguentar granadas.

Mas é a ideia que conta. Todo esse tempo gasto comigo, quando eles podiam estar envolvidos em outras atividades mais úteis — como cheirar cola e passar a mão em meninas que de fato se vestem como meninas.

Como se tivessem lido minha mente, depois de um ou dois minutos os Delinquentes começam a perder o interesse em mim. Parece que me transformei no antílope do passado. Continuo correndo, mas eles permanecem parados, jogando uma ou outra pedra na minha direção, de um jeito quase despreocupado, até que saio do raio de alcance deles. Mas os Delinquentes não param de berrar.

“Moleque!”, o maior deles grita, como um último xingamento para minhas costas que se afastam. “Sua... vagabunda!”

Chego em casa e choro nos degraus da entrada. Sinceramente, tem gente demais dentro de casa para eu chorar lá. Já tentei — você tem que explicar por que está chorando para uma pessoa entre soluços, e quando está no meio da explicação chega mais alguém que quer ouvir a história do começo outra vez, e antes que se dê conta você já contou a pior parte seis vezes e acaba ficando em um estado de histeria tão grande que soluça pelo resto da tarde.

Quando se vive em uma casa pequena com cinco irmãos menores, é muito mais razoável — e mais rápido — chorar sozinha.

Olho para a cachorra.

Se você fosse um animal bom e fiel, beberia as lágrimas do meu rosto,

penso.

Em vez disso, Saffron lambe a própria vagina, fazendo barulho.

Saffron é a nova cachorra — “a idiota da nova cachorra”. Ela também é uma “cachorra instável” — meu pai a “adquiriu” em um dos negócios que faz de tempos em tempos no bar Hollybush. Nós ficamos esperando no furgão durante duas horas, e ele sai de vez em quando para nos levar batatinhas ou uma garrafa de coca. A certa altura, meu pai irrompe porta afora, carregando algo incongruente como um saco de cascalho ou a estátua de concreto de uma raposa sem cabeça.

“A coisa ficou séria lá dentro”, ele dizia antes de ir embora correndo, louco da vida.

Em certa ocasião, a coisa incongruente que ele saiu carregando foi Saffron — uma fêmea de pastor-alemão de um ano.

“Era da polícia”, ele disse, todo orgulhoso, e a colocou na parte de trás do furgão conosco, onde ela prontamente cagou. Uma investigação mais detalhada revelou que, apesar de ter sido da polícia, só demorou uma semana para os treinadores perceberem que ela tinha distúrbios psicológicos profundos, além de medo de:

- 1) barulho
- 2) escuro
- 3) todas as pessoas
- 4) todos os cachorros
- 5) e sofria de incontinência causada pelo estresse.

Ainda assim, ela é minha e, tecnicamente, a única amiga que tenho e que não é da família.

“Fique aqui perto, velha amiga!”, digo a Saffron, e assoo o nariz na manga, determinada a recuperar a animação. “Hoje vai ser um dia incrível!”

Quando paro de chorar, pulo a cerca lateral e entro pela porta de trás. Minha mãe está na cozinha, “preparando a festa”.

“Vá para a sala!”, ela diz. “Espere lá. E NÃO OLHE O BOLO! É surpresa!”

A sala está lotada de irmãos. Eles se materializaram de cada reentrância da casa. Em 1988, somos seis — seremos oito até a década terminar. Minha mãe é como uma linha de produção da Ford: entrega um bebê pequeno e rechonchudo a cada dois anos, regular como um relógio, até que nossa casa fica a ponto de estourar.

Caz — dois anos mais nova do que eu, ruiva, niilista — está deitada no sofá. Ela não se move quando eu entro. Não tem mais nenhum outro lugar para eu me sentar.

“Arrã!”, eu digo e aponto para o botão na minha lapela. Diz: “É o meu ANIVERSÁRIO!!!!”. Já estou esquecendo toda aquela história de choro. Estou em

outra.

“Vai acabar daqui a seis horas”, ela diz sem flexão na voz, imóvel. “Por que não aproveitamos e paramos com essa bobagem agora?”

“Mas serão seis horas de DIVERSÃO!”, eu digo. “Seis horas de DIVERSÃO DE ANIVERSÁRIO. Quem sabe o que pode acontecer? Afinal de contas, estamos numa casa de loucos!”

De maneira geral, sou uma pessoa de positivismo sem limites. Tenho todo o entusiasmo de um retardado. Fiz a seguinte anotação no meu diário ontem: “Coloquei a fritadeira no outro balcão da cozinha — ficou DEMAIS!”.

Meu lugar preferido no mundo — a praia de Aberystwyth — tem um cano de esgoto bem no meio.

Realmente acredito que a idiota da nova cachorra é nosso antigo cachorro reencarnado — apesar de ela ter nascido dois anos antes de ele ter morrido.

“Mas dá para ver os olhos de Sparky aí dentro!”, eu digo, e olho para a idiota da nova cachorra. “Sparky NUNCA NOS ABANDONOU!”

Caz revira os olhos em sinal de desdém e me dá um cartão. Ela desenhou o meu nariz de modo a ocupar aproximadamente três quartos da minha cabeça.

“E lembre-se de que você prometeu que ia se mudar quando fizesse dezoito anos, para eu poder ficar com o seu quarto”, está escrito na parte de dentro. “Só faltam cinco anos! A menos que você morra antes! Com amor, Caz.”

Weena tem nove anos — o cartão dela também se baseia na possibilidade de eu me mudar e dar meu quarto para ela: só que robôs dão o recado, por isso, é menos “pessoal”.

O espaço realmente é um luxo na nossa casa, como evidenciado pelo fato de que eu ainda não tenho onde sentar. Estou prestes a me acomodar em cima do meu irmão Eddie quando mamãe chega trazendo um prato com velas acesas.

“Parabéns a VOCÊ!”, todo mundo canta para mim. “Eu só vim pra COMER. O presente que é bom esqueci de TRAZER!”

Minha mãe se abaixa perto de mim e segura o prato à minha frente.

“Assopre e faça um pedido!”, ela diz, toda alegre.

“Não é um bolo”, eu digo. “É uma baguete.”

“Recheada de cream cheese Philadelphia!”, minha mãe diz, toda alegre.

“É uma baguete”, eu repito. “E só tem sete velas.”

“Você está grande demais para bolo”, minha mãe diz e assopra as velas por conta própria. “E cada vela vale dois anos!”

“Eu não tenho catorze anos.”

“Pare de ser tão fresca!”

Como minha baguete de aniversário. Está ótima. Adoro Philadelphia. Philadelphia é ótimo! Tão gostoso! Tão cremoso!

Naquela noite — na cama que divido com minha irmã de três anos, Prinnie — escrevo no meu diário.

“Meu aniversário de treze anos!!!!”, escrevo. “Mingau no café da manhã e batatinha no jantar, baguete no lanche. Ganhei vinte libras no total. Quatro cartões e duas cartas. Vou pegar o cartão verde (de adolescente) na biblioteca amanhã!!!! O vizinho perguntou se queríamos uma cadeira que ele estava jogando fora. Dissemos que SIM!!!!”

Fico olhando para o que escrevi por um minuto. Eu deveria escrever tudo, penso. Não posso deixar as coisas ruins de fora.

“Uns meninos gritaram umas coisas feias no parquinho”, escrevo, devagar. “É porque o pinto deles está crescendo.”

Já li o suficiente sobre puberdade para saber que desejos sexuais em ebulição com frequência podem fazer com que adolescentes sejam cruéis com as meninas.

Também sei que, nesse caso, não foi desejo reprimido que fez os meninos jogarem pedras em mim enquanto eu subia uma ladeira correndo — mas não quero que meu diário tenha pena de mim. Até onde ele sabe, o controle filosófico da situação era meu. O diário é apenas para glórias.

Fico olhando para o que escrevi no meu aniversário de treze anos. Um momento de clareza nada bem-vinda toma conta de mim. Aqui estou eu, penso, dividindo a cama com uma criança e usando a roupa que meu pai costumava colocar por baixo no inverno como pijama. Tenho treze anos, peso mais de oitenta quilos, não tenho dinheiro nem amigos e os meninos jogam pedras em mim quando me veem. É meu aniversário, e fui para a cama às sete e quinze da noite.

Vou até a última página do diário. É lá que anoto meus projetos de “longo prazo”. Por exemplo: “Meus pontos negativos”.

Meus pontos negativos

- 1) Eu como demais
- 2) Não aguento fazer exercício
- 3) Tenho arrolbos [*sic*] de fúria
- 4) Perco tudo

Escrevi “Meus pontos negativos” na véspera de Ano-Novo. Um mês depois, fiz um relatório de progressos:

- 1) Não como mais bolacha de gengibre
- 2) Passeio com a cachorra todo dia
- 3) Estou tentando
- 4) Estou tentando

Embaixo de tudo isso, traço uma linha e faço minha nova lista.

Antes dos dezoito anos

- 1) Preder [sic] peso
- 2) Comprar roupas boas
- 3) Ter amigos [sic]
- 4) Treinar a cachorra direito
- 5) Furar a orelha?

Ai, meu Deus. Não tenho a menor noção. Não tenho a menor noção de como um dia ser mulher.

Quando Simone de Beauvoir disse: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ela não sabia nem a metade.

Nos 22 anos que se passaram desde meu aniversário de treze anos, passei a ter uma atitude bem mais positiva em relação a ser mulher — para ser sincera, tudo melhorou quando consegui uma identidade falsa, um laptop e uma blusa bacana — mas, em muitos aspectos, não existe presente mais cruel ou inapropriado para se dar a uma criança do que estrogênio e seios. Se alguém tivesse perguntado antes do meu aniversário, acho que teria pedido um vale-livro ou um vale-presente da C&A no lugar.

Na época, eu estava — como você viu — ocupada demais brigando com meus irmãos, treinando minha cachorra e assistindo aos musicais clássicos da MGM para abrir espaço na minha agenda para me tornar mulher. Mas acabei sendo forçada a isso por minha hipófise.

Tornar-me mulher foi uma sensação parecida com ficar famosa. Porque, depois de ser ignorada de modo geral e com benevolência — a existência básica da maior parte das crianças —, uma menina adolescente de repente se torna fascinante para os outros e é bombardeada por perguntas: Que tamanho você usa? Já transou? Quer transar comigo? Você tem identidade? Quer dar uma tragada? Tem namorado? Tem camisinha? Qual é seu estilo próprio? Sabe andar de salto? Quem são seus heróis? Você depila tudo? De que tipo de pornô você gosta? Quer se casar? Quando vai ter filhos? É feminista? Você estava dando em cima daquele cara? O que você quer fazer?
QUEM É VOCÊ?

Essas são perguntas ridículas de se fazer a uma menina de treze anos só porque ela precisa de um sutiã. Podiam estar perguntando para minha cachorra que dava na mesma. Eu não fazia a menor ideia.

Mas — assim como um soldado jogado em uma zona de guerra — você precisa formar algumas ideias, e rápido. Precisa de reconhecimento. Precisa planejar. Precisa definir seus objetivos e então tomar uma atitude. Porque,

depois que os hormônios entram em cena, não há como detê-los. Como descobri muito rapidamente, você é aquele macaco amarrado dentro de um foguete; uma peça de bomba-relógio. Não há plano de fuga. Não dá para cancelar tudo — por mais que você queira. Toda essa merda vai acontecer, você gostando ou não.

Tem gente que tenta fazer parar, é claro: há adolescentes que tentam ganhar tempo regredindo, de maneira agressiva, ao seu eu de cinco anos de idade, ficando obcecadas por “coisas de menininha” e cor-de-rosa. Enchem a cama de ursos de pelúcia para deixar claro que não há lugar para sexo. Falam feito bebês para que ninguém lhes faça perguntas de adulto. Na escola, dava para ver que minhas contemporâneas não queriam ser mulheres ativas — dando a cara para bater, fazendo seu próprio destino —, mas princesas, esperando até ser “encontradas” e se casar. Mas, obviamente, eu não fazia essa análise na época. Só reparei que Katie Parkes passava todas as aulas de matemática desenhando corações nos nós dos dedos com caneta esferográfica e mostrando para David Morley — que, por sua vez, devia estar experimentando seus primeiros arroubos de excitação sexual quando olhava para minha conta de divisão exemplar.

E, na extremidade mais disfuncional, é claro, estão as meninas kamikazes que travam guerra contra sua hipófise — tentando matá-la de fome ou confundi-la para que se entregue, com anorexia ou bulimia.

Mas o problema em lutar contra si mesma é que, mesmo que você vença, perde. A certa altura — machucada e exausta — você aceita que tem de se tornar mulher — que é mulher — ou morre. É a verdade básica e brutal da adolescência — que com frequência é uma longa e dolorosa campanha de atrito. Essas meninas autodestrutivas, com cortes de lâmina de barbear nos braços e nas coxas, só estão lembrando a si mesmas de que seu corpo é um campo de batalha. Se você não tem estômago para lâminas de barbear, uma tatuagem serve; ou até o estalo de uma pistola de furar a orelha. Pronto. Você conseguiu. Fez uma marca no corpo para reclamar a si própria, para se lembrar de onde está: em si mesma. Em algum lugar. Em algum lugar lá dentro.

E — assim como ganhar na loteria ou ficar famosa — não existe manual para se tornar mulher, apesar de haver muita coisa em jogo. Só Deus sabe como tentei encontrar um guia quando eu tinha treze anos. Você pode ler a respeito da experiência de outras pessoas — como se estivesse tentando fazer uma colinha com antecedência para a prova —, mas eu descobri que isso é, em si, problemático. Porque, ao longo da história, é possível ler sobre a vida de mulheres que — contra todas as probabilidades — conseguiram ser uma mulher do jeito *certo*, mas acabaram corrompidas, infelizes ou destruídas, porque, ao redor delas, a sociedade continuava errada. Mostre a uma menina uma heroína pioneira — Sylvia Plath, Dorothy Parker, Frida Kahlo,

Cleópatra, Boadiceia, Joana d’Arc — e estará mostrando quase sempre uma mulher que acabou sendo esmagada. Seus triunfos conquistados com tanta dificuldade podem ser totalmente negados se você viver em um clima em que suas vitórias são vistas como ameaçadoras, incorretas, de mau gosto ou — o que é mais importante de tudo para uma adolescente — simplesmente como algo que não é legal. Poucas meninas escolheriam estar certas — sabendo disso no fundo de seus ossos inteligentes e cheios de brilhantismo —, mas solitárias.

Então, apesar de *Como ser mulher* ser a história de todas as vezes que eu — desinformada, despreparada, fatalmente desiludida em relação à minha capacidade de deixar um poncho estiloso — fui uma mulher do jeito errado, parece que simplesmente recontar uma experiência já não é mais suficiente no século XXI. Sim, uma “chamada à consciência” feminista e antiquada ainda tem enorme valor. Quando o assunto se volta para aborto, procedimentos estéticos, parto, maternidade, sexo, amor, trabalho, misoginia, medo, ou apenas como você se sente na sua própria pele, as mulheres até hoje não têm o costume de dizer a verdade umas às outras, a menos que estejam muito, muito bêbadas. Talvez o aumento do abuso de bebida pelas mulheres, tão noticiado, seja apenas a tentativa da mulher moderna de se comunicar com seus pares. Ou talvez isso só aconteça porque os vinhos estão deliciosos. Para ser sincera, aposto em qualquer uma das alternativas.

No entanto, contribuir com a visão de como é ser mulher *de verdade* — e não como *fingimos* que é — é vital. Nós ainda precisamos desse papinho de análise, argumento, “coisas que precisam mudar”. Sabe como é. Feminismo.

E é aí que o segundo problema surge. O feminismo, a gente pensaria, deveria dar conta de tudo isso. Mas o feminismo, do jeito que é... bom... só é. Empacou. Nos últimos anos, recorri ao feminismo moderno várias vezes para responder a algumas questões, mas descobri que aquilo que no passado tinha sido uma das revoluções mais emocionantes, incendiárias e eficientes de todos os tempos tinha se encolhido, de algum modo, e se transformado em um punhado de argumentos cada vez menores, conduzidos por duas dúzias de acadêmicas feministas, em livros que apenas acadêmicas feministas leriam, e que são discutidos às onze da noite na BBC 4. Meu problema em relação a isto é:

- 1) O feminismo é importante demais para ser discutido apenas na academia. E o mais pertinente:
- 2) Não sou uma feminista acadêmica, mas, pelo amor de Deus, o feminismo é tão sério, importante e urgente que chegou a hora de ser defendido por uma colunista de jornal e crítica de TV em meio período de coração leve, mas péssima em ortografia. Se há alguma coisa emocionante e divertida, quero fazer parte dela — não quero ficar só

vendo da plateia. Tenho coisas a dizer! Camille Paglia entendeu Lady Gaga COMPLETAMENTE ERRADO! A organização feminista Object está *louca* no que diz respeito à pornografia! Germaine Greer, minha heroína, está *maluca* sobre a questão dos transgêneros! E *ninguém* está falando das revistas de fofocas, das bolsas de seiscentas libras, das calças minúsculas, das depilações completas, das despedidas de solteira idiotas ou da modelo Katie Price.

E essas coisas precisam ser abordadas. Precisam ser tratadas com a tática do rúgbi: cara na lama e muitos gritos.

O feminismo tradicional diria a você que essas não são questões relevantes, que devemos nos concentrar em grandes temas como desigualdade de salário, circuncisão feminina no Terceiro Mundo e violência doméstica. E tudo isso é, obviamente, urgente, nojento e errado, e o mundo não pode encarar a si mesmo até que acabe.

Mas aqueles probleminhas menores, mais idiotas e mais óbvios do dia a dia que ser mulher acarreta são, em diversos aspectos, igualmente prejudiciais à paz de espírito de uma mulher. É a teoria das janelas quebradas transferida para a desigualdade feminina: se uma única janela quebrada em um prédio vazio é ignorada e não é consertada, a tendência é que vândalos quebrem mais algumas janelas. No final, podem invadir o prédio e tacar fogo ou ocupar o imóvel.

Da mesma maneira, se vivemos em um mundo em que os pelos púbicos de uma mulher são considerados de mau gosto, ou se mulheres famosas e poderosas são julgadas porque estão muito gordas, muito magras ou malvestidas, então, no fim, as pessoas começam a invadir as mulheres e a tacar fogo nelas. As mulheres serão invadidas. Claramente, essa não é uma boa ideia. Não sei você, mas eu não quero acordar uma manhã e encontrar um monte de aproveitadores no meu hall de entrada.

Quando Rudy Giuliani assumiu como prefeito de Nova York, em 1993, sua crença na teoria das janelas quebradas o levou a implementar a política da Tolerância Zero. As taxas de crime caíram de maneira acentuada, significativa, e continuaram assim nos dez anos seguintes.

Pessoalmente, acredito que chegou a hora de as mulheres introduzirem sua própria política de Tolerância Zero na questão da janela quebrada da nossa vida — quero Tolerância Zero para toda a baboseira patriarcal. E o melhor da Tolerância Zero para a janela quebrada da baboseira patriarcal é o seguinte: no século XXI, não precisamos marchar contra os modelos tamanho PPP, a pornografia risível, os clubes de striptease e o botox. Não precisamos fazer confusão, nem greve de fome. Não há necessidade de se jogar embaixo de um cavalo, nem mesmo de um burro. Só precisamos olhar nos olhos das pessoas, encarar mesmo, por um minuto, e então começar a dar risada.

Ficamos gostosas quando rimos. As pessoas gostam de nós quando nos veem gargalhando de maneira relaxada e sincera.

Talvez não gostem tanto quando a gente bate na mesa com a mão fechada e grita: “Argh! Argh! É, as coisas são assim! DANE-SE, patriarcado!” — antes de se engasgar com a boca cheia de batatinha, mas mesmo assim...

Não sei se ainda podemos falar em “ondas” de feminismo — pelas minhas contas, a próxima seria a quinta onda, e desconfio que seja mais ou menos na quinta onda que você para de se referir a elas individualmente e começa a falar apenas da maré.

Mas, se *existe* uma quinta onda feminista, eu torceria para que a principal distinção dela em relação a tudo que veio antes seja que as mulheres combatam o desconforto, a desconexão e o papo furado todo de ser uma mulher moderna não com berros, interiorização ou bate-boca — mas simplesmente apontando os fatos e proferindo um “RÁ!”.

Então, sim. Se há uma quinta onda, esta é a minha contribuição. O que tenho a acrescentar. Um relato bastante abrangente de todas as vezes em que eu tinha muito pouca ou, em muitos casos, nenhuma ideia... de como ser mulher.

1. Começo a sangrar!

Eu achei que fosse opcional. Sei que as mulheres sangram todo mês, mas não pensei que fosse acontecer *comigo*. Achei que seria capaz de escolher não sangrar — talvez por pura vontade. Sinceramente, não me parece algo muito útil ou divertido, e não vejo como encaixar na minha agenda.

Não vou me incomodar! Penso comigo mesma, alegre, enquanto faço meus dez abdominais à noite. Capitã Moran *recusa* a missão!

Estou levando minha lista de “Antes dos dezoito” muito a sério. Minha campanha de “Preder [*sic*] peso” avançou um degrau — além de não estar mais comendo bolachas de gengibre, estou fazendo dez abdominais e dez flexões de braço toda noite. Não temos nenhum espelho de corpo inteiro em casa, por isso não faço ideia de como estou indo, mas imagino que, nesse ritmo, meu regime de campo de treinamento militar me deixe tão magra quanto Winona Ryder até o Natal.

Mas, bom, só fiquei sabendo da existência da menstruação há quatro meses. Minha mãe nunca disse nada sobre isso — “Achei que vocês tinham aprendido tudo em *A gata e o rato*”, ela disse, vagamente, anos depois, quando perguntei sobre a questão —, e foi só quando deparei com uma propaganda de absorvente interno, enfiada na cerca viva na frente da nossa casa por uma estudante que passava, que fiquei sabendo que história era aquela de menstruação.

“Não quero falar sobre isso”, Caz diz quando entro no quarto com a propaganda e tento mostrar para ela.

“Mas você *viu?*”, pergunto e me sento na ponta da cama. Ela passa para a outra extremidade. Caz não gosta de proximidade. Fica extremamente irritada. Em uma casa do governo com três quartos e sete pessoas, ela vive quase sempre furiosa.

“Olhe — isto aqui é o *útero*, e isto é a *vagina*, e o absorvente se expande na *largura*, para preencher a... *cavidade*”, eu digo.

Só li o anúncio por cima. Para ser sincera, fiquei bastante abalada. O corte anatômico do sistema reprodutivo feminino parece complicado e impraticável — como uma daquelas gaiolas de hamster caríssimas da Rotastak, com túneis que vão para todos os lados. Mais uma vez, não sei muito bem se quero compactuar com tudo isso. Acho que eu simplesmente acreditava ser feita de carne sólida — da pélvis ao pescoço —, com os rins enfiados lá no meio. Tipo uma linguixa. Sei lá. Anatomia não é meu ponto forte. Gosto de romances do século XIX em que as moças desmaiam na chuva e das memórias de guerra de Spike Milligan. Não há muita menstruação em nenhum dos dois. Isso tudo me parece um pouco... desnecessário.

“E acontece *todo* mês”, eu digo a Caz. Ela agora está deitada, toda vestida por baixo da colcha, com botas de borracha e tudo.

“Quero que você vá embora”, ela diz, debaixo da colcha. “Estou fingindo que você está morta. Não tem nada sobre o que eu queira falar menos com você do que menstruação.”

Saio dali.

“*Nil desperandum!*”, digo a mim mesma. “Sempre tem alguém que posso procurar em busca de um ouvido solidário e de uma conversa animada!”

A idiota da nova cachorra está embaixo da minha cama. Ela engravidou de Oscar, o pequeno cachorro que mora do outro lado da rua. Nenhum de nós consegue entender muito bem como isso aconteceu, já que Oscar é aquele tipo de cachorrinho que não para de latir, só um pouco maior do que uma lata de feijão grande, e a idiota da nova cachorra é uma pastora-alemã bem grande.

“Ela deve ter cavado um buraco no chão para agachar”, Caz diz, enojada. “Acho que ela estava *muito* a fim. Sua cachorra é uma vagabunda.”

“Vou me tornar mulher logo, cachorra”, eu digo. Ela lambe a própria vulva. Reparei que ela sempre faz isso quando falo com ela. Ainda não cheguei a nenhuma conclusão a respeito, mas acho que isso me deixa um pouco chateada.

“Encontrei um anúncio que diz que minha menstruação vai começar logo”, continuo. “Vou ser sincera, cachorra... estou um pouco preocupada. Acho que vai doer.”

Olho nos olhos dela. É idiota até não poder mais. Galáxias de nada passam por seus olhos.

Eu me levanto.

“Vou falar com minha mãe”, explico. A cachorra continua embaixo da cama, parecendo, como sempre, nervosa por ser uma cadela.

Encontro minha mãe no banheiro. Ela agora está grávida de oito meses e segura Cheryl, de um ano, que está dormindo, enquanto tenta fazer xixi.

Sento na beirada da banheira.

“Mãe?”

Por algum motivo, acho que só tenho direito de fazer uma pergunta sobre o assunto. Uma chance para ter “a conversa sobre o ciclo menstrual”.

“Sim?”, ela responde. Apesar de estar fazendo xixi e segurando um bebê que dorme, ela também está separando a roupa branca do cesto de roupa suja.

“Sabe... *a minha menstruação?*”, eu sussurro.

“O que tem?”, ela diz.

“Vai doer?”, pergunto.

Minha mãe pensa por um minuto.

“Vai”, ela responde, no fim. “Mas tudo bem.”

O bebê então começa a chorar, por isso ela nunca chega a explicar como vai ficar “tudo bem”. Isso continua sem explicação até hoje.

Três semanas depois, minha menstruação vem. Parece-me um acontecimento profundamente infeliz. Começa no carro, a caminho da Biblioteca Central, na cidade, e eu preciso ficar caminhando pela seção de não ficção durante meia hora, torcendo desesperadamente para que a calça não manche, até que meu pai nos leve de volta para casa.

“Minha primeira menstruação veio: eca”, escrevo no meu diário.

“Não acho que Judy Garland tenha ficado menstruada alguma vez”, digo à cachorra, infeliz, mais tarde naquela mesma noite. Fico me vendo chorar em um espelhinho de bolso. “Nem Cyd Charisse. Nem Gene Kelly.”

O saco de absorventes que a minha mãe guarda atrás da porta do banheiro agora é da minha conta também. Sinto uma inveja triste de todas as minhas irmãs menores que ainda estão “fora do saco”. Os absorventes são grossos e baratos — enfiados na minha calcinha, parecem um colchão no meio das minhas pernas.

“Parece que tem um colchão no meio das minhas pernas”, digo a Caz.

Estamos brincando com nossas bonecas Sindy. Há quatro horas, a Sindy de Caz, Bonnie, está assassinando em segredo todo mundo em um cruzeiro de luxo. A minha Sindy, Layla, está tentando solucionar o mistério. O bonequinho pernetá, Bernard, namora as duas ao mesmo tempo. Discutimos constantemente sobre a posse de Bernard, apesar de ele na verdade pertencer a Eddie. Nenhuma de nós quer que sua Sindy fique solteira.

“Um colchão grosso e horroroso”, continuo. “Que nem em *A princesa e a ervilha*.”

“Qual é o comprimento deles?”, Caz pergunta.

Dez minutos depois, seis absorventes estão dispostos como se fossem colchões num dormitório, e as Sindys estão deitadas em cima deles.

“Mas que sorte!”, eu digo. “Foi como quando descobrimos que uma couve-de-bruxelas era *idêntica* a um repolho da Sindy. Está vendo, Caz... é o lado *positivo* da menstruação!”

Como os absorventes são baratos, eles rasgam entre as minhas coxas quando caminho e vazam. Desisto de caminhar durante toda a duração da minha menstruação. A primeira demora três meses. Fico achando que é perfeitamente normal. Desmaio com regularidade. Fico tão anêmica que as unhas dos meus dedos adquirem um tom azul bem claro. Não falo nada para minha mãe porque já fiz minha única pergunta sobre menstruação. Agora preciso dar conta dela.

O sangue nos lençóis é deprimente — não é dramático, vermelho como num assassinato. É marrom e tedioso, como num acidente. Parece que estou

enferrujada por dentro e agora estou quebrando. Na tentativa de evitar lavar as manchas à mão toda manhã, começo a enfiar chumaços de papel higiênico na calcinha junto com o absorvente inútil e passo a noite toda deitada imóvel, completamente imóvel. Às vezes, saem coágulos de sangue enormes que se parecem com fígado cru. Suponho que seja o revestimento do meu útero que sai em fatias de um dedo de espessura e que a menstruação simplesmente é assim visceral mesmo. Tudo vai se somando a uma sensação terrível de que há algo de muito errado acontecendo, mas de que é contra as regras do jogo fazer qualquer menção ao problema. Com frequência, penso em todas as mulheres ao longo da história que precisaram lutar contra essa porcaria apenas com trapos e água fria.

Não é para menos que as mulheres são oprimidas pelos homens há tanto tempo, penso enquanto esfrego a calça com uma escova e sabão no banheiro. Tirar sangue seco de algodão é um saco. Estávamos ocupadas demais *esfregando* para nos organizar pelo voto antes que o tanque duplo fosse inventado.

Apesar de Caz ser dois anos mais nova do que eu, sua primeira menstruação vem seis meses depois da minha — bem quando a minha segunda está começando. Ela entra chorando no meu quarto, quando todos os outros estão dormindo na casa, e sussurra as palavras horríveis: “Minha menstruação desceu”.

Mostro a ela o saco de absorventes, atrás da porta do banheiro, e digo o que fazer.

“Coloque na sua calcinha e passe três meses sem caminhar”, eu digo. “É fácil.”

“Vai doer?”, ela pergunta, com os olhos arregalados.

“Vai”, eu respondo, com modos nobres de adulto. “Mas tudo bem.”

“Por que vai ficar tudo bem?”, ela pergunta.

“Não sei”, respondo.

“Então por que você disse isso?”, ela pergunta.

“Não sei.”

“Jesus. Por que você se dá ao trabalho de falar? As coisas que saem da sua boca são inacreditáveis.”

Caz sente cólicas pavorosas — ela passa o período menstrual no quarto com as cortinas fechadas, coberta por bolsas de água quente, berrando “vá se foder” para qualquer pessoa que tenta entrar ali.

Como minha mãe é hippie, ela não “acredita” em analgésicos e pede que busquemos alternativas naturais. Lemos que sálvia supostamente ajuda e ficamos na cama comendo punhados de recheio de sálvia e cebola, chorando. Nenhuma de nós consegue acreditar que vai ter de aguentar isso durante os próximos trinta anos.

“Eu nem quero ter um filho”, Caz diz. “Não vou tirar absolutamente

nenhum proveito disso. Quero que todo o meu sistema reprodutivo seja arrancado fora e substituído por pulmões, para quando eu começar a fumar. Quero ter essa opção. Isso é inútil.”

Nesse cenário, parece que não há absolutamente nada de bom em ser mulher. Hormônios são um incômodo que me transformam de criança alegre em uma lavadeira esvaindo-se em sangue que só chora e desmaia. Eles não fazem com que eu me sinta feminina: toda noite fico deitada na cama me sentindo arrasada. E o volume do absorvente na minha calcinha parece um pinto.

Tiro tudo, tristonha, e pego a camisola na gaveta da cômoda. Quando volto a me virar, a cachorra saiu de baixo da cama e começou a comer meu absorvente cheio de sangue. Há chumaços de algodão despedaçado pelo chão todo, e a calcinha está pendurada na boca dela. Ela fica olhando fixo para mim, desesperada.

“Ai, meu Deus... sua cachorra é uma vampira lésbica”, Caz diz da cama dela e se vira para dormir.

Vou pegar minha calcinha e desmaio.

No meio desse desalento hormonal, no entanto, a cavalaria finalmente chega, no alto da montanha, tilintando as esporas, com as ombreiras brilhando ao sol: meu cartão verde da biblioteca. Agora que tenho treze anos, posso pegar livros adultos sem precisar pegar o cartão dos meus pais emprestado. E isso significa que posso retirar livros secretos. Livros sórdidos. Livros com sexo.

“Ando tendo uns sonhos”, digo à cachorra no caminho da biblioteca, que fica do outro lado do Gramado, uma extensão de grama gigantesca e desolada, onde é preciso estar sempre atenta aos Delinquentes. Não adianta caminhar cheia de coragem pelo meio — assim você fica exposta. Você tem que se ater às laterais, perto das casas, para que, caso seja atacada, as pessoas possam ter uma boa visão de quando chutam sua cabeça, sem precisar pegar os binóculos.

“Sonhos com... homens”, continuo. Olho para a cachorra. Ela olha de volta para mim. Acho que merece saber toda a verdade sobre o que está acontecendo. Eu devo isso a ela, no mínimo.

“Estou apaixonada por Chevy Chase”, digo, em um arroubo repentino de alegria. “Eu o vi no clipe do Paul Simon de ‘Call Me Al’, do álbum *Graceland*, de 1986, da Warner Bros., e simplesmente não consigo parar de pensar nele. Tive um sonho em que ele me beijava, e sua boca era excitante. Vou perguntar ao meu pai se a gente pode pegar *Três amigos* na locadora na sexta.”

Pedir *Três amigos* na locadora vai ser um ato de coragem — já foi

determinado que o próximo vídeo a ser alugado será *Howard, o pato*. Vou ter que me desdobrar, mas vai valer a pena. Eu ainda não disse à cachorra, mas a ideia de beijar Chevy Chase me deixou tão excitada que, ontem, escutei “Call Me Al” dezesseis vezes em seguida, imaginando que ele tocava no meu rosto enquanto Paul Simon fazia o solo de baixo. Tenho o maior tesão por Chevy. Até já imaginei qual vai ser a primeira coisa que vou dizer a ele — e que vai ganhar seu coração.

“Chevy Chase?”, direi em uma festa muito parecida com as que vi em *Dinastia*. “Tem algum parentesco com *Cannock Chase*?”

Cannock Chase fica pertinho da estrada A5, no caminho de Stafford. Chevy, um astro de cinema e comediante nascido em Los Angeles, não só vai entender essa piada, mas adorar.

Claro que tive paixões antes. Bom, uma. Não correu muito bem. Quando eu tinha sete anos, assisti a um episódio de *Buck Rogers* e me apaixonei pelo caubói do espaço burrão, tão obviamente baseado em Han Solo que podiam ter posto o nome de San Holo nele e fazer com que viajasse a bordo da *Fillennium Malcon* com Bewchacca.

Enquanto as novas substâncias químicas do amor corriam pelo meu corpo — Bucknésio e Rogertônio —, descobri o que é o amor; e percebi que é apenas se sentir muito... interessada. Mais interessada do que eu jamais tinha sido por qualquer coisa.

Eu me interessava por absolutamente tudo relacionado a Buck. O simples ato de olhar para o rosto dele era interessante. O jeito como ele ficava em pé, perto de uma porta = interessante. A maneira como ele segurava a pistola laser de plástico obviamente leve como se fosse pesada = interessante. A música tema assumiu uma carga de desejo e de Buck Rogernice tão insuportável que — 28 anos depois — eu ainda me sinto agitada quando escuto.

Obviamente, esses eram todos sentimentos com que era difícil lidar, por isso fiz o que sempre fazia quando algo de certa importância acontecia. Agarrei Caz — que na época tinha cinco anos — e a puxei para dentro do armário do aquecedor comigo. Do mesmo jeito que a família Mitford costumava fazer — só que o deles provavelmente era muito maior do que o nosso e não cheirava a sabão em pó, cocô de rato e peido.

“Caz”, eu disse, fechando a porta o máximo possível e assumindo uma expressão de presságio profundo. “Tenho uma coisa incrível para contar.”

Fiz uma pausa e fiquei olhando fixo para ela.

“Eu... estou APAIXONADA por Buck Rogers. Não conte para a mamãe.”

Caz assentiu.

Meu fardo ficou mais leve. Abri a porta e fiz um gesto para Caz sair. Vi quando ela atravessou o patamar da escada e desceu. Ouvi quando abriu a porta da frente.

“Mãe, Cate está apaixonada por Buck Rogers”, ela disse.

Foi então que aprendi, naquele momento — quando a vergonha profunda queimava em mim como brasa quente —, que amor é agonia, que todas as paixões devem permanecer secretas e que não podia confiar em Caz, uma filha da mãe sem coração.

Todos esses fatos me ajudaram bastante depois. Aprendi muito no armário do aquecedor naquele dia. Apenas vinte minutos depois, eu estava enfiando ervilhas congeladas no travesseiro de Caz enquanto sussurrava de maneira portentosa: “E, assim, a guerra começa”.

Mas — depois de ter esmagado todos os meus sentimentos amorosos durante tanto tempo — a onda de hormônios da adolescência tornava impossível continuar ignorando. A menina de treze anos com o cabelo trançado, caminhando pela beirada do Gramado, conversando com a cachorra grávida, na verdade está louca de tesão.

“Vou pegar a versão em livro de *Assassinato por encomenda*”, digo à cachorra. Era um filme bem mais ou menos da época, que tinha Chevy Chase como protagonista. “Vai ter uma foto de Chevy na capa, e eu vou olhar para a foto e depois copiar no meu Livro do Amor.”

O Livro do Amor é uma invenção recente. Na capa, diz “Livro da Inspiração”, mas, na verdade, é o Livro do Amor. Até agora, tenho nove fotos da duquesa de York e uma foto bem pequena de Caco, o Sapo, recortadas da revista *Radio Times*. Adoro a duquesa de York. Em 1988, ela é muito gorda, mas se casou com um príncipe. A duquesa de York me dá esperança para o futuro.

Já planejei exatamente o que vou fazer com a versão em livro de *Assassinato por encomenda*. Quando eu chegar em casa, vou embalar em um colete e esconder no fundo da minha gaveta de calcinhas, para meus pais não verem. É muito importante que meus pais não pensem que estou começando a me apaixonar, porque daí podem reparar que estou crescendo, e eu estou tentando manter isso em segredo. Acho que pode causar algum tipo de incidente.

Na biblioteca, encontro o livro com facilidade. Tem uma foto grande satisfatória de Chevy na capa — vou gastar um bom lápis copiando aquele rosto doce.

No último minuto, coloco *Riders* de Jilly Cooper no balcão, para ser carimbado. Tem um cavalo na capa. Eu gosto de cavalos. Dá para ouvir a cachorra uivando do lado de fora. Eu a amarrei a uma árvore, mas ela sempre fica toda agitada e quase se enforca com a coleira. Deve estar na hora de eu ir pegá-la, antes que pare de respirar.

Três horas depois, não consigo acreditar no que estou lendo. Meu primeiro dia de livros adultos e escolho o ouro da baixaria. Absolutamente o ouro da baixaria. *Riders*, de Jilly Cooper, é mais do que eu poderia sonhar — tem pau, peito e agarrão em todo lugar. Clitóris caindo do céu. Cus de dois palmos de fundura. Um furacão de mamilos, chupadas e sexo oral.

Uma parte é confusa — Cooper vive se referindo à “selva” de uma heroína e, até chegar à página 130, não posso jurar com certeza absoluta que ela não está falando de vegetação. E eu não faço ideia do que seja cunilíngua — certamente não é algo que ninguém que eu conheça em Wolverhampton tenha dinheiro para pagar. Aposto que isso nem existe em Birmingham. Deve ser coisa de Londres.

Mas, colocando isso de lado, sem dúvida, trata-se de uma bíblia da sacanagem, a Pedra de Roseta da baixaria: o texto-chave que vai traduzir os “sentimentos novos e fora do comum” que tenho ao “me masturbar furiosa e compulsivamente nos próximos quatro anos”.

Na primeira vez que tento — na metade do capítulo 5 —, demoro vinte minutos para conseguir. Eu realmente não sei o que estou fazendo — no livro, as pessoas “se demoram” ao redor da “selva úmida” até que algo fantástico acontece. Eu fico lá remexendo — com a língua entre os dentes em sinal de concentração — e, determinada, tento de tudo nesse lugar desconhecido que tenho há treze anos.

Quando finalmente gozo, eu me deito toda molhada, exausta, com a mão doendo, fora de mim de tanta excitação. Eu me sinto fantástica. Eu me sinto como Fonz deve se sentir quando entra em um lugar e diz: “Heeeeeey”, ou como a duquesa de York se sente quando Andrew a beija. Eu me sinto como se estivesse limpa, leve e feliz. Naquele brilho de flor de cerejeira, de explosão estrelar — com os ouvidos zunindo, a respiração ainda apressada —, eu me sinto um pouco, bem, bonita.

Não posso escrever sobre o que aconteceu no meu diário — Caz e eu estamos em uma guerra de ler diários há anos, uma se vingando da outra. Às vezes, ela escreve comentários nas margens — “Você é tão ridícula” —, quando uma anotação específica a deixa com nojo ou irritada.

Mas o prazer com que escrevo sobre o resto do dia talvez traia meus sentimentos extremos.

“Mamãe comprou um pincel de confeitiro! MUITO ÚTIL!”, escrevo. “Sanduíches de queijo no lanche — tãããããããããã gostosos! Papai disse que a gente pode alugar *Três amigos*. OOOOOOOBA!!!”

Nas semanas seguintes, eu me transformo em uma masturbadora surpreendentemente habilidosa. O tempo e o empenho que dedico ao projeto

são fenomenais. Mando ver em vários lugares diferentes — na sala, na cozinha, no jardim. Em pé, sentada em uma cadeira, deitada de frente, com a mão esquerda — quero manter as coisas sempre novas para mim mesma. Sou uma amante atenciosa comigo mesma e cheia de criatividade.

Em algumas tardes, eu me tranco no meu quarto e gozo durante horas — até as pontas dos meus dedos ficarem tão enrugadas como se eu tivesse tomado um banho de banheira. Esse novo passatempo é fantástico. Não custa nada, não preciso sair de casa e não está me deixando gorda. Fico imaginando se todo mundo sabe sobre ele. Talvez houvesse uma revolução se todos soubessem! Mal posso esperar para contar para *todo mundo*, só que nunca vou contar a ninguém, porque é o maior segredo de todos. É ainda mais secreto do que a menstruação ou o fato de que tenho manchas na bunda.

Conto à cachorra, é claro, e ela, como lhe é típico, lambe a própria vulva — coisa que parece apropriada, mas não suficiente. Preciso de mais feedback. Tenho que fazer o que sempre faço.

“Se vai me contar sobre como você gosta de se masturbar”, Caz diz, com uma expressão bem parecida com a de Zod quando lasers saem de seus olhos em *Super-homem 2*, “então vou ter que rezar muito para que você morra nos próximos quatro segundos. Não quero saber nada sobre isso.”

Dou meia-volta, retorno ao meu quarto e abro na página 113 de *Riders* mais uma vez. A cola da lombada está despedaçada, por isso o livro agora abre nessa página com bastante naturalidade. Billy leva Janey ao bosque Bluebell — onde as samambaias são picantes e úmidas, e agosto faz com que tudo seja lento — e flutuo mais uma vez.

A cachorra fica ganindo embaixo da cama.

Ao longo dos anos seguintes, a masturbação se transforma em um hobby que consome tempo, mas muito recompensador. Apesar de eu aprender que se chama “masturbação” — depois de algumas semanas —, nunca falo assim. “Masturbação” é muito parecido com “perturbação”, e é, de longe, um avanço nada perturbador. “Punheta” tampouco é adequado — parece o nome de uma manivela ou um maquinário volumoso e complicado, que exige graxa e berros para funcionar.

O que estou fazendo, de maneira contrastante, é algo sonhador, delicado e suave — tirando as ocasiões em que deixei as unhas crescerem demais e me machuquei tanto que precisei afastar meus próprios avanços durante alguns dias. Só penso naquilo como “aquilo” — e, logo, “aquilo” exige mais do que *Riders*, por mais revolucionário que o livro tenha sido, para ser alimentado.

Começo a fazer o que todo mundo da minha geração está fazendo — a última geração antes de a pornografia começar a ser distribuída na internet e

de graça, com a mesma generosidade que o governo trabalhista distribuiu leite e óculos no pós-guerra. Comecei a ler o guia *Radio Times*, tentando descobrir quando passavam os programas sacanas de TV.

As melhores fontes de baixaria, logo descobri, com milhões de adolescentes no final dos anos oitenta/início dos noventa, dividem-se entre “filmes de classe e dramas na BBC 2”, e “programação juvenil de fim de noite no Channel 4”. Há algumas palavras-chave que devem ser procuradas no guia de programação. “Jenny Agutter” é a mais importante. Agutter é aquela que não nega fogo. *Fuga no século XXIII*, *Um lobisomem americano em Londres* e *A longa caminhada* — que poderia muito bem se chamar “A longa masturbada”: sempre que Agutter se materializa, aparecem peitos, mordidas no pescoço e agarrões nas coxas, com trilha sonora de gemidos. Até em *O comboio que levava saudades* — o adorável, para toda a família, *O comboio que levava saudades* — ela acaba tirando a roupa de baixo em um trem cheio de cavalheiros vitorianos estupefatos, quando saem de um túnel em uma fúria de vapor e freios cantando. É como se Jenny Agutter insistisse nessas coisas.

Assisto a *Um lobisomem americano em Londres* tarde da noite, com o som bem baixo, enquanto Jenny Agutter morde devagar, faminta, o ombro de David Naughton no chuveiro, e fico pensando como eu também gostaria de ter alguém para morder — mesmo que ele depois se revelasse um lobisomem e levasse um tiro na minha frente, na rua, como um cachorro malvado. Aceito os pontos negativos, assim como os positivos, do amor. Sei que não vai ser fácil. Muitas das faixas de *Graceland* me disseram isso. Tarde da noite, estou na sarjeta, à procura de Agutter.

Mas não é apenas ela que procuro. “Uma história obscura de traição sexual” também é sempre uma boa aposta no guia — o seriado *A Sense of Guilt* e a minissérie *Blackeyes* estão cheios de momentos em que tenho que atravessar a sala correndo e apertar o botão de “desligar” para minha mãe não chegar e me pegar assistindo àquelas coisas inadequadas. Muito inadequadas. Mãos são enfiadas em blusas pretas justinhas, *Blackeyes* é enviado para ser afogado. O sexo parece inacreditavelmente complicado e de deixar qualquer um muito nervoso, mas pelo menos estou vendo beijos e alguns seios. Quando vejo a adolescente ruiva sendo seduzida por Trevor Eve em *A Sense of Guilt*, tenho vontade de dizer a Caz — que também é ruiva — que finalmente encontrei outro modelo de conduta para ela, além de Pica-Pau e a Annie de *Annie* — mas, na semana anterior, tivemos o seguinte diálogo:

EU: “Adivinha o que aconteceu ontem!”

CAZ: “Resolvi o que quero de presente de aniversário: que você não fale mais comigo.”

Em uma única ocasião o sexo não é carregado de culpa nem é desempenhado entre espécies diferentes, é apenas lindo. Na minissérie *The Camomile Lawn*, a personagem de Jennifer Ehle circula pela Londres da época da guerra em uma sequência prazerosa inimaginável de festas, champanhe, promiscuidade e transas. Tem uma cena que parece o máximo na aspiração adulta: meio reclinada em uma banheira de zinco, Ehle está ao telefone, organizando sua vida social por meio de um aparelho preto de baquelita.

“Londres é maravilhosa”, ela grita, toda refinada, com o cabelo molhado na nuca, os olhos já brilhantes de champanhe. “Tem tanta fesssshta!”

Os seios dela flutuam, como arquipélagos de veraneio, em perfeição serena. Seus mamilos são cor-de-rosa como o nariz de um ratinho. Mais tarde, estarão escondidos por seda cor-de-rosa e serão conduzidos a uma sacada para fumar um cigarro com algum garoto bonito que suspira pensando em tocá-los. Os seios de Jennifer Ehle em *Camomile* fizeram com que ter seios parecesse a coisa mais divertida do mundo. Eu os observo, sentada sozinha na sala, no escuro. Meus seios não ficam daquele jeito na banheira. Não faço ideia de como meus seios ficam na banheira — sempre os cubro com uma flanela, para o caso de alguém entrar de repente e ver. Ainda não temos tranca na porta do banheiro.

“Uma das crianças pode se trancar aí dentro e se afogar”, minha mãe explica quando entro na banheira sem tirar a calcinha.

E então, em 1990, o Channel 4 mostra o filme sobre a vida da jovem Cynthia Payne, *Wish You Were Here*, e é o meu grande momento de revelação. Ah, Emily Lloyd em *Wish You Were Here*! O Beatles da pornografia! O Dickens da transa! A primeira personagem da minha idade e do meu mundo que vejo — adolescente, da classe operária — tratar o sexo não como uma coisa obscura e que leva à danação, mas como algo bobo e divertido — que deve ser levado tão a sério quanto fumar um cigarro (coisa que ainda não fiz, mas pretendo fazer) ou andar de bicicleta (coisa que fiz uma vez e caí, mas tudo bem).

Sozinha na sala, enrolada em uma colcha, comendo nosso lanche preferido do momento — o pirulito de queijo: um pedaço de queijo espetado em um garfo —, fico assistindo, de olhos arregalados, à cena em que todo o meu ser sexual viria a se basear. O tio sacana de Cynthia a leva para um barracão e, depois de uma sessão curta de provocação, começa a comê-la encostada em uma parede. Ela usa um vestidinho de algodão justo dos anos 1950, lápis nos olhos e meias soquete. Ela geme, masca um chiclete e sussurra: “Seu sacana. Sujo. Velho”.

Dez minutos depois ela está à beira-mar, enfiando o vestido na calcinha e berrando “Pau no cu!” para os transeuntes enquanto dá risadas histéricas.

Com as bobagens pansexuais e malucas do programa *Eurotrash* — Lolo Ferrari, a mulher com os maiores peitos do mundo, pulando em uma cama

elástica; drag queens com pintos de borracha e plugs anais; aleijados usando arreios; donas de casa holandesas entediadas fazendo simulações sexuais —, essa é a soma de todo o sexo a que tive acesso até os dezoito anos. Talvez dez minutos no total — uma série de vinhetas artísticas, esquisitas e às vezes brutais que reúno e uso como base para minha imaginação sexual.

Junto com alguns sonhos recorrentes sobre Han Solo e Aslan (que eu crio sozinha — não sou folgada), essa é a primeira coisa que parece ser um sensor verdadeiro da entrada na vida adulta: sexo. Desejo. Vontade de gozar. Algo que me leva na direção certa. Parece que — no fim — de algum modo — não sei como — e só se eu assistir às aulas com atenção — vai fazer com que eu me vista da maneira certa, diga as coisas corretas, vai me dar o ímpeto de sair de casa para encontrar o que quer que esteja à minha espera.

Na época, eu gostaria de poder ter visto mais sexo. Quero ter mais pornografia do que sou capaz de repassar na cabeça enquanto preparo um sanduíche. Em anos posteriores, no entanto, eu até chego a acreditar que minha educação sexual não foi assim tão ruim. A pornografia facilmente disponível e hard-core do século XXI explode na imaginação sexual de homens e mulheres como antibiótico e mata todo o mistério, a incerteza e a dúvida — para o bem e para o mal.

Mas, nesse ínterim, descobri uma coisa. Sei de uma coisa boa, até agora, em ser mulher: gozar.

Vinte e dois anos depois, em uma noite em que não tinha nada para fazer, eu estava navegando na internet em busca de pornografia. Sei do que gosto — ménage à trois, berros, leões gigantes míticos das *Crônicas de Nárnia* — e, para ser justa, é possível encontrar tudo isso se eu me esforçar um pouco na pesquisa. Não existe praticamente nada que possa ser concebido do ponto de vista sexual que não seja encontrado com uma pesquisa rigorosamente específica no Google, se você tiver dez minutos para perder.

Mas tem uma coisa — uma coisa óbvia e fantástica — que não está disponível. Algo absurdamente ausente entre as “mães boas de foder” e “os pais bons de foder” e o “sadomasoquismo combinado a amarração e disciplina” e a “ação entre duas mulheres com a ajuda de apetrechos”. Tem uma coisa que eu não consigo encontrar de jeito nenhum, por mais sites que eu visite, ou por mais vezes que digite os dados do meu cartão de crédito. Uma coisa que alimenta toda a minha raiva pela pornografia, que vou retomar mais adiante.

Por outro lado, há uma coisa que está absurdamente disponível — algo que enche o YouPorn, o RedTube e a Wank.net até a tampa. Uma coisa da qual a internet está lotada, prateleira após prateleira, clipe após clipe, e que nunca dura mais do que seis minutos — o tempo médio que um homem

leva para gozar. Essa é a pornografia heterossexual do século XXI:

Era uma vez uma garota de unhas compridas e roupa horrível sentada em um sofá, tentando parecer sexy, mas, na verdade, com cara de quem acabou de se lembrar de uma multa de trânsito vergonhosa que não pagou. Talvez seus olhos estejam um pouco vesgos, de tão apertado que está seu sutiã.

Um homem chega — um homem que caminha de um jeito bem estranho, como se estivesse carregando uma cadeira de jardim invisível à sua frente. Isso porque ele tem um pênis grande, fora do comum, que está ereto, e parece estar examinando a sala em busca da coisa de menor interesse sexual dentro dela.

Depois de rejeitar a janela e o vaso, o pau finalmente se volta para a garota no sofá.

Enquanto ela lambe os lábios sem o menor interesse, o homem se inclina por cima dela e — inexplicavelmente — pesa o peito esquerdo dela na mão. Parece que isso significa passar por algum tipo de ponto sem volta sexual, porque, trinta segundos depois, ela está sendo comida em um ângulo desconfortável, e depois é currada com uma cara de dor. Geralmente tem algumas palmadas na bunda aqui, alguns puxões de cabelo ali — qualquer coisa que seja realizável na filmagem com duas câmeras diretas em menos de cinco minutos.

Tudo acaba com ele gozando na cara dela, fazendo a maior sujeira — como se estivesse colocando uma cobertura aleatória em um pãozinho em um dos desafios do game show *The Generation Game*.

Fim.

Obviamente, há variações sobre este tema — talvez ela seja comida em ambas as extremidades por dois homens ou talvez tenha uma amiga igualmente malvestida, com unhas afiadas, em que finge mandar ver de maneira incoerente, em um velcro falso — e aí, obviamente, há quantidades *infinitas* de ações de nicho disponíveis.

Essencialmente, a internet vende uma monocultura pornográfica — uma East Anglia sexual. Sem emoção, sem rosto e forçada, até onde se pode ver, com as manobras sexuais monótonas e tediosas descritas acima. É a transa do supermercado Tesco; a trepada do Microsoft Windows: expulsa todos os outros tipos de sexo do mercado.

Essa única foda sem imaginação, replicada bilhões de vezes, é, de modo geral, o que queremos dizer com a expressão “cultura pornô” — provavelmente a maior infiltração cultural desde a contracultura da década de 1960; certamente mais invasiva do que seus semelhantes e rivais, como a cultura gay, o multiculturalismo e o feminismo.

A cultura pornô está tão arraigada que, na metade do tempo, nem nos damos conta de que estamos olhando para ela. Depilação completa. Só uma tirinha de pelo restante. Peitos redondos e artificiais. Unhas de acrílico que impossibilitam amarrar um sapato ou digitar. A MTV cheia de virilhas e peitos. As revistas *Nuts* e *Zoo* com páginas e páginas mostrando os peitos das leitoras — de maneira voluntária e espontânea, como ritos de passagem. Parte-se do princípio de que o sexo anal faz parte do repertório de qualquer mulher. Anúncios de maquiagem ou programas de TV que mostram mulheres de olhos vidrados, com a boca aberta, prontas para levar um monte de porra na cara. Calcinhas substituídas por fios dentais. Saltos

altíssimos que não foram feitos para caminhar — só para deitar e ser comida. O calendário das “gostosas” de *Hollyoaks*, a foto de “sexo” de Lindsay Lohan antes de ser presa. Se 12% da internet é pornografia — são 4,2 milhões de sites; 28 mil pessoas vendo pornografia por segundo —, então isso significa que em 12% das imagens de mulheres na internet elas estão de quatro, embaladas em algum tipo de PVC nada higiênico ou sendo oprimidas por uma genitália masculina crescida, como se suas aberturas diversas fossem alguma espécie de fita para envolver encanamento.

Apenas a título de comparação: isso é obviamente tão prejudicial e nocivo para a paz de espírito coletiva das mulheres quanto seria se 12% das imagens dos homens na internet fossem de cabeças masculinas explodidas de algum modo horrível por pistolas laser alienígenas, ou de homens chorando sendo baixados em um poço cheio de tubarões nazistas. Depois da breve promessa da revolução sexual de libertar o léxico sexual das mulheres, ele logo voltou a se fechar em sua série estreita, desconfortável e exploradora de caricaturas. Simplesmente não é... legal. Não é educado. Faz com que nossa suavidade se enrijeça.

O problema aqui não é a pornografia por si só. Ela é tão antiga quanto a própria humanidade. A primeira ação do neandertal — no dia feliz em que evoluiu do macaco — deve ter sido fazer um desenho na parede de uma caverna de um homem com um pau enorme. Talvez essa tenha sido a primeira ação de uma *mulher*. Afinal de contas, nós nos interessamos, nessa ordem, por a) pintos e b) decoração.

É por isso que museus são tão maravilhosos: você fica andando de um lado para o outro, observando o passeio da humanidade da lama ao Wi-Fi, vê trabalhos em ferro incríveis, cerâmicas inspiradoras, pergaminhos fabulosos, pinturas exímias e — em todas esses campos — toneladas de diversos tipos de transas históricas. Homens fodendo homens, homens fodendo mulheres, homens chupando mulheres, mulheres dando prazer a si mesmas — está tudo lá. Todas as manifestações concebíveis de sexualidade humana, em barro e pedra, em ocre e dourado.

A ideia de que a pornografia não passa de exploração machista é bizarra: afinal de contas, pornografia é apenas “um pouco de foda”. O ato de fazer sexo não é machista, por isso, não tem como a pornografia ser, em si, misógina de maneira implícita.

Então, não. A pornografia não é o problema. Feministas estridentes acham que não há problema nenhum com a pornografia. O problema é a *indústria* da pornografia. A coisa toda é tão ofensiva, esclerosada, deprimente, falida do ponto de vista emocional e degradante quanto seria de esperar de um setor econômico sem regulamentação que movimenta, em uma estimativa extremamente conservadora, 30 bilhões de dólares. Nenhum setor jamais rendeu essa quantia de dinheiro sem ser grosseiro e burro de maneira

superlativa.

Mas as coisas não são proibidas por serem grosseiras e desalentadoras. Se isso acontecesse, primeiro seria necessário proibir o Mega Enroladinho de Linguíça do Gregg — e assim poderíamos ter uma revolução nas mãos.

Não. Nós precisamos é efetuar um crescimento de 100% na variedade de pornografia que está disponível. Vamos encarar: a ampla maioria da pornografia que existe por aí é tão idêntica e mecânica quanto geladeiras com freezer que saem de uma linha de produção.

E existem diversas razões por que isso é ruim para todo mundo — homens e mulheres. Em primeiro lugar, no século XXI, crianças e adolescentes obtêm a maior parte de sua educação sexual na internet. Muito antes de a escola ou os pais terem tocado no assunto, há boa possibilidade de que eles já tenham visto muita coisa na rede.

Mas as crianças não obtêm na internet apenas educação sexual — que é uma série de fatos e informações práticas úteis, e o básico de o que vai onde ou o que *pode* ir onde, se você tiver determinação suficiente. Elas também acessam as áreas remotas do sexo. Isso informa tanto a imaginação quanto a mecânica da coisa.

É por isso que havia, pelo menos, *equilíbrio* e *variedade* nas coisas que fui descobrindo — por mais que a pornografia que eu conseguia desencavar nos meus anos de adolescência fosse limitada, capenga e centrada em Trevor Eve. Eu tinha anáguas, espiões, matinhos, freiras, ménages à trois em espreguiçadeiras de jardim, vampiros, galpões, chiclete, faunos no banco de trás de um Capri e, com mais frequência do que não, apesar de estar lendo algo do século XIV, as garotas tiravam proveito disso. As mulheres gozavam. Seus desejos eram atendidos. De fato, *eram* os desejos das mulheres.

E isso era importante, porque o imaginário sexual dos anos de adolescência são os mais potentes que qualquer pessoa vai ter na vida. Ele dita os desejos do resto da sua vida. Um vislumbre de uma barriga sendo beijada nessa época vale por um milhão de cenas radicais envolvendo punhos fechados quando se está na casa dos trinta anos.

Um dos primeiros estudiosos do sexo, Wilhelm Stekel, descreveu as fantasias de masturbação como uma espécie de transe ou estado alterado de consciência, “uma espécie de intoxicação ou êxtase, durante o qual o momento presente desaparece e a fantasia proibida sozinha reina suprema”.

É necessário assegurar-se de que qualquer coisa que se pense nesse estado tenha um elemento de... prazer em si.

Dei uma palestra no ano passado em um encontro de um grupo de pressão feminista chamado Object. Em uma discussão sobre pornografia — que deveria ser proibida, como todo mundo parecia presumir automaticamente —, a conversa se voltou para como seria perturbador para meninas pequenas assistir a pornografia pesada de maneira acidental.

“E para meninos também”, observei, em tom ameno. “Acho que meninos de oito anos ficariam tão desconcertados quanto meninas que clicassem em um link e vissem sexo anal hard-core.”

“NÃO! NÃO!”, uma mulher muito brava gritou.

Sinto dizer que a aparência dela era o clichê que todo mundo tem de uma feminista pós-Dworkin. Ela usava um daqueles chapeuzinhos de veludo coberto com bordados e espelinhos.

“Um MENINO não ficaria incomodado com isso, porque ele está vendo o HOMEM NO CONTROLE.”

E eu pensei em todos os meninos de oito anos que conheço — Tom, Harris, Ryan, que ainda ficam um pouquinho nervosos com os esqueletos de *Piratas do Caribe* — e achei que eles não ficariam assim tão exultantes de ver um homem no controle. Acho que iam ficar com medo de alguém que se parece com um Burt Reynolds raivoso comendo alguém por trás em um patamar da escada. Também acho que, quando eles fossem contar à mãe o que eu tinha mostrado a eles, eu provavelmente seria expulsa da turma que toma café de manhã junta por uns bons seis meses.

E foi aí que comecei a pensar que precisamos de *mais* pornografia, não de menos. Crianças de oito anos não *devem* ver pornografia hard-core, portanto, é claro, não importa *nem um pouco* qual é a reação deles a isso. É a mesma coisa que terem opinião sobre uísque ou impostos.

Mas, quando chegarem a uma idade em que têm vontade de acessar o imaginário sexual, quero que Harris, Ryan e Tom tenham a oportunidade de encontrar um pouco de pornografia “à solta” por aí — por falta de expressão melhor. Um material que mostre o sexo como uma coisa que duas pessoas fazem juntas, e não como algo que acontece com uma mulher quando ela precisa pagar o aluguel. Um material em que *todo mundo* goza — para colocar de maneira simples. Em um gênero em que ninguém prende a respiração à espera de efeitos especiais sensacionais ou de um monólogo de tirar o fôlego e que envolve somente trepar, esse tem que ser um requerimento básico. Prazer universal.

E é por isso que precisamos começar a produzir nosso próprio material. Não estou falando das coisas anóquinas que são supostamente qualificadas como “pornô para mulheres” — princesas mal filmadas e chefes dominadoras mandando os funcionários novatos do escritório ficarem até mais tarde para passar fax.

Não. Desconfio que a pornografia feminina, quando realmente ganhar fôlego, vai ser algo completamente diferente: calorosa, humana, engraçada, perigosa, psicodélica, com parâmetros totalmente diferentes dos da pornografia masculina.

Basta ler *My Secret Garden*, de Nancy Friday — um compêndio de fantasias de masturbação femininas —, para ser capaz de fazer a generalização

agradavelmente ampla de que, ao passo que as fantasias masculinas são curtas, fortes e diretas — um pouco parecidas com “My Sharona”, do Knack, digamos —, as fantasias femininas são uma obra de Alice Coltrane, sinfônicas e mutantes. Em suas fantasias, as mulheres crescem e diminuem, mudam de forma, mudam de idade, de cor e de locação. Elas se manifestam como vapor, luz e som, passam por personalidades conflitantes (enfermeira, mãe, virgem, menino, lobo) e um zodíaco inteiro de posições enquanto, como você já está desconfiando, sempre imaginam um cabelo lindo. NENHUMA mulher nunca entrou em uma fantasia com um penteado desastroso.

Mas isso é só o começo. Imagine se a pornografia não fosse uma foda assim tão bizarra, mecanizada e fabricada em linha de montagem: exercícios aeróbicos preocupados apenas com a penetração em alta velocidade e a ejaculação ostensiva. Imagine se o principal fosse o desejo.

Porque uma coisa que eu não consegui encontrar naquela noite, enquanto surfava pela internet, foi o desejo. Gente que realmente queria transar. Que *precisava* transar. Imagine observar duas pessoas fodendo naquele estágio inicial fervente da atração quando suas pupilas se dilatam só de olhar um para o outro e dá tanta vontade de se derreter nos ossos um do outro que os dois já estão praticamente devorando as roupas no minuto em que a porta fecha. Eu não posso ser a única pessoa que de vez em quando viveu uma transa tão espetacular, completa, cinematográfica e intensa que, no final, me recostei — com os ouvidos ainda zunindo — e pensei que a CNN deveria dar *essa* notícia. Isso sim é que precisava passar entre as manchetes embaixo da tela.

Em um mundo onde é possível conseguir um rim, um Picasso no mercado negro ou uma passagem para fazer uma viagem ao espaço, por que é impossível achar sexo de verdade? Uma foda de verdade entre pessoas que realmente querem se comer? Uma garota com uma roupa que eu respeite pelo menos um pouco, divertindo-se até não poder mais? Eu tenho DINHEIRO. Estou disposta a PAGAR. SOU UMA MULHER DE 35 ANOS E SÓ QUERO UMA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA INTERNACIONAL MULTIBILIONÁRIA EM QUE EU POSSA VER UMA MULHER GOZAR.

Só quero ver as pessoas se divertindo.

2. Fico peluda!

A casa é fria — fria e pequena. Ao sair do banho, a gente tem que se enrolar na toalha — ainda úmida por causa da última pessoa que usou — e correr para o andar de baixo, para se enxugar na frente da lareira.

É sábado à noite, e está passando *Bergerac* na televisão. No sofá, há seis pessoas de tamanhos variados, bem apertadinhas, em ângulos diversos. Algumas estão deitadas por cima de outras — estão “no” sofá num sentido sutil. Eddie está deitado em cima do encosto do sofá, como uma manta no formato de um menino de sete anos. A cena se parece um pouco com o Senado Galáctico em *A guerra dos clones* — se no Senado Galáctico todo mundo ficasse comendo torrada, sorvete, pickles e queijo.

Entro na sala usando a toalha como uma capa e me agacho na frente do fogo. Ainda estou usando a touca de banho, que é uma das melhores coisas na nossa casa, um dos nossos itens mais femininos. Eu sempre me sinto um pouco recatada quando a uso. Não tanto quando coloco uma meia-calça de lã na cabeça — para fingir que tenho o cabelo comprido de uma princesa. Mas, mesmo assim, é fofo.

Quando Charlie Hungerford grita: “Jim! Foi apenas um mal-entendido!”, começo a vestir a camisola.

“Aaaaaah!”, soa uma voz, de repente, do sofá lotado. É da minha mãe. “São PENTELHOS que eu estou vendo? PENTELHOS, Cate?”

O sofá se agita em estado de alerta instantâneo. Todo mundo tira os olhos do ladrão de diamantes em *Bergerac* e começa a procurar meus pelos púbicos — menos meu pai, que parece absolutamente alheio ao que está acontecendo e continua comendo torrada com queijo enquanto olha para a televisão. Obviamente há uma parte do cérebro dele que evoluiu para ser assim, para conseguir sobreviver ao pavor da puberdade das filhas.

Sinto que não tenho permissão para procurar os pentelhos por conta própria — tenho que me mostrar despreocupada em relação a isso, apesar de ser, sinceramente, uma novidade completa para mim. O conteúdo da minha calcinha é um pouco como meu subconsciente ou o gramado perto do playground. Desde meu aniversário, tenho tentado não frequentar nenhum deles.

“Ali!”, minha mãe aponta. O sofá todo estica o pescoço para ver. “É um pentelho COM CERTEZA! E suas pernocas estão ficando peludas! Você está crescendo! Está virando uma mocinha!”

Minha mãe diz isso de um jeito que me faz sentir que não só esse é o pior lado de ser uma menina de treze anos, mas também que é, de algum modo, minha culpa.

“Olhem!”, eu digo, puxando a camisola para baixo com firmeza e apontando para a televisão. “Olhem! Liza Goddard!”

No dia seguinte, decido dar um basta nisso antes que as coisas saiam do controle. Vou simplesmente remover todos os pelos, de modo que a coisa mais interessante para se ver na sala seja *Bergerac* e tudo volte ao normal.

“Vou cometer um crime”, digo à cachorra. Ela está deitada embaixo da minha cama — nervosa, com os olhos funestos brilhando no escuro. Desde o incidente no meu aniversário, afastei toda a questão da minha mente, mas a cachorra ficou ainda mais ansiosa. Na semana passada, ela comeu o modelo de cidade de massinha que Caz tinha feito. Nas fezes dela no dia seguinte dava para ver claramente o rosto da mulher que antes cuidava do correio.

“Vou roubar um barbeador do meu pai e me embelezar”, continuo. Dizer isso para a cachorra já me deixa nervosa. Roubar uma lâmina para dar conta dos meus pelos púbicos é com toda a certeza a coisa mais transgressora e rebelde que já fiz. Parece ser só um pouco melhor do que roubar uma arma para que minha menstruação desça. Está a um mundo de distância do meu maior crime anterior: comer mais de meio pacote de pó de gelatina de morango e depois dizer que ela não endurecia porque o tempo estava “quente demais”.

Como minha mãe não acredita em medicina (“Faça cocô, tome um banho quente e vá para a cama; de manhã, você vai estar *ótima*.”) nem em tratamentos de beleza (“Desodorante dá câncer. E você não vai querer *isso*.”), só há quatro coisas no armário do banheiro: um vidrinho azul da década de 1920 para passar remédio no olho, um frasco de calamina da cor da vaca Ermintrude de *O carrossel mágico*, remédio natural para cólicas de bebê e os barbeadores do meu pai. Finjo que vou tomar banho e pego o barbeador da prateleira. Estou tão nervosa que sinto o coração bater na sola dos pés, contra o linóleo.

Como minha mãe também não acredita em tranças na porta (“Dá câncer”), eu me fecho no banheiro com a ajuda do cesto de roupa suja, entro na banheira, passo sabão e raspo meus pelos púbicos. Coloco-os na lateral da banheira, ao lado do sabonete. Eles nem tiveram tempo de encaracolar. Foram cortados na primeira infância.

Depois raspo as pernas também; como não entendo muito bem em que direção a lâmina deve correr, corto o joelho e a coxa. Parece que levo cerca de nove horas. Fico surpresa de ver quanta panturrilha tenho. Quando acabo um pedaço, reparo em mais um chumaço, que parece um tufo de capim em uma duna. Eu gostaria que algum tipo de “cortador de pelos das pernas” que só precisasse ser passado uma vez tivesse sido inventado. Com frequência penso

que meninas de treze anos não deviam ter permissão para usar barbeadores. É *perigoso*. Uau. Estou realmente sangrando bastante!

Mas, no fim, a raspagem termina. Removi o problema. Voltei ao normal.

“Estou me sentindo limpa e sedosa”, escrevo no meu diário aquela noite, depois de colocar um pedaço de lenço de papel em cada ferida. “Talvez eu faça embaixo dos braços amanhã!”

Apago a luz. Preciso descansar e ficar renovada para roubar de novo pela manhã.

Os pelos são uma das primeiras grandes preocupações de se tornar mulher. Eles aparecem descontrolados, por isso é necessário tomar decisões a esse respeito — decisões que assinalam para você mesma e para o mundo quem você é. Como é nos anos da adolescência que você toma essa decisão tão complicada para a vida toda, os pelos são a salva de tiros que inaugura décadas berrando “QUEM SOU EU?” enquanto você fica parada na frente de uma ampla seleção de produtos na farmácia, agarrada a uma cestinha vazia.

E é nos pelos que você vai gastar mais dinheiro e atenção. Pelos no lugar “errado”: pernas, axilas, buço, queixo, braços, seios, bochechas e nos contornos da pélvis. Contra esses, guerras vitalícias de atrito são travadas. Eles determinam o vaivém da maré da vida cotidiana — o agendamento de eventos. Às vezes, todo o curso da vida de uma mulher.

Um homem pode pensar: “Tenho uma festa na semana que vem. É melhor dar uma raspada no rosto antes de sair”.

Uma mulher, por outro lado, vai examinar o calendário na cabeça — como as telas que pairam no ar em *Minority Report* — e dá início a um ciclo de planejamento furioso, com base no controle dos pelos.

Minha amiga Rachel e eu conversamos num domingo à noite sobre uma festa.

“É na sexta”, Rachel diz e suspira. “Sexta. Isso significa que vamos ter que depilar as pernas amanhã, no máximo, para poder aplicar o autobronzeador na terça. Não vamos poder usar na segunda — os folículos ainda vão estar abertos por causa dos pelos arrancados.”

Nós duas já aplicamos autobronzeador quando os folículos ainda estavam abertos por causa dos pelos arrancados. O creme se aloja em cada buraquinho vazio. Suas pernas acabam parecidas com aquele garoto ruivo sardento da capa da revista *Mad*.

“Vou marcar depilação para amanhã”, Rachel diz e pega o telefone. “Mas vamos marcar o buço e as sobrancelhas para quinta. Não quero dar tempo para que cresçam. Acho que Andrew vai estar lá.”

“Mas você vai dormir com ele?”, pergunto. “E a virilha?” Eu me preocupo com Rachel. Ela olha dentro da calça e avalia.

“Está parecendo um queixo com a barba a fazer, então, só se estiver escuro e nós estivermos bêbados”, ela finalmente diz. “Não estou preparada para um quarto iluminado. A probabilidade é de que, se formos para a cama, *vai* ter bebida e *vai* estar escuro. Sempre é assim na primeira vez. Por isso, não preciso me preocupar.”

“Mas e a manhã seguinte?”, pergunto. Eu realmente me preocupo com Rachel. “Se você dormir com ele, pode ser que transem de novo antes do café, quando já estiverem sóbrios. Você vai estar pronta?”

“Ai, meu Deus!”, Rachel diz e olha de novo dentro da calça. “Eu não tinha pensado nisso. Caramba. Mas são vinte libras, e eu estou dura. Não quero desperdiçar meu dinheiro do táxi em depilação se não for ter transa de café da manhã.” Ela olha tristonha para a virilha. “Não quero estar sem pelo... só que em um ônibus noturno, sem transar.”

“Se você for depilar a virilha tem que ser até quarta — para que aquele vermelhão horrível passe”, digo. Eu realmente estou tentando ajudar o máximo possível.

Ficamos nos encarando. Rachel começa a ficar irritada.

“Caramba, por que ele simplesmente não me liga agora e diz: ‘Rachel, está a fim de dar uma antes do café sábado?’”. Não dá para fazer meu orçamento direito com todos esses fatores aleatórios de sexo na semana. Não é para menos que todas as garotas são oferecidas hoje em dia. Mesmo que você não goste de ninguém na festa, vai querer *algum* retorno da depilação. Detesto meus pelos.”

E tudo isso não é feito para ficar supergostosa, linda de tirar o fôlego, pronta para uma sessão de fotos nua na praia. Não é para ficar parecida com uma modelo. Não é para ser Pamela Anderson. É só para parecer *normal*. Para ficar com pernas de aparência normal, rosto de aparência normal e uma virilha que a deixe segura. Para não ficar ansiosa no banheiro com um rolo de durex tentando dar um jeito no buço e choramingando: “Assim que a luz acendeu, eu percebi que estava um pouco parecida com Hitler! Não quero anexar Rhineland, de verdade! Só quero uma bebida e uma passada de mão!”.

E todos esses dilemas peludos — as decisões que você precisa tomar a respeito de seus folículos, a respeito de quem você é e a respeito do que deseja dizer sobre si mesma — significam que hoje os pelos púbicos são a arena de maior carga política. Aquele triângulo do tamanho da palma da mão chegou a ter mais peso de inferências psicosssexuais do que a situação conjugal e a renda combinadas. Ao longo dos anos, os pelos púbicos passaram da menor das preocupações das mulheres — quando eu tinha dezessete anos, mais ou menos no tempo do britpop, a ideia de depilar o púbis era bizarra, marginal, apenas para modelos pornô — para ser uma parte bem rotineira dos “cuidados pessoais”. Os pelos púbicos devem ficar confinados a uma área muito pequena, ou, cada vez mais, serem removidos

completamente. O padrão das imagens de virilhas de moças de biquíni nos videocliques deixa isso muito, muito claro: não deve haver nada lá. Deve ser liso. Vazio. Você precisa limpar essa área felpuda. Ver um único pelo se enrolando no cantinho faria o mundo todo dizer: “São PENTELHOS que eu estou vendo? PENTELHOS, Lady Gaga?”.

Enquanto algumas pessoas usam o eufemismo de “depilação completa” para descrever esse estado das coisas, eu prefiro chamar pelo que é: “uma xoxota de criança que dá o maior trabalho, coça e parece fria”.

Na verdade, nos últimos anos, eu venho me tornando cada vez mais didática em relação a pelos púbicos — a ponto de hoje acreditar que só há quatro coisas que uma mulher adulta moderna deveria ter: um par de sapatos amarelos (é inesperado, mas eles combinam com tudo), uma amiga que pode pagar sua fiança às quatro da manhã, uma receita de torta infalível e uma selva que se preze. Um emaranhado bem peludo. Um belo chumaço que quando ela se senta, nua, faz parecer que ela tem um mico sentado no colo. Um mico dócil, que ela pode mandar bater carteiras, se precisar — igual àquele macaquinho treinado de *Os caçadores da arca perdida*.

Tenho consciência de que minhas opiniões a respeito da depilação vão na contracorrente do pensamento contemporâneo. No que diz respeito a pelos púbicos, sou uma daquelas pessoas que se senta em um bar e fica lembrando, com os olhos marejados, como era bom entrar na loja de departamentos Woolworth’s e comprar o single novo de Adam Ant em vinil de sete polegadas. Sou “vagina retrô”.

“Eu me lembro de quando tudo era peludo por aqui”, digo, tristonha, nos vestiários da academia Virgin Active, rodeada por genitais lisos e rosados. “Um arvoredo da natureza. O playground da minha juventude. Eu costumava passar horas lá. Agora... agora é tudo depilado e vazio. E a vida selvagem se foi. As escavadeiras levaram tudo embora. Não construir um novo empreendimento imobiliário ali, nas vaginas.”

Hoje é fato que todas as mulheres *vão* se depilar. A questão nunca foi debatida. Simplesmente aconteceu — e nós nunca pensamos em discutir o assunto.

Apesar de saber que estamos vivendo em uma época de desaprovação pública, fiquei chocada com uma carta recente para a colunista de sexo do *Times*, Suzi Godson, de uma mulher divorciada de 38 anos, preocupada com sua xoxota retrô, peluda. Ela disse que o namorado de 29 anos dela ficou “chocado” com a “falta de asseio pessoal” dela. Um pouco ingênua, pensei que a colunista do *Times* — uma moça que parece mal-humorada, com o cabelo oxigenado de uma telefonista espevitada da década de 1950 — diria, curta e grossa, para a moça que escreveu a carta mandar o namorado para o inferno.

Em vez disso, ela assumiu um tom de bronca bem triste. “As coisas

mudaram bastante no departamento do asseio genital”, começou, explicando que “qualquer mulher que ousa ser menos rígida em seu estilo, como você descobriu, corre o risco de ser rotulada como bucólica, pouco asseada, ou até francesa. Se seu namorado foi condicionado a esperar uma depilação total, é bem possível que ele considere qualquer outra coisa desanimadora.”

Godson deu instruções firmes para que a leitora fizesse uma depilação, passou à descrição de como essa operação seria dolorosa — “pense em um durex pelando [...] agora avalie a dor” — antes de terminar com uma das “boas notícias” mais irritantes que já ouvi.

“Felizmente”, ela disse, “a moda da depilação que deixa só uma tirinha já está passando. O corte da moda agora é o siciliano. É parecido com o outro — mas sobra um belo triangulozinho no formato da Sicília, e isso pelo menos significa que você continua parecendo mulher. Boa sorte!”

Sicília? A boa notícia é que eu posso fazer com que minha xoxota fique igual à Sicília? O lar da máfia? Agora minha vagina é assim? Tem um Poderoso Chefão nela? Rá! Dá para imaginar o que aconteceria se pedíssemos aos homens para aguentar essas merdas? Eles nos empurrariam pela janela de tanto rir antes da metade da primeira frase.

Não dá para acreditar que chegamos ao ponto em que basicamente precisamos *pagar* para ter uma xana. Estão nos fazendo pagar pela *manutenção e conservação* da nossa xaninha, como se fosse um jardim comunitário. É um imposto escondido. O ICMS da xana. É dinheiro que deveríamos estar gastando na CONTA DE LUZ, em QUEIJO e em BOINAS. Em vez disso, nós o estamos desperdiçando deixando nossos chihuahuas parecidos com um peito de frango de supermercado. MALDITOS SEJAM OS bastiões da pornografia que se infiltraram na minha calcinha. MALDITOS!

E, claro, é por causa da pornografia que precisamos gastar todo esse dinheiro, tempo e dor folicular. Se você fizer a pergunta “Por que as mulheres do século XXI acham que precisam remover os pelos púbicos?”, a resposta é “Porque todo mundo faz isso nos pornôs”. O padrão da indústria é nada de pelos lá embaixo. Assista a qualquer produção feita, digamos, depois de 1988, e não tem nada: os close-ups são como um dos irmãos Mitchell sem olhos, comendo uma linguiça muito grande e agitada.

E quando você vê isso pela primeira vez — pornografia hard-core — sente um leve frisson. Nada de pelos? Aaah, que coisa mais *sacana*. Como salto meia pata, penetração dupla e sexo anal, o aspecto radical, que implica um “Caramba, isso aí não é sexo do dia a dia, é?”, é bastante excitante. Desde que o elenco não tenha sido recrutado junto ao jardim de infância ou ao zoológico, vale tudo, de verdade.

Mas a falta de pelos não é defendida porque é excitante. É uma decepção,

mas não está lá para satisfazer uma fantasia. Se estivesse, eu argumentaria até não poder mais. Para mim, parece que a verdadeira razão por que todas as estrelas pornôs se depilam é que, se você remover todos os pelos, dá para ver melhor as tomadas de penetração. É só isso. Essa obsessão ocidental gigantesca, que vale bilhões de dólares em depilações completas e quase completas, que milhões de mulheres normais precisam levar em conta para organizar sua agenda, aguentar a dor e a inconveniência — e, sinto dizer, moças, mas realmente faz suas coxas parecerem maiores — resume-se a considerações técnicas da cinematografia. É apenas uma questão de iluminação. A não existência cotidiana do seu chumaço foi ditada pelo Miyagawa dos pentelhos ou pelo Charles B. Lang do pau.

Levando em conta que se trata apenas de um “aspecto técnico”, a ampla adoção da prática é tão bizarra quanto o fato de que todo mundo tenha começado a andar por aí com a maquiagem de base grossa e batom preto que as apresentadoras usavam nos primórdios da televisão em preto e branco. É como... garotas! Isso não se aplica a nós! Não estamos recebendo por isso! Não precisamos nos incomodar! Deixe seu tufo crescer de novo! Seja peluda!

Mas é claro que isso se aplica a nós, sim, como eu já disse: porque a pornografia hard-core é hoje a principal forma de educação sexual no mundo ocidental. É com ela que os meninos e as meninas adolescentes estão “aprendendo” o que fazer uns com os outros e o que devem esperar quando tiram as roupas uns dos outros.

Como resultado, corremos o risco de nos colocar em uma situação em que todos os meninos acham que vão tirar a roupa de uma menina e encontrar uma depilação completa, e todas as meninas — apavoradas com a ideia de serem rejeitadas ou consideradas anormais — vão se depilar para eles. Minha esteticista disse que já atendeu meninas de doze e treze anos que pediram depilação completa — removendo os primeiros indícios da vida adulta logo que eles apareceram, em uma combinação que — com o clima de infantilização e ímpeto da pornografia hard-core — é bem apavorante, de qualquer ângulo que se olhe.

Agora chegamos ao ponto de que, se você ficar escutando as conversas no fundo do ônibus, pode ouvir meninos de catorze anos dizendo que ficaram *horrorizados* ao descobrir, quando colocaram o dedo na vagina de uma menina de treze anos, que ela tinha pelos púbicos. No século XXI, meninos modernos que assistem a pornografia hard-core entram em pânico ao deparar com pelos púbicos, da mesma forma que o crítico de arte vitoriano John Ruskin parece ter ficado em 1848, quando ficou tão assustado com a visão dos pelos púbicos da esposa que se recusou a consumir o casamento.

Caramba. Tirando todos os efeitos colaterais psicosssexuais dolorosos concebíveis, fico triste de saber que meninas de treze anos gastam o pouco dinheiro que têm para deixar a xoxota lisa. Elas deviam gastar esse dinheiro nas coisas que realmente importam: tintura de cabelo, meias-calças, livros de Jilly Cooper, todos os discos do Guns N' Roses, os poemas de Larkin, KitKats, bebida barata, brincos que deixam as orelhas inflamadas e passagens de trem que as levem para o mais longe de casa possível. LEVE SUA XOXOTA PELUDA PARA PASSEAR EM DUBLIN, é o que tenho a dizer.

Porque há muito prazer a ser obtido de uma xoxota bem peluda — diferentemente das versões de Hollywood, que parecem ser úteis apenas para uma ejaculada rapidinha de Mr. Sheen e uma xoxota que não solta fiapo.

Deitar em uma rede e ficar penteando com os dedos seu tufo enquanto olha para o céu é um dos maiores prazeres da vida adulta. No final de uma sessão de cuidados, os cabelinhos da sua xoxota vão ficar bem macios e fofos — você pode passar a palma da mão de leve por cima deles e fazê-los pular como se fossem uma cama elástica.

Quando se caminha nua por um quarto, na frente de olhos apreciativos, o reflexo no espelho mostra a coisa certa: um punhado de escuridão entre suas pernas, algo que você se recusa a agredir. Meio animal, meio secreto — algo a ser abordado com uma medida de reverência, e não como algo que simplesmente foi feito para ficar parado enquanto paus se enfiam lá dentro como se fosse o penúltimo jogo do programa de gincana *It's A Knockout*.

E, em dias reservados para os cuidados com a beleza, você pode passar condicionador neles e se deleitar com a subsequente suavidade de cashmere, segura por saber que, além de ter reclamado para si um trecho do feminismo que se perdeu no Mar de Besteiras, você também vai economizar dinheiro de depilação suficiente ao longo dos anos para escapar para a Finlândia e assistir à aurora boreal de um hotel cinco estrelas enquanto enche a cara de conhaque.

Então, é isso aí. Mantenha bem aparado, mantenha limpo, mas do jeito que deve ser: um tufo feminino das antigas, feito para mandar, quente e normal.

“Mas e os pelos embaixo do braço?”, as pessoas vão dizer — em geral, homens na casa dos quarenta anos que ficam pouco à vontade quando você usa frases como “púbis no adorável estilo urso peludo” e ficam absolutamente apavorados quando você inclui pornografia na conversa.

“Se você é contra a depilação do púbis, por que raspa as axilas? Você raspa as pernas? Depila as sobrancelhas? Parece que sim. E o bigode?”

E então eles se recostam, cheios de si, como se tivessem acabado de colocar um enroladinho de linguiça no fundo de uma armadilha e tivessem certeza de que você vai tentar pegá-lo e será capturada.

Mas a virilha, o buço e a axila estão a quilômetros de distância — bom, na média, a distância é de 43 centímetros. O que acontece com eles, e por que, é totalmente diferente — em primeiro lugar porque as axilas não estão intimamente associadas à maturidade sexual nem de fato com a sexualidade, a não ser que você visite alguns sites muitíssimo especializados.

Então, o que você faz com suas axilas não passa de preocupação estética — e realmente não faz parte da Luta. Levando isso em conta, ao longo dos anos experimentei vários tipos de visual para minhas axilas. Em alguns dias, a axila raspada parece um pouco... tediosa. Se eu estiver usando jeans e uma regata e estiver com as amigas, é legal dar uma de George Michael — no estilo “Faith”, mostrando uns pelinhos de quatro dias. Há algo de rançoso e agradável nisso — como se você estivesse ocupada demais vivendo o sonho da boêmia e cuidando do carro para fazer algo tão fútil quanto se depilar. Em outras ocasiões, deixei crescer bem comprido — um monte de cachos longos, como se fosse 1969 outra vez e minha vida fosse feita de batatas, cítaras e haxixe.

Uma vez, em um Glastonbury, quando meu cabelo batia na cintura e era vermelho-cereja, resolvi tingir as axilas e os pelos pubianos para combinar; então mandei ver na tintura. “Vou ficar vermelha na xoxota e no sovaco”, disse a mim mesma, toda feliz, e passei o creme.

Infelizmente, o suor fez tudo sair nas primeiras duas horas e manchou minha camiseta, fazendo parecer que eu tinha um eczema horrível embaixo do braço que estava supurando. Mas saiba que peguei leve na tintura naquele ano. Caz tingiu as sobrancelhas ruivas dela de preto sob o sol fortíssimo, e elas ficaram cor de berinjela. Quando ela viu Thom York do Radiohead em Green Field e correu para dizer o quanto ela o adorava, a recepção dele foi “um pouco desanimadora”.

“Ninguém quer ouvir uma pessoa com sobrancelhas roxas dizer ‘Eu adoro você’”, ela choramingou mais tarde.

Quando se trata de pelo — pernas, buço, sobrancelhas, queixo, seios, virilha —, o resultado desejado seria a expansão do léxico estético: como quando Eddie Izzard explica o fato de se travestir com “direitos de vestuário iguais para todos”. Ele não quer usar vestido todos os dias — pode passar um ano sem usar salto. Mas sempre que o estado de humor do dia leva um homem a colocar um vestido ou uma mulher a ficar peluda, não há motivo para que essa não seja uma opção. Existem algumas mulheres por aí que simplesmente ficariam melhores de bigode: é estatística. Há muitas axilas que ficariam melhores com um cacho de pelos sedosos do que sem nada, ou com aquela aparência de pelo crescendo, dependendo da roupa usada na ocasião. Uma monocelha pode ser magnífica: minha filha de seis anos — criada com fotos de Frida Kahlo — é uma militante da sua: “Eu adoro, porque nunca acaba”.

No “dia de se fantasiar como um personagem da história” na escola, ela se veste como Frida Kahlo e passa rímel no meio, “para deixar ainda melhor”.

Ela tem a cabeça muito mais no lugar do que eu tinha na mesma idade.

Depois de ter raspado meu primeiro pelo púbico assustado e solitário, com treze anos, continuei a remover todos os meus pelos públicos durante mais três meses; depois, parei. Há diversas razões para isso.

1) Na medida em que foram ficando mais numerosos, tirá-los do barbeador do meu pai — para que eu pudesse devolvê-lo à prateleira, aparentemente intocado — foi ficando cada vez mais difícil. As pontas dos meus dedos ficaram cobertas com um emaranhado de cicatrizes das lâminas de barbear, como se eu tivesse decidido substituir minhas impressões digitais por algo com mais ângulos ou estivesse tentando fazer mal a mim mesma com a sessão de tortura mais ineficiente do mundo. Limpar um barbeador é *perigoso*. Uma menina de treze anos não devia fazer isso.

2) Coça. Coça muito. Quando os pelos voltam a crescer, parecem ser compostos por dois terços de amianto e um terço de lã artesanal, e não consigo prestar atenção em mais nada. Depois de três semanas, fico coçando como se estivesse com catapora — e isso é irônico, porque a razão final para eu abandonar a raspagem é a seguinte:

3) A percepção de que ninguém vai ver o que está acontecendo ali durante anos. ANOS. Desde o dia terrível de *Bergerac*, eu agora me visto — tremendo de frio — no quarto. É o fim da história de vestir a camisola na frente da família. Na frente de qualquer pessoa. Como meu amigo Bad Paul colocaria, anos depois: “Como fica sem roupa? Isso não é exatamente algo com que *você* precise se preocupar, querida”. A ideia de uma virgem de treze anos raspar os pelos públicos é tão ridícula quanto Neil Armstrong passar loção pós-barba antes de pisar na Lua: a existência de qualquer público para essa iniciativa é totalmente imaginária. Deixo tudo voltar a crescer em paz e deixo o barbeador do meu pai ao lado dos remédios. Passo para o incidente seguinte na programação da puberdade.

Da próxima vez que alguém me vê nua, tenho dezessete anos e vou perder minha virgindade em um alojamento do sul de Londres com um homem de olhos firmes que obviamente não se importava nem um pouco com o que eu fazia ou deixava de fazer com os meus pelos públicos e só queria tirar o meu vestido verde e me deitar.

3. Não sei como chamar meus seios!

Claro que eu sei que a adolescência supostamente é um... desdobramento incrível. Passei um bom tempo na biblioteca. Li *Gray's Anatomy*, em busca dos trechos suculentos. Sou capaz de citar o capítulo e o verbete sobre o desenvolvimento neural adolescente — sobre a maneira como o cérebro, em essência, explode quando os hormônios sexuais começam a agir.

A matéria branca — fibras parecidas com cabos — estabelece estradas de raciocínio. O cérebro se acende feito a costa leste dos Estados Unidos ao entardecer — luzes que acendem e apagam em ondulações; explosões estelares; espirais; ondas. Aos catorze anos, sou um experimento. Por dentro, estou passando por uma ressurreição. Estou no meio do tipo de explosão de perspectiva que, em anos posteriores, vou pagar muito dinheiro para emular em clubes e festas, no banheiro — contando notas de dez para comprar pílulas que me façam sentir um décimo daquela sensação de ausência de remorso, expansão e inspiração.

Li biografias de pessoas com a mesma idade e fiquei cheia de dúvidas. Bobby Fischer se tornou grão-mestre do xadrez aos quinze anos, Picasso fazia exposições aos quinze anos. Kate Bush compôs “The Man With The Child In His Eyes” aos catorze anos — tão jovem que a criança nos olhos dele talvez fosse o próprio reflexo dela. Eu tenho — como é verdade para qualquer outro adolescente — o potencial de ocupar meu lugar no mundo, da mesma forma, ou melhor, que de qualquer adulto. Eu poderia ser um puta gênio.

Essa é a teoria, pelo menos. E, para ser justa, tenho consciência disso: meu diário registra que estou usando essa expansão sem precedentes da minha capacidade mental para digerir algumas questões e conceitos de grande importância: “Eu gostaria de poder chorar para sempre. Seria o maior alívio”; “Será que sou uma das pessoas *erradas*?”; “Em alguns dias, sinto que posso fazer QUALQUER COISA! Sei que estou aqui, de alguma maneira, para salvar o MUNDO!”; “Será que usar chapéu faria com que eu parecesse mais magra?”; e, no dia 14 de março de 1990, “Eu descobri o sentido da vida: ‘Cool For Cats’, do Squeeze! *DEMAIS!*”.

Mas, para ser sincera, de modo geral, fico muito ocupada lutando como um bombeiro contra todas as coisas físicas para prestar atenção ao meu cérebro ou a qualquer potencial para genialidade prodigiosa. Cara, que loucura. Tem merda aparecendo por todos os lados. Sangramento e experiências masturbatórias são pouco. A transformação do meu corpo de algo que não serve para muito mais do que fazer cocô e montar quebra-cabeças em uma loja de departamentos mágica que um dia vai ter bebês ocupa quase todo o meu tempo e a minha preocupação.

Certa manhã, acordo e vejo que meu corpo está todo coberto por marcas vermelhas lívidas — como se fossem espirais de framboesa no meio de um sorvete de creme espalhadas por barriga, coxas, seios, axilas e panturrilhas. No começo, fico achando que é uma irritação e ando dois dias empapada de Sudocrem — um unguento para assadura de bebê — na esperança de que vá fazer passar. Quando minha mãe repara que o estoque dela está baixando, ela acusa Cheryl, de dois anos, de ter comido o creme de novo e eu, com toda a nobreza, não a corrijo.

Mas, quando examino as marcas mais de perto — com a porta trancada e a ajuda de um abajur, escutando “Cool For Cats” bem alto, para ter apoio moral —, vejo que não são vergões coisa nenhuma, mas entalhes. Minha pele se rasgou com o crescimento — são estrias que cobrem quase todas as partes macias do meu corpo. A puberdade é como um leão que me arranhou com suas garras quando tentei fugir. Ou, como coloquei para Caz naquela noite, “Vou ter que usar meia-calça e gola alta pelo RESTO DA VIDA. Até no verão. Simplesmente vou ter que fingir que está sempre muito frio. É o que todo mundo vai saber sobre mim. Que eu sinto frio”.

Caz e eu chegamos a um raro momento de paz no nosso relacionamento. Há dois dias, nós nos abraçamos de modo espontâneo. Minha mãe ficou tão chocada e preocupada que tirou uma foto nossa para marcar a ocasião. Eu a tenho até hoje — nós duas com camisolas iguais, descalças, com o rosto apertado um contra o outro e expressão 98% de boa vontade e 2% de agressividade contida. Minha mãe acha que nós finalmente encontramos uma ligação — causada pela responsabilidade combinada de ser as duas irmãs mais velhas entre sete irmãos —, agora capazes de acertar nossas diferenças como as adultas em que estamos nos transformando rapidamente.

Na verdade, estamos nos abraçando porque acabamos de ter uma conversa de duas horas a respeito de como devemos chamar nossa vagina.

“Não consigo falar”, digo a Caz. Estamos no quarto — eu na minha cama, ela, no chão. Ouvimos “Cool For Cats” pela nona vez naquela manhã. A fita já está ficando gasta — a voz de Chris Difford agora treme um pouco quando os índios mandam sinais de fumaça das pedras acima da passagem. Caz está tricotando um suéter para ter algo para vestir.

“Acho que eu prefiro fingir que não tenho a ter que dizer ‘vagina’”, continuo. “Se eu me machucar e for parar em um hospital muito formal onde gírias não são permitidas e eles me perguntarem: ‘Onde está doendo?’, acho que, em vez de dizer: ‘Na vagina’, eu simplesmente responderia: ‘Adivinhe!’, e depois desmaiaria. Detesto a palavra vagina.”

“Era muito mais fácil no ano passado”, Caz concorda, tristonha.

Até o ano passado, todas as crianças da família Moran trabalhavam com a ilusão de que a palavra “umbigo” não se referia ao que é, mas ao genital feminino. Qualquer machucado na área resultaria no berro “Eu bati o

UMBIGO!” e renderia solidariedade comunal. Isso dava assunto para muita piada.

Além do mais — durante um curto período em 1987 —, nossa irmã menor Weena dizia “china” em vez de “vagina”, e nós usamos essa palavra durante um tempo. Então, no outono, T’Pau lançou o single que chegou ao número um da parada “China In Your Hand” e nós tivemos que nos deitar de cabeça para baixo na escada até nossa circulação voltar ao normal por causa das risadas histéricas. Entrar em uma loja em que a música estivesse tocando era o limite do perigo. Tínhamos que sair correndo, com o capuz na cabeça, tremendo.

Então, agora, em 1989, não temos nenhuma palavra para dizer “vagina” — e, com tudo o que está acontecendo lá embaixo, sentimos a necessidade de ter uma. Ficamos lá em silêncio, pensativas, por um momento.

“Podemos chamar de Rolf”, Caz diz afinal. “Tipo o cantor Rolf Harris, sabe? Parece com a barba dele.”

Nós duas nos encaramos. Sabemos que a resposta que estamos procurando não é Rolf Harris.

O problema com a palavra “vagina” é que parece simplesmente má sorte. Só um masoquista ia querer ter uma, porque coisas horríveis acontecem com elas. As vaginas se rasgam. São examinadas. Evidências são encontradas nelas. Assassinos em série deixam coisas lá dentro, para insultar o inspetor Morse — como se fosse uma prateleira no corredor em que você deixa suas chaves e o troco. Ninguém quer ter uma coisa dessas.

Não. Vamos esclarecer as coisas agora mesmo — eu na verdade não tenho vagina. Nunca tive. De fato, acredito que poucas mulheres tenham. A rainha Vitória obviamente teve. Barbara Castle. Margaret Thatcher. Com os pelos púbicos penteados, é claro, exatamente no mesmo estilo que o cabelo delas.

Mas todas as outras pessoas, não. Porque não sou a única, de jeito nenhum. Ninguém que eu conheço ia se referir à sua vagina como “vagina”. Todo mundo tem alguma gíria, um nome carinhoso, inventado — nomes que a família usa na sala de estar e que foram transmitidos de geração em geração. Quando pedi pelo Twitter que as pessoas me mandassem seus nomes da infância, recebi mais de quinhentas respostas em vinte minutos — sendo que uma grande porcentagem era de gargalhar. Era como se eu tivesse aberto a Caixa de Pandora da Xana. A primeira que recebi deu o tom: “A mãe da minha melhor amiga de infância se referia a ela como ‘patinho’, e a menstruação como ‘doença do pato’”.

Isso é, obviamente, uma linha de raciocínio não interrompida — possivelmente há gerações — por qualquer influência externa. Trata-se de endogamia lexicográfica.

A gama de opções era imensa. Algumas eram fofas e/ou divertidas: flor, pequerrucha, xereca, amiga, Maria, bigucha, pombinha, almofadinha, xoxota,

coisinha, maçã, Ritinha, fadinha, minha menina, baixinha, bolsinha, borboleta e conchinha.

Algumas eram obviamente resultado de alguma piada interna da família: Valerie, tia Helen, bungina, fandangos, pudim Yorkshire (“Ela gritava: ‘Tem areia no meu Yorkshire!’.”) e centro de Birmingham.

E depois vinham os absolutamente bizarros e/ou preocupantes: diferença, segredo, problema, Sweet Fanny Adams (o apelido de uma criança vitoriana assassinada; não foi um dos grandes dias no Imaginário da Vagina, em resumo) e orifício. Só posso presumir que “orifício” fosse produto de uma família que criasse cobras e quisesse manter a mesma palavra para todas as espécies, para economizar tempo.

Entre as opções, foi interessante observar o aparecimento de “lalá”, “tinky” e “po” — o que significa que quase todo o elenco dos Teletubbies parece ser baseado em gírias comuns para vagina. Suponho que é preciso tirar inspiração de algum lugar.

Eu, pessoalmente, tenho boceta. Às vezes é “xana” ou “brexeca”, mas, na maior parte do tempo, é a minha boceta. Boceta é uma palavra adequada, antiga, histórica, forte. Gosto do fato de que minha saída de incêndio também funciona como um grande palavrão. É. Este é o poder que ela tem, rapazes. Se eu disser a vocês o que tenho lá embaixo, senhoras de idade e clérigos poderiam desmaiar. Gosto de ver como as pessoas ficam chocadas quando você diz “boceta”. É como ter uma bomba nuclear na calcinha, um tigre enlouquecido ou uma pistola.

Em comparação com isso, o palavrão mais poderoso que os homens têm para suas partes privadas é “caralho”, que, sinceramente, não é nada. É uma palavra permitida na televisão jovem para quando as coisas dão errado. Em uma cultura em que quase tudo que é feminino até hoje é visto como algo que acusa melindres e/ou fraqueza — menstruação, menopausa, o simples fato de chamar alguém de “garota” —, eu adoro o fato de “boceta” poder se sustentar sozinha como a palavra suprema e imbatível. Tem ressonância quase mística. É uma boceta — nós todos *sabemos* que é uma boceta —, mas não podemos chamar de boceta. Não podemos dizer a palavra certa. É forte demais. Da mesma maneira que os judeus não podem nunca proferir o Tetragrama — e precisam se contentar com “Jeová”.

Claro que eu sabia que todo o raciocínio por trás de chamar minha boceta de boceta era inútil quando tive minhas duas filhas. Não ia adiantar nada falar a elas sobre a coisa das “ressonâncias místicas de Jeová” quando elas fossem perseguidas no jardim da infância por uma professora empunhando uma vassoura, irada com elas por dizerem de maneira casual um grande palavrão, pouco antes do lanche da manhã.

Quando Lizzie tinha apenas alguns dias de vida — mais ou menos na época em que o primeiro quilo de morfina parou de fazer efeito, eu pude

voltar a me concentrar, mas, para ser sincera, ainda demorou umas boas duas semanas para eu me sentar sem berrar: “AVE MARIA, ACHO QUE QUEBROU!” —, meu marido e eu ficamos olhando para nossa filhinha linda. Olhos azuis, uma boquinha tão macia quanto um ratinho de veludo, ela tinha acabado de fazer um cocô tão enorme que tinha preenchido cada reentrância da parte baixa de seu corpo.

Meu marido se aproximou das partes baixas dela sem saber muito o que fazer, com um lenço umedecido, então se afastou, com ar derrotado.

“Além de ter que limpar tudo... isso aqui”, ele disse, parecendo quase maníaco, “eu também não sei o que estou limpando. Do que vamos chamar? Não podemos chamar de boceta.”

“O nome dela é Lizzie!”, eu disse, chocada.

“Você sabe o que quero dizer”, meu marido suspirou. “Não vou usar essa palavra. É o que você tem. Você tem uma boceta. Não é o que ela tem. É totalmente diferente. Ai, meu Deus — está subindo pelas costas, até o gorrinho. Vou ter que limpar merda de um gorro. Não sei se gosto de ser pai. DO QUE VAMOS CHAMAR A VAGINA DELA?”

Ao longo das semanas seguintes, pensamos muito sobre a questão, como executivos estudando a campanha de marketing para um iogurte sabor presunto.

“Parece uma joaninha”, meu marido disse em um momento especialmente inspirado. “Podemos chamar de joaninha!”

“É, mas se você for nessa linha, também se parece com um fusca”, observei. “Podemos chamar de fusca. E quando ela chegar à adolescência e ficar louca pelos meninos, podemos dizer: ‘É a última cruzada do fusca’ um para o outro repetidas vezes, enquanto você constrói a torre sem porta dentro da qual vamos trancá-la.”

Em outra semana, meu marido veio com “Baby Gap” — “Ela é um bebê, e essa é a brechinha! Baby Gap!” —, o que, além de ser uma piada em si, também significava que colocar nela uma camiseta ou macacãozinho com o logo da Baby Gap suscitasse valiosos minutos de risos.

Mas a vida desse nome foi rápida e breve — nós o usamos tantas vezes que perdeu a graça. As palavras começaram a parecer velhas e sem gosto, como um chiclete que foi mastigado por tempo demais.

Sabíamos que precisávamos de algo menos engraçadinho, mas foi só quando Lizzie começou a falar — por volta de um ano — que a palavra finalmente me veio.

Ela tinha caído e machucado a baby gap dela. Quando eu a coloquei nos meus joelhos e expliquei em voz alta o que tinha acontecido — da maneira que se faz quando se ensina uma criança a falar —, acessei a escuridão do meu subconsciente e me saí com: “Piu-piu. Você machucou seu piu-piu!”, eu disse, secando as lágrimas do rosto dela com a palma da minha mão.

“Piu-piu” era como minha mãe se referia aos nossos genitais antes de chegarmos à adolescência: servia tanto para os homens quanto para as mulheres. Uma palavra que serve para tudo. Éramos pobres demais para algo mais... especializado.

E agora lá estava ela, entrando em serviço para mais uma geração. Um nome redondo, arrumadinho e firme para um piu-piu redondo, arrumadinho e firme.

Claro que, quando ficar mais velha, Lizzie vai se encontrar exatamente no mesmo lugar em que Caz e eu estávamos em 1989. Quando se é uma menina adolescente, você precisa encontrar algo mais... rock'n'roll. Quando a adolescência começa, não dá para se referir ao lugar que vai ser o epicentro da maior parte das suas decisões e processos de raciocínio pelos quarenta anos seguintes como “piu-piu”. Scarlett O’Hara não correu por toda a Atlanta atrás de Ashley e depois de Rhett por causa de seu piu-piu. Não há um piu-piu nos quadros de Georgia O’Keeffe. Madonna não mostra o piu-piu dela em *Sex*.

Com frequência — depois de entrar em uma clareira no bosque e compartilhar um cachimbo cerimonial com o pessoal da tribo —, refleti sobre o fato de que descobrir como chamar nossos genitais é um rito de passagem para uma menina. Tão importante quanto o primeiro fluxo menstrual ou quando você começa a pensar que dá para deixar suas roupas mais estilosas. Quando as “dedadas” começam na escola — acredito que seja por volta dos doze anos hoje em dia; parece ser a versão um pouco mais adulta do desejo implacável que as criancinhas pequenas têm de prender os dedos em aparelhos de DVD —, é importante que uma menina passe a pensar exatamente onde vão enfiar dedos. Apesar de “dentro de mim” ser um ponto de partida bem justo, é, essencialmente, uma orientação ou comando — não um nome.

Adão pode ter dado nome aos animais, mas, hoje em dia, em um mundo em que os adolescentes obtêm toda a educação sexual da pornografia, Ron Jeremy dá nome às vaginas. Como seria de esperar quando se deixa a escolha das palavras a cargo de estrelas do pornô que improvisam o diálogo durante uma cena de penetração dupla, não sobra espaço para consideração, delicadeza ou estética.

O resultado é que há uma geração inteira de meninas crescendo cuja palavra básica para genitália é “periquita”. Pessoalmente, não gosto de “periquita”. Já ouvi pessoas se referirem a “periquita” em terceira pessoa vezes demais em filmes pornôs para que pareça ser uma palavra agradável ou divertida.

“Sua periquita gosta disto, não gosta?” “Sua periquita vai ver só.”

Isso retoma toda a baboseira da desconexão física — as mulheres separadas da vagina. E não me parece nada excitante. Nos filmes pornôs

ruins, sempre tenho a impressão perturbadora de que o cavalheiro talvez esteja de fato se referindo à periquita da mulher, que está acomodada fora do enquadramento da câmera, observando tudo com olhos funestos.

Um dia, penso, inutilmente, todas as periquitas que assistem a filmes pornôis vão se erguer, revoltadas com os diálogos ruins aparentemente direcionado a elas, entrar no set e espalhar pena para todo lado bem no meio de uma cena de sexo.

Mas, vamos ser sinceras, “periquita” é o menor dos problemas. Existe toda uma panaceia de gírias que são, a seu modo, absoluta e verdadeiramente tão horríveis quanto “vagina”. Vamos fazer uma lista!

- Seu sexo: parece uma tentativa preventiva de colocar a culpa na mulher.
- Buraco: algo que pode aparecer numa meia-calça, infelizmente. E GAVETA é para onde essa meia-calça terá que ir depois.
- Concha: inferência da presença iminente de moluscos.
- Boca de lobo: uma mistura desagradável de cocô, lixo e água da chuva. Não.
- Selva: muito óbvio. E tem ARANHAS no meio da vegetação. Não.
- Kika: parece o nome de uma perua desocupada, tipo “Val”. Também sugere fumo compulsivo e vício inveterado em bingo. Não.

Por outro lado, eis aqui os que eu gosto:

- Xana: parece uma gata um pouco sobrecarregada. Às vezes, a minha parece ser assim.
- Brexeca: divertido.
- Fiu-fiu: um poodle francês mimado, meio ridículo.
- Buraco de sarlacc: ressonância infinita, principalmente porque Han Solo nunca vai entrar ali, por mais que você queira.

Uma vez que você começa a dar nomes bobos para seu vestibulo número um, não há razão para parar.

“Está tudo um horror no Zoológico e Simba Safári das Terras Médias”, digo, sentada na privada durante um ataque de cistite. “A árvore do jardim da meia-noite foi atingida por um raio.”

Em dias mais alegres, posso comentar: “A névoa está mesmo à toda na serra esta noite”.

E os seus peitos? Até parece que é mais fácil pensar em uma palavra para os seios. Eles se acomodam sobre sua caixa torácica a partir dos treze anos e, no entanto, é difícil encontrar uma palavra para se referir a eles que faça

com que você, ou qualquer outra pessoa, sintá-se à vontade.

Há alguns anos, Scarlett Johansson, a gostosa de lábios grossos do momento, revelou que chamava seus seios de “minhas meninas”.

“Gosto do meu corpo e do meu rosto”, ela disse, reproduzindo a opinião de todos que não são cegos, “e adoro meus seios — são as ‘minhas meninas’.” Não foi a primeira vez na carreira que Johansson suscitou uma questão importante.* Como exatamente uma mulher crescida, com noção e senso de humor, pode chamar seus peitos? Ela deu uma resposta perfeita — “minhas meninas” é brincalhão, possessivo, feminino —, mas agora ninguém mais pode se referir a seus próprios bongôs como “minhas meninas”, porque todo mundo ia achar que você está falando dos seios de Scarlett Johansson, e não dos seus.

“Minhas meninas ficam estranhas com essa blusa?”, você pode perguntar.

“Bom, ‘minhas meninas’ ficariam fantásticas nessa blusa, porque os peitos de Scarlett Johansson são do tipo que podem conduzir à paz mundial”, uma amiga poderia responder. “Mas *seus* peitos estão tortos e os mamilos ficaram um para cada lado. Para ser sincera, parecem os olhos de Marty Feldman.”

No mundo dos tabloides, é claro, as coisas são fáceis. A palavra é “melões” mesmo. Ou, melhor, MELÕES! “Keeley, a garota da página três, tem MELÕES maravilhosos!”, diz Shayne Ward. “Cheryl tem os melhores MELÕES do grupo Girls Aloud!” Mesmo que se use uma palavra diferente quando se conversa com um repórter do *Sun*, ele vai passar o texto pela revisão e vai sair “melões” do mesmo jeito. Uma vez, fui entrevistada por eles na época em que me referia aos meus seios como “prateleira”. Era o auge do britpop; eu só estava fazendo algo que achava que o Blur aprovaria — e, é claro, o texto publicado no dia seguinte era: “Adoro os meus MELÕES”, diz Caitlin Moran”.

Eu não tenho melões. Nem um pouco. Então foi tão estranho quanto ler: “Adoro o meu RABO LISTRADO DE LÊMURE”, diz Caitlin Moran”.

Quem fala “melões” é o comediante Benny Hill. Melões são perfeitamente esféricos, saltitantes, cômicos — você poderia com facilidade se referir aos seus “palhaços cor-de-rosa da caixa torácica” enquanto faz um som de trombone e continua.

Melões também são, amplamente, brancos e de classe média — ninguém vê melões de Bangladesh ou de Bahrain. Não há “melões de lady Antonia Fraser”. Melões são aquilo que Jordan, Pamela Anderson e Barbara Windsor têm — mas não quando Barbara teve câncer de mama na novela *EastEnders* e eles se transformaram em “seios”. “Melões”, é claro, não podem ter câncer, nem lactar, nem estar sujeitos às artes eróticas do Tao. Melões existem apenas para chacoalhar para cima e para baixo na parte da frente do corpo de mulheres com idade entre catorze e 32 anos, porque depois disso ficam caídos demais, e então parece que somem da face da terra, vão para o espaço, talvez para algum dia se tornar um dos gigantescos anéis de Saturno.

É claro que “peito”, por sua vez, pode ser arrancado do frango para ser preparado com vinho branco.

Por motivos exatamente opostos, “seios” também não funcionam. Nunca se ouve a palavra “seios” em um cenário positivo. Seios são má notícia. Assim como a vagina, os seios existem para ser examinados por médicos em busca de câncer; e ganham pontos especiais de horror por ser a palavra escolhida por homens sem jeito que estão prestes a dar início a uma transa muito ruim com você (“Posso tocar no seu seio esquerdo com o dedo?”) e tarados de idade avançada (“Os seios magníficos dela se soltaram do tecido translúcido e pareciam dançar na direção do norte”).

“Busto” é coisa do comediante Les Dawson. “Decote” não funciona, obviamente — “estou com dor no decote” —, nem “faróis”, porque parece algo rígido e iluminado, ilusão que cai por terra uma vez que o sutiã é removido. “Peitos” parece bem direto para ser usado durante o dia — “Me dê um Kit Kat, acabei de bater o peito na porta” —, mas é difícil fazer uma transição satisfatória para o uso noturno, porque parece um pouco brusco demais. Eu gosto da ideia de “o pessoal” — mas também é assim que eu me refiro aos meus sete irmãos e irmãs, e o potencial para confusão poderia levar a incidência ainda maior de doença mental do que já temos, por isso, provavelmente vou deixar essa opção de lado.

Passei por uma fase em que me referia à parte superior do corpo através de duplas famosas — “Então eu tive que botar meus Two Ronnies para fora!” “E estava tudo indo bem, até que The Scarecrow and Mrs. King aqui se recusaram a entrar na blusa.” “Na verdade, eu os chamo de Simon & Garfunkel, porque um é maior do que o outro.” —, mas então eu tive um bebê. A parteira olhou muito séria para mim enquanto tentava enfiar a ponta de “Christopher Dean” na boca da minha recém-nascida, enquanto “Jayne Torvill” ficava lá, traumatizado e se esvaindo, nas proximidades.

A língua ainda precisa encontrar uma solução convincente para o problema dos peitos das mulheres. De fato, levando em conta como somos pessoas bobas, assustadas e ignorantes que vivem dando risadinhas, a probabilidade é grande de que esse problema continue existindo por muito tempo ainda. Talvez devêssemos desistir da linguagem falada nesse ínterim e nos referir a eles apenas como “(.)”.

Certamente a solução para o meu problema e de Caz foi perceber que — quando o assunto era tanto seios quanto vaginas — a linguagem não era realmente necessária. Depois de um curto período em que nos referimos a eles como “andar de cima, andar de baixo”, o que trazia o benefício adicional de soar como uma produção da BBC cheia de classe, que inspiraria lembranças felizes em muita gente —, nós nos demos conta de que poderíamos simplesmente apontar para as áreas relevantes e dizer “ali” sem emitir som, com extravagância, à maneira de Les Dawson. “Ali” e “ali”

funcionou como maneira de adiar a questão até que finalmente nos sentimos mundanas e sacanas o suficiente para usar as palavras “peitos” e “boceta” — para mim, foi aos quinze anos, e, para Caz, foi por volta dos 27. Mas, cara, que discurso de madrinha de casamento foi aquele.

* Em *Encontros e desencontros*, ela levanta o seguinte ponto: “Será que existe alguma ocasião em que não seja certo transar com Bill Murray em uma viagem ao Japão?”. Qualquer pessoa com um pouco de noção responderia: “Não. Sempre se deve transar com Bill Murray em uma viagem ao Japão”.

4. Sou feminista!

Em *The Female Eunuch*, Germaine Greer sugere que a leitora reserve um momento para experimentar o sangue menstrual. “Se você ainda não fez isso, tem um longo caminho pela frente, querida”, ela diz.

Bom, só posso concordar. É preciso experimentar de tudo pelo menos uma vez — até mesmo camarões agrídoces saídos de um furgão com aparência suspeita em Leicester, ou uma saia bufante. Eu, é claro, já experimentei meu próprio sangue menstrual. De longe, preferiria comer um pacote de salgadinho, mas tudo bem: era melhor do que a maior parte das coisas que se pode comprar em um posto de beira de estrada e com toda a certeza era um produto com sólidas bases éticas. Sou uma pessoa exemplar. Sempre tenho um monte de palha sobre o qual dormir.

No entanto, não vou ficar falando para você experimentar seu sangue menstrual neste momento, já que sei que você pode estar em um ônibus ou sentada no fundo de uma brinquedoteca, batendo papo com uma mulher chamada Barb. Assim como com outras coisas que “te fortalecem” — saltar de paraquedas, aprender dança do ventre, fazer uma tatuagem —, experimentar seu sangue menstrual, vamos encarar, seria apenas mais uma coisa a adicionar à sua lista de afazeres, além de consertar o suporte da cortina, tirar as pulgas dos gatos e costurar o botão que caiu do casaco que, pensando bem, já está assim desde 2003.

Não, moças, podem descansar. Vocês não precisam experimentar sua menstruação hoje. Nem sob minha vigilância.

O que VOU pedir que vocês façam, no entanto, é dizer: “Sou feminista”. De preferência, gostaria que vocês ficassem em pé em cima de uma cadeira e berrassem: “SOU FEMINISTA” — porque eu acho que tudo fica muito mais emocionante se você sobe em uma cadeira.

É realmente muito importante que você diga essas palavras em voz alta. “SOU FEMINISTA.” Se você acha que não consegue — nem mesmo com os pés no chão —, eu ficaria preocupada. Essa é provavelmente uma das coisas mais importantes que uma mulher tem a dizer na vida, além de “Eu te amo”, “É menino ou menina?” e “Não! Eu mudei de ideia! Não corte a minha franja!”.

Diga. DIGA! DIGA AGORA! Porque, se você não for capaz, é como se estivesse se inclinando e dizendo: “Chute a minha bunda e leve o meu voto, por favor, patriarcado”.

E não ache que você não deve estar em cima daquela cadeira berrando “EU SOU FEMINISTA!” se for menino. Um homem feminista é um dos produtos finais mais gloriosos da evolução. Um homem feminista COM TODA A CERTEZA deveria estar em cima de uma cadeira — para que nós, moças, possamos

brindar a você, com champanhe, antes de cobiçar loucamente seu corpo. E quem sabe conseguir fazer com que você troque aquela lâmpada já que está aí em cima mesmo. Não podemos fazer isso sozinhas. Há uma teia de aranha enorme no suporte da lâmpada.

Eu tinha quinze anos na primeira vez que disse “Sou feminista”. Aqui estou eu, no meu quarto, dizendo isso. Eu me encaro no espelho enquanto falo: “Sou feminista. Sou feminista”.

Agora já faz quase três anos desde que fiz minha lista de “Antes dos dezoito”, e lentamente estou montando um plano de quem devo ser. Ainda não furei as orelhas, não perdi peso, não treinei a cachorra e todas as minhas roupas continuam sendo horrorosas. Minha segunda melhor blusa é uma camiseta com o desenho de um jacaré segurando uma cerveja e os dizeres “DIVIRTA-SE SOB O SOL DA FLÓRIDA!” embaixo, em pink. Parece totalmente incongruente quando usada por uma menina deprimida, gorda e meio hippie, com o cabelo na cintura, caminhando por Wolverhampton sob a chuva. Para ser sincera, parece um ato contínuo de sarcasmo.

E continuo sem nenhum amigo. Nenhunzinho — a menos que se conte a família, o que obviamente ninguém conta, porque essa gente simplesmente vem de graça junto com a sua vida, querendo ou não, como o encarte de seis páginas que cai do jornal local com uma receita de curry e anúncios de computadores Spectrum 128k e aparelhos de som. Não. Família não conta, de jeito nenhum.

O lado positivo da coisa é que não estou sozinha, porque — assim como foi com um milhão de meninas e meninos solitários antes de mim — os livros, a TV e a música agora cuidam de mim. Estou sendo educada por bruxas, lobos e convidados especiais inesperados no programa do Terry Wogan. Percebo que toda forma de arte é alguém tentando dizer algo. Há milhares de pessoas que querem falar comigo, desde que eu abra o livro delas ou ligue no programa delas. Isso vale um trilhão de telegramas com informações e dicas importantes. A informação pode ser ruim e a dica pode ser equivocada — mas pelo menos você obtém *algum* dado a respeito de como as coisas são lá fora. Seu letreiro interior da CNN corre a todo vapor. Você está recebendo notícias a todo minuto.

Os livros parecem ser a fonte mais expressiva: cada um deles é o resultado de uma vida, que pode ser inalada em um único dia. Leio rápido, de modo que paio sobre essas vidas em ritmo feroz; seis, sete ou oito em uma semana. Gosto especialmente das biografias: consigo engolir uma pessoa inteira antes do pôr do sol. Leio sobre camponeses galeses das montanhas e sobre velejadoras que dão a volta ao mundo, soldados da Segunda Guerra Mundial e donas de casa em mansões de Shropshire antes da guerra, jornalistas e astros de cinema, roteiristas, príncipes da família Tudor e primeiros-ministros do século XVII.

E, cada livro, você acaba descobrindo, tem seu grupo social específico — amigos próprios que ele deseja apresentar a você, como uma festa na biblioteca que nunca, nunca termina. Quando conheci *A lua é um balão*, de David Niven, ele ficou mencionando Harpo Marx, até que — quando finalmente esbarrei nele na prateleira “Autobiografias: M” — viramos grandes amigos. Logo fico a par de como Marx passa as tardes: na mesa-redonda do hotel Algonquin, em Nova York, que é uma espécie de Valhalla do pré-guerra para dândis munidos de máquinas de escrever tomarem alguns drinques. Robert Benchley, Robert E. Sherwood e Alexander Woollcott — que despertam em mim um interesse que se estende por toda a vida por homens rudes e tradicionais que demonstram seu amor por meio de insultos cada vez mais maldosos (“Olá, repulsiva”).

Finalmente, por meio de Woollcott, fico cara a cara com a sagrada Dorothy Parker, que parecia estar à minha espera havia uma eternidade, em 1923, com seu batom, seus cigarros e seu desespero cáustico. Dorothy Parker tem importância monumental porque, parece-me, foi a primeira mulher engraçada: um passo evolucionário tão importante para nós quanto o desenvolvimento do polegar opositor ou a invenção da roda. Parker é engraçada na década de 1920; depois disso — sou levada a acreditar —, nenhuma mulher foi engraçada até French & Saunders e Victoria Wood aparecerem, na década de 1980. Parker é a Eva do humor feminino.

Robert Johnson inventou o blues, à meia-noite, em uma encruzilhada, depois de vender a alma ao diabo. Dorothy Parker inventou a mulher divertida, às duas da tarde, no melhor bar de Nova York, depois de dar uma gorjeta de cinquenta centavos para um auxiliar de garçom por um martíni. É difícil não tirar conclusões a respeito de qual é o sexo mais inteligente.

Mas Parker também me preocupa, porque metade das coisas engraçadas que ela escreve é a respeito de se matar: a graça parece não funcionar tão bem para nós quanto funciona para, digamos, o comediante Ben Elton. E não dá para ignorar o fato de que demorou quase sessenta anos para que uma mulher fosse engraçada depois dela. A trilha que ela abriu permaneceu notavelmente intransitada. Começo a me preocupar que as mulheres não sejam, no final das contas, tão boas quanto os homens, como dizem os boatos.

No mesmo mês em que li o “Résumé” de Parker — “As lâminas machucam/ Os rios são úmidos/ Os ácidos mancham/ E os remédios dão cólicas/ As armas são ilegais/ Os laços cedem/ O gás cheira mal / É melhor continuar viva” —, comecei a ler Sylvia Plath, que, *todo mundo* concorda, é uma das poucas mulheres capazes de escrever tão bem quanto um homem, mas que também vive tentando se matar, sempre batendo o mesmo carro ou sofrendo overdoses. É preocupante. Fico quase obcecada por Bessie Smith, cuja vida é tomada pela heroína. Adoro Janis Joplin, que se matou com os

excessos da década de 1960. E, cada vez mais, as pessoas são péssimas com a duquesa de York, só porque ela é ruiva.

Não posso deixar de notar que a maior parte das mulheres que fazem frente aos homens parece ser infeliz e ter certa propensão a morrer jovem. A opinião popular preguiçosa diz que isso acontece porque as mulheres não têm condições de competir nos mesmos termos que os homens. Elas simplesmente não dão conta do jogo dos homens adultos. E precisam parar de tentar.

Mas, quando olho para a destruição delas — desespero, aversão a si própria, baixa autoestima, frustração e repetidas faltas de oportunidade, de espaço, de compreensão, de apoio ou de contexto —, me parece que estão todas morrendo da mesma coisa: de estar enalhada no século errado. Começo a achar que todos esses inícios de eras são venenosos para as mulheres. Eu já tinha notado isso antes — mas apenas como um fato silencioso e dado. Agora noto de novo — mas como um fato importante e ultrajante.

Elas estão rodeadas de homens, sem uma equipe ou uma líder para incentivá-las. Elas são o par de saltos altos solitário que estala em uma sala cheia de botas grosseiras. Elas carregam todo o peso da novidade. Estão furiosas e exaustas de tanto precisar explicar aos homens aquilo que as mulheres sempre souberam. São astronautas na estação espacial Mir, ou os primeiros corações transplantados. Podem ser pioneiras, mas não são sustentáveis. No final, o corpo as rejeita. A atmosfera se revela rarefeita demais. Não dá certo.

E assim, finalmente, bem quando preciso dela, encontro Germaine Greer. Claro que sei mais ou menos qual é a dela — sempre que minha mãe arrisca um chute a respeito do que pode estar errado com o carro, meu pai responde, com um suspiro: “Tudo bem, Germaine Greer. Só espere um pouco” — mas eu nunca tinha encontrado Greer de fato. Nunca li nada que ela escreveu, nem a vi falar. Presumo que seja uma coisa rígida que berra e sempre aponta a coisa certa a fazer, como uma freira raivosa.

Então, eu a vejo na TV. Não sei qual é o programa — meu diário não diz, mas registra o dia com uma guirlanda de pontos de exclamação. “Acabei de ver Germaine Greer na TV — ela é LEGAL!!!!!!!”, escrevo. “MUITO ENGRAÇAAAADA!!!!!!”

Greer usa as palavras “liberação” e “feminismo”, e eu me dou conta — aos quinze anos — de que ela é a primeira pessoa que as profere sem sarcasmo ou aspás invisíveis. Ela não fala como se as palavras fossem ao mesmo tempo levemente desagradáveis e um pouquinho perigosas, e devessem ser manuseadas apenas com pinças compridas, como se fossem cocô ou tifo.

Em vez disso, Greer diz “Eu sou feminista” de maneira perfeitamente calma, lógica e próspera. Parece a solução de um enigma que se estende há

anos. Greer fala com propriedade e orgulho: a palavra é um prêmio que bilhões de mulheres, durante o decorrer da história humana, lutaram para obter. *Essa* é a vacina contra o fracasso das pioneiras. Essa é a atmosfera que sustentaria todos nós no espaço: a peça do equipamento que faltava. É isso que nos mantém vivas.

Uma semana depois, também estou dizendo “Eu sou feminista” para o espelho, fumando um cigarro de mentirinha feito de papel higiênico enrolado. Sopro a fumaça imaginária para longe, como Lauren Bacall, e digo: “Sou feminista, Humphrey Bogart”.

A palavra parece ainda mais eletrizante do que um palavrão. É embriagante. Faz minha cabeça girar.

Agora sei que sou feminista porque — depois de ver Greer na TV e gostar dela —, acabei de ler *The Female Eunuch*. O que me atraiu no livro não foi apenas a promessa de emancipação — preciso confessar que também estou em busca de cenas de sexo. Sei que é “um livro OBSCENO” — como Eulalie McKechnie Shinn se refere à poesia de Balzac em *The Music Man*. Tem peitos na capa. Com toda a certeza tem sexo dentro dele.

No entanto, ao mesmo tempo que o livro contém trechos grosseiros, o mais notável, para alguém que foi criada ouvindo rock, é que Greer escreve sobre ser mulher da maneira que homens cantam sobre ser homens. Quando Bowie descreve Ziggy em “Ziggy Stardust” — “Ele era o máximo / com um traseiro celestial / Levou tudo longe demais / Mas, cara, como ele sabia tocar guitarra” —, poderia ser Greer falando de si mesma.

Ela é o máximo, com um traseiro celestial. Escreve parágrafos como solos de piano, e sua versão do feminismo é simples: todo mundo deve ser um pouco mais parecido com ela. Desprezar qualquer bobagem que tenha sido herdada. Ser novo; rápido; livre. Dar risada; transar; não ter medo de dar bronca em ninguém — independentemente de ser um namorado ou o governo, de a pessoa ter sido tola ou de estar errada. E BEM ALTO. COMO O ROCK.

The Female Eunuch é como alguém correndo para dentro do quarto — o meu quarto — gritando “Ai, meu Deus!” e dando um tiro de canhão de purpurina dourada. Greer tem a velocidade irrefreável de alguém que trabalha no máximo de sua capacidade. E ela tem aquela alegria de saber que se está dizendo coisas que ninguém disse antes. Greer sabe que *ela* era a nova frente fria; a tempestade que se aproximava.

Não entendo metade das coisas sobre as quais ela discorre. Aos quinze anos, eu ainda não tinha deparado com nada que pudesse chamar de machismo no local de trabalho, desprezo pelas mulheres, ou aquilo que tinha me levado ao livro em primeiro lugar: um pênis ansioso para ser estimulado e acariciado. Metade das coisas me deixa muito confusa: a

combinação da raiva dela em relação aos homens e sua crença de que as mulheres se decepcionam e são fracas são bem estranhas ao meu modo de pensar. De maneira geral, acho que todos tentamos nos virar da melhor maneira possível.

Eu realmente não compreendo generalizações de massa — e aposto que o resto do mundo também não acredita nisso.

Mas não há dúvida de que o livro — o mundo no livro — é totalmente eletrizante. Germaine faz com que ser mulher — fazer parte do gênero sexual jogado para escanteio, indignado, silenciado e esmagado — de repente pareça uma coisa fantástica. No século xx, uma era escrava da novidade, as mulheres se transformaram na maior novidade de todas: ainda embaladas em celofane, ainda dobradas dentro da caixa, fingindo-se de mortas ao longo de toda a história. Mas agora somos a nova espécie! A nova onda! Somos a tulipa, os Estados Unidos, o bambolê, a foto da Lua, a cocaína! Tudo o que fazemos, está implícito, é fantástico.

Eu me sinto uma tiete — tomei aquela decisão levemente preguiçosa e totalmente emocionada de apenas acreditar em tudo o que sua heroína diz e faz; de seguir seu rastro fluorescente sem questionamento. Essa heroína nunca me magoaria — ela não vai, de repente e para meu choque, revelar que me odeia — como aconteceu com a equipe de apoio do Led Zeppelin, que distribuía para groupies menores de idade crachás plastificados decorados com um olho, um passarinho e um marinheiro, e os dizeres: “Eu engulo sêmen”. Ou quando eu descobri que Frank Bough, que apresentava o programa *Breakfast Time*, gostava de um pouco de sadomasoquismo.

Para uma adolescente suscetível, essa era uma rara heroína que faria bem para a minha alma.

Em anos posteriores, é claro, eu assumiria o caráter de Greer o suficiente para discordar de algumas coisas que ela fazia: ela abandonou o sexo na década de 1980, opôs-se à escolha de uma professora transexual para o colégio feminino Newnham, incomodou-se com os transexuais em geral e, o mais importante, tirou sarro do cabelo penteado para trás da colunista do *Guardian* Suzanne Moore (“cabelo de ninho de passarinho e sapatos de ‘me coma’”), coisa que me deixou triste, porque adoro um cabelão.

Mas, aos quinze anos, quando terminei de ler *The Female Eunuch*, fiquei tão animada em ser mulher que, se fosse menino, acho que teria trocado de lado.

Em 1990, com quinze anos e meio, eu andava para lá e para cá dizendo “Sou feminista”, da mesma maneira que um monte de gente anda para lá e para cá dizendo “O primeiro a gente nunca esquece” e “Vale por um bifinho”.

Mas, é claro, pode ser que você esteja se perguntando: “Será que *eu* sou feminista? Talvez não seja. Eu não sei! Até hoje, não sei o que é isso! Sou ocupada e confusa demais para conseguir entender. Aquela cortina realmente ainda não está pendurada! Não tenho tempo de parar para entender se sou a favor da liberação feminina! Parece envolver muita coisa. O QUE ISSO SIGNIFICA?”.

Eu compreendo.

Então, eis aqui uma maneira rápida de ver se você é feminista ou não. Enfie a mão na calcinha.

- a) Você tem vagina?
- b) Quer ser dona dela?

Se respondeu “sim” às duas perguntas, então, parabéns! Você é feminista.

Precisamos retomar a palavra “feminismo”. Precisamos muito, mas muito mesmo pegar de volta a palavra “feminismo”. Quando aparecem estatísticas dizendo que apenas 29% das mulheres norte-americanas se descrevem como feministas — e apenas 42% das inglesas —, eu penso: o que vocês acham que feminismo é, moças? Que parte da “liberação das mulheres” não é para vocês? Será que é o direito de votar? De não ser uma posse do marido? A campanha por equivalência salarial? A música “Vogue”, da Madonna? As calças jeans? Será que todas essas coisas IRRITAM VOCÊ? Ou será que você só estava BÊBADA NA HORA DA PESQUISA?

Hoje em dia, no entanto, estou muito mais calma — desde que me dei conta de que é tecnicamente impossível uma mulher argumentar contra o feminismo. Sem o feminismo, você não teria *permissão* para debater o lugar da mulher na sociedade. Você estaria ocupada demais dando à luz no chão da cozinha — mordendo uma colher de pau para não atrapalhar o carteadado dos homens — antes de voltar a esfregar a latrina. É por isso que aquelas colunistas do *Daily Mail* — que falam mal do feminismo todos os dias — me divertem. Você recebeu 1,6 mil libras por isso, querida. E aposto que foi para a *sua* conta do banco, não para a do seu marido. Quanto mais as mulheres argumentam, em voz alta, contra o feminismo, mais elas provam que ele existe e que elas se aproveitam dos privilégios conquistados a duras penas.

Porque, apesar de todas as pessoas que tentaram abusar e destratar do feminismo, essa continua sendo a palavra de que precisamos. Nenhuma outra serve.

E, vamos encarar, *nunca* existiu outro termo, além de “girl power” — que faz parecer que você é ligada a algum ramo da cientologia liderado pela ex-Spice Girl Geri Halliwell. O fato de “girl power” ter sido o *único* rival da

palavra “feminismo” nos últimos cinquenta anos é motivo de pena. Afinal de contas, P. Diddy tem quatro nomes diferentes, e ele é só *um* homem.

Pessoalmente, não acho que “feminista” por si só seja suficiente. Quero ir até o fim. Quero que ela volte a ser usada com a palavra “estridente”. Assim é melhor. Ela passou tanto tempo sendo a palavra errada que voltou a ser a certa. Ela foi usada para nos violentar! Agora vamos usá-la da maneira certa para nos vingar! Quero recuperar a expressão “feminista estridente”, da mesma maneira que a comunidade negra recuperou a palavra “preto”.

“Vá em frente, minha feminista estridente! Trabalhe a dicotomia masculino/feminino”, vou berrar para minhas amigas, em bares, enquanto *todo mundo* assente com a cabeça em reconhecimento de como somos afiadas e reais — a palavra nos emociona tanto quanto champanhe, pneus cantando na curva e *Helter Skelter*.

O fato de que essa palavra atualmente é subutilizada e desprezada faz com que ela seja ainda mais atraente — é como decidir ser a pessoa que, sozinha, promove o renascimento da cartola. Assim que as pessoas virem como você fica bem usando uma, todo mundo vai querer usar também.

Precisamos da única palavra que sempre tivemos para descrever o ato de “fazer com que o mundo seja igual para homens e mulheres”. A relutância feminina em usá-la envia uma mensagem muito ruim. Imagine se, na década de 1960, estivesse na moda os negros dizerem que não se interessavam pelos direitos civis.

“Não! Não estou nem aí para os direitos civis! Aquele tal de Martin Luther King faz muito barulho. Ele precisa se acalmar.”

Mas, bom, eu entendo por que as mulheres passaram a rejeitar a palavra “feminismo”. Ela acabou sendo invocada em contextos tão absurdamente inapropriados que se você realmente não tivesse consciência dos objetivos centrais do feminismo e estivesse tentando compreendê-lo apenas com base nas conversas que a rodeavam, poderia achar que era alguma espécie de combinação absolutamente sem graça de misandria, tristeza e hipocrisia, que significa roupas feias, raiva constante e, vamos encarar, nada de sexo.

Tome como exemplo a coluna “What I’m Really Thinking” do *Guardian*, que, em 2010, publicou os pensamentos secretos de uma faxineira:

Às vezes eu reflito sobre as ironias do trabalho. Por exemplo, só há roupa masculina para passar. Em uma tentativa de escapar da vida doméstica, as mulheres se recusam a passar a roupa do marido. Parabéns: seu ato de feminismo acabando jogando o serviço para cima de outra mulher, colocando-a assim em uma classe diferente.

Eu já vi essa ideia ser expressa uma centena de vezes — uma feminista de verdade passaria o próprio aspirador, Germaine Greer limpava sua própria

privada, Emily Wilding Davison se jogou embaixo daquele cavalo com as mãos ainda cheirando a produto de limpeza. Com base nisso, quantas mulheres concluíram, com um suspiro, que não poderiam ser feministas, porque têm uma faxineira?

Mas é claro que a contratação de alguém para ajudar com os afazeres domésticos não é um caso de mulheres oprimindo outras mulheres, porque AS MULHERES NÃO INVENTARAM O PÓ. O RESÍDUO QUE FICA NO FUNDO DA PANELA NÃO SAIU DA VAGINA DE UMA MULHER. NÃO É O ESTRÓGENO QUE COBRE OS PRATOS DE JANTAR DE MOLHO DE TOMATE, FARELOS DE PEIXE EMPANADO E RESTOS DE PURÊ DE BATATA. MEU ÚTERO NÃO CORREU ATÉ O ANDAR DE CIMA E ESPALHOU AS ROUPAS DAS CRIANÇAS PELO CHÃO, DEPOIS PASSOU GELEIA NO CORRIMÃO. E NÃO FORAM OS MEUS PEITOS QUE JOGARAM O TRABALHO DOMÉSTICO EM CIMA DAS MULHERES.

A bagunça é um problema da humanidade. Os trabalhos domésticos são preocupação de todos. Um homem que emprega um faxineiro homem seria visto como um simples empregador. A maneira como o fato de um casal heterossexual contratar uma faxineira se transforma em um ato de traição do feminismo não está muito clara — a menos que você acredite que administrar uma casa seja, de algum modo:

- a) uma tarefa feminina, sem discussão
- b) que só pode ser feita por amor, nunca em troca de dinheiro, porque isso de algum modo “estraga” a magia do lar. Como se a louça soubesse que foi lavada por mãos contratadas, e não pela dona da casa, e ficasse triste com isso.

Isso é, obviamente, uma besteira completa — para usar o termo técnico. Tudo o mais neste mundo pode ser feito por alguém pago para isso. Há pessoas que podem descolorir seus pelos anais para você — a menos que você considere seu tom de pele escuro demais para isso. É isso mesmo. Por dinheiro, alguém vai colocar água oxigenada no seu cu e deixar com cara de Marilyn Monroe. Se há minas terrestres no seu quintal, você pode pagar alguém para removê-las. Se você quiser ver duas pessoas transformando a cartilagem nasal uma da outra em purê com os punhos, pode assistir a valeduto. Tem gente por aí recolhendo cocô, trabalhando como mercenário e masturbando porcos para recolher seu sêmen em potes. E, no entanto — entre todos os serviços incômodos —, é errado para uma mulher contratar alguém para limpar a casa.

Quando tinha dezesseis anos, eu *era* faxineira: limpava a casa de uma mulher com uma quantidade enorme de paredes forradas de madeira em Penn Road, Wolverhampton, e ficava emocionada com o fato de que uma pessoa com as minhas qualificações (nenhuma) pudesse ganhar dinheiro passando sapólio nas torneiras de alguém e removendo os restos das panelas com um garfo. Vinte anos depois, tenho uma faxineira.

E ter uma faxineira não tem nada a ver com feminismo. Se uma mulher

de classe média é antifeminista porque contrata uma mulher para limpar a casa, então um homem de classe média certamente comete opressão de classe ao contratar um encanador, não? O feminismo sofreu exatamente do mesmo problema que o “politicamente correto”: muitas pessoas usam o termo sem conhecer de verdade seu significado.

Minha amiga Alexis recentemente deparou com um “senhor de rua” sentado à porta de uma loja, bebendo uma lata de cerveja às 9h07.

“Há, há, há! Não estou sendo muito politicamente correto!”, o mendigo disse, brandindo sua lata como quem faz um brinde.

Claro que encher a cara às nove da manhã na frente da Primark da Western Road, em Brighton, não tem absolutamente nada a ver com ser politicamente correto ou não. Nem com a melhor intenção do mundo. Cara, você é um vagabundo se embebedando. Você não está mostrando o dedo médio para Polly Toynbee, Barack Obama e a BBC. No entanto, um número enorme de pessoas concordaria com a definição do mendigo para “politicamente correto”, que engloba qualquer coisa que seja remotamente divertida, que é “proibida” pela brigada do politicamente correto, em vez da *definição real*: polidez formal. É codificar a cortesia em áreas em que, anteriormente, coisas horríveis eram ditas, como quando se chamava um paquistanês de indiano ou um pedreiro se referia à minha pessoa de quinze anos como “peituda”.

*

Há toda uma geração de pessoas que confundem “feminismo” com “qualquer coisa relacionada às mulheres”. A palavra “feminismo” é considerada absolutamente intercambiável com “mulher moderna” — de certa maneira, é um lembrete feliz do que o feminismo fez, mas, por outro lado, é uma bagunça política, léxica e gramatical.

Ao longo dos últimos anos, vi o feminismo — só lembrando: a liberação das mulheres — ser culpado por: distúrbios alimentares, depressão feminina, aumento das taxas de divórcio, obesidade infantil, depressão masculina, mulheres que engravidam tarde, aumento do número de abortos, mulheres que enchem a cara e aumento nos números de crimes cometidos por mulheres. Mas essas são coisas que simplesmente ENVOLVEM MULHERES, e não têm nada a ver com o movimento político.

Na distorção mais irônica de todas, o feminismo é usado com frequência como um pau — na verdade, pau é inapropriadamente fálico; talvez “como uma moita” seja melhor — que impede as mulheres de agir com tanta liberdade, normalidade e despreocupação quanto um homem. Mesmo que — em alguns casos extremos — agir com tanta liberdade, normalidade e

despreocupação quanto um homem possa destruir *outras* mulheres.

É a mesma coisa que ficar falando mal. Atualmente existe uma ideia de que as feministas não devem falar mal umas das outras.

“Isso não é muito feminista da sua parte”, as pessoas dizem se eu critico outra mulher. “E a noção de irmandade?”, as pessoas perguntam quando Julie Burchill mete a boca em Camille Paglia ou Germaine Greer dá uma cutucada em Suzanne Moore.

Bom, eu acredito que o feminismo só chega até certo ponto — e daí você tem que começar a falar mal. Quando foi que o feminismo virou o budismo? Por que diabos eu, por ser mulher, tenho que ser legal com todo mundo? E por que as mulheres — além de todo o resto — precisam tomar cuidado especial para serem “boas” e “solidárias” umas com as outras o tempo todo? Eu sinceramente acho que essa ideia de “irmandade” é ilógica. Não caio nessa de dar bônus de 20% por “semelhança genital” se deparo com outra pessoa que usa sutiã. Se uma pessoa é babaca, ela é babaca — independentemente de nós duas termos que pegar a fila mais longa do banheiro nos shows.

Quando as pessoas sugerem que o que sempre tolheu as mulheres são *as outras mulheres*, porque só sabemos falar mal umas das outras, fico pensando que elas estão superestimando — e muito — o poder de uma fofquinha durante a pausa para o cigarro. Precisamos lembrar que fazer uma crítica como “O cabelo dela está meio ensebado” não é o que está impedindo as mulheres de eliminar a diferença de 30% no salário nem de conseguir um lugar na diretoria. Acho que o mais provável é que as dezenas de milhares de anos de misoginia social, política e econômica arraigada e o patriarcado sejam a causa, para ser sincera. Isso tem um pouco mais de influência do que uma piada sobre a calça feia de alguém.

Tenho uma regra básica que me permite julgar se está rolando alguma babaquice machista quando o tempo é curto e é necessário fazer um julgamento apressado. Obviamente, não é 100% infalível, mas, de maneira geral, aponta na direção certa.

Meu método consiste em fazer as seguintes perguntas: “Os homens estão fazendo isso? Há homens que também se preocupam com isso? Está tomando o tempo dos homens? Dizem aos homens para não fazer isso, porque ‘denigre a classe’? Os homens precisam escrever livros sobre essa bobagem irritante, retardada e que nos faz perder tanto tempo? Isso faz com que o apresentador Jeremy Clarkson se sinta inseguro?”.

Quase sempre a resposta é: “Não. Ninguém diz aos homens que eles precisam ser de determinada maneira. Eles simplesmente continuam fazendo o que fazem”.

Os homens não são informados de que estão oprimindo outros homens com seus comentários. Presume-se que eles consigam lidar perfeitamente

bem com a ideia de outro homem falando mal deles. Com base nisso, acho que podemos presumir que as mulheres são capazes de lidar com o fato de que outras mulheres falam mal delas também. PORQUE SOMOS ESSENCIALMENTE IGUAIS AOS HOMENS NO QUE DIZ RESPEITO AOS COMENTÁRIOS MALDOSOS.

Isso não significa que devemos começar a agir como vacas e transformar todos os dias em uma sessão de 24 horas de fofoca em que a vida, o guarda-roupa e a psique de todo mundo são destruídos perante nossos olhos. Durante todo o tempo, é necessário lembrar a diretriz humana mais importante de todas: TENHA EDUCAÇÃO. ser educado é possivelmente a maior contribuição diária que todos podem fazer à vida na Terra.

Ao mesmo tempo, perguntar “Os homens estão fazendo isso?” é uma boa maneira de detectar esporos de misoginia num solo que de outra maneira pode parecer um terreno perfeitamente fértil e seguro para se plantar uma filosofia.

Foi com base em “Os homens estão fazendo isso?” que eu finalmente cheguei à conclusão de que era contrária ao uso de burca pelas mulheres. Sim, a ideia é que essa peça protege sua modéstia e garante que as pessoas olhem para você como um ser humano, e não como um objeto sexual. É justo. Mas *de quem* você está se protegendo? Dos homens. E quem protege você dos homens, desde que siga as regras e use as roupas corretas? Os homens. E quem a vê apenas como um objeto sexual e não como outro ser humano, em primeiro lugar? Os homens.

Bom, isso tudo realmente me parece ser um problema com base masculina. Eu com toda a certeza colocaria isso na seção “100% algo que os homens precisam resolver”. Não sei por que *nós* de repente precisamos colocar coisas na nossa cabeça para melhorar a situação. A menos que você realmente, de verdade, goste do adereço e vá usá-lo mesmo que esteja sozinha, assistindo à novela *EastEnders*; nesse caso, pode prosseguir. Minha educação aceita sua escolha. Você pode ser o que quiser — desde que tenha certeza de que é isso mesmo que você quer, e não que fez uma escolha entre duas opções péssimas que lhe são impostas.

Porque o objetivo do feminismo não é criar um tipo específico de mulher. A ideia de que existem “tipos” absolutamente errados e certos de mulher é o que tem ferrado o feminismo há tanto tempo — essa crença de que “nós” não aceitamos pessoas desprezíveis, pessoas burras, pessoas que falam mal das outras, pessoas que contratam faxineiras, pessoas que ficam em casa com os filhos, pessoas que andam em carros cor-de-rosa com um adesivo que diz: MOVIDO A PÓ DE PIRLIMPIMPIM, pessoas que usam burca, pessoas que gostam de imaginar que são casadas com Zach Braff, de *Scrubs*, e que os dois às vezes transam na ambulância enquanto o resto do elenco vê e bate palmas. Quer

saber? O feminismo aceita todas vocês.

O que é feminismo? Simplesmente a crença de que as mulheres devem ser tão livres quanto os homens, por mais loucas, burras, delirantes, malvestidas, gordas, retrógradas, preguiçosas e presunçosas que sejam.

Você é feminista? Há, há, há. Claro que sim.

5. Preciso de um sutiã!

Claro que o feminismo só é capaz de levá-la até certo ponto — aí você tem que ir às compras. Não estou falando de compras ao estilo *Sex and the City* — essa crença é uma experiência divertida e reveladora, um pouco parecida com a meditação, mas com uma perna entalada em uma legging tamanho 42. Pessoalmente, eu acho bizarra a ideia de que as mulheres *adoram* fazer compras — quase todas as mulheres que eu conheço têm vontade de chorar depois de 45 minutos batendo perna em uma rua comercial à procura de uma camisa, e buscam conforto em uma garrafa de gim com ansiedade nas tristes ocasiões em que é necessário sair para procurar um jeans.

Não. Quando digo “compras”, estou falando apenas em “sair para providenciar uma coisa que você de fato precisa” — como calcinhas. Porque, aos quinze anos, eu preciso de calcinhas. Preciso muito de calcinhas. Talvez eu esteja pronta para estapear o patriarcado e fazer minha tatuagem de *SOU UMA FEMINISTA ESTRIDENTE*, mas não se isso incluir mostrar para alguém o conteúdo da minha gaveta de roupas íntimas. Quem eu quero enganar? Nem tenho uma gaveta de roupas íntimas. Tudo o que tenho — uma calça, dois coletes, duas meias-calças, uma saia, três camisetas e uma malha carcomida — está em uma caixa de papelão embaixo da cama. Na verdade, não tenho nenhuma roupa íntima.

O que eu tenho são sobras. Aos quinze anos, fiquei grande demais para qualquer coisa que se pudesse comprar na loja minúscula e antiquada da Warstones Road — onde as calcinhas infantis são guardadas em uma parede enorme de gavetas de madeira, e as que você escolhe lhe são entregues em um saco de papel, como se fossem cem gramas de doces ou costeletas.

Então, como no momento somos pobres demais para comprar calcinhas novas, de adulto, eu me torno a detentora do legado da roupa íntima dos Moran: quatro calçolas antigas da minha mãe. Do tipo que uma criança de cinco anos desenharia em um varal. Elas foram enfiadas no sabão em pó com água fervendo tantas vezes que as listras cor-de-rosa agora são sombras pálidas, parecidas com os contornos cinzentos que as pessoas supostamente deixam nas paredes depois de uma explosão atômica.

Além disso, o elástico da cintura só se prende à parte principal da calcinha de vez em quando — o pano se dependura da borracha esticada demais como se fosse uma bandeira. Parecia que tinha uma festa na minha calcinha, para a qual absolutamente ninguém tinha sido convidado.

Eu não era uma criança especialmente fresca, então usar as calcinhas da minha mãe não fez com que eu tivesse nenhum pensamento negativo. Afinal de contas, eu dormia na cama em que minha avó tinha morrido — bem no

meio da impressão imensa que o corpo dela deixou no colchão, aliás; eu uso o fantasma dela como camisola —, então aquilo era coisa pouca.

Pelo menos até um dia em que estou sentada no jardim com Caz. Estamos desenhando, com um pedaço de carvão, bigode, barba e monocelha, no maior silêncio e com todo amor, em Cheryl, de dois anos, que dorme.

Tudo é bastante idílico até que Caz aponta com a cabeça para Cheryl e diz — com a mistura de nojo e capacidade de jogar merda no ventilador que ela tem e que faz com que minha adolescência seja tão divertida: “Mamãe provavelmente estava usando sua calcinha quando ela foi concebida. Papai deve ter ARRANCADO a calcinha para fazer Chel. Ele foi TODO SENSUAL. PARA A SUA CALCINHA”.

Obviamente, depois disso eu bato em Caz. Bato nela com toda a minha força, de modo que ela cai para trás.

“Sua TARADA!”, eu berro. “Tarada” é a nossa palavra nova. Nós todos lemos muito — e rápido demais, talvez. Recentemente, começamos a usar a palavra “paradigma”, que pronunciamos da maneira errada. O autodidatismo tem suas desvantagens. Ou “desvantagens”, como provavelmente diríamos, sem nunca ser corrigidas.

“Sua CARA DE PINTO!”, Caz berra e me chuta como um canguru. Se fosse um filme, a foto que minha mãe tirou há apenas três semanas — de nós duas abraçadas no patamar da escada, de camisola — apareceria na tela lentamente, confundindo-se com a imagem, depois pegando fogo até se transformar em cinzas. Nossa *entente cordiale* é suspensa por mais um ano.

Mas só fiquei chateada naquela tarde. Eu não tinha escolha além de relaxar e continuar usando as calcinhas, como aconteceria por mais quatro longos anos. Eu simplesmente não tinha nenhuma outra opção. Essa é uma das razões por que ser muito, muito pobre é um saco. Você tem que viver com calcinhas que lhe dão pesadelos.

Roupa íntima — calcinhas e sutiãs principalmente, mas também anáguas, meias-calças e afins — são as roupas especiais da mulher. São o equivalente feminino do macacão e do capacete de bombeiro. Ou dos sapatos gigantesco de um palhaço. Precisamos dessas coisas para o “trabalho” que é ser mulher. É necessário, do ponto de vista técnico. Quer dizer, toda mulher é diferente, mas, com mais frequência do que o contrário, é necessário ter um sutiã para chegar ao fim do dia — principalmente se o dia inclui andar de ônibus ou usar vestido decotado. Senão, é necessário fazer aquela coisa de sair correndo e segurando o busto — ou os peitos começam a pular de maneira tão violenta que ficam parecendo aquelas franjinhas dos sutiãs das strippers, e sem querer hipnotizam algum passageiro. Já aconteceu comigo. Foi péssimo.

Da mesma maneira, ao passo que Judith Chalmers, do programa de

turismo *Wish You Were Here...?*, é famosa por não usar calcinha nunca — nem para subir à Acrópole —, acho que a maior parte de nós conhece os riscos que isso acarreta. Sim. Aranhas podem subir pelas suas pernas e fazer um ninho dentro de você, botando ovos na sua preciosa. Emma Parry, da escola, conhecia uma menina que tinha uma prima com quem isso tinha acontecido, em Leicester. Quando as pequenas aranhas saíram, estavam com fome e comeram os pelos da bunda dela. Não fique olhando para mim horrorizada — só estou relatando uma notícia muito importante em Wolverhampton, em 1986. Na época, fiquei surpresa pelo fato não ter sido divulgada em âmbito nacional.

Acho que todos podem ver, com bastante clareza, que os riscos de uma mulher viver sem calcinha são altos demais.

Afinal, durante os quatro anos e meio que eu usei as calcinhas da minha mãe, eu sabia que estava sendo reprovada em uma parte importantíssima do currículo de ser mulher: elas supostamente ficam bem de roupa íntima. As calcinhas precisam ser de arrasar. Os sutiãs têm que ser fenomenais. Existe uma suposição amplamente difundida de que, na verdade, uma mulher de roupa íntima está em seu melhor.

E, para ser sincera, com frequência é mesmo. Trata-se de um daqueles talentos natos do sexo frágil, gentil e cheio de curvas — nós realmente somos capazes de encher calcinha e sutiã bastante bem. Se seus peitos ficam razoáveis em um sutiã razoável, não importa se o resto do seu corpo se parece com um mingau que caiu no chão e foi atacado pelo gato — *todo mundo* vai olhar para os peitos no sutiã. A magia deles é desproporcional às suas capacidades: eles não podem curar os doentes nem resolver equações complexas, só ficam lá acomodados em um sutiã e, de vez em quando, balançam de maneira excitante.

De fato, a ampla seleção de roupa íntima — ao longo das eras e das culturas — é notável pelo fato extraordinário e improvável de que quase todas as peças fazem com que você fique gostosa. Parafraseando Will Smith em *Homens de preto*, nós fazemos essa merda ficar bonita.

*

A magia da boa roupa íntima — aquela que é tão boa que você quer chamar de “lingerie”, exagerando no sotaque francês — é infinita. Quando conseguem uma peça boa de verdade — uma daquelas que têm status olímpico; aquelas que as vendedoras reservam apenas para as “clientes especiais” —, garotas heterossexuais podem fazer com que outras garotas heterossexuais virem a cabeça para ver.

Certa vez, fui parar em um clube de striptease com minha amiga Vicky. É

uma longa história. De fato, é quase todo o capítulo 9. Quando, por volta de uma da manhã, uma stripper chamada Marina nos ofereceu uma dança, minha cabeça estava girando depois de apenas três minutos. Eu estava com algum tipo de tontura de lingerie imperial. A bunda fantástica, de Branca de Neve, de Marina estava envolvida, como um presente, em cetim cor de cereja, com fitas escorrendo pelas coxas. Enquanto ela balançava de um lado para o outro, bêbada, dando risada, era impossível pensar em qualquer outra coisa além de como era impressionante o fato de sermos capazes de ouvir o barulho bem, bem baixinho do tecido raspando contra a pele dela, e como era enorme a tentação de puxar aquelas fitas, como se fossem um freio de emergência, e fazer com que ela parasse de maneira repentina, cantando o pneu, bem na nossa cara.

Marina obviamente teve a mesma ideia. Cambaleante de vodca, ela tinha acabado de nos pedir que puxássemos as fitas *com os dentes* quando um segurança entrou e berrou: “NÃO PODE ENCOSTAR! NÃO PODE ENCOSTAR!”.

Cabisbaixa, ela se afastou de nós: a brincadeira das meninas tinha terminado. Saí do clube em êxtase, com a cabeça completamente abalada por causa da combinação de champanhe doce e gaveta de lingerie no alerta de segurança três de Marina.

Então, permita-me louvar um pouco a lingerie — recitar os salmos das gavetas menores no alto da cômoda. Meias-calças — pretas, com costura ou transparentes — que permitem que você transe instantaneamente, espontaneamente, em pé; talvez antes mesmo de dizer: “Precisa que eu assine o recibo?”.

Calcinhas francesas de cetim pêssego, com babadinhos na parte de trás. Calcinhas tipo shortinho em cores berrantes, corseletes chamativos: azulão, vermelho, dourado como a aliança no chão. A alegria espumante e enevoadada do tule. A maneira como a seda desliza pela sua pele, como uma folha de óleo. Assistir ao sangue correr através da quase invisibilidade da renda. A linha preta que vai da panturrilha à coxa. O ilhós com a carne sobrando por baixo. Botões arrancados. A bainha.

Tenho uma anágua azul com rosinhas minúsculas e uma cinta-liga preta que me deixam mais feliz do que praticamente qualquer outra coisa que eu possua. Além de essas peças incorporarem o espírito dos cartões-postais de pornô soft dos anos 1950 em cuja ousadia e alegria baseei a maior parte do meu guarda-roupa e da minha sexualidade, eu ainda pareço supermagra com elas. Isso tem ocorrido com frequência com a roupa íntima: a peça certa pode ser a vestimenta mais lisonjeira que você vai usar na vida.

Ah se o mundo soubesse como somos fantásticas por baixo de toda aquela roupa...

Mas, é claro, o mundo sabe — e quase sempre! Ser capaz de usar roupa íntima com brilhantismo é um talento fundamental para a mulher, e há até concursos para julgar quem faz isso melhor: Miss América, Miss Mundo, Miss Internacional, Miss Universo. Podem chamar de “rodada da roupa de banho” — nós sabemos que o significado real é “rodada da calcinha e do sutiã”.

Tenho certeza de que era isso que as pessoas diziam até trinta segundos antes da primeira Miss Mundo da história começar, quando alguém se inclinou para perto de Eric Morley e — com a mão tapando o microfone enquanto a música tocava bem alto — disse: “Olha, Eric. Tem essa coisa do feminismo. Não acho que seja uma moda passageira. Parece que veio para ficar por um tempo. Será que dá para a gente fingir que a rodada do sutiã e da calcinha tem a ver com roupa de banho?”.

Talvez seja pelo fato de termos formalizado a capacidade de usar sutiã e calcinha em uma competição com prêmios incríveis — viajar pelo mundo todo para conhecer gente velha e crianças! Transar com jogadores de futebol! Ganhar uma coroa! — que, ao longo dos anos, o ato de usar calcinha foi ficando cada vez mais árduo. Elas foram ficando mais e mais complicadas. Porque foram ficando menores. Muito menores. Minúsculas.

Há alguns meses, eu estava em um metrô lotado com uma amiga, que foi ficando cada vez mais pálida e quieta até que, finalmente, inclinou-se para frente e admitiu que estava usando uma calcinha tão pequena que a bunda dela tinha engolido a peça toda.

“No momento, estou usando no clitóris — como se fosse um chapeuzinho”, ela disse.

Obviamente, isso não é certo. Jesus Cristo. Calcinhas assim precisam ser bombardeadas de volta à Idade da Pedra. Batman não tem que engolir essas merdas — por que nós temos? As mulheres precisam, como direito humano básico, receber roupa íntima suficiente para se prender às suas partes externas, como uma estrela-do-mar — e não ser lentamente sugada pela gravidade profunda da parte interna e ser internalizada devido à fricção do movimento. Isso é loucura.

Vou deixar bem claro, aqui mesmo, agora mesmo: sou a favor das calcinhas grandes. Feministas estridentes **PRECISAM** de calcinhas grandes. Grandes mesmo. No momento, estou vestindo uma que poderia ser usada como manta para apagar o Grande Incêndio de Londres em qualquer momento das primeiras 48 horas do evento. Ela se estende do alto da minha coxa até meu umbigo e faz as vezes, com muita eficiência, de uma segunda residência onde posso passar os fins de semana. Se eu fosse me candidatar ao Parlamento, seria apenas com base na plataforma “Fazer as mulheres vestirem calçolas enormes”.

Queridas leitoras, se eu as aborreci com a quantidade de informações que

acabaram de obter a respeito das minhas predileções por roupa íntima, sinto muito, mas trata-se apenas do mesmo nível de aborrecimento com que tenho que lidar quando fico sabendo da predileção por roupas íntimas de outras pessoas. No século XXI, isso já não é mais segredo. Saias-lápis, calças jeans com lycra e leggings: tudo isso nos permite vislumbrar o contorno perfeito da calcinha da portadora, bem parecido com a marca de um antigo sistema de drenagem no programa de TV *Time Team*.

E o que esses resultados nos revelam é que quase não existe, na Inglaterra, uma mulher que use uma calcinha que de fato serve nela. Em vez de usar algo que, de maneira sensata e reconfortante, contenha as duas nádegas — o que *eu* chamo de uma boa calcinha —, as inglesas usam coisas que são pouco mais do que acessórios para os glúteos. Todas usam tanga, fio dental, biquíni, tapa-sexo, cavada ou shortinho.*

Essas repartições apertadas, com elástico, no meio do traseiro, são, tanto em termos de conforto quanto de estética, tão cruéis quanto a divisão entre a Índia e o Paquistão. Acarretam deslocamentos físicos catastróficos. Partes do corpo inteiras são separadas ou empreendem amplas migrações. Com meus próprios olhos, vi mulheres andando por aí com algo entre duas e oito nádegas — localizadas em qualquer lugar entre o quadril e o meio da coxa. Essa deformação forçada não é culpa da calcinha. Elas são muito pequenas, por isso estão sobrecarregadas. Estão em minoria. São o Álamo.

Mulheres, esse tipo de roupa íntima não pode ser um ato de sanidade. Por que estamos privando nossos traseiros de recursos — como um metro extra de material — para que fiquem confortáveis? Por que nos entregamos à calcinhorexia?

Claro que isso é um sintoma da crença demente das mulheres de que, a qualquer momento, podem topar com uma inspeção surpresa de sua “gostosura total”. As mulheres usam calcinhas pequenas porque acham que são sensuais. Mas, nesse aspecto, as mulheres perderam toda a noção. Moças! Em quantas ocasiões no ano que se passou vocês *precisaram* usar uma calcinha minúscula? Em outras palavras, para deixar as coisas bem claras, quantas vezes você, de repente e de modo inesperado, transou em um local bem iluminado com um *connoisseur* erótico difícil de agradar?

Exatamente. Talvez você devesse guardar um jogo de gamão lá atrás para poder entreter um grupo de senhoras de idade no caso de emergências — a probabilidade de usá-lo seria maior.

Quando o assunto é sexo, você realmente precisa se lembrar de que os homens são criaturas abençoadas que sabem perdoar. Eles não se importam com o tipo de calcinha que você usa. Uma vez que sua calcinha foi para o beleléu, você podia muito bem ter usado um saco de supermercado com buracos para as pernas, porque isso não faria com que eles perdessem o estímulo. HÁ HOMENS POR AÍ TRANSANDO COM BICICLETAS. Eles não se incomodam

nem um pouco com o fato de você estar usando calcinha ou não.

Imagine se os homens sofressem desse nível de preparação excessiva. Se fosse assim, eles carregariam sempre duas passagens para um fim de semana prolongado em Praga na cueca, para o caso de, de repente, depararem com uma moça que precisasse de romance **IMEDIATAMENTE**. E os homens não fazem isso. Não mesmo.

Claro que, por serem um problema pequeno, tanto do ponto de vista literal quanto do figurado, as calcinhas acarretam ramificações enormes para nós enquanto nação. Ninguém pode ter deixado de notar que nosso poder nacional diminuiu em sincronia com nossas calcinhas.

Quando as mulheres usavam roupas de baixo que se estendiam do queixo aos pés, o sol nunca se punha no Império Britânico. Agora que a mulher inglesa média poderia colocar calcinhas para uma semana em uma caixa de fósforos, temos pouco mais que o domínio sobre Jersey e a Ilha de Man. Tudo de bom que as mulheres obtiveram com o direito ao voto foi desfeito por sua luta constante com calcinhas minúsculas. Como é que 52% da população espera vencer a guerra contra o terrorismo se não consegue nem se sentar sem fazer careta?

OBSERVAÇÃO: a única ocasião em que de fato não é boa ideia usar calcinha é nos festivais de rock, se você estiver com um vestido que vai até o chão. Nesse caso, qualquer mulher compreensivelmente irritada com as filas de meia hora para ir ao banheiro pode simplesmente fazer um “xixi de festival”. Para isso, a moça distinta deve se sentar em um trecho de grama livre, com o cuidado de espalhar a saia ao redor de si à maneira de Deborah Kerr em *O rei e eu*. Depois de se assegurar de que a saia está disposta de maneira adequada, ela pode então fazer seu xixi tranquilamente, ali mesmo onde está sentada, sem que ninguém repare — e depois esperar que as brisas suaves da natureza sequem a “região”.

É assim que eu imagino que Branca de Neve fazia suas necessidades quando foi abandonada na floresta pelo caçador. E como Galadriel de *O senhor dos anéis* fazia xixi sempre e quando a necessidade se apresentasse.

MAIS UMA OBSERVAÇÃO: esse plano só pode dar errado no caso de formigas. Formigas **NÃO** gostam de levar xixi na cabeça.

Mas é claro que a calcinha só representa metade do negócio da roupa íntima — a metade de baixo. E a metade de cima — o sutiã? Eles têm força própria. A cada quatro anos, quando chega a Copa do Mundo, o ponto forte

do evento para mim e minhas cinco irmãs é um jogo do Brasil. Qualquer jogo do Brasil. Brasil contra qualquer um. “BRA!”, nós berramos, apontando para a tela. “BRA! Está escrito BRA! BRA!!!!!!”**

Batemos os calcanhares no sofá, como se estivéssemos sendo estranguladas por toda a diversão que aquilo proporciona.

“BRA!!!!!!!!!!”, gritamos, com o rosto tão vermelho de rir que parece que fomos escaldadas. “BRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!!!!!!!”

Fora ter encontrado uma cidade chamada Pintópolis em um mapa, em 1991, essa foi a coisa mais engraçada que aconteceu na nossa vida.

O sutiã talvez seja o item mais grosseiro do vestuário feminino. Se duvida disso, faça esse teste simples: jogue um sutiã em um menino de nove anos. Ele vai reagir como se uma ratazana viva tivesse caído na cabeça dele. Vai correr, berrando, para longe de você — como uma criança vietnamita coberta de napalm. Ele não consegue encarar a grosseria de um sutiã.

Graças a Deus, nós, moças, somos capazes de fazer isso — porque um bom sutiã pode ser uma das maiores ajudas que a mulher vai receber na vida. Aos 35 anos, meus seios ainda parecem dois pêssegos. Mas aqueles pêssegos que você encontra no fundo da bolsa — depois de ter se esquecido de que tinha deixado lá para um lanchinho. Pêssegos que foram claramente amassados por suas chaves de um lado e que têm uma passagem de ônibus colada do outro. Aqueles pêssegos para os quais você olha com desconfiança no supermercado, com uma plaquinha de “dez por uma libra”, e diz: “Acho que dá para fazer um suco com eles...”.

É a amamentação. Amamentei dois bebês que tiveram muita cólica. Desde o dia em que minha segunda filha teve um ataque de berros na estrada e eu tentei acalmá-la virando para trás com o cinto de segurança ainda afivelado e tentando enfiar meu peito na boca dela, eles foram para o saco. E eles — Deus os abençoe — sabem disso. Se fossem personagens de um filme, seriam a moça que tropeça quando um grupo está sendo perseguido pelos nazistas e berra: “Sigam sem mim! Tive uma boa vida!”. Meus peitos desejam o bem para o resto do meu corpo, mas sabem que não vão chegar lá.

Mas quer saber de uma coisa? Tudo bem! De verdade. Em primeiro lugar, não sou uma modelo internacional, por isso posso ter peitos que se parecem com os bigodes do Eufrazino e o resto do mundo não tem nada a ver com isso. Ninguém jamais vai me julgar por causa deles! Rá! O patriarcado pode tentar me deixar tão insegura em relação aos meus peitos quanto quiser! É o passatempo dele! Além de lançar dardos! Mas eles não podem me obrigar a nada! Porque sei que as únicas pessoas que vão vê-los nus vão se aproximar deles com atitude de imensa gratidão — crianças famintas e homens prestes a se dar bem na cama.

E, durante o resto do tempo, eu tenho meu amigo fiel, o sutiã, para me

ajudar. Ah, sutiã. Eu te amo. Você é o equivalente do ketchup no reino da lingerie: tudo fica maravilhoso com você. Você pode colocar dentro do sutiã certo o que restou das suas mamas — talvez com a ajuda de uma pá ou do seu amado —, e ele vai moldar essa matéria-prima em dois montinhos femininos adoráveis.

Hoje em dia, eu simplesmente enrolo meus peitos em frangalhos como uma mangueira de incêndio e confio em uma peça poderosa de engenharia para colocá-las mais ou menos no local anatômico correto. Se ficassem soltos, eu simplesmente teria de chutá-los, como um vestido comprido demais, enquanto caminho. Mas, com meu sutiã, posso colocá-los em qualquer lugar. De fato, quando ajusto as alças dele, é mais ou menos como se fosse uma brincadeira de “acerte o rabo do burro”. “Acerte os peitos da mulher de trinta e tantos anos.” Se eu não estiver usando minhas lentes de contato, eles podem parar em qualquer lugar. Sei que um dia vai acontecer de eu sair de casa, de ressaca e apressada, com os peitos na cabeça.

Por outro lado, se você viver de acordo com o sutiã, precisa morrer de acordo com o sutiã. Como seria de esperar de um item capaz de efetuar uma magia tão poderosa, às vezes o sutiã está propenso a se transformar em um ser do mal e tentar destruí-la. Pense nele como algo parecido com Saruman em *O senhor dos anéis*, mas com um lacinho no meio.

Em *Cougar Town* — o seriado com Courteney Cox sobre uma mulher divorciada na casa dos quarenta anos que tenta, toda semana, conseguir um pau de meio metro de um garotão de vinte e poucos anos antes da meia-noite — há uma fala em que ela explica para uma amiga mais nova por que não gosta mais de sair para dançar.

“Tenho vinho melhor do que este em casa”, ela diz e ergue um pinot grigio que parece bem sem graça, mesmo na TV. “E, a esta hora da noite, a única coisa que eu quero fazer é tirar o sutiã.”

Para as pessoas que nunca usaram um sutiã — homens, crianças, animais e a modelo Agyness Deyn —, é quase impossível descrever o prazer completo e puro que advém de tirar certos sutiãs. Uma vez tive um sutiã — azul, com arame, um pouco de bojo, lindo, muito caro — tão cruel de apertado que liguei para a loja em que o tinha comprado no terceiro dia, em meio a lágrimas.

“É para machucar assim mesmo?”, perguntei, tentando segurar um soluço.

“Você só precisa deixar lassar”, a mulher disse, rígida, como se fosse um sargento de treinamento do Exército instruindo os novos recrutas a mijar nas botas para amaciar o couro. No final, acabei domesticando aquele sutiã — mas, nas primeiras vinte vezes que o usei, cheguei às seis da tarde todos os dias e fui *correndo* para o andar de cima para tirá-lo, suspirando feito um

astronauta quando tira a roupa espacial. Eu o atirava no chão e esfregava o vergão que tinha deixado, feito um monge cuidando dos efeitos posteriores do uso de um cilício.

O alívio de tirar um sutiã ruim é incomensurável. É uma combinação de colocar os pés para cima, ir ao banheiro, tomar uma água gelada em um dia quente e se sentar nos degraus de um trailer para fumar. A remoção de um sutiã ruim é a medida das suas amizades. Se você se sente à vontade quando vai à casa de alguém no fim do dia para dizer “Vou tirar o sutiã”, sabe que a dona da casa é sua amiga íntima.

Claro que, de vez em quando, a remoção de um sutiã ruim precisa acontecer em locação mais urgente. Já vi mulheres tirando sutiãs em táxis, ao voltar de uma casa noturna; e mulheres tirando sutiãs em táxis que ainda estão na porta da casa noturna.

Uma vez, vi acontecer em uma parada de ônibus, na frente do bar Rumba, na Camden High Street.

Eu entendi.

Para qualquer idiota que diga: “Você é feminista? E por acaso já queimou seu sutiã, hein? HEIN? Você já queimou seu sutiã, sua feminista?”, você deve responder, com toda a calma: “Tolo. TOLINHO. O sutiã é meu amigo. Meu amigo do peito. Meu íntimo. Tirando aquele da Janet Reger que era só um dedo menor que o meu tamanho e cortou a circulação para a minha cabeça. É. Aquele, eu o embebi em gasolina e queimei na frente da embaixada dos Estados Unidos”.

* Este último, para as não iniciadas, parece ser algo que lhe dá cobertura completa, mas se resume a uma faixa preta e estreita. Como se sua área reprodutiva tivesse sido vítima de um crime terrível, estivesse sendo entrevistada por algum telejornal e precisasse ter sua identidade preservada.

** “Bra” é “sutiã” em inglês. (N. T.)

6. Sou gorda!

Então, agora estamos em 1991. Eu tenho dezesseis anos e estou sentada no gramado da Catedral de São Pedro, com Matthew Vale, fumando.

Matt é — tanto de acordo com sua própria avaliação quanto a de diversos consultores independentes — o adolescente mais legal de Wolverhampton. Ele tem o catálogo inteiro dos Byrds e um monte de blusas largas de brechó, e quando dança sabe o que está fazendo: copiou alguns de seus movimentos das Supremes. Um dos primeiros discursos que ele fez para mim foi a respeito de como sempre se deve ter um plano quando se entra na pista de dança.

“Não vá lá simplesmente e fique... fazendo papel de boba”, ele disse, tragando seu cigarro. “Conte uma história.” É um bom conselho. Matt tem muitos bons conselhos a dar. Outra coisa que ele me diz é: “Tente não ser uma completa idiota”. Uma vez que alguém lhe diz isso, é surpreendente notar o número de pessoas que *nunca* escutaram esse conselho. É uma dica sábia.

Quando você conhece Matt, a primeira coisa que ele diz — enquanto joga a franja na frente dos olhos — é que ele joga a franja em cima dos olhos porque teve uma viagem ruim de ácido e nunca mais conseguiu encarar ninguém. “Às vezes, eu fico preocupado que, se as pessoas me olharem nos olhos, elas vejam que eu sou o *demônio*.”

Faz seis meses que a gente se conhece, e um dia eu o vejo deitado na cama, com o cabelo para trás. E percebo que na verdade ele só é um pouco vesgo e não quer que ninguém repare.

Sim, é claro que sou a fim dele. Meu Deus, como sou a fim dele. Eu não era, até que minha amiga Jools o viu no centro e depois exclamou ao telefone: “Quem era ele? Ele. É. Um. Gato”.

Antes disso, eu me orgulhava da nossa relação fraternal. Depois de ouvir o tesão gritante na voz de Jools, no entanto, parei de me enganar e reconheci que ele tinha 1,90 m de altura, um monte de pelo embaixo das blusas largas e olhos verdes de dragão. Quando pensava em beijá-lo, eu pensava em como a boca dele era rosa e linda, como a de uma menina. Em como eu ia ter que saborear aquilo com todo o cuidado, para que durasse mais. A boca dele era pequena, mas enchia metade da minha cabeça. Eu tenho dezesseis anos, eu tenho dezesseis anos, eu tenho dezesseis anos, ele tem dezenove, e estamos no gramado da Catedral de São Pedro, fumando.

É fim de outubro. Dois meses se passaram desde que nos conhecemos — em um curso de cinema para adultos, no qual nós dois imediatamente descobrimos que não tínhamos nenhum talento —, e esta é a primeira vez

em que ficamos juntos sozinhos. Basicamente, estamos testando um ao outro como amigos.

Eu já vi a namorada dele, por isso sei que não vai rolar — a menos que ela morra de repente, o que seria muito, muito, MUITO triste —, mas nosso dia é muito legal: compramos uma fita por cinquenta centavos de *Tango in the Night* do Fleetwood Mac na loja beneficente que ajuda a pesquisa contra o câncer, roubamos desodorante da farmácia e ficamos circulando pelo Mander Centre e pela Queen Square.

Estou muito bem vestida, ali sentada no gramado da catedral com ele, respirando forte. Estamos em 1991 e eu comecei a ganhar dinheiro — como a pessoa menos importante do semanário musical *Melody Maker* — e, portanto, pela primeira vez na vida, posso comprar roupas em lojas de verdade, em vez de brechós. Uso uma camiseta turquesa tie-dye com saia comprida, botas e colete. Tenho dezesseis anos, tenho dezesseis anos, tenho dezesseis anos e essas são as minhas melhores roupas, esse é o meu melhor dia, e um bando de pombos passa à nossa frente, com asas de linho, e é outono, e o céu não acaba nunca, e eu posso esperar por ele, eu vou esperar por ele, ela *pode* morrer, afinal de contas, ela pode facilmente morrer, sempre tem gente caindo morta dentro de um ônibus.

E então Matt pergunta:

“Você tinha algum apelido na escola?”

E eu respondo:

“Tinha.”

E ele pergunta:

“Chamavam você de gordinha?”

Então, essa foi a primeira vez na vida que eu senti o mundo parar — apesar de não ter sido a última, é claro. Tudo ficou muito frio, imóvel e colorido por um segundo. Houve um flash. Alguém tirou uma foto nossa, para voltar a me mostrar no fim da minha vida, em uma apresentação de slides: “Aqui estão alguns dos seus piores momentos!”. Eu e Matty Vale, no gramado da catedral, em outubro de 1991.

Porque eu sinceramente achei que ele não tinha reparado, há, há, há. Achei que eu tinha escondido aqueles 25 quilos extras com todo o cuidado, por baixo da minha camiseta nova e do meu colete, e eu falava rápido demais para ele conseguir ver. Achei que, como meu cabelo era comprido e brilhante e meus olhos eram azuis, isso ia ficar em segredo. Achei que ele talvez não tivesse reparado que eu era gorda.

Eu disse — pronto, eu disse. Porque eu tenho dezesseis anos, dezesseis anos, dezesseis anos, e peso cem quilos. A única coisa que faço é ficar à toa, comendo pão com queijo e lendo. Sou gorda. Somos todos gordos. A família

toda é obesa.

Nós não temos nenhum espelho de corpo inteiro em casa, então, sempre que quero me ver nua, preciso ir até a loja de departamentos Marks & Spencer e fingir que vou experimentar uma saia xadrez, então vou ao provador e olho para mim mesma ali.

Sou virgem, não pratico esportes, não carrego objetos pesados, não vou a lugar nenhum para fazer nada, por isso meu corpo é essa coisa vasta, dormente e pálida. Lá está ele, sem jeito no espelho, parecendo à espera de más notícias. *Ele* é a má notícia. Adolescentes supostamente têm que ser esbeltas e gostosas. O corpo gordo de uma adolescente não tem utilidade para ninguém, muito menos para uma adolescente. É um albatroz. Uma ave branca de tamanho descomunal. Eu o arrasto como se fosse uma âncora.

Sou só um cérebro dentro de um recipiente, digo a mim mesma. Isso é reconfortante. Sou um cérebro dentro de um recipiente. As outras partes não importam. É isso que meu corpo é. “As outras partes.” O recipiente. Sou inteligente, por isso não importa se sou gorda.

Sou gorda.

Tenho plena consciência do significado da palavra “gorda” — o que *realmente* significa quando a pronunciamos ou pensamos nela. Não é uma simples descrição como “morena” ou “34 anos”.

É um palavrão. É uma arma. É uma subespécie sociológica. É uma acusação, uma aversão e uma rejeição. Quando Matt pergunta se costumavam me chamar de “gordinha” na escola, ele já está me imaginando nas camadas mais baixas da hierarquia escolar — já que estamos falando de Wolverhampton, em 1986, amassada entre as duas crianças asiáticas, o menino que gagueja, a testemunha de Jeová caolha, o aluno com necessidades especiais, o menino que é obviamente gay e o garoto tão magro que *vivem* perguntando se Bob Geldof já passou na casa dele.

Matt vai ser solidário comigo, e isso significa que nunca vai me comer, e isso significa que eu vou morrer de infelicidade terminal — possivelmente dentro da próxima hora, talvez antes de terminar o cigarro, que percebo estar molhado por causa das minhas lágrimas.

Na minha família, na minha família gorda, ninguém jamais diz a palavra “gordo”. “Gordo” é a palavra que a gente escuta sendo gritada no playground ou na rua — nunca foi permitida no âmbito da residência. Minha mãe não quer saber dessa imundície dentro da casa dela. Em casa, juntos, estamos a salvo. É como se fosse um espaço reservado para os lerdos e carnudos. Ali, nossos sentimentos não serão feridos porque nunca reconhecemos a existência da gordura. Nunca nos referimos ao nosso tamanho. Somos os elefantes na sala.

Mas o silêncio é a coisa mais opressiva de todas. Porque existe uma aceitação silenciosa, um dar de ombros estoico em relação a todas as coisas do mundo que jamais serão para nós: shorts, piscinas, vestidos de alcinha, passeios no campo, patins, minissaias, blusas frente única, saltos altos, escalar, sentar em banquetas altas, passar na frente de construções, paquerar, beijar, ter autoestima.

E perder peso, claro.

A ideia de sugerir que não *precisamos* ser gordos — que as coisas podem mudar — é a perspectiva mais distante e irreal de todas. Somos gordos agora e seremos gordos para sempre. Não devemos nunca, jamais mencionar esse fato, e ponto final. É igual ao chapéu seletor do Harry Potter. Fomos escolhidos para o grupo dos gordos, e é isso que devemos ser para sempre, até a morte. É a nossa raça. Nossa espécie. Nosso modo de ser.

Como resultado, há muito pouca coisa no mundo exterior — e uma parte muito pequena do ano — que podemos aproveitar. O verão é suar embaixo de camadas de acanhamento. Em dias de tempestade, o vento empurra as saias contra as coxas e assusta tanto nós quanto os observadores e transeuntes, imagino.

O inverno é a única estação em que de fato nos sentimos à vontade: cobertos da cabeça aos pés com malhas, casacos, botas e gorros. Desenvolvo uma paixão por Papai Noel. Se eu me casasse com ele, não só esperariam que eu continuasse gorda, como eu pareceria magra ao lado dele. A perspectiva seria minha amiga. Todos sonhamos em nos mudar para a Noruega ou para o Alasca, onde poderíamos usar casacos acolchoados enormes o tempo todo, sem nunca revelar um dedo de carne. Quando chove, ficamos muito felizes. Aí nem precisamos sair de casa e ficamos longe do mundo, de pijama, sem nos preocupar com nada. Os cérebros em recipientes podem ficar dentro de casa, aconchegados e secos.

Quando Matty Vale pergunta se me chamavam de gordinha, estou com o maiô de quando eu tinha doze anos por baixo da roupa — fazendo as vezes de corselete primitivo e absolutamente ineficiente — e encolho a barriga, sentindo muita dor, desde o meio-dia.

“Não!”, eu respondo, e lanço uma levantada de sobrancelha com os olhos arregalados à la Ava Gardner. “Jesus!”

Dou mais uma tragada no cigarro e paro de prender a barriga. Ele já sabe. Por que me incomodar?

Não. Não me chamavam de gordinha na escola, Matt, sua coisinha gostosa e desatenta, em que eu vou passar os dois anos seguintes viciada, como se fosse crack, a ponto de roubar sua blusa e guardar embaixo do travesseiro, depois fazer você e sua namorada terminarem sem querer, quando contar um grande segredo para a pessoa errada, de modo que nosso pequeno círculo social explode de uma maneira espetacularmente confusa.

Eles me chamavam de gordona.

Por acaso a palavra “gorda” faz você se contorcer enquanto lê? Por acaso parece que estou sendo grosseira ou indelicada? Nas duas últimas gerações, essa palavra adquiriu uma carga intensa — em uma conversa, quando a palavra “gorda” aparece, em geral deixa as pessoas apavoradas, como uma sirene que dispara e suscita uma onda de apoio temeroso de negação — “Você não está gorda! Claro que não está gorda! Querida, VOCÊ NÃO ESTÁ GORDA!” — quando a pessoa é, clara e inegavelmente, gorda, e só está querendo conversar sobre o assunto.

No entanto, com mais frequência do que não, essa palavra é usada como arma para fazer uma conversa terminar imediatamente: “Cale a boca, sua vaca gorda”. Silêncio.

A acusação de “gorda” substituiu “gay” e “lésbica” como xingamento preferido do playground. É a Hiroshima das acusações — a bomba que, uma vez lançada, exige rendição imediata da acusada. Se você for capaz de retrucar com um argumento perfeitamente válido como: “É, mas pelo menos eu não sou *gorda*”, então você é um dos Aliados e ganhou a batalha.

A acusação é tão forte que continua sendo eficiente mesmo que não tenha absolutamente nenhuma base real. Já vi mulheres que usam tamanho quarenta serem silenciadas por essa frase — como se sentissem que a acusadora de algum modo pressentiu que elas tinham secretamente uma “aura gorda” ou que ficariam gordas mais tarde na vida e chamaram atenção para isso.

Ao ser atingidas por “é, bom, mas pelo menos eu não sou *gorda*” em duas ocasiões, tentei mudar uma frase clássica e respondi: “Sou gorda porque toda vez que transo com seu pai, ele me dá um pãozinho”.

Mas meu público não sacou essa técnica à frente de seu tempo de subverter um clichê e simplesmente achou que eu tinha desenvolvido um distúrbio alimentar para lidar com a experiência infeliz da pedofilia.

Isso só veio se somar ao meu ar de maneira geral indesejável. Eu me destaco tanto em relação ao desenvolvimento quanto ao peso médio da minha faixa etária.

Mas dar tanto poder à palavra “gorda” obviamente não é bom. Da mesma maneira como anteriormente pedi que você subisse em uma cadeira e gritasse “SOU UMA FEMINISTA ESTRIDENTE”, agora eu peço que você suba em uma cadeira e diga a palavra “GORDA”. “GORDA GORDA GORDA GORDA GORDA.”

Repita até que ela não a deixe mais nervosa, repita até que pareça normal — como a palavra “bandeja” — e se torne inofensiva. Aponte para as coisas e

diga que são gordas. “Aquela lajota é gorda.” “A parede é gorda.” “Jesus deve ser gordo.” É preciso tirar o ardor da palavra “gorda”, como a febre de uma criança. Precisamos ser capazes de olhar fixo, com clareza e calma, bem no meio da gordura, e falar sobre o que ela é, o que significa e por que se tornou o principal assunto das mulheres ocidentais no século XXI. GORDA GORDA GORDA GORDA.

Em primeiro lugar, acho que devemos chegar a um acordo em relação ao que “gorda” realmente é. É claro que padrões de beleza vêm e vão e existem extremos de metabolismo e de constituição física — aquela coisa de ossos largos É VERDADE! Descobri isso há pouco tempo! Comparada a Kylie Minogue, eu realmente tenho ossos de mastodonte! Eu NUNCA entraria naquela calça justa dourada porque tenho CÁLCIO DEMAIS!

Então, levando tudo isso em conta, não vale a pena ser muito restritiva em relação ao termo “normal”.

Mas, depois de uma vida toda de reflexão, acredito que finalmente cheguei a uma definição sensata a respeito do que é um peso bom, recomendável e “normal”. E é: manter o formato humano.

Se você parece humana de maneira identificável e clara — o tipo de figura que uma criança de dez anos desenharia, se alguém lhe pedisse para representar uma pessoa em menos de um minuto —, então está ótimo. Como a deusa Greer coloca: “O corpo razoavelmente saudável e limpo é o corpo bonito”.

Você *podia* passar o resto da sua vida obcecada com as irregularidades da parte de trás de suas coxas, o inchaço de barril de chope na sua barriga ou o fato de que, quando corre, sente as nádegas batendo uma contra a outra feito um par de castanholas. No entanto, fazer isso seria operar com o princípio subconsciente de que, em algum momento, você vai ter que aparecer pelada na frente de outras pessoas e ser julgada com notas que vão até dez e — como já discutimos antes — isso não vai acontecer a menos que você se inscreva em *America's Next Top Model*. O que acontece dentro da sua calcinha e do seu sutiã NÃO SAI da sua calcinha e do seu sutiã. Se você é capaz de achar um vestido que cai bem e consegue subir três lances de escada, não é gorda.

A ideia de que você precisa ser melhor do que o simples “formato humano” — o tônus perfeito em centímetros, em que até uma colher de sopa de excesso de gordura por cima do joelho é inaceitável, em um mundo em que tamanho 42 é GG — é mais uma peça daquilo que as feministas estridentes desprezam tecnicamente como “babaquice total”.

Meus anos de gorda foram quando eu *não* tinha formato humano. Eu era um triângulo de cem quilos, com pernas de triângulo invertido e sem pescoço. E isso porque eu não estava fazendo coisas humanas. Eu não caminhava, não corria, não dançava, não nadava, não subia escadas; o que eu comia não eram os alimentos que os seres humanos devem usar para se

alimentar. Ninguém deve comer meio quilo de batatas cozidas cobertas com manteiga, nem um pedaço de queijo do tamanho de um punho fechado na ponta de um garfo, como se fosse um pirulito. Eu não tinha conexão com o meu corpo, nem conhecimento sobre ele. Eu só era um cérebro em um recipiente. Não era uma mulher.

Ironicamente, depois de ter esmagado meu coração em pedacinhos sem querer com os punhos no gramado da Catedral de São Pedro, foi Matthew Vale que, no decurso de quatro meses, fez com que eu perdesse 25 quilos e, portanto, me apresentou à minha outra metade: as pernas.

Nas noites de quinta e sexta, começamos a pular a cerca da estrada de pista dupla para ir a um bar no meio do nada e dançar durante cinco horas seguidas ao som de discos que iam dos anos de 1986 a 1991, feitos por bandas britânicas que apareciam no *NME* e no *Melody Maker*: Spiritualized, Happy Mondays, The Fall, New Order. Ele passa a comprar para mim um maço de dez cigarros Silk Cut todos os dias, coisa que me deixa sem dinheiro para o almoço — útil.

Imagens aceleradas de circuito de câmera fechada daquela pista de dança me mostrariam, no decurso de seis meses, passando de algo que mais se parecia com uma bolha em algo inegavelmente parecido com uma menina adolescente de formato humano, que agora pode sair para comprar um vestido em uma loja normal. Um vestido florido curto, que será usado com cardigã, botas e delineador de olho. Posso me passar por “normal” se me vestir com cuidado, mas continuo sem usar as palavras “magra” ou “gorda”, para o caso de alguém começar a prestar mais atenção e tentar descobrir o que eu sou.

Mas, o mais importante, naquela pista de dança diminuta — com um cigarro em uma mão e uma bebida na outra, “How Soon Is Now” soando como se os Smiths estivessem passando por nós em alta velocidade, como a *Millennium Falcon* —, eu sinto uma euforia recém-descoberta: de saber onde está o meu corpo. Acontece que ele estava BEM EMBAIXO DA MINHA CABEÇA O TEMPO TODO! QUEM PODERIA ADIVINHAR? As coisas sempre aparecem no último lugar em que você procura.

E agora eu posso fazer girar para cá, mal, e pular para lá, de um jeito ridículo, e fingir tocar maracas invisíveis em um movimento de dança que com toda a certeza me mantém virgem por mais um ano, no mínimo, mas é divertido ter braços, pernas e uma barriguinha.

E é o início de um processo lento — que engloba gravidez, partos, longas transas chapadas no meio da tarde, caminhadas de quarenta quilômetros, aprender a correr e correr bem rápido, de modo que parece uma dança, só que em linha reta — para chegar ao ponto em que, aos 35 anos, posso dizer

que gosto tanto do meu corpo quanto da minha cabeça. Meu cérebro não fica muito bem de vestido e meu corpo ainda é bem fraco em fazer piada com os acontecimentos ridículos na vida de Victoria Beckham, mas agora somos todos amigos. Nós nos damos bem e concordamos a respeito das coisas, como por exemplo o que é uma quantidade razoável de salgadinhos e se devo ou não correr escada rolante acima (sim).

Agora não desejo — como fazia com frequência quando tinha quinze anos e era bem histérica — me envolver em um acidente de carro sério, depois do qual meu corpo tivesse que ser reconstruído do zero, usando apenas metade do material antes empregado.

E quando olho para mim mesma nos espelhos dos provadores da Marks & Spencer, meu corpo parece, finalmente, desperto.

Mas por que eu fiquei gorda? Por que eu comia até passar mal e considerava meu corpo algo tão distante e desagradável quanto, digamos, o mercado imobiliário em Buenos Aires? E por que ser gorda é tratado como uma mistura de vergonha terrível e tragédia completa? (Apesar de obviamente não ser nem um pouco aconselhável ficar tão grande que, em um dia ruim, você entala em uma poltrona em um parque de diversão e precisa da ajuda do ex-diretor da sua escola, o sr. Thompson, para desentalar.) Por que é uma coisa que — para uma mulher — é considerada algo entre ter uma cicatriz bem grande no rosto e ir para a cama com um nazista? Por que as mulheres reclamam/se exibem com tanta alegria sobre gastar demais (“... e aí o gerente do banco pegou meu cartão de crédito e CORTOU NO MEIO COM UMA ESPADA!”), beber demais (“... e aí eu tirei o sapato e JOGUEI NO PONTO DE ÔNIBUS!”) e trabalhar demais (“... estou tão cansada que caí no sono em cima do painel de controle e, quando acordei, percebi que tinha APERTADO O BOTÃO DE LANÇAMENTO NUCLEAR! DE NOVO!”), mas nunca, jamais, sobre comer demais? Por que comer de infelicidade é o segredo mais inútil de todos? (Até parece que dá para esconder o hábito de comer seis KitKats por dia durante muito tempo.)

Há sete anos, uma amiga minha terminou com um cantor famoso, reativou sua bulimia, passou nove dias seguidos comendo até não poder mais e vomitando, e então se internou na clínica Priory.

Coloquei minha filha pequena no carrinho e fui visitá-la — devido a uma combinação de amor e curiosidade para ver como era a Priory. Acho que eu pensava que fosse igual ao hotel Chateau Marmont, mas com remédios de tarja preta fantásticos. Cheia de celebridades arrasadas e interessantes, batalhando para retornar à normalidade, em meio a uma decoração linda.

Acontece que, por dentro, a Priory na verdade tem o cheiro e a aparência de uma pensão familiar mais para ruinzinha em Welshpool. Tapetes com

estampas de redemoinho desbotados, portas corta-fogo revestidas de madeira e, em algum lugar — a julgar pelo cheiro — um caldeirão de picadinho sempre fervendo, que funcionava como o maior Glade do mundo. Era menos “Olimpo, lar dos deuses”, e mais “Olympia, estação de metrô do centro de exposições”.

E, como minha amiga me disse, sentada na beirada da cama, fumando um cigarro atrás do outro, era uma instituição para pessoas viciadas em substâncias proibidas e com problemas emocionais que não era absolutamente *nada* divertida.

“Existe uma hierarquia”, ela suspirou, cutucando as cutículas com a unha do polegar. Ela tinha acendido uma vela de jasmim para disfarçar a evidência de que tinha acabado de vomitar o café da manhã, mas a bile tinha ficado no ar por mais tempo do que ela esperava.

“Os viciados em heroína se acham melhores do que os viciados em cocaína. Os viciados em cocaína se acham melhores do que os alcoólatras. E todo mundo acha que as pessoas com distúrbios alimentares — gordas ou magras — são a escória.”

E aí está a hierarquia da infelicidade, bem resumida. Todas as compulsões avassaladoras que podem destruir a gente têm *algum* potencial para o fascínio pervertido e autodestrutivo — à exceção da comida.

Considere, por exemplo, David Bowie. Eis um homem que usava tanta cocaína que começou a guardar a própria urina em garrafas, na geladeira, porque tinha medo de que magos “pudessem roubá-la”. E, no entanto, apesar de estocar seu mijo em estado de putrefação ao lado do presunto, ele continua sendo considerado legal. E mais ainda: quem é que não acha que o fato de Bowie hoje descrever sua mente como um queijo suíço por causa do uso excessivo de cocaína totalmente rock’n’roll? É David Bowie, cara!

Ou pense em Keith Richards, em seu tempo de Glimmer Twins — cheirando, fumando, injetando, bebendo e comendo tudo o que estava à vista. Todo mundo o adora! Keith? Tão chapado que nem repara quando duas groupies que estão transando na frente dele colocam fogo nos próprios cabelos? ROCK’N’ROLL! Para muita gente, essa é a melhor parte dos Rolling Stones!

De todas as maneiras que é possível calcular, devia ser um pesadelo completo estar perto dele — paranoico, trêmulo, irresponsável, propenso a morosidade, maníaco, tão profundamente inconsciente durante uma boa parte do tempo que o método principal de fazer com que fosse de um lugar para o outro era arrastando-o pelas canelas. Ainda assim, sentimos um leve frisson cultural de “hum... legal...” quando as pessoas se acabam assim.

Mas, imagine se, em vez de usar heroína, Keef tivesse começado a comer demais. Se ele realmente tivesse se ligado em, digamos, espaguete à bolonhesa e subisse sempre ao palco brandindo sanduíches de almôndegas

de trinta centímetros do Subway, fazendo pausas entre as músicas para dar umas mordidas. Imagine se ele caminhasse a esmo na direção da Alphabet Street, tremendo, depois de quatro horas na seca, desesperado para arrumar um Polenguinho. Longas noites de fissura depois dos shows, em coberturas, gostosinhas nuas espalhadas pelo chão, e Keith no meio, estatelado em cima dos lençóis de seda de uma cama d'água tamanho imperador, comendo sanduíches e bolinhos sem parar.

Na época de *Their Satanic Majesties Request*, Vossa Majestade Satânica precisaria de uma calça tamanho cinquenta, e todo mundo caçoaria dos Rolling Stones por ter um gordão molenga na guitarra estragando o conceito de rock'n'roll.

Mas é claro que, durante todo esse tempo, Keef se comportaria perfeitamente: acordaria às oito da manhã, deixaria o quarto de hotel bem arrumadinho, agradeceria a *todo mundo*, trabalharia sólidas doze horas por dia. Não haveria essa história de desaparecer por 48 horas e depois voltar com um peixinho dourado morto no bolso e um novo amigo mendigo chamado Alan Fuck.

As pessoas comem demais *exatamente* pelo mesmo motivo que bebem, fumam, transam com qualquer um ou usam drogas. É preciso esclarecer que não estou falando do tipo de comer demais que é apenas pura gula feliz — o tipo de gente como François Rabelais ou Falstaff, em *Henrique VIII*, que trata o mundo como uma série de delícias sensoriais e se deleita com vinho, pão e carne. Alguém que sai de uma mesa — estourando — e berra: “FOI ESPLÊNDIDO!”, antes de se sentar na frente da lareira, beber um vinho do Porto e comer trufas, não tem nenhuma neurose relativa a comida. Essa gente tem uma relação consensual com a comida, e quase nunca se incomoda com o fato de que aquilo lhe adiciona uns bons dez quilos. Uma pessoa assim costuma lidar bem com seu peso — com luxúria, como uma estola de pele ou uma faixa de diamantes — em vez de ficar tentando escondê-lo com nervosismo ou se desculpar por isso. Essas pessoas não são “gordas” — são simplesmente... pródigas. Elas não têm problemas alimentares — a não ser quando ficam sem azeite trufado ou acham um prato muito esperado de um peixe exótico meio sem graça.

Não. Estou falando daquelas pessoas para quem a ideia de comida não tem a ver com prazer, mas com compulsão. Para quem a ideia de comida e os efeitos da comida são a estática temível que está sempre por trás dos pensamentos normais. As pessoas que pensam no almoço enquanto estão tomando o café da manhã, e na sobremesa enquanto comem salgadinhos; que entram na cozinha em um estado que beira o pânico e, sem fôlego, comem uma fatia após a outra de pão com manteiga — sem sentir o gosto, sem nem mesmo mastigar —, até que o pânico possa ser abafado em uma rotina quase meditativa de enfiar na boca e engolir, enfiar na boca e engolir.

Nesse estado semelhante a um transe, é possível encontrar alívio temporário e bem-vindo em não pensar, durante dez minutos, até que, finalmente, um novo conjunto de sensações — desconforto físico e arrependimento imenso — faz com que você pare, da mesma maneira que acaba desmaiando com uísque ou droga. Comer com exagero ou comer em busca de conforto são as opções mais baratas e doces de se satisfazer e se anular. Você consegue todo o alívio temporário da bebida, do sexo ou das drogas, mas sem jamais se encontrar em um estado que deixa de ser responsável ou convincente — e acho que essa é a parte mais importante.

Em resumo, portanto, ao escolher a comida como sua droga — ficar chapada de açúcar ou buscar a profunda calma soporífera dos carboidratos, o Valium das classes operárias —, você continua capaz de preparar o lanche da escola, levar as crianças para a aula, cuidar do bebê, visitar sua mãe e passar a noite em claro com uma criança de cinco anos doente — o que não é uma opção se você estiver consumindo um saco enorme de maconha ou se escondendo no armário embaixo da escada para virar garrafas de uísque.

Comer demais é o vício predileto das pessoas que precisam cuidar da família, e é por isso que passou a ser considerado como o mais baixo de todos. É uma maneira de se acabar e permanecer totalmente funcional. Porque é necessário. Pessoas gordas não se aproveitam do fato “luxuoso” de que seu vício as torna inúteis, caóticas ou um fardo. Elas destroem a si mesmas lentamente, de uma maneira que não atrapalha ninguém. E é por isso que com tanta frequência esse é o vício preferido das mulheres. Todas as mães que comem em silêncio. Todos os KitKats em gavetas de escritórios. Todos os momentos infelizes, tarde da noite, iluminados apenas pela luzinha da geladeira.

Às vezes fico imaginando se a única maneira de começarmos a considerar adequadamente o ato de comer em excesso é se *de fato* isso assumir a mesma aura bacana e rock’n’roll dos outros vícios. Talvez esteja na hora de as mulheres finalmente pararem de fazer segredo a respeito de seus vícios e começar a tratá-los da maneira que todos os outros viciados tratam os seus. Talvez seja a hora de chegar ao escritório arrasada, suspirando: “Cara, ontem eu ataquei aquela torta de batata com carne moída de um jeito que você não acredita. Tipo, sujei as sobancelhas de purê às dez da noite. Eu estava na maior segura de carne moída!”

Ou chegar à casa de uma amiga, jogar a bolsa na mesa e mandar: “O dia com as crianças foi INFERNAL. Preciso de seis doses de biscoito salgado com queijo AGORA, ou vou perder a cabeça”.

Assim, as pessoas seriam capazes de tratar do problema alimentar de maneira tão aberta quanto com os outros. Poderiam responder: “Opa, colega. Talvez você deva pegar leve nos carboidratos por um tempo. Você anda exagerando um pouco. Eu sou assim também. Foram três horas de lasanha

de micro-ondas ontem à noite. E se a gente passar um tempo no interior, será que não toma jeito?”.

Porque, nesse momento, só posso notar que, em uma sociedade obcecada com a gordura — tão ansiosa na apelação, tão vocal na desaprovação —, as únicas pessoas que *não* falam sobre o assunto são as envolvidas.

7. Descubro o machismo!

Então eu perdi peso, posso usar vestido e tenho trabalho. Agora eu sou — como digo, cheia de alegria, para todo mundo — a pessoa menos importante no *Melody Maker*, o jornal de música semanal que todo mundo confunde com o *NME*, que é muito mais famoso, mas, nós achamos, menos legal. No *NME*, o pessoal usa drogas, mas nunca escreve sobre isso. Na *Melody Maker*, por outro lado, isso geralmente é tema para uma reportagem inteira.

Enquanto a equipe do *nme* é formada por homens respeitáveis, que acabam seguindo carreira de destaque na TV — Stuart Maconie, Andrew Collins, David Quantick —, o pessoal da *Melody Maker* parece o elenco de *A família Adams*. Nas reuniões do editorial, há um sentimento generalizado de que todo mundo está ali porque foi barrado na porta da cantina de *Guerra nas estrelas*.

Trata-se de um grupo estranho e desconjuntado. Todo mundo é um renegado social por um ou outro motivo. No caso de uma parte da equipe, é porque são machistas de idade avançadíssima com cabelo esquisito que parecem não ter saído do bar desde 1976. No caso de outros, é porque são anormais de modo tão admirável e inovador que fica claro que nenhuma cidade além de Londres e nenhum outro empregador além da *Melody Maker* os aceitariam.

Pricey é um galês musculoso e gótico que prende o cabelo em dois rabos de dreadlocks ruivos e fica bem na frente nos shows do Public Enemy, de batom e esmalte. Quando os Manic Street Preachers estão na cidade, ele sai da redação com um leque de renda preta e uma garrafa de Malibu. Qualquer pessoa que conversa com ele fica surpreso em descobrir que ele é a) heterossexual e b) deste planeta.

Ben Turner é um homenzinho diminuto, com a cabeça raspada, que parece ter treze anos de idade. Quando fui apresentada a ele, achei que era um garoto com leucemia que escreveu para a fundação Make a Wish e pediu para visitar a “redação de uma revista de música de verdade”. Depois de algumas semanas, descobri que ele era, de fato, a) um adulto e b) uma das maiores autoridades em dance music do Reino Unido, que venceu a leucemia imaginária que lhe atribuí e criou um festival de música.

O editor, Jonesy, está perto dos cinquenta anos e parece um bisão detonado — mas com o cabelo brilhante, glamoroso e castanho avermelhado de Carol Decker do T’Pau, algo totalmente incongruente. Em um bar, quando visto de trás, ele costuma ser alvo de comentários cheios de tesão da parte de homens. Quando ele se vira, todos saem correndo, aos berros.

Os irmãos Stud usam roupas de couro, falam palavrão como se fossem

estivadores e com frequência chegam bêbados da noite anterior e caem no sono embaixo de alguma mesa. Simon Reynolds é um rapaz bonito, pré-rafaelita, formado em Oxford, que curte dance music de última geração que é impossível de ouvir, passa o tempo todo em clubes onde os frequentadores carregam armas e é tão inteligente que temos medo de falar com ele. Pete Paphides acabou de sair da lanchonete dos pais em Birmingham e veio trabalhar em uma revista que segue a filosofia de que “nenhuma música é legal demais, esquisita demais ou marginal demais”, ao mesmo tempo que cuida com esmero de sua coleção de discos antigos de Abba, ELO, Crowded House e Bee Gees e veste uma seleção de blusas felpudas da M&S.

E agora tem também uma garota de dezesseis anos de Wolverhampton, que usa chapéu, fuma um cigarro atrás do outro e dá chutes na canela das pessoas se elas falam mal do Wonder Stuff. Na primeira semana, fiz David Bennun sangrar. Vinte anos depois, cruzei com ele em Manchester, em um show da Lady Gaga, e ele ergueu a barra da calça, todo tristonho, para mostrar a cicatriz que deixei. Então ele me lembrou da ocasião em que ameacei empurrar uma pessoa pela janela do 26^o andar enquanto quase todo o resto da equipe continuava digitando calmamente nos computadores. Não é um local de trabalho normal. Por isso, achamos que somos legais. O pessoal do *NME* acha que somos uns punheteiros *exatamente* pelo mesmo motivo.

Essa foi a primeira vez que eu realmente saí para o mundo e conheci adultos. Antes, toda a minha socialização se dava na pista de dança e nos banheiros do Raglan, um buraco escuro e minúsculo povoado por adolescentes de franja e de bota: essencialmente, um cercadinho com bar. Nossa inocência era óbvia — estava estampada na nossa cara, tão clara quanto nossos dentes sob a luz negra. Sim, as pessoas estavam transando, brigando, espalhando boatos e usando drogas — mas éramos essencialmente iguais a filhotes de tigre se debatendo, com as garras de fora. Éramos todos iguais. Não havia cálculos nem recriminações. Tudo era esquecido depois de uma soneca.

Entrar no mundo adulto, portanto, é um choque. Quando chego à redação para meu primeiro dia de trabalho, saio do elevador fumando um cigarro — para saberem que também sou adulta. Ofereço a todos um gole de Southern Comfort, da garrafa na minha bolsa, pelo mesmo motivo. A maior parte do pessoal recusa, mas Ben Stud — que tinha acabado de descer da balsa vinda de Amsterdam, depois de entrevistar uma banda — diz: “Que coisa prática!”, bem feliz, e dá um gole. Reparo que olha para baixo e usa um frisbee promocional como uma combinação de cinzeiro, prato para seu sanduíche de bacon e um lugar seguro para guardar as chaves de casa.

Já resolvi que vou transar com o máximo de pessoas possível em Londres. Não há razão para não fazer isso. Com meu primeiro salário — 28,42 libras

— compro algumas calcinhas novas e bonitas, de renda cinza, da Marks & Spencer, e finalmente joga fora a herança da minha mãe, que agora tinha ficado grande demais, por isso não estou assim tão mal no departamento íntimo. Apesar de eu ter oferecido a mercadoria por toda a cidade, ninguém em Wolverhampton pareceu interessado, nem de longe, em tirar minha virgindade, por isso concluí que era uma coisa que precisava ser feita em Londres — como luzes no cabelo ou tomar martíni. É um trabalho para gente especializada.

Então, minha tarefa nesse mês é descobrir como vou ser um prodígio do jornalismo e uma gostosa com quem alguém, espero que muito em breve, vai transar — mas sem ficar com “má reputação”. Sim: aos dezesseis anos, preciso aprender a dirigir o veículo de dezesseis rodas que é o meu caminhão da paquera; mas sem estragar a minha carreira.

O flerte no local de trabalho é um assunto traiçoeiro para as feministas. Muitas das radicais não acreditam nisso: no que lhes diz respeito, seria a mesma coisa levar tudo às últimas consequências e se instalar em uma vitrine do Soho com um aviso que diz: “Modelo, dezoito anos, trabalha com as mãos” ao lado da campanha.

E, sabe como é, para muita gente, essa é a visão certa a se assumir. A ideia de que as mulheres *precisam* flertar para conseguir transar é simplesmente tão vexatória quanto qualquer outra coisa que as mulheres supostamente *precisam* fazer — como ser magras, aceitar pagamento 30% menor e não dar risada de *30 Rock* quando estão com a boca cheia para que não caia um pouquinho de comida no chão e os gatos comam.

Algumas mulheres simplesmente não flertam. Elas não querem e não têm coragem para tanto, e isso faz com que fiquem irritadas e acabem batendo em alguém. Elas se sentem em relação ao flerte do mesmo jeito que eu me sinto a respeito de qualquer coisa que exija força da parte superior do corpo, salto alto ou senso de direção. Só querem que deixe de existir.

Mas, para outras mulheres, o flerte é simplesmente... natural. Não existe como mecanismo de defesa nem como resultado de anos sendo transformada em objeto sexual pelo maldito patriarcado. Não é uma consequência. É uma ação. Deriva de uma alegria quase demente de estar viva, de conversar com alguém que não a chateia mortalmente e de fazer uma conspiração não proferida, momentânea e sacana: “Eu gosto de você, você gosta de mim. Não é adorável o fato de nós dois sermos absolutamente adoráveis juntos?”.

Se você tem uma queda natural para o flerte, nem se trata de sexo. Você flerta com todo mundo — homens, mulheres, crianças, animais. Com mensagens gravadas (“Aperte ‘três’ para mais opções? Ah, meu bem, acho que

você não tem um botão para a opção que *eu* escolhi”).

Como uma que flerta com alegria nata, meu raciocínio é o seguinte: se você vai passar o dia todo falando com pessoas — mesmo que seja apenas pelo telefone, para providenciar a entrega de uma lava-louça nova —, por que não tentar fazer com que termine com todo mundo se sentindo um pouco lisonjeado e animado? Para mim, flertar é a parte em *Mary Poppins* em que ela diz: “Em todo trabalho que precisa ser feito existe um elemento de diversão. Encontre a diversão e... PRONTINHO! O trabalho vira brincadeira”.

Mas será que o flerte me ajudou na *Melody Maker*? Será que fez minha carreira avançar com base na minha aura sexual avassaladora? Preciso ser curta e seca aqui: não. Mas tenha em mente que eu era uma garota insegura de dezesseis anos usando um chapéu enorme, que ainda parecia ter um pouco de medo do isqueiro que usava para acender os cigarros. Naquela época, minhas habilidades de flerte eram muito, muito rudimentares — da maneira como eu me lembro, a maior parte delas girava em torno de piscadelas “ousadas” e um pouco parecidas com as de um pirata bravo. Também desconfio de que minha ideia de indicar interesse com sutileza em questões de natureza sexual consistisse de pouco mais do que dizer: “Uau! Que coisa mais sensual, hein?”, durante conversas perfeitamente normais em outro aspectos sobre, digamos, quando a carona vai chegar.

Quase sem exceção — e de modo totalmente compreensível —, meus superiores na revista pareciam me considerar uma espécie de chimpanzé de vestido que tinha entrado ali por uma janela aberta e que eles resolveram deixar em paz para brincar em silêncio com os computadores, a menos que se agitasse e começasse a morder as pessoas. E, mesmo que não olhassem para mim com um pavor limítrofe, eu não ia querer flertar com eles de jeito nenhum: eles eram adultos de verdade! Velhos! Tipo, tinham mais de trinta anos! Se eu acabasse ficando com algum deles, talvez comessem a falar comigo sobre imposto sobre a propriedade ou sobre como tapar buracos na parede e outras coisas de adulto, e eu ficaria boiando totalmente na conversa. Aquilo não era nem um pouco atraente.

Então, não. Não progredi na carreira flertando. Aliás, foi o contrário: desconfio que minha sexualidade em ebulição, emitindo sinais para todos os lados, levou à anulação de diversas ofertas de trabalho, devido a preocupações relativas a acusações vindas de uma Lolita. No entanto, acredito do fundo do coração que, se assim desejarem, as feministas estridentes têm todo o direito de chegar ao topo por meio do flerte, sem comprometer seus princípios feministas estridentes nem um pouquinho.

Moças, nossa desvantagem no local de trabalho é fenomenal. Seus colegas homens flertam com os chefes homens *o tempo todo*. O local de trabalho médio é como um *bromance* interminável. A conexão masculina é basicamente isso. Flerte. Eles ficam flertando uns com os outros enquanto

jogam golfe, eles flertam quando assistem a um jogo de futebol, eles flertam enquanto batem um papo no mictório — e, infelizmente, flertam quando fazem visitas tarde da noite a clubes de striptease. Eles estabelecem sua conexão com base nas semelhanças biológicas. Se a única maneira de se conectar com eles é por meio de suas *diferenças* biológicas, vá em frente. Você vai se sentir pressionada a transar se fizer isso? Então não flerte. Acha que é um jeito fácil demais de conseguir as coisas? Então não flerte — mas não culpe outras mulheres por fazê-lo.

Bom, não na cara delas, pelo menos. Falar mal de todo mundo no banheiro sempre é permitido, claro.

Então, aprendendo a flertar. Ainda não sei o suficiente para fechar o negócio — só para me divertir. Meu Deus, como é difícil. Antes, eu só tinha flertado com adolescentes, que na verdade nem reparam no que você está fazendo na metade do tempo, Deus os abençoe. Para falar a verdade, pensando melhor, acho que em mais do que a metade do tempo — eu ainda sou virgem. Eles obviamente não captavam absolutamente nada.

Acho que sou apenas sutil demais, penso em uma festa, algumas semanas depois. Ainda estou usando meu chapéu enorme — agora que penso a respeito, desde que coloquei no meu diário que ele talvez fizesse meu corpo parecer menor nunca mais o tirei —, um metro de delineador de olhos, e estou bem bêbada. Bom, estou fazendo uma “dança sensual” no bar enquanto toca “Respect”, do Erasure. É tranquilo demais. “Preciso ser menos sutil. Não está dando certo.”

Na próxima vez que um homem me aborda, conversamos sobre o Erasure por cinco minutos, tocamos na possibilidade de eu me mover um pouco para a esquerda para que ele possa ser atendido, e então fico olhando fixo para ele, em silêncio.

“Está tudo bem?”, ele pergunta, finalmente, parecendo um pouco perturbado e estendendo uma nota de cinco dólares para pagar o barman pela cerveja.

“Eu só estava imaginando como seria beijar você”, respondo, e lanço um olhar intenso para ele por baixo do chapéu. Na hora não me dei conta, mas agora, analisando em retrospecto, desconfio que eu devia estar parecendo levemente com um marisco vesgo à procura de plâncton desavisado.

Dez segundos depois, estamos nos beijando. Ele enfia a língua na minha garganta como se eu tivesse feito greve de fome e ele fosse me forçar a comer com um tubo, então faço o que posso para não regurgitar. Fico eufórica. Meu Deus! Quem poderia saber que era assim tão fácil? Que basta pedir um pouco de contato sexual — para conseguir! Vejo agora que minha tática anterior, em Wolverhampton — simplesmente ficar perto dos meninos,

esperando que eles tropecem, fiquemos cara a cara e então eles resolvam ficar comigo, já que estão ali mesmo —, era amadora e não tinha a menor esperança de sucesso. *Essa* é a maneira de avançar — simplesmente pedir um beijo!

As semanas seguintes são reveladoras. Basicamente coloco minha carreira em estado de suspensão enquanto ando por aí conseguindo o maior número de beijos possível. Aprendo muito sobre o assunto. Descubro que, de maneira geral, os melhores beijoqueiros são os que têm a melhor conversa: eles escutam o que você está dizendo e respondem. Um homem me faz delirar com um beijo em um beco no Soho, e eu passo mais ou menos os três dias seguintes tão chapada com a experiência que escrevo um poema de seis páginas cheio de metáforas horrorosas a respeito de estrelas, anêmonas e areia movediça. Em outra noite de beijos, com outro homem, nós dois conseguimos continuar fumando, apesar de eu ter que me colocar contra o chiclete dele: eu o tiro da boca do cara e jogo por cima do ombro com um gesto dramático, dizendo: “Você pode *me* mastigar em vez disso”, com o sotaque abafado de Wolverhampton.

Mas o ramo da música e da mídia é um mundinho — essencialmente um vilarejo que se reúne nos mesmos cinco ou seis bares e casas de show todas as noites. Começo a adquirir uma “má reputação” na *Melody Maker*. Acontecem algumas coisas na redação que me deixam pouco à vontade. Um repórter enche a coluna de fofocas semanal com referências mal disfarçadas ao fato de que fiquei com outro repórter. Um sujeito da arte passa uma das nossas sessões editoriais no bar fazendo comentários a respeito dos problemas de ejaculação precoce de outra pessoa com quem fiquei — “Espero que seu vestido seja fácil de limpar”.

Então um dos editores me chama até a mesa dele e diz que o texto que eu tinha acabado de entregar *poderia* ser a matéria de capa. “Então, por que você não senta no meu colo para a gente conversar sobre o assunto?”

Uau, eu penso. Quanto machismo! Estão vindo com machismo para cima de mim! Até na nossa redação, cheio de párias liberais de pensamento avançado, ainda há gente que me julga por ser uma mulher sexualmente ativa! Em alguns aspectos, é quase emocionante — afinal de contas, a última vez que fui julgada por questões relativas à minha sexualidade acabou com os Delinquentes jogando pedras em mim no meu aniversário. Se passei de totalmente indesejável (naquela época) para uma vagabunda (agora), deve ser uma espécie de promoção, não? Tornar-se mulher é algo que precisa ser feito passo a passo, e isto é, à sua própria maneira, um progresso considerável.

Por outro lado, fico sem saber o que fazer em relação a isso. Já li romances a respeito de como o patriarcado julga as mulheres sexualmente ativas, mas esses livros não me deram muitos conselhos sobre o que fazer a seguir. De

maneira geral, aquelas mulheres acabavam morrendo em pântanos, sendo excluídas da sociedade de Atlanta ou engolindo arsênico antes de suas filhas serem enviadas para trabalhar em tecelagens de algodão. As táticas que as mulheres adultas do século XIX usavam para lidar com isso me dão pouco material com que trabalhar e portanto — pela falta de um modelo de conduta melhor — eu simplesmente retomo os métodos da minha infância. Como a mais velha de oito irmãos que viviam se socando, minha tática na *Melody Maker* se torna um pouco... gonzo. Exijo que o sujeito da arte que fez o comentário do “vestido fácil de limpar” me pague uma rodada dupla por ter “ferido meus sentimentos”. O repórter que me difamou na coluna de fofoca recebe a ordem de subir em uma cadeira na frente da redação inteira e pedir desculpas para mim, enquanto eu aponto para ele e digo: “Aquela coluna nem era engraçada”. Não consigo pensar em um insulto pior.

E quando o editor de seção me pede para sentar no colo dele, para conversar sobre minha “promoção”, eu penso, simplesmente, como você é bobo, cara, e me jogo em cima dele, com todo o meu peso, e acendo um cigarro.

“Já perdeu a circulação?”, eu pergunto, alegre, enquanto ele sua e tosse.

Consigo minha primeira capa. Ele passa dez minutos na sala de reunião batendo nas coxas, até recuperar a circulação nas pernas.

Por um lado, dá para ver por que me transformei em uma espécie de piada corrente na redação. Vamos ser justos e confessar que estou agindo feito um Pac-Man no cio — correndo de um lado para o outro, abrindo e fechando a boca, engolindo o rosto das pessoas. Isso certamente justifica mais ou menos umas cem piadas. Caramba, eu própria sou capaz de fazer umas cinquenta em torno do tema.

Mas as piadas não são “divertidas”. Há um ar estranho nos comentários; há uma espécie de... provocação e maldade nelas. Reparo que as mesmas piadas não são feitas a respeito dos homens da redação que me beijam. Há algo de *esmagador* nelas. Parece que as piadas vêm de um local obscuro. É isso que eu sinto quando saio da redação no fim do expediente, fumando um cigarro, para provar que sou adulta e que continuo sendo um deles. É algo obscuro e desconfortável.

Hoje em dia, o machismo se parece um pouco com Meryl Streep em um filme novo: às vezes você não reconhece de cara. Podem se passar vinte minutos e você está lá, divertindo-se com os dinossauros, as lutas espaciais e os soldados confederados que sentem saudade de casa, antes de se dar conta: “Ai, meu Deus — embaixo daquela peruca! É a MERYL”.

Com muita frequência, a mulher pode ter saído de uma festa, tomado o ônibus para casa, lavado o rosto, entrado na cama, lido vinte minutos de *The*

Female Eunuch e apagado a luz antes de voltar a acender, sentar-se ereta de supetão e gritar: “Espere aí. ACABARAM DE VIR COM MACHISMO PARA CIMA DE MIM. AQUILO FOI MACHISMO! QUANDO AQUELE HOMEM ME CHAMOU DE ‘PEITUDA’ — FOI MACHISMO, E NÃO A PRONÚNCIA ERRADA DE ‘ANDREA!’”.

Antes não era assim, claro — antes da segunda onda do feminismo, do politicamente correto e das mulheres andarem com spray de pimenta na bolsa, o machismo costumava ser descarado e predominante. Você reconhecia na hora quando deparava com ele. Era tudo como: “Saiba qual é o seu limite, mulher”, “Prepare uma xícara de chá para nós, querida”, “Olhe só para AQUELES melões”, e assobios de lobo de qualquer homem que passasse com idade acima dos doze anos.

Benny Hill correndo ao redor de uma mesa atrás de uma loira, fazendo gestos de buzina com as mãos, não era “entretenimento leve” na época. Era um simples fato da vida. O machismo — assim como cinzeiros, David Essex e o cheiro de cê-cê — estava em todo lugar, por mais inapropriado que fosse o ambiente. Assisti ao filme *A paixão de Gregory* de novo recentemente — é uma história adorável, fofa e reconfortante de Bill Forsyth sobre uma menina que é boa no futebol e quer jogar no time da escola — e fiquei surpresa ao reparar que há uma cena em que o sujeito que dá aula de culinária pega na bunda da aluna Susan e ela sai saltitando. Nem ela nem o filme fazem qualquer comentário a respeito do assunto. Em *A paixão de Gregory!* O filme de que eu me lembrava como sendo essencialmente a reivindicação dos direitos das mulheres para qualquer pessoa que, na época, dormia embaixo de um edredom de Holly Hobby!

E ninguém nem *pensou* em reclamar na época — porque apalpar uma aluna com toda a alegria e publicamente era apenas uma boa e saudável tara britânica. Passar a mão. Parte da nossa herança cultural, como a corrida do queijo e afogar bebês malformados em barris de cidra.

E, é claro — assim como as construções com madeira aparente e Stonehenge —, ainda há muito machismo antiquado por aí hoje em dia. Perguntei no Twitter se alguém tinha passado por uma situação de machismo ultrajante e, embora esperasse um bom número de anedotas divertidas e estereotipadas, eu não estava preparada para o dilúvio que começou trinta segundos depois do meu pedido e que continuou por quase quatro dias.

No final, eu tinha quase 2 mil respostas — que, na medida em que foram se empilhando, se transformaram em um debate gigantesco entre as mulheres, todas achando que seus casos eram mais isolados do que de fato eram.

Eis aqui as histórias que realmente me espantaram:

“Um chefe meu uma vez disse: ‘Nós todos nos masturbamos pensando em Rosie — mas sou o único que tem uma sala para poder fazer isso com privacidade.’”

“Um sujeito saltou para fora de um carro e enfiou a mão embaixo da minha saia para ver se eu estava de meia sete oitavos ou de meia-calça quando eu estava parada em um ponto de ônibus.”

“Trabalhei numa oficina da Ford em que toda a equipe gritava PEITOLAS quando eu atravessava o pátio.”

Isso é machismo antiquado: tão lento e óbvio quanto a bola gigante rolando em *Os caçadores da arca perdida*. E, em certos aspectos, por mais horripilante, deprimente e irritante que seja, sinto falta dele. Afinal de contas, o mundo lá fora está cada vez mais complexo. Ao longo dos anos, surgiram diversos tipos de variantes do machismo para deixar a água turva. Agora, existem porcas chauvinistas *mulheres*, e homens que se arriscam no “machismo irônico”, em que chamar você de peituda e te mandar “fazer um sanduíche de ovo frito” não é machismo, mas uma “piada”, da qual você deve “dar risada”.

Hoje em dia, uma infinidade de atitudes desprezíveis para com as mulheres se tornaram difusas, indistintas ou quase totalmente veladas. Lutar contra elas parece ser a mesma coisa que tentar acabar com o cheiro de umidade e de mofo do corredor usando uma faquinha de sobremesa. Porque — assim como o racismo, o antissemitismo e a homofobia — o machismo moderno se transformou em algo traiçoeiro. Dissimulado. Codificado. Da mesma maneira que um racista que não saiu do armário jamais sonharia em dizer “crioulo” abertamente, mas poderia fazer uma referência pontual de que uma pessoa negra tem um ritmo próprio ou gosta de frango frito, um misógino que não saiu do armário tem uma ampla seleção de palavras, comentários, frases e atitudes que pode empregar para menosprezar uma mulher com sutileza e deixá-la desconcertada, mas sem ficar imediatamente aparente que é isso que ele está de fato fazendo.

Tome como exemplo uma pequena discussão no escritório. Houve uma divergência de opinião a respeito de um projeto. Um colega homem não aceitou bem o fato e saiu pisando firme. Quando ele volta, coloca um pacote de absorvente na sua mesa.

“Como você anda emotiva, achei que estava precisando disto”, ele diz, com um sorriso que lembra o comediante Jimmy Carr. Algumas pessoas dão risadinhas.

O que você pode fazer? Obviamente, se tivesse mais recursos, seria capaz de enfiar a mão na gaveta da mesa de trabalho, tirar dali um par de testículos e colocá-los em cima da mesa, dizendo: “E levando em conta a falta de fibra que você demonstrou na última conversa, achei que estava precisando disto aqui”. Mas, infelizmente, nem a mulher mais preparada do mundo teria um par de bolas de borracha à mão.

E que tal uma situação social? Vocês saíram de férias com outra família. Todos têm filhos. Você repara que os homens desempenham mais ou menos

a metade das tarefas domésticas e dos cuidados com as crianças que as mulheres desempenham — eles têm uma capacidade fantástica de se acomodar em uma poltrona e ficar jogando Angry Birds no iPhone com tranquilidade, enquanto as esposas correm de um lado para o outro descascando batatas e salvando criancinhas cobertas de merda aos berros de poços fora de uso.

“É que não somos bons com essas coisas”, os homens dizem, quase tristonhos, enquanto as mulheres ficam na cozinha, estressadas, virando doses de uísque desde as quatro da tarde.

Mais uma vez, o ideal seria que você estivesse preparada para isso: talvez ensinando os filhos mais velhos a fazer citações de *The Female Eunuch* de cor, em troca de um chocolate. Ou talvez você tivesse um aplicativo de iPhone chamado “rastreador da divisão do trabalho doméstico, 1600—atualidade”, que você pudesse ligar e deixar em cima da mesa, ao lado da cerveja, para os homens darem uma olhada. Mas, de novo, quem tem tempo para esses planos deliciosos?

Quando pedi às moças do Twitter que enviassem seus exemplos de machismo, no fim, foram os mais codificados que me incomodaram mais. Kate explicou que “já não uso mais blusa branca e saia preta para participar de reuniões porque uma fila se forma à minha frente no intervalo para o café. Todos sempre acham que sou a garçonete”. Ou Hannah que, ao ser demitida, foi reconfortada com o comentário: “Não se preocupe, querida, pelo menos você ainda tem pernas lindas”.

É claro que a razão por que esses exemplos são tão perniciosos e prejudiciais é o elemento de dúvida presente neles. Será que o machismo é proposital ou acidental, devido a descuido e estupidez? O comentário das “pernas lindas”, por exemplo — que poderia ter sido apenas uma tentativa extremamente sem jeito de demonstrar condolência, e não de deixar implícita a ideia de que a única coisa que importa para uma mulher é ter boa aparência e que, enquanto ela ficasse bem de saia curta, tudo estaria bem no local de trabalho, apesar de, obviamente, ela acabar sendo demitida quando ficar mais velha e começar a usar sapatos confortáveis e calça.

Será que você vai ficar parecida com uma bruxa histérica e sem senso de humor se começar a chamar a atenção das pessoas para esse tipo de coisa? Será que você deve simplesmente dar de ombros e deixar passar quando alguém que tem posto hierárquico inferior a você a vê parada ao lado de uma chaleira e pede “com leite, sem açúcar — e será que você me arranjaria um docinho?”.

Em resumo, *como saber quando alguém é machista com você ?*

Bom, nessa questão, o que nos ajuda em última instância é simplesmente

aplicar a questão ao momento. Foi uma atitude educada? Se nós — toda a população da Terra, tanto masculina quanto feminina — fôssemos apenas, em essência, “os caras”, então um dos caras foi... grosseiro com outro cara?

Não chame de machismo. Chame de “educação”. Quando uma mulher pisca, sacode a cabeça à maneira de Columbo e diz: “Desculpe, mas isso não me pareceu muito... civilizado”, um homem é capaz de pedir desculpas. Afinal, nem o preconceituoso mais gritante do mundo pode se defender da acusação de ser simplesmente grosseiro.

Afinal de contas, você pode discutir — até chorar — a respeito do que é a misoginia contemporânea codificada; mas a falta de educação pura, do tipo que faria sua mãe dar um croque na cabeça de alguém, é indiscutível. Não precisa ser uma coisa de “homem contra mulher”. É só uma disputa entre os caras.

Ver o mundo todo como “os caras” é importante. A ideia de que, no final das contas, somos todos só um monte de idiotas bem-intencionados tentando nos dar bem é o alfa e o ômega básicos da minha visão de mundo. Não sou “pró-mulher” nem “anti-homem”. Sou apenas: “Vamos celebrar os 6 bilhões”.

Porque não acho que os homens/a masculinidade/a sexualidade masculina sejam o problema aqui. Não acho que o machismo seja uma coisa de “homem contra mulher”. O homem não é o homem simplesmente por ser homem. Às vezes, o homem é uma mulher — principalmente se você for ao tipo de clube noturno que funciona bem tarde como eu vou, apesar de essa ser uma questão completamente diferente. Os homens não fazem essas merdas com as mulheres só por causa da “feminilidade” delas. E EU NÃO ACHO QUE TENHA A VER COM SEXO.

Quando começo a observar homens e mulheres interagindo na arena adulta — no trabalho, nos relacionamentos, nos casamentos e, principalmente, para ser justa, no bar —, não começo a acreditar, como acontece com muita gente, inclusive a deusa Greer, que os homens secretamente detestam as mulheres. Que os homens nos detestam porque tem alguma coisa no pênis e na testosterona que quer travar uma guerra contra a vagina e o estrogênio.

Não. Apesar de eu estar bem bêbada na maior parte do tempo e com frequência use tanto delineador que fico tecnicamente cega, não vejo a questão como um caso de homem contra mulher, de jeito nenhum. O que eu vejo é vencedor contra perdedor.

A maior parte do machismo se resume ao fato de que os homens estão acostumados com as mulheres sendo as perdedoras. Esse é o problema. Só temos um status ruim. Os homens estão acostumados com as mulheres ficando sempre em segundo lugar ou nem isso. Foi assim que os homens que nasceram antes do feminismo foram criados: com mães que eram

cidadãs de segunda categoria; irmãs que precisavam se casar; colegas de escola que iam estudar secretariado e depois se tornavam donas de casa. Mulheres que se anulavam. Desapareciam.

Esses homens são os CEOs das grandes empresas, os destaques das bolsas de valores, os assessores do governo. Eles ditam a carga horária e a licença-maternidade, as prioridades econômicas e as diretrizes sociais. E, *é claro*, eles não sentem a igualdade nos ossos — o machismo corre fundo na geração deles, assim como o gosto por pudim na sobremesa, palmadas e golfe. Sua reação automática é considerar as mulheres “o outro”. O preconceito arraigado contra aquelas de nós que trabalham e se libertaram só vai morrer junto com eles.

Mesmo os homens nascidos depois do feminismo, criados com apostilas e passeatas, e vendo as próprias mães saindo de casa toda manhã para trabalhar, por mais que acreditem na igualdade *teórica* das mulheres e respeitem aquelas que estão a seu redor, não se dão conta da história que se passou antes. Uma voz baixinha lá dentro — reprimida, mas nunca totalmente silenciada — diz: “Se as mulheres realmente são iguais aos homens, onde está a prova?”. E essa voz não existe apenas dentro deles. Está dentro de algumas mulheres também.

Porque até mesmo o historiador feminista mais ardente, seja homem ou mulher — ao citar as amazonas, os matriarcados tribais e Cleópatra —, não escondem que as mulheres não fizeram basicamente porra nenhuma nos últimos 100 mil anos. Vamos lá, temos que reconhecer. É hora de parar de fingir, de maneira exaustiva, que existe uma história paralela de mulheres vitoriosas e criativas, em pé de igualdade com os homens, que foram acobertadas de maneira geral pelo homem. Não existe. As mulheres artistas, filósofas, filantropas, inventoras, cientistas, astronautas, exploradoras, políticas, e nossos impérios, exércitos e ícones caberiam confortavelmente em uma cabine de karaokê privada. Não temos um Mozart, um Einstein, um Galileu, um Gandhi. Nada de Beatles, Churchill, Hawking, Colombo. Simplesmente não rolou.

Quase tudo até agora foi criação dos homens — e a negação disso faz com que tudo fique mais difícil no longo prazo. Fingir que as mulheres tiveram alguma participação em tudo isso antes, mas que simplesmente não se deram tão bem quanto os homens, que a experiência da liberação feminina já aconteceu, mas afundou, dá força à crença de que as mulheres não são tão boas quanto os homens e ponto final. Que as coisas devem continuar como são — com o mundo moldado ao redor dos homens, honrando suas prioridades e necessidades, seus caprichos e sucessos. As mulheres perderam sem nunca ter jogado. Mas a verdade é que nós nem começamos. Claro que não. Quando tivermos começado, vamos saber.

Vejo como essa presunção está errada na redação. A *Melody Maker* é cheia

de bons homens liberais. O machismo que sofri foi junto às pessoas que eram consideradas pelo resto da redação uns loucos infelizes: de maneira geral, aquele grupo de críticos de rock é formado pelos homens mais feministas que conhecerei. Um deles acabou se tornando meu marido e me ensinou mais sobre a babaquice que os homens projetam sobre as mulheres do que qualquer mulher ensinou. Com uma malha e uma bolsa a tiracolo cheia de discos do Field Mice e do Abba, um rapaz grego de 23 anos de Birmingham acaba fazendo frente a Germaine Greer como meu herói feminista.

Mas isso tudo está no futuro. Aqui, em 1993, estou sentada na redação, em uma mesa, fumando um cigarro. Observo homens liberais se desdobrando para tentar entender sua crença ardorosa de que as mulheres são seus iguais, apesar de simplesmente não existirem tantos discos bons feitos por mulheres. A cada seis semanas mais ou menos, em uma reunião editorial, examinamos a cena musical do momento — dominada por grunge, Blur e outras coisas — e entramos em desespero: “Jesus, precisamos colocar umas mulheres no jornal! Simplesmente precisamos arrumar.. mais mulheres!”.

Então, colocávamos Sonya, do Echobelly, digamos, para fazer parte de um “debate” sobre o futuro da Radio 1. Ou Louise Wener, do Sleeper, para fazer a resenha dos singles. Ou — em uma emergência — simplesmente publicávamos uma foto de Debbie Harry em algum lugar. Era necessário fazer um esforço consciente, porque, naquele tempo, a cena musical era bem parecida com Auschwitz.

Não dava para achar uma mulher que fizesse música, nem por amor, nem por dinheiro. Era a época antes das Spice Girls, antes de Lady Gaga, você se lembra — quando se partia do princípio de que não havia mercado de massa para mulheres fazendo música pop. E isso partindo do princípio de que elas eram capazes de fazer música, para começo de conversa. Julie Burchill, ninguém menos, resumiu a presunção de muitas mulheres ao dizer: “Uma garota de vestido com uma guitarra parece estranho — como um cachorro andando de bicicleta. Muito fora do comum. Difícil de superar”.

O que todos estávamos pensando, mas tínhamos vergonha demais para dizer, é que as mulheres simplesmente tinham menos coisas a dizer do que os homens. Afinal de contas, já fazia mais de setenta anos que tínhamos adquirido o direito de votar e, no entanto, no que dizia respeito à cena musical, tínhamos pouco mais do que um punhado de gênios femininos para exhibir: Joni Mitchell, Carole King, PJ Harvey, Patti Smith, Kate Bush, Madonna, Billie Holiday. Eram tão poucas que chegavam a ser consideradas anomalias assustadoras e não os primeiros arautos de uma tempestade que estava por vir. Ainda não havia uma banda feminina para fazer frente ao Led Zeppelin ou ao Guns N’ Roses. Nem uma artista mulher no hip-hop para rivalizar com Public Enemy ou Wu-Tang Clan. Nem uma artista dance para

competir com Richie “Plastikman” Hawtin ou o Prodigy. E que banda só de mulheres poderia ser comparável aos Beatles? Runaways? Go-Gos? Slits? A disparidade era risível. Mas nós não podíamos nunca, jamais mencionar o fato. A verdade parecia machista.

A criatividade devia mesmo ter começado no momento em que a legislação mudou, e essa era nossa vergonha silenciosa. As mulheres deveriam ter liberado todo o tipo de coisas incríveis que eram capazes de fazer depois de ficarem abafadas durante séculos, derrubando árvores em um raio de milhares de quilômetros, como uma grande explosão. Se as mulheres realmente fossem iguais aos homens, Emmeline e Christabel Pankhurst deveriam ter criado “All Along The Watchtower” antes do anoitecer no dia em que o sufrágio foi garantido. Enquanto ainda estavam embaixo daquele cavalo.

Mas isso não aconteceu. Porque o simples fato de poder votar não representa igualdade verdadeira. É difícil enxergar o telhado de vidro porque ele é feito de vidro. É praticamente invisível. O que precisamos é que mais pássaros voem por cima dele e caguem em cima, assim poderemos enxergá-lo adequadamente.

Nesse ínterim, colocávamos o Echobelly na capa.

“Quer ir entrevistá-la?”, o editor perguntou. A frase que ficou sem ser dita era: “Porque você é mulher”.

“Não”, respondi. Eu sabia que a banda era horrível.

E por que não fizemos nada?

Com base em minhas próprias experiências pessoais, 100 mil anos de superioridade masculina têm sua origem no simples fato de que os homens não pegam cistite. Por que não foi uma mulher que descobriu a América em 1492? Porque, na época anterior aos antibióticos, que mulher ia se arriscar a chegar no meio do Atlântico e passar o resto da viagem agarrada à latrina chorando e ocasionalmente berrando pela escotilha: “Alguém aí já está vendo Nova York? Preciso de um cachorro-quente”.

Do ponto de vista físico, somos o sexo frágil. Não somos tão boas erguendo pedras, matando mamutes ou remando. Além do mais, o sexo com frequência acarreta na complicação adicional de nos deixar grávidas e faz com que nos sintamos “gordas demais” para liderar um exército que vai invadir a Índia. Não é coincidência que as iniciativas em prol da emancipação feminina só tenham começado a surgir depois das exegeses gêmeas da industrialização e da contracepção — quando as máquinas fizeram com que ficássemos iguais aos homens no local de trabalho e a pílula fez com que ficássemos iguais aos homens na expressão do desejo. Em épocas mais primitivas — que eu pessoalmente considero qualquer época antes do

lançamento de *Uma secretária de futuro*, em 1988 —, o vencedor sempre seria qualquer um que tivesse força física suficiente para derrubar um antílope e uma libido que não terminasse com gravidez e morte no parto.

Por isso, aos poderosos era dada educação, discussão e concepção da “normalidade”. Ser um homem e viver como um homem era o normal: todo o resto era “o outro”. E, como “o outro” — sem cidades, filósofos, impérios, exércitos, políticos, exploradores, cientistas e engenheiros —, as mulheres saíam perdendo. Não acho que o fato de as mulheres serem vistas como inferiores seja um preconceito com base no ódio que os homens têm de nós. Quando se olha para a história, é um preconceito baseado em fatos.

Estranhamente, no entanto, não sinto que possa conversar sobre machismo com outras mulheres. Parece ser um ponto muito delicado para discutir com elas. Todas as mulheres que conheço são feministas ativas que trabalham em ambientes masculinos — jornalistas, editoras, relações-públicas, programadoras de computador —, mas estão ocupadas demais a essa altura — 1993 — apenas se virando para participar de grandes debates. Além disso, é o início do britpop, o alvorecer da garota que age como garoto. Como moças que essencialmente não têm preocupações — sem filhos, sem precisar providenciar que as crianças estejam bem cuidadas, sem ver a carreira de repente entrar em suspensão na casa dos trinta anos enquanto os homens se dão bem —, as coisas ainda parecem esperançosas. Nessa era de coturnos, cerveja e maquiagem minimalista, o machismo parece estar morrendo tão rápido que seria contraproducente chamar atenção para o fato. Nós todas, com ingenuidade, presumimos que é um problema de outra era e que as coisas estão ficando melhores a cada dia. Não sabemos o que está vindo para cima de nós — depilação completa, Moira Stuart demitida por ser velha demais, mais uma década e meia de salário inferior. Em uma era de PJ Harvey, não dá para imaginar as Pussycat Dolls.

Mas eu tenho, sim, conversas sobre o patriarcado. Com homens gays. Aos dezoito anos, estou descobrindo aquilo que gerações de mulheres sabem há muito tempo: que o aliado natural da mulher heterossexual é o homem gay. Porque eles são “o outro” — os perdedores — também.

“Você acha que não vão reparar que você é mulher?”, Charlie pergunta.

Estamos em um café vagabundo em Camden, comendo espaguete à bolonhesa. Agora eu moro em Londres — fiz fila no Barclays da Queen Square em Wolverhampton no dia do meu aniversário de dezoito anos, na primeira hora em que podia pedir um empréstimo legalmente e saí de casa. Tenho uma casa em Camden e sou a inquilina mais desorganizada do

mundo: o telefone é cortado com tanta regularidade que as pessoas começam a deixar recados para mim no bar da esquina, The Good Mixer, em vez de ligar para a minha casa. Deixo uma vela acesa em cima da televisão e ela derrete diretamente para dentro do tubo catódico. Não que faça diferença, porque a eletricidade também foi cortada. Não vejo TV há meses.

Almoçar no café todos os dias e pedir espaguete à bolonhesa, por 3,75 libras, ainda parece ser o auge da sofisticação e da maturidade. Olhe só para mim! Comendo fora! Comida *estrangeira*! Com um *homossexual*!

“Porque sempre reparam, sabe como é”, Charlie diz. “Reparam que você é mulher imediatamente. Eu costumava achar que também não reparavam que eu era gay. Mas reparam.”

“Não é que haja algo de muito errado”, eu digo, quase em tom de desculpa. “Quer dizer, não me deixam em uma sala de estupro nem nada. É só que...”

Eu suspiro.

“É só que... ah, tudo o que eu digo parece meio esquisito e errado”, eu digo. “Eu não sou *normal*. Simplesmente me sinto como uma idiota.”

Ainda estou sofrendo por causa de uma conversa que tivemos na *Melody Maker*. A grande novidade é um movimento norte-americano chamado “Riot Grrrl” — uma cena punk hard-core feminista em que as integrantes das bandas se negam a falar com a grande imprensa, disseminam fanzines, proíbem os meninos de ficar na frente do palco e rabiscam lemas revolucionários no corpo com batom e pincel atômico.

Courtney Love é uma das expoentes do movimento — e, por isso, Kurt Cobain e o Nirvana são aliados. Como eu agora trabalho para o *Times* como crítica de rock, mencionei em uma conversa que acho que as bandas do Riot Grrrl deviam dar entrevistas para a grande imprensa, já que o tipo de menina que *realmente* precisa de um movimento feminista hard-core — em conjuntos habitacionais populares, ouvindo a Radio 1, criando fantasias com os New Kids On The Block — provavelmente não vai deparar com um exemplar em xerox de um fanzine do Riot Grrrl sendo distribuído na porta de um show do Sebadoh. Qualquer revolução que se preze precisa transmitir sua mensagem para o máximo de pessoas possível. *Ipsa facto*, a Huggy Bear deveria dar uma entrevista para mim.

Na metade do discurso, sou calada aos berros por um editor que considera tudo o que eu digo fora de propósito e conclui seu argumento com a afirmação: “Você não sabe o que é ser uma garota adolescente gorda que recebe insultos de cuzões na rua”.

Na época, eu sou uma adolescente gorda que recebe insultos de cuzões na rua. Fico em silêncio, estupefata, por receber uma bronca de um homem branco, heterossexual e de meia-idade a respeito de um movimento feminista radical juvenil.

“Parece que ele acha que entende *tudo* melhor do que eu — até *eu mesma!*”,

digo a Charlie, ficando indignada de novo. “Fiquei tão nervosa que quase me mijei nas calças — por causa de alguém, aliás, que entra direto no banheiro de qualquer show, enquanto eu tenho que ficar na fila.”

“Ah, isso acontece comigo o tempo todo”, Charlie diz, alegre. “São principalmente conversas a respeito de como é difícil ser gay — fato explicado para mim por um homem heterossexual. O problema é que os homens heterossexuais não sabem muito sobre nós, não é mesmo?”

“Somos misteriosos”, eu concordo, com espaguete pendurado na boca.

“E somos mesmo, não é verdade?”, Charlie diz. “Quer dizer, fico pensando em todos os filmes ou programas de TV com uma mulher ou um gay, em um roteiro que está cheio de homens heterossexuais, escrito por um homem heterossexual. Ou um livro. A ficção e o cinema estão cheios desses homens gays e mulheres heterossexuais dizendo o que os homens heterossexuais imaginam que nós diríamos e fazendo o que homens heterossexuais imaginam que faríamos. Todo gay que eu vejo é um ex-amante morrendo de aids. Porra de *Filadélfia*. Comecei a pensar que precisava arrumar um namorado com aids só para ser normal.”

“É — e todas as mulheres são sempre muito boazinhas e sensatas, e vivem fazendo com que os homens controlem suas ideias malucas”, eu digo, tristonha. “E elas *nunca* são engraçadas. POR QUE NÃO POSSO VER UMA MULHER ENGRAÇADA?”

“Mulheres *judias* podem ser engraçadas”, Charlie observa. “Mas elas também têm que ser neuróticas e solteiras.”

“Talvez eu deva me converter”, digo, desanimada. “Vou à sinagoga pegar um daqueles castiçais, e você entra para uma ONG que cuida de pessoas com aids. Assim, seremos adequados.”

“Mas as coisas ainda são fáceis para nós em comparação com as lésbicas”, Charlie diz e paga a conta. “Não existe absolutamente nenhuma lésbica na Inglaterra, com exceção da Hufty.”

Enquanto enfio os cigarros na bolsa, tenho uma ideia idiota. Sei o que preciso fazer, penso. Preciso arrumar um namorado. Um namorado faria com que tudo ficasse melhor.

8. Estou apaixonada!

Um ano depois, estou apaixonada. Ele é o homem ideal. Obviamente, eu achava que o que veio antes dele fosse o homem ideal, e o que veio antes desse. Sinceramente, estou tão animada com a ideia de estar apaixonada que *qualquer um* entre 3 milhões poderia ser o homem certo.

Mas, não — este aqui, agora, é o homem ideal com toda a certeza. O homem mais ideal. Estou caminhando por pisos acinzentados em Hampstead, em março, de mãos dadas, e estou muito apaixonada. Confesso que me sinto péssima porque ele é um cuzão, mas estou apaixonada. Finalmente, por pura força de vontade. Tenho uma pessoa só para mim.

“Você anda de um jeito engraçado”, ele diz, para me provocar. “Não anda feito gorda.”

Não faço a menor ideia do que ele quer dizer com isso. Solto sua mão. Estou apaixonada. Jesus, estou arrasada.

Sim, ele tem uma banda — o primeiro cara de uma banda que consegui arrumar. É muito talentoso e lindo, mas também é um folgado e, com toda a certeza, tem problemas. A banda dele não chega a lugar nenhum porque ele se recusa a fazer “shows de merda”, que considera indignos de seu talento. Ele compõe quatro ou cinco músicas por ano, e passa meses discutindo cada uma delas, como se tivessem ficado semanas no topo da parada e tivessem mudado o mundo, e não estivessem apenas em fitas jogadas pelo chão do meu apartamento, sem mixagem e finalização.

Ele diz que odeia a mãe — quando pergunto por que, conta uma longa história que acaba com ele jogando a tampa de um pote de margarina em cima dela, durante uma discussão, e ela desmaiando. Não entendo direito, mas concordo que ela parece péssima.

Mas por que eles estavam comendo margarina? É o que eu fico me perguntando. Se fosse rica como eles, eu comeria manteiga todos os dias.

Apesar de estarmos saindo juntos e de ele ter se mudado para o meu apartamento, acho que ele não gosta de mim. Quando escrevo, ele se senta ao meu lado em uma cadeira e explica longamente como é mais talentoso do que eu. Quando estamos com amigos, ele faz uma piada e quando dou risada explode: “Por que está rindo? Você não entende o que estou dizendo”.

Minha família o odeia. Quando meu irmão Eddie vem se hospedar em casa, ele sem querer derrama um pote de iogurte de morango na jaqueta de camurça do meu namorado, que tem o maior chilique com um garoto de treze anos. Eddie chora. Preciso sair de casa e me sentar nos degraus da entrada para fumar enquanto peço desculpas e mais desculpas a Eddie.

Caz é muito seca sobre ele: “Ele é um arrogante. Você estava melhor

quando só morava com os ratos da cozinha. Ele é um cara baixinho com nome de mulher — e isso só causa confusão”.

O nome dele é Courtney. E ele é bem baixinho e muito magro: com toda a certeza é menor do que eu. Sinto que sou grande demais para ele. É um problema. Parece que, se eu ficar em pé com o corpo bem reto, poderia esmagá-lo. Começo a fumar muita maconha, para ficar menor e mais quieta.

O amor é a droga, penso, fumando às onze da manhã. O amor é a droga. A gente só precisa de drogas.

Além do mais, eu mesma não sou um bom partido. Sou uma adolescente morando em uma casa em que a eletricidade foi cortada. Acordo às duas da tarde e vou para a cama ao amanhecer. Sou bem louca: depois de ter arrumado um emprego fantástico, em que apresento um programa de música na madrugada no Channel 4 chamado *Naked City*, fiquei mais ou menos famosa e descobri que ser mais ou menos famosa consiste, de maneira geral, em pessoas bêbadas que chegam para você em shows, dizem “Você é uma merda!” e saem andando.

Nem todas as pessoas dizem “Você é uma merda!”. Algumas dizem: “Você é ótima!”, mas, de certo modo, isso é pior. Porque quando um monte de outras pessoas disse “Você é uma merda!”, a pessoa sente que tem obrigação de falar àqueles que dizem “Você é ótima!” que tem muita gente que pensa que você é uma merda, e que elas talvez devessem ter essas estatísticas em mente antes de fazer uma análise final. E se você tenta dizer todas essas coisas quando está bem bêbada — como eu quase sempre estava —, então as pessoas olham para você absolutamente confusas, depois de um ou dois minutos, então pedem desculpas e vão embora.

Então, eu sou meio confusa e bagunçada, às vezes briguenta — “Eu sou ótima! Tem gente que diz isso!” — e chorona — “Eu sou uma merda! Tem gente que diz isso!”. Caio bastante de escadas quando estou bêbada. Na casa de Pete, da *Melody Maker*, fico toda lacrimosa e passo a noite sentada embaixo da mesa, chorando. Mais do que tudo — apesar de ter passado a vida desejando sair de casa —, eu sinto falta da minha família. À noite, quando me deito com Courtney — alguém com quem posso transar! Um garoto esperto! —, eu me pego pensando na minha cama em Wolverhampton, que eu dividia com minha irmã Prinnie, agora sozinha.

Talvez eu tenha acordado várias vezes ensopada com a urina dela, mas sempre me senti segura lá, penso, deitada no escuro. Eu queria que Prinnie estivesse na cama, e não Courtney. A pequena Prinnie com seus olhos grandes, quente, com cheiro de pão, terra e cachorrinhos. Quando ela acordava no meio da noite, eu contava histórias sobre Judy Garland e acariciava seu cabelo até que voltasse a dormir.

Quando Courtney acorda à noite, ele fica resmungando sobre o cabelo dele que está ficando ralo até cair no sono — ele me deixa irrequieta, deprimida e

acordada. Eu não sabia que era possível se sentir sozinha deitada ao lado de alguém.

Mas também estou absolutamente determinada a continuar apaixonada. Imagino que isso provavelmente vai servir para... me fazer uma pessoa melhor. É amor em forma de lição, de penitência. Não acho que Courtney vá me matar, portanto, ele só pode me deixar mais forte. Vou aprender com isso. Escuto bastante Janis Joplin. Acredito em se sentir mal por amor. Acho que é, de algum modo, glorioso. Sou idiota. Sou muito idiota.

Como a roupa íntima, o amor é o trabalho da mulher. As mulheres são feitas para que as pessoas se apaixonem por elas. Quando debatemos as grandes tragédias que podem se abater sobre uma mulher, tirando da frente a guerra e a doença, a ideia de não ser amada e, portanto, de não ser desejada é a que mais nos faz ter calafrios. Elizabeth pode ter estabelecido as bases do Império Britânico, mas ela nunca conseguiu se casar — a pobre rainha pálida, com o rosto coberto de mercúrio. Jennifer Aniston é uma milionária linda e de sucesso que mora em uma casa na praia em Los Angeles e nunca vai ter que ficar na fila do correio para enviar uma bota para o departamento de devoluções de uma loja on-line no meio de uma gripe — e, no entanto, toda a década de seus trinta anos ficou marcada como o período em que ela simplesmente não conseguiu segurar Brad Pitt e depois John Mayer. A princesa Diana — tão sem sorte! Cheryl Cole — sozinha! Hilary Swank e Reese Witherspoon — ganharam um Oscar, mas foram abandonadas pelo marido!

A linguagem nos diz exatamente o que pensamos das mulheres solteiras — está tudo lá, na diferença entre “solteirão” e “ficou para titia”. Os solteirões têm tudo. As titias precisam correr atrás de tudo, e rápido. A demanda de mercado dita o valor de uma mulher: se é solteira, não é desejada e, portanto — se esse estado das coisas permanecer por um tempo —, é menos desejável.

Então, dada a importância que as mulheres sabem ser atribuída ao fato de elas serem comprometidas, não é surpresa que muitas fiquem obcecadas com a ideia do amor e do relacionamento. Pensamos nisso o tempo todo. Às vezes, quando falo com homens sobre como as mulheres pensam nos relacionamentos em potencial, eles começam a parecer muito, muito preocupados. Discuta a mesma coisa com as mulheres, no entanto, e elas vão saber exatamente do que você está falando.

Tome, por exemplo, um escritório comum. Em uma equipe de gêneros sexuais mistos, haverá paqueras óbvias rolando o tempo todo, todas mais ou menos aparentes ao observador curioso. Sabemos de tudo isso. Mas, se você tivesse alguma espécie de capacete psíquico que pudesse colocar para ler o

pensamento das mulheres, qualquer homem que o fizesse ficaria apavorado no mesmo instante com os níveis de insanidade feminina previamente ocultos que ele revelaria.

Olhe para aquela mulher ali no canto — uma gerente de seção perfeitamente normal e nada psicótica, que se comporta adequadamente e com quem é fácil se relacionar. Até onde todo mundo sabe, ela não está a fim de ninguém no escritório. Ela parece estar escrevendo um e-mail longo e importante. Mas sabe o que ela está fazendo na realidade? Está pensando sobre aquele cara a cinco mesas de distância com quem só falou umas dez vezes.

“Se fizéssemos uma viagem juntos em um fim de semana prolongado, não poderíamos ir a Paris — ele foi para lá com a última namorada”, ela está pensando. “Eu sei. Ele falou isso uma vez. Eu lembro. Não vou sair pisando firme pelo Louvre todo se é para ele me comparar usando um modelito de primavera a ela, com o modelito de primavera *dela*. Não que nós fôssemos na primavera, de todo modo — levando em conta em que fase está nosso relacionamento agora, se ele desse o primeiro passo HOJE, nossa primeira oportunidade de passar um fim de semana prolongado juntos seria...”, ela conta nos dedos, “... em novembro, quando estaria chovendo muito e meu cabelo ficaria todo lambido. Eu precisaria de um guarda-chuva.”

“Mas”, ela prossegue, digitando, nervosa, “se eu tivesse um guarda-chuva, então não poderíamos ficar de mãos dadas, porque eu estaria com o cabo em uma mão e a bolsa na outra. Então, seria uma merda. A MENOS QUE... eu consiga colocar tudo de que preciso nos bolsos! Aí não precisaria levar bolsa para o Louvre. Mas então eu ficaria sem uma meia-calça extra se me molhasse, teria que ficar com as pernas nuas, ficaria com tanto frio que minhas pernas ficariam roxas, estaria tensa quando voltássemos para o hotel para transar, ficaria tentando escondê-las com uma toalha, e ele pensaria que eu estava sacaneando com ele e terminaria comigo. PUTA QUE O PARIU. POR QUE ELE VAI ME LEVAR A PARIS EM NOVEMBRO? ODEIO ESSE HOMEM.”

E ela nem é a fim do cara. Mal falou com ele. Se ele a convidasse para um drinque, ela provavelmente diria não. Ela não deseja de fato ter um relacionamento com ele. Na próxima vez que falar com ele, vai ser um pouco seca e ele jamais chegaria perto de imaginar por que — nem em seus devaneios mais malucos e regados a ópio. Talvez ele desse de ombros e presumisse que ela estava na TPM ou tendo um dia difícil.

Ele nunca desconfiaria da simples verdade: eles passaram um fim de semana prolongado imaginário muito desagradável juntos em Paris e terminaram por causa de uma meia-calça.

Imagino relacionamentos o tempo todo. O tempo todo. Meu Deus, na

adolescência, eu era uma *viciada* da porra nisso. Eu mal chegava a existir no mundo real. Vivia em uma espécie de... Nárnia do Sexo. Minha vida amorosa era movimentada, emocionante e totalmente imaginária.

Minha primeira relação séria foi com um comediante famoso da época, e aconteceu totalmente na minha cabeça. Eu nunca tinha sido apresentada para ele, nunca tinha falado com ele nem estado no mesmo recinto que ele — e, no entanto, durante uma viagem de trem de Wolverhampton à estação de Euston, em Londres, vivi uma das maiores experiências de relacionamento da minha vida sonhando acordada. Nós obviamente nos conhecemos em uma festa, pensei. Batemos papo, ao estilo de *Jejum de amor*, divertimos um ao outro muito e nos tornamos parceiros de escrita antes de passar a amantes espirituosos e ardentes.

Na medida em que o trem disparava por Coventry, imaginei nossa casa, nosso jantar com amigos, nosso círculo social, nossos bichos de estimação. Quando cheguei a Rugby, estava imaginando nós dois no programa *Wogan* falando sobre nosso novo projeto — uma comédia romântica excêntrica que batia todos os recordes de bilheteria.

“Mas aconteceram algumas tragédias no período em que vocês escreveram, não foi?”, Terry Wogan pergunta, inclinando-se para a frente e fazendo sua “expressão sensível”.

“É verdade, Terry”, respondo, com os olhos marejados. Sinto a câmera um fechando em mim num close-up. “Quando estávamos no meio do roteiro, nós... perdemos nosso primeiro bebê. Fiquei arrasada. Ele teria sido tão amado, tão desejado. Lidar com este tipo de perda é simplesmente... É como se um alcapão abrisse no seu coração.”

O comediante famoso me abraça em silêncio.

“Caitlin foi fantástica”, ele diz e enxuga o olho com o punho da camisa. “Ela não quis desistir do roteiro. Durante os dias, era uma leoa. Mas, à noite... à noite chorávamos até dormir.”

Aquela se tornaria uma das entrevistas mais famosas da carreira de Wogan — e não só porque a câmera também pegou uma lágrima na bochecha dele quando terminou a entrevista para passar ao novo single de PJ & Duncan, “Let’s Get Ready To Rhumble”.

Ao imaginar tudo isso, fiquei tão histérica de tristeza que, quando cheguei a Euston, tive de ir ao banheiro e enfiar a cabeça embaixo da torneira de água fria. Mesmo hoje — dezessete anos depois — ainda me sinto bem sentimental quando penso sobre isso. Em muitos aspectos, é um dos relacionamentos mais memoráveis da minha vida. Em uma viagem de trem de uma hora e meia, eu tinha conhecido o amor da minha vida, ganhado um Oscar, perdido um bebê, ficado de luto, feito Terry Wogan chorar no horário nobre da BBC 1 e inspirado o segundo single de PJ & Duncan, “Too Many Tears (For a Beautiful Lady)”.

O clipe que chegou ao topo das paradas mostrava uma foto em preto e branco muito chique de mim, com ar nobre, em uma moldura rebuscada, para a qual PJ & Duncan cantavam na neve.

Eu sei que tudo isso parece loucura. E talvez seja mesmo um exemplo *um pouco* radical. E ainda fez com que conhecer o tal comediante em uma festa se tornasse uma situação muito complicada — uma amiga, ao perceber que eu estava bêbada, teve que me *arrastar* literalmente para fora da sala, dizendo: “NÃO FALE NADA PARA ELE! TENTE SE LEMBRAR DE QUE SÓ ACONTECEU NA SUA CABEÇA! VOCÊ NÃO TEM NADA REAL DE QUE SE LEMBRAR!”.

Mas quase todas as mulheres que eu conheço têm uma história parecida em linhas gerais — aliás, dúzias delas: uma obsessão por uma celebridade, um colega de trabalho ou alguém que mal conheceram que durou *anos*; elas viviam em um mundo paralelo em sua própria cabeça, imaginando enredos e cenários infinitos para coisas que nunca de fato aconteceram.

Quando tentei racionalizar minha própria insanidade, percebi que essas paixões intensas são um excedente evolucionário necessário de ser mulher. Como nossa janela de fertilidade é curta — dando espaço para uns poucos relacionamentos sérios com potencial de reprodução antes da menopausa —, essas fantasias sérias são uma espécie de test drive que permitem às mulheres repassarem relacionamentos possíveis completos na imaginação, para ver se funcionariam ou não. Como um computador fazendo cálculos com algoritmos.

Mas essa capacidade febril de ter relacionamentos imaginários intensos em geral atrapalha os relacionamentos que de fato existem, confundindo os limites entre o real e o imaginário. Às vezes, isso é totalmente benigno. Quem não tem uma amiga que adora o parceiro com uma paixão que parece incompreensível para todos que os conhecem? Antes de você ser apresentada a ele, ela falava como se o cara fosse uma mistura de Indiana Jones e Barack Obama. Quando você finalmente o conhece, ele é uma coisinha silenciosa que parece um feijão cozido de óculos e que pronuncia as palavras exatamente como se escreve.

“Não dá para acreditar que eu concordei em passar um fim de semana com eles”, você pensa, dolorosamente, e coloca um pouco de bebida na sua xícara. “Ela está namorando o rei ossudo de LugarNenhum.com.”

E outras vezes, é claro, essa capacidade de viver um relacionamento imaginário se torna totalmente inútil em casos que são, por qualquer razão, insatisfatórios, irregulares ou insípidos.

Assim que minhas amigas e eu começamos a namorar de verdade, tem início um paradoxo exaustivo: uma crença de que, no amor, tudo não é o que parece. A convicção de que existe um estado das coisas comum em que um homem pode estar loucamente apaixonado por você e desejar passar o resto da vida com você, mas vai indicar isso em uma variedade de maneiras tão

sutis que só as mais talentosas e determinadas vão saber distinguir seus desejos verdadeiros. Como se fosse *O código Da Vinci*. Se um homem leva você para jantar, manda ver e passa duas semanas sem ligar, ele deve estar propondo um desafio secreto que você — com um pouco de álgebra, consultas a pergaminhos antigos e lamentos ao telefone para as amigas — poderá decodificar e, no fim, se casar, quer dizer, vencer.

“Ouça só esse e-mail”, uma amiga dirá. “Ele escreveu: ‘Rachel, foi bom te ver. A noite foi ótima! Precisamos repetir uma hora dessas’. Acho que ele não quer mesmo saber de compromisso...”

“Ele parece bem tranquilo mesmo”, concordarei.

“Mas, bom”, Rachel continuará, usando o tom especial de voz “levemente irritada” que todas as mulheres usam durante essas conversas, “ele mandou às quatro da tarde.”

Ela faz uma pausa. Solto um som confuso.

“Quatro da tarde!”, ela diz mais uma vez. “Então ele ainda estava no trabalho quando mandou! Então talvez estivesse preocupado que alguém pudesse olhar por cima do ombro dele e ver, por isso foi um pouco frio. Quer dizer, ele colocou ‘bjs’ no fim. É a maneira dele de expressar intimidade, certo?”

“Rachel”, eu direi. “As pessoas colocam ‘bjs’ no fim de e-mails para a Receita Federal. Todo mundo faz isso.”

“Olhei a página do Facebook dele, e ele mudou a lista de músicas preferidas. Incluiu ‘Here Comes The Hotstepper’, de Ini Kamoze. NÓS CONVERSAMOS SOBRE INI KAMOZE NO JANTAR!”

“Rachel, acho que, se ele gostasse de você, ele simplesmente... passaria muito mais tempo com você e diria coisas como ‘Eu gosto mesmo de você’”, responderei.

“Mas você não acha que isso tudo é... significativo?”, ela vai alegar. “Não acho que alguém mude o perfil no Facebook SEM MOTIVO NENHUM. É um recado para mim.”

Depois de uma hora disso, desistirei de tentar convencê-la de que nada disso significa algo. Não adianta tentar. Não funciona nem se você berrar “ELE NÃO ESTÁ A FIM DE VOCÊ” enquanto toca uma buzina. Ela está no modo Garota Matrix — tentando agarrar balas invisíveis em câmera lenta enquanto o resto de nós não consegue ver nada.

Sempre dá para saber quando uma mulher está com o homem errado, porque ela tem muito a dizer a respeito do fato de nada estar acontecendo.

Quando encontram a pessoa certa, por outro lado, elas simplesmente... desaparecem durante seis meses e depois ressurgem, com os olhos brilhantes, geralmente três quilos mais gordas.

“Então, como ele é?”, você perguntará, esperando pela explosão de sempre de coisas que ele diz e faz, e pedidos de análise a respeito do que você acha

que significa o fato de o filme preferido dele ser *Guerra nas estrelas* (“Preso na adolescência — ou em contato com sua criança interior?”).

Mas ela ficará estranhamente quieta.

“É só... bom”, dirá. “Estou feliz de verdade.”

Quando — quatro horas depois — ela ficar bem bêbada, haverá uma conversa estonteante a respeito de como ele é bom de cama. “Sinceramente, o tamanho do pênis dele é quase caso de emergência médica”, ela dirá, com uma animação improvável.

E, então, será o fim da conversa. Em geral, para sempre. Você para de falar sobre as coisas quando estão resolvidas. Deixa de ser uma observadora e passa a ser participante. Fica ocupada demais para tanta besteira.

Eu falo sobre Courtney para todo mundo. Sou uma chata. Parece que nosso relacionamento é um quebra-cabeça — um enorme enigma existencial e emocional. Se eu me dedicar o suficiente, conseguirei decifrá-lo e receberei meu prêmio em Amor Verdadeiro. Afinal de contas, todos os ingredientes para que sejamos um casal perfeito estão presentes: ele é homem, eu sou mulher, nós moramos na mesma casa. Todo o resto — compatibilidade, educação, ternura, não querer matar um ao outro — são coisinhas que eu posso resolver, se pensar nelas o suficiente.

Caz aguenta o tranco das minhas tentativas de descobrir a resposta. Há pouco tempo, encontrei minhas contas de telefone daquela época, e elas mostram, na coluna das ligações, como eu telefonava para ela toda noite: onze da noite, uma da manhã, duas, três. Horas de conversa. É impressionante quanta coisa se tem a falar quando há algo muito importante que você tem medo de dizer: “Não está dando certo”.

O problema é que eu sou o problema. Courtney é só infeliz. Eu sei disso. Lá no fundo. Quando eu encontrar a maneira de fazê-lo feliz, tudo vai ficar bem. Ele tem problemas e preciso resolvê-los — então chegaremos à parte boa do nosso relacionamento. Esse é o truque, o primeiro tanto de amor em que todas as coisas ruins se dissolvem, permitindo que ele seja finalmente quem é, lá no fundo. Lá no fundo, ele me ama de fato. Minha insistência vai comprovar que sim. Se não der certo, é porque não me esforcei o suficiente.

Isso tudo se comprova quando encontro o diário de Courtney, quando ele está fora. Sei que não devo ler — mas, de certo modo, leio *pelo nosso bem*. Se isso for uma traição, então é uma daquelas traições *boas* de que a gente tanto ouve falar. Uma traição de amor. Porque, se eu descobrir o que ele *realmente* pensa, então esse relacionamento finalmente vai florescer.

As anotações são bem inequívocas. “Ela é louca”, ele escreve a meu respeito. “Quando é que vai começar a me levar a festas de celebridades? Fico em casa sem fazer nada, entediado. Quando é que esse relacionamento vai

ajudar a minha carreira?”

Outras anotações revelam que Courtney continua apaixonado por uma garota da cidade dele, que lhe deu o pé na bunda três anos antes.

Decodifico isso como se Courtney simplesmente se sentisse “inseguro” a respeito da nossa relação e redobro meus esforços. Compro roupa íntima da Ann Summers que me faz parecer uma prostituta, do jeito ruim. Cozinho para ele — é uma cavalgada constante de sopas, pães e bolos, para fazer com que nossa casa pareça um lar. Acaricio a cabeça dele quando reclama que sua banda não está fazendo sucesso, esmagando pensamentos jornalísticos na minha mente tais como: “Bom, se você topasse pelo menos *uma* porra de show, talvez chegasse a algum lugar”.

Marco um encontro para nós, em um restaurante. Olhe só para mim! Reservando uma mesa! Feito uma adulta! Mas, meia hora antes, ele me liga de um bar.

“Estou em uma reunião da banda. Talvez eu me atrase um pouco”, diz, enrolando a língua.

“Quanto tempo?”, pergunto, passando o rímel.

“Duas horas?”, ele responde.

“Ah, tudo bem!”, digo, animada. Sei em que bar ele está. Vou até lá e me sento à porta, esperando por ele enquanto fumo. Quando ele finalmente aparece, explica que não está mais com fome — “comi um sanduíche de presunto” — e pegamos o metrô para casa.

Sentada no assento aveludado ao lado dele, enquanto fala coisas levemente incoerentes sobre a “reunião”, o relacionamento imaginário que tenho na cabeça — ele tem problemas e é mal compreendido, eu o ajudo a reencontrar a felicidade com tudo que faço e digo — começa a ter concorrência. Nessas novas cenas na minha cabeça, eu berro: “por que você é tão cuzão? Se não gosta de mim, diga logo”, enquanto jogo coisas pela sala. Reprimo essas ideias rapidamente.

Elas não fazem parte do meu plano, que envolve passarmos o resto da vida juntos, em uma alegria intensa.

Para seguir firme com meu sonho, compro um litro de uísque no caminho para casa. É fácil imaginar coisas felizes quando se está muito, muito bêbada.

Penso em tentar explicar tudo isso para os policiais que aparecem na nossa casa às duas da manhã. Nós dois estamos mal, e Courtney ficou me seguindo pela casa, berrando comigo, tentando derrubar a porta a chutes quando me tranco no banheiro.

O policial tem uns 55 anos. Com sua jaqueta rígida e seus sapatos pesados, ele parece muito mais adulto e composto do que as pessoas para quem está olhando: uma adolescente chorona e irritada de camisola e um homem de 26 anos com camisa e jeans, tremendo ao acender um cigarro. No meu

estado de embriaguez, o policial parece de fato estar emitindo uma luz azul que pisca — mas é só a viatura, parada na rua.

“Recebemos uma ligação a respeito de um distúrbio doméstico”, ele diz, e seu walkie-talkie faz um som. “Berros e gritos às duas da manhã. Não é muito legal para os vizinhos. O que está acontecendo?”

O policial não se parece com minhas amigas. Ele é grande, sólido e é homem, e não posso explicar para ele que é só uma fase difícil do relacionamento, em que estou tentando transformar Courtney em outra pessoa, ao passo que ele projeta muitas de suas inseguranças em mim e tenta, de algum modo, vingar-se da mãe pela vez em que ele jogou uma tampa de margarina nela e ela desmaiou.

O policial não vai escutar tudo isso — nem se tomar algumas doses, que eu ofereci a ele, em uma tentativa cambaleante de ser hospitaleira e normal. Fico levemente surpresa quando ele recusa — quando fiquei trancada para fora do meu último apartamento e os bombeiros precisaram abrir a porta para mim, todos bebemos cerveja no pátio depois enquanto eu contava algumas fofocas sobre o Oasis.

Os bombeiros gostam mais de festa, penso ao prometer ao policial que vamos ficar quietos agora, e que foi tudo um mal-entendido.

“Só um probleminha doméstico”, digo antes que ele vá embora. Parece uma coisa bem adulta de se dizer. Adultos dizem isso sobre seus relacionamentos em *EastEnders*. Estou agindo com bastante maturidade em relação à coisa toda.

*

Dias depois, fujo de casa com a idiota da nova cachorra — que agora é velha — e caminho até o parque. Deito embaixo de uma árvore — de camisola, com um casaco jogado por cima — e fico olhando para as folhas. Aperto um baseado — bem pequenininho. Adequado para as duas da manhã.

As pessoas ao seu redor são espelhos, penso com meus botões. A cachorra nada no lago. Eu a observo bater as patas na água.

Você se vê refletida nos olhos delas. Se o espelho for verdadeiro, liso, você vê seu verdadeiro eu. É assim que aprende quem é. Você pode ser uma pessoa diferente com pessoas diferentes, mas precisa de retorno para se conhecer.

Mas, se o espelho estiver quebrado, rachado ou torto, eu continuo, dando mais uma tragada, o reflexo não é verdadeiro. E você começa a acreditar que é esse... reflexo ruim. Quando olho nos olhos de Courtney, vejo uma mulher louca e autoritária com uma sorte insuportável, tentando atrapalhá-lo.

Faço uma pausa.

Eu o amo, mas ele me odeia. É isso que vejo. Vou ter que pedir a Courtney que vá embora. Não posso mais morar com ele.

Vou para casa.

Courtney se recusa a ir embora.

“Não vou sair até conseguir encontrar um apartamento tão legal quanto esse”, ele diz com firmeza. “Não vou morar em algum lugar de merda. Não vou terminar com você e ir morar em uma porra como... *Cricklewood*. Não seria justo.”

Ele anuncia naquela noite que não vamos mais transar: “Estou deprimido demais para transar com você”, ele diz. “Só vai fazer as coisas ficarem piores.”

O espelho fica mais escuro. Quase não dá para ver meu rosto.

Uma viagem de fim de semana! É disso que precisamos. Ar fresco e interior. Só precisamos sair de Londres. É Londres o problema: Londres, que contém Cricklewood, que Courtney teme. É Londres que nos desestabiliza. Vamos ficar *bem* em outro lugar.

Alguns amigos dele estão gravando um álbum novo no País de Gales e convidam um grupo que nos inclui para ir passar o fim de semana lá. Até onde todo mundo sabe, Courtney e eu ainda somos o casal mais quente do pedaço: o pop star e a apresentadora de TV adolescente, enfiando o pé na jaca a noite toda. Só Caz sabe a verdade, por causa de todas aquelas ligações às duas da manhã. Agora ela está sentada na minha frente, no trem que partiu de Paddington em direção ao oeste. Eu a convidei no último minuto — prometendo que poderia passar um tempo com uma banda famosa e beber tanto quanto quisesse.

“Eu não iria se fosse uma banda de que eu gostasse”, ela diz quando eu pergunto. “Seria estranho. Mas, levando em conta que é um bando de idiotas, eu vou. Beber quantidades enormes do champanhe de cuzões famosos é o dever da verdadeira revolucionária.”

Todos pedimos bebida no bar do trem — é a festa antes do show. Estou lendo a revista *Private Eye* e dando risada. Na terceira vez que rio, Courtney explode: “Pare de dar risada. Já deu para entender”.

“Eu só estou... dando risada”, eu digo.

“Não — essa não é sua risada normal”, ele garante, mais bêbado do que o resto de nós. “Você só dá risada assim perto de outras pessoas.”

Todo mundo fica em silêncio. A coisa toda é bem desagradável.

“Acho que ela só está dando risada, Courtney”, Caz diz, irritada. “Mas dá para entender que você tenha estranhado, já que é algo que não deve ouvir muito.”

Dou um chute em Caz por baixo da mesa para que cale a boca. Fico com

vergonha por ela ter que lidar com nossa escuridão secreta. Isso é particular: A administração da minha alma. Eu devia ser capaz de controlar. Simplesmente não vou mais dar risada.

Em Rockfield, o outono é insuportavelmente lindo: um outono galês faz um verão inglês parecer sem jeito e sem graça. A geada cobre as encostas das montanhas. Courtney sai para uma de suas sessões de “embelezamento” infinitas — ele passa horas arrumando o cabelo na frente do espelho, fazendo biquinho —, e Caz e eu ficamos na entrada, enfiando amoras na boca, e depois corremos uma atrás da outra em um campo, feito crianças. O ar é duro, como ferro. Dou risadas histéricas e então começo a me preocupar.

“Será que a minha risada mudou?”, pergunto a Caz. “Está parecendo mais... londrina?”

“Essa é, sem dúvida, a pergunta mais idiota que já me fizeram”, Caz responde. Ela encontra um galho caído e bate na minha bunda coberta pelo casaco até eu cair no chão, chorando de tanto rir.

O estúdio é o mesmo em que o Queen gravou “Bohemian Rhapsody” — gritando “O que Freddie faria!?”, abrimos champanhe e servimos em copos de chope. Eu imediatamente derrubo o meu na mesa de mixagem e grito: “A gente *sabe* que Freddie faria isso! Acho que tem um fantasma dentro de mim!”, enquanto tento secar com meu cardigã.

Courtney está emocionado por ver um estúdio de verdade: “Finalmente, estou em casa!”, ele diz, e roda em cima de uma cadeira giratória, tocando uma guitarra muito cara da banda. Ele começa a tocar alguns dos sucessos da própria banda para eles — mas com letra nova “que eu mesmo escrevi”.

A banda fica escutando, com educação, mas obviamente preferia que ele parasse.

“Uau! É um happening! Posso fazer uma resenha”, digo, tentando deixar o clima mais leve.

“Só se você já tiver aprendido a escrever”, Courtney responde, tocando um sol menor e tragando um cigarro. Fico tão envergonhada que tomo ecstasy, só para fazer alguma coisa com meu rosto.

Quando a coisa vai esquentando dentro de mim e o resto da sala derrete, vejo Caz me observando em silêncio. Fazia meses que eu não a via — tanto tempo que eu quase tinha me esquecido de quem sou quando não estou com ela. O rosto dela se transforma em um espelho: vejo refletido nele uma adolescente com as pupilas estouradas, sentada em uma cadeira, com aparência muito, muito cansada, apesar de eu estar falando rápido.

Ela é um espelho verdadeiro, penso. Eu devia me ver nela com mais frequência. Consigo me enxergar ali. Consigo ver meus pontos fortes e meus pontos fracos — reconheço aquele rosto. Parece que não o vejo há muito, muito tempo. Desde que era criança.

Ficamos nos encarando durante um século — é uma boa encarada, firme, à moda antiga.

No final, Caz ergue uma sobrancelha para mim. Sei o que ela está dizendo. “O quê?”

Eu respondo, sem emitir som: “Odeio esse cara”.

Ela devolve, sem emitir som também: “Isso porque ele é um cuzão. São todos uns cuzões”.

Eu vou me sentar ao lado de Caz, no chão. Ficamos lá sentadas durante o que parece ser um século, observando Courtney, a banda e umas garotas que não param de dar risadinhas e aparentemente surgiram do nada.

Ritmos e padrões se estabelecem na sala. Rodas de pessoas se inclinam para a frente, como pétalas de crisântemo, por cima da cocaína — depois explodindo para fora, esfregando o nariz e conversando com violência. Beijos lentos nos cantos — seguidos por retornos triunfais para o meio da turma. Gente cara a cara com guitarras, ao estilo Beatles, começando uma música — e de repente a pessoa para e explode em uma gargalhada antes que a seguinte comece.

Caz e eu estamos segurando maracas. Nós as sacudimos de um jeito que só pode ser descrito como “percussão sarcástica”. De vez em quando, alguém nos pede para parar — mas nós recomeçamos, bem baixinho, um minuto depois. Aquilo nos deixa felizes.

Sentada no chão, no canto, tudo parece uma cena que acontece na televisão. Parece uma peça. Até me aproximar e me sentar com Caz, eu fazia parte do show também. Mas agora que estou sentada com ela consigo ver que não faço. Não estou nessa história forçada. Nunca estive. Sou apenas uma telespectadora, assistindo a tudo em casa, na TV. Do mesmo jeito que eu e Caz costumávamos assistir a tudo na TV. Seguro a mão dela. Ela segura a minha. Ficamos sacudindo as maracas para a TV com a mão livre. Eu nunca tinha segurado a mão dela. Talvez tenha feito isso porque estamos as duas viajando. Se nossa mãe tivesse nos dado ecstasy quando éramos pequenas, teríamos nos dado *muito* melhor.

Não sei há quanto tempo estamos sentadas assim quando Courtney se aproxima e olha para nós. Ele continua segurando aquela guitarra muito cara e dedilha as cordas como se fosse o galo de *Robin Hood*, mas com jaqueta de camurça e entradas no cabelo.

“Olá, garotas”, ele diz, arrogante, rangendo muito os dentes.

Sacudimos as maracas para ele. Minhas pupilas estão estouradas. As de Caz também.

“Olá, Courtney”, Caz diz. Ela consegue colocar uma quantidade admirável de ódio em cada letra do nome dele, ao mesmo tempo que continua parecendo muito civilizada.

“Estávamos aqui pensando... será que vocês podem parar com as maracas

agora?”, Courtney conclui, exageradamente educado.

“Acho que não vai dar”, Caz responde, com a mesma educação.

“Por quê?” Courtney pergunta. Ele fala com uma cortesia gélida.

Há uma pausa.

“Porque você é um grande imbecil”, Caz responde como se fosse a rainha cumprimentando o alto-comissariado do Zaire em uma festa no jardim. Ela sacode a maraca dela para marcar a pontuação.

Antes que eu possa me deter, dou risada — uma buzina gigantesca e nada sensual, com um sotaque de Wolverhampton inconfundível.

“E é mesmo!”, digo, toda alegre. Estou em clima de revelação. “Ele é um imbecil completo!”

“Um imbecil completo”, Caz confirma, com formalidade, sacudindo a maraca.

“Cristo, mas você realmente não consegue lidar bem com as drogas, não é?”, Courtney diz para mim. “Está se fazendo de boba.”

“Sabe o que é?”, digo a Caz, ignorando Courtney totalmente. “Nem consigo terminar com ele, porque, para começo de conversa, nunca namoramos. Eu imaginei a coisa toda.”

“Um imbecil totalmente imaginário”, Caz diz mais uma vez. Sacudimos as maracas em uníssono.

“Courtney, vou para casa e vou trocar as fechaduras”, digo, toda animada. Ainda de mãos dadas, eu e Caz nos levantamos.

“Vamos chamar um táxi agora”, aviso a todos na sala. “Obrigada por nos receber, pessoal. Sinto muito por ter feito a mesa de mixagem de vocês entrar em curto-circuito com champanhe. Foi um erro.”

Courtney está berrando alguma coisa, mas não consigo escutar direito. Saímos da sala apressadas, correndo o mais rápido possível para pegar um táxi e voltar a Londres; para comprar um chiclete e interromper o ranger de dentes interminável. Acabamos de pedir um táxi na recepção quando eu me dou conta de que deixei uma coisa importante por fazer.

“Fique aqui”, digo a Caz.

“Aonde você vai?”, ela grita.

“FIQUE AQUI!”, berro, e volto apressada pelo corredor. Irrompo no estúdio. Todo mundo ergue os olhos. Courtney olha para mim com uma combinação de fúria, pena de si mesmo e uma ampla quantidade de cocaína. Mas ele está com cara de quem vai me aceitar de volta se eu pedir desculpas sinceras. Se eu falar sério mesmo. Se eu o amar. Se, no meu coração, eu o amar.

“Será que podemos ficar com as maracas?”, pergunto.

9. Vou a um clube de striptease!

Não faço ideia do que devo vestir para ir a um clube de striptease. É uma das maiores crises de guarda-roupa da minha vida.

“O que você vai vestir?”, pergunto a Vicky, ao telefone.

“Saia. Cardigã”, Vicky responde e acende um cigarro.

“E o sapato?”

“Bota. Salto baixo.”

“Ah, eu também ia usar uma bota de salto baixo”, digo. “Nós duas podemos usar bota de salto baixo. Vai ficar bom. Vamos combinar.”

Então um pensamento ruim me ocorre. “Na verdade, talvez nós duas não devêssemos usar bota de salto baixo”, digo. “Se estivermos combinando demais, as pessoas podem achar que somos uma dupla. Sabe como é. Lésbicas. E podem querer tocar em nós.”

“Ninguém acreditaria que você é lésbica”, Vicky suspira. “Você daria uma péssima lésbica.”

“Não daria, não!”, respondo, indignada. Isso ofende a minha natureza de “tudo é possível”. “Se eu quisesse, seria uma ótima lésbica!”

“Não, não seria”, Vicky diz. “Você é tão heterossexual que chega a ofender. Você curte o Papai Noel. Nem uma pessoa com a imaginação mais fértil do mundo encontraria algum tipo de androginia no Papai Noel. Ele usa bota de borracha dentro de casa.”

Não dá para acreditar que Vicky está duvidando da minha capacidade de ser lésbica se eu quiser. Ela já viu como sou versátil em uma única noite. Uma vez, quando fomos a Bournemouth, conseguimos entrar nos camarins da peça *Run For Your Wife* no papo, e convencemos Jeffrey Holland de que éramos prostitutas, só para ver a reação dele. Ele disse “Caramba!” de maneira muito edificante. Minhas capacidades são infinitas. Ela não sabe do que está falando.

“Talvez eu vá de tênis”, digo.

Vicky me convidou para ir com ela ao Spearmint Rhino, na Tottenham Court Road. Estamos no ano 2000 e os clubes de striptease — durante tanto tempo considerados o cercadinho dos últimos perdedores tristes e suados da Terra — voltaram a ser aceitáveis.

O britpop e *Loaded* tiveram tudo a ver com a redescoberta dos superlativos monocromáticos da classe operária britânica — bares, corridas de cachorro, parcas, futebol no parque, sanduíches de bacon — e clubes de striptease entram nessa categoria. As ladettes, garotas que agem como garotos, agora se divertem indo aos melhores clubes de striptease da cidade. Muitas das Spice Girls foram fotografadas em clubes de striptease fumando charutos e se

divertindo com as apresentações. Zoe Ball e Sara Cox foram despedidas de solteira em clubes de striptease. Esse tipo de estabelecimento está sendo vendido como uma versão mais emocionante e amoral do Groucho Club — um lugar para quem gosta de começar a noite depois da uma da manhã.

Em parte devido à fome jornalística de cobrir o fenômeno, em parte porque os editores de jornal invariavelmente ficam excitados com a foto de mulheres intrusas em um clube de striptease, o jornal *Evening Standard* pediu a Vicky que passasse a noite no Rhino, para ver qual era o atrativo.

“Isso vai contra todos os meus princípios feministas. São arenas de violência”, eu disse quando ela ligou.

“O gerente nos ofereceu espumante de graça durante a noite toda”, Vicky disse.

“Encontro você lá às nove”, respondi, com toda a dignidade que fui capaz de reunir.

Da calçada, o clube tem um ar estranho. Olhando através das portas, o lugar é coberto de molduras douradas rebuscadas, paredes vermelhas e luzes piscando; o glamour é exagerado, vagabundo, parece uma espécie de Disneylândia do peito. Enquanto hesitamos do lado errado da corda que cruza a entrada, alguns clientes chegam e são admitidos pelos seguranças.

Fico surpresa de ver como eles parecem confiantes e despreocupados — nem um pouco culpados. Imaginei que as pessoas dessem algum tipo de desculpa para ir a um clube de striptease — talvez dissessem bem alto para os seguranças: “Estou arrecadando dinheiro para as crianças doentes”, “Fiscalização. Vim conferir a instalação elétrica” ou “Aqui é o Pret A Manger, sim?”, com um sotaque mexicano fingido.

Em vez disso, eles entram — ternos levemente molhados de suor, olhos levemente predadores — como se fosse perfeitamente normal sair do escritório e relaxar pagando mulheres muito jovens para revelar os lábios vaginais. Mas que círculo social agradável eu tenho, reflito, e não é a primeira vez. Todos os meus amigos homens ficariam horrorizados de verdade de ir a um clube de striptease. Todos usam cardigãs, colecionam vinhos e têm fetiche por chá a granel. Eles jamais pagariam para ver os lábios vaginais de uma desconhecida. Meu namorado ainda diz “Obrigado, foi muito bom” depois de ver os meus lábios vaginais, e nós estamos juntos há quatro anos.

“Isto aqui parece um encontro anual dos péssimos pretendentes a maridos”, eu digo a Vicky quando entramos. “Todo mundo aqui deixou para trás um rastro de namoradas e esposas tristes.”

Ainda assim, o espumante grátis é muito grátis, e nós temos uma mesa, bem na frente, do lado da passarela — onde as xoxotas desfilam, como Vicky

diz. Durante a primeira hora, tratamos o Spearmint Rhino como se fosse um bar, apesar da distração ocasional de alguns peitos flutuando sobre a nossa cabeça. Uma conversa especialmente agradável sobre a compra iminente de um casaco de inverno novo é interrompida por uma bunda que de repente entra na nossa linha de visão, mas, para ser sincera, isso já tinha acontecido comigo em um bar comum. Depois de duas horas, algumas das “garotas” se aproximam para conversar e, como sempre acontece quando mulheres se reúnem, começamos a fofocar: Vicky com seu cardigã, eu com minha jaqueta e as garotas com sutiãs reluzentes e tangas que parecem pinicar.

À uma da manhã já estamos bem bêbadas e ganhamos uma dancinha privativa que nos deixou bem desorientadas — a garota tem uma bunda dos céus. Também fomos presenteadas com uma história a respeito de um apresentador de TV muito famoso que é *habitué* do clube e que termina com a seguinte frase: “E daí a mulher dele descobriu que ele tinha herpes — no dia de Natal!”.

Estamos no espaço reservado dando muita risada e pensando: “Aqui é igualzinho ao Groucho, mas com vagabundas *de verdade*, em vez de metafóricas. É superlegal”.

Então a assessora vem falar conosco.

“Estou indo embora”, ela diz e veste o casaco. “Podem ficar mais, se quiserem.”

Olho para a garrafa de espumante. Ainda tem umas duas taças.

“Vamos ficar!”, digo, toda alegre. “Meu lema é: nunca abandone uma garrafa cheia.”

A assessora nos deixa e continuamos a noite sem supervisão. Encho nossas taças bem alegre e estou para contar uma história a respeito de uma vez em que me ofereci para fazer um striptease para um namorado — e, infelizmente, acabei com o clima quando pisei sem querer em uma tigela de mingau que eu tinha deixado do lado da cama naquela manhã — quando dois seguranças se aproximam da nossa mesa.

“Boa noite, delegados”, digo, alegre.

“Está na hora de irem embora, moças”, eles dizem, parecendo bem sérios e inflexíveis.

“Garanto a vocês que só tomei algumas bebidinhas fracas”, eu respondo, meio vesga. “Estou perfeitamente bem para ficar aqui.”

“Hora de ir andando”, o segurança fala e puxa minha cadeira para longe da mesa. O amigo dele faz a mesma coisa com Vicky. Somos colocadas na rua em menos de um minuto, confusas, indignadas e tentando pegar nossos casacos.

Na calçada, estamos ultrajadas.

“Por quê? Por que estamos sendo expulsas?”, berramos, estridentes. “Só estamos dando uma olhada seca e de soslaio para o striptease! Somos

COLUNISTAS! SOMOS QUALIFICADAS para isto! SOMOS DE CONFIANÇA! TRABALHAMOS NA RADIO FOUR!”

“Conhecemos o jogo de vocês”, eles disseram. “São prostitutas.”

Parece, nós descobrimos durante os cinco minutos seguintes de questionamento cada vez mais estridente, que prostitutas russas de “aparência tosca” costumam frequentar o clube para fazer negócio com os clientes que preferem mulheres de visual “normal” em vez das strippers. É isso que o segurança pensa que somos. Ele sabe que não somos strippers — portanto, temos que ser prostitutas. Embora Vicky esteja de cardigã e eu, de tênis.

No mundo dele, as mulheres se encaixam em um sistema binário: stripper; puta. Não existem outros tipos. Certamente não colunistas na casa dos vinte anos com a esperança de espremer em 1200 palavras os acontecimentos enquanto aproveitam ao máximo uma bebida grátis.

Mais uma vez, pude discorrer a respeito de como os clubes de striptease são uma relíquia inapropriada e rude.

“Eu disse a você que eram arenas de abuso”, digo a Vicky quando nos sentamos em uma porta para fumar um cigarro.

“Mas nós duas vamos tirar uma coluna disso”, ela respondeu, em um raciocínio bem razoável.

E, assim, não saímos como perdedoras, de jeito nenhum.

Mas é claro que, em um sentido mais amplo, saímos, sim. Porque — levando em conta o contexto da história toda até ontem — a ideia de clubes em que mulheres tiram a roupa na frente de homens é... indelicada, muito mesmo.

Afinal de contas, a história é: “99% das mulheres estão sendo subjugadas, desacreditadas e transformadas em objetos sexuais”. Não há duas maneiras de dizer isso: as mulheres são maltratadas pelo simples fato de os homens serem a fim delas. Dá para ver que, no decorrer de toda a história, o desejo deles pelas mulheres deu origem a barbaridades inenarráveis. Fez com que coisas muito, muito terríveis acontecessem, porque os homens sempre foram a força dominante, sem regras nem amarras para seu comportamento. Não é exagero se referir a “tirania sexual” e “babaquice completa”. Na memória viva deste país, os homens tinham direito de estuprar as mulheres: elas não eram vistas como uma entidade sexual independente, com direito de recusa. A Alemanha só transformou essa prática em crime em 1997; o Haiti, em 2006. Ainda é legal — entre outros lugares — no Paquistão, no Quênia e nas Bahamas. Mesmo nos países em que isso foi transformado em crime, existe uma má vontade em realmente processar alguém por esse motivo: o Japão e a Polônia foram especialmente criticados por organizações defensoras dos direitos humanos por suas baixas taxas de condenação. Existem inúmeras partes do mundo em que as mulheres são consideradas pouco mais do que

brinquedinhos sexuais turbinados para os homens — com a sanção explícita ou implícita do Estado.

Nesse contexto, então, é óbvio que um clube de striptease é tão incongruente na sociedade moderna quanto brancos se fingindo de negros no cinema ou anúncios para “Pau de bater em judeu por uma libra!”.

Claro que a grande diferença aqui é: se um homem branco sugerisse abrir uma agência de limpeza que só empregasse negras usando roupas da roça, excessivamente acanhadas e submissas aos empregadores, o mundo todo vociferaria.

“O que você está aprontando?”, berrariam. “Não vamos trazer de volta uma versão da escravidão para ‘entretenimento leve’! Nem que seja apenas para fazer um documentário de realidade de uma ‘experiência social’ no Channel 4!”

Mas o que são os clubes de striptease e os clubes com dançarinas sensuais se não versões de “entretenimento leve” de toda a história da misoginia?

Qualquer argumento a seu favor é uma falácia. Recentemente, virou mania entre revistas publicar entrevistas com moças que explicam como a carreira de stripper está pagando a faculdade delas. Acredita-se que isso acabe com qualquer objeção contra os clubes de striptease com base em que, olhem só!, moças *inteligentes* fazem isso — para se tornar profissionais de classe média com diploma! Isso é que é girl power!

De minha parte, não consigo acreditar que garotas dizendo “Na verdade, estou pagando as mensalidades da faculdade com striptease” possa ser considerado um argumento correto, poderoso e definitivo para defender a moralidade desses lugares. Se as mulheres precisam tirar a roupa para conseguir estudar — o que os estudantes homens claramente não fazem —, então se trata de uma questão política gigantesca, não de motivo para manter os clubes de striptease em funcionamento.

Será que estamos mesmo dizendo que os clubes de striptease são instituições de caridade ótimas que permitem às mulheres obter diplomas? (Bom, pelo menos no que diz respeito às bonitas e magras: acredita-se que as gordas e comuns têm que fazer a mesma coisa que os alunos homens fazem.) Não acho que as mulheres que supostamente estão no ensino superior sejam assim tão burras.

Ninguém vai ser tão direta a ponto de dizer “Garotas, desçam daí, porra — vocês estão acabando com todas nós”, mas, garotas, desçam daí, porra — vocês estão acabando com todas nós.

Mas sabe o quê? Não é só uma questão de as garotas acabarem com as outras garotas. Os clubes de striptease acabam com todo mundo. Homens e mulheres se aproximam do que existe de pior ali. Não há expressão própria

nem alegria nesses buracos — nenhum trampolim para a autodescoberta ou para a aventura, como por exemplo qualquer noite que inclua homens, mulheres, álcool e tirar a roupa. Por que tanta gente é avessa a clubes de striptease? Porque, dentro deles, ninguém está se divertindo.

Ali, as pessoas estão só expressando suas necessidades (de ganhar dinheiro, de ver a pele de uma mulher) da maneira mais deprimente possível. Vá a um desses lugares sóbria — como Vicky e eu fizemos inicialmente; demorou quase SETE MINUTOS até a primeira garrafa de espumante de cortesia chegar à mesa — e você vai ver o que acontece ali. As mulheres detestam os homens. O monólogo interno da stripper, quando ela tira a tanga pela décima segunda vez naquele dia, faria com que “Piss Factory”, de Patti Smith, parecesse “Kiss Me”, do Sixpence None The Richer.

E os homens — ah, por acaso vocês ficam mais gentis e mais felizes? Vocês não são capazes de colocar a mão no coração e dizer — quando a música começa e ela se aproxima — que têm sentimentos bondosos em relação a essas mulheres. Nenhum homem que já gostou de uma mulher ou quis impressioná-la fez com que ela se colocasse à sua frente e tirasse a calcinha para ganhar a corrida do táxi para voltar para casa. Vocês gastam todo esse dinheiro em absolutamente nada — vício em pornografia e clubes de striptease são a terceira maior causa de dívidas para os homens. Entre 60% e 80% das strippers têm um histórico de violência sexual. É uma bagunça, uma enorme bagunça. Cada dança, cada cabine particular, é uma pequena infelicidade, uma indelicadeza: o filho bastardo da misoginia e do comércio.

Na rua, um clube de striptease parece um dente arrancado de uma boca com um soco.

Em 2010, a Islândia — com sua primeira-ministra lésbica e seu parlamento que é 50% feminino — tornou-se o primeiro país do mundo a proibir clubes de striptease por motivos femininos, não religiosos.

“Acho que os homens da Islândia vão ter que se acostumar com a ideia de que as mulheres não estão à venda”, disse Gudrun Jonsdottir, que fez campanha para a mudança na lei.

Acredito que isso só vai fazer bem para os homens, para o saldo da conta deles e para as mulheres que eles conhecem. Os homens não PRECISAM ver peitos e xoxotas. Eles não vão MORRER se não tiverem acesso ao clube de striptease local. Peitos não são como vitamina D ou algo assim. Vamos tirar nossas mulheres dos mastros.

Mas, por outro lado, aulas de *pole dance* são ótimas. Quem poderia imaginar? Parece não haver lógica nisso! Conheço muitas feministas que consideram isso um sinal do fim dos tempos — prova de que o mundo hoje

é administrado pelos Illuminati da misoginia, determinados a enfraquecer nossas meninas com aulas de exercício de stripper na academia do bairro às 11h30 — mas esse obviamente não é o caso.

Quer dizer, em nível *prático*, as aulas são totalmente inúteis: garotas, nenhuma casa noturna disponibiliza mastros. Você vai gastar centenas de libras aprendendo todos aqueles movimentos “sensuais” e depois não vai ter nenhum lugar para mostrá-los, a não ser o apoio do ônibus. Se você acha que essa é uma boa recompensa para todo o seu tempo e dinheiro, então está tudo bem.

Mas, deixando considerações práticas de lado, não há nada contrário às regras do feminismo estridente nas academias que ofereçam aulas de *pole dance* e nas mulheres que as frequentam.

Em um mundo de possibilidades infinitas, por que *não* aprender a se pendurar em um mastro usando o assoalho pélvico? Provavelmente vai ser mais útil do que aprender latim. Para começo de conversa, aposto que é incrivelmente útil para quando você está decorando a casa e precisa alcançar um canto difícil em um patamar da escada. E quem é capaz de negar que, se o apocalipse chegar, ser capaz de tirar os tênis acompanhando “Womanizer”, da Britney Spears, não vai fazer a diferença entre os sobreviventes e as vítimas?

Da mesma maneira que a pornografia não é errada de maneira inerente — são só pessoas transando —, *pole dance*, dança no colo ou striptease não é errado de maneira inerente — é só uma dancinha. Desde que as mulheres estejam fazendo isso por diversão — porque querem, em um lugar onde não vão ser mal entendidas, porque parece ridículo e divertido, além de ser algo que vai acabar com você apoiada em uma parede, chorando de tanto rir enquanto suas amigas tentam consertar o rasgão na virilha do seu legging com um alfinete de fralda —, então é um caso óbvio de normalidade. O feminismo apoia.

O mesmo vale para qualquer “dança sensual” em um clube noturno — qualquer esfregação, provocação, qualquer um daqueles movimentos de dança jamaicanos, em que as mulheres ficam trepando com o chão, como se precisassem engravidar de um taco do assoalho antes da meia-noite — sem ser muito específica. Qualquer ação que uma mulher empreende no espírito da alegria, em um ambiente também alegre, está dentro dos limites da muralha da cidade do feminismo. As garotas têm o direito de dançar como quiserem quando sua música preferida toca.

E sinceramente, do ponto de vista do espectador, é melhor do que ver as pessoas dançando em filas ou fazendo a dança do passarinho.

Exatamente pela mesma razão, não devemos nos incomodar com o

burlesco — a irmã mais velha, mais obscura e mais inteligente da dança no colo de um homem. É, eu sei: estamos falando de tirar a roupa na frente dos homens em troca de dinheiro. Levando em conta o patriarcado e tudo o mais, dá para ver que muita gente diria: “Mas isso é a mesma coisa que dar o fora no Patolino e depois se apaixonar por George Costanza de *Seinfeld*. As duas coisas são essencialmente *iguais*”.

Mas é claro que não são. A diferença entre uma artista burlesca que faz um show único na frente de centenas de homens e uma stripper cumprindo um expediente de oito horas, atendendo um por um, é imensa: é a polaridade entre ser um menestrel para um monarca entediado, tocando qualquer música que o rei pedir; e o U2 no estádio de Wembley.

Com o burlesco, além de o equilíbrio de poder permanecer com a pessoa que está tirando a roupa — como sempre devia acontecer, na sociedade educada —, ele também ancora seu coração na autoexpressão bizarra e libertina das altas horas: há um elemento de fetiche cafona e vagabundo em si. Não é — para usar o termo técnico — “uma punheta fácil”.

Além do mais, apesar da intensa estilização da sexualidade, não tem o ar estranhamente agressivo e sem graça do clube de striptease: as artistas do burlesco cantam, conversam e dão risada. Elas contam piada — algo impensável na atmosfera de semblante inexplicavelmente sério de um clube em que se oferecem danças no colo dos homens. Eles tratam as interações entre homens e mulheres com o peso dos encontros entre Rússia e Estados Unidos durante a Guerra Fria, e não como uma brincadeira em potencial. Talvez como consequência direta, as artistas do burlesco tratam a própria sexualidade como algo fabuloso e agradável — e não como algo que chega perto de ser uma arma que deve ser brandida, sem sorrisos, na cara do pobre coitado que está embaixo.

Porque, o mais importante, os clubes de burlesco parecem ser um lugar para garotas. Os clubes de striptease — apesar da presença ocasional de uma Spice Girl dez anos atrás — não parecem ser assim. Ao assistir a uma boa artista de burlesco em ação, dá para ver a sexualidade feminina; é uma performance construída com o sistema de valores de uma mulher: boa iluminação, cabelo brilhante, acessórios exagerados (copos de coquetel gigantesco; leques de plumas enormes), corseletes de veludo, sapatos refinados, delineador no olho tipo Ava Gardner; pele pálida, unhas feitas com muita classe, humor e uma enorme salva de palmas no fim — em vez de uma ereção desconfortável, meio escondida, e silêncio.

Artistas de burlesco têm nome — Dita Von Teese, Gypsy Rose Lee, Immodesty Blaize, Tempest Storm, Miss Dirty Martini —, o que faz com que elas pareçam super-heroínas sexuais. Elas exploram a sexualidade em uma posição de força, com ideias, proteção e cultura que permitem que atuem com toda a criatividade que desejarem. Elas são damas, mulheres e

mulherões — e não aquelas garotas dos clubes de striptease, que parecem estar com frio. Sua persona abarca todo o espectro da sexualidade — diversão, inteligência, calor, criatividade, inocência, força, escuridão — e não os exercícios aeróbicos anêmicos do mastro.

Sabe qual é o teste de acidez final dos clubes de striptease? Homens gays não iriam ao Spearmint Rhino nem mortos — mas em um clube de burlesco não dá para se mexer por causa deles. Você sempre é capaz de detectar se um lugar é saudável do ponto de vista cultural para mulheres quando os gays começam a frequentá-lo. Eles gostam de purpurina, imundície e diversão — e não de um gatilho masturbatório fabricado com — e isso agora eu posso dizer com propriedade — espumante da casa ácido demais.

10. Eu me caso!

Então, o que minha irmã Caz tem aprontado durante todo esse tempo? Muita coisa. Ela cortou o cabelo bem curto, escreveu três peças sobre um governante déspota, ineficiente e maldoso chamado Venger, teve uma paixão enorme por George Orwell, juntou uma coleção impressionante de álbuns de drum'n'bass e fez parte da equipe criativa que criou — em um Natal desesperado — o sherry cappuccino: um conceito ousado, mas que no fim fracassou. Sherry faz o leite talhar. Hoje sabemos disso na prática. Também sabemos que não adianta tentar resolver com maisena, por mais que você mexa.

Mas o que ela mais faz é ir a casamentos. O que é um problema, porque Caz detesta casamentos.

“Caralho”, ela diz e se joga em uma cadeira da cozinha. “Caralho.”

Ela está usando um vestido de chiffon creme e sapatos de cetim também creme, ambos cobertos de lama. Tem cortes de espinho nas pernas, fede a bebida e está tomando remédio contra cistite direto do frasco, como um caubói virando uísque. Os olhos dela têm aquele aspecto louco e vermelho de alguém que, além de ter saído há pouco tempo do inferno, também pagou bem caro pela passagem para sair de lá. E veio em um trem com o vagão-restaurante avariado. Durante a manutenção dos trilhos. Em um feriado.

Caz joga uma mochila enorme no canto. Mesmo de onde estou, dá para ver que tem uma barraca quebrada dentro dela.

“Quem convida duzentas pessoas para um casamento em um sítio de criação de porcos, em um vale sem rede de celular?”, ela diz, com o maxilar preso. “Quem? ‘Podem acampar no terreno ao lado’, disseram. ‘Em um círculo com toda a família da noiva. Nós chamamos de Círculo das Fadas! Todo mundo vai ficar confortável e próximo. Tem música à noite!’”

Ela tem um calafrio. Como você deve se lembrar, uma das principais coisas a respeito de Caz é que ela realmente não gosta que os outros fiquem muito perto dela. Se pudesse ter uma pequena muralha — cheia de arqueiros — em volta de si, ela teria.

“O que aconteceu quando a barraca quebrou?”, pergunto, apontando para a mochila. Ela está muito, muito molhada.

“Um retardado chapado que estava na barraca ao lado tentou consertar as hastes com três lápis e durex”, ela responde. “Apesar de eu ter dito que não ia dar certo, porque as hastes das barracas de hoje precisam se curvar. Então tivemos que ir andando até o casamento, que não era em um terreno adjacente, mas sim a sete terrenos de distância. Meus sapatos não gostaram nada disso. Nem um pouco. Nem as minhas pernas, quando deparamos com

os carrapichos. Em uma alameda, um trator chegou perto de nós e tivemos que entrar no meio de uma cerca-viva. Todo o meu ser odiou aquilo. Além do mais, o trator me deixou nervosa, por isso fiquei toda suada.”

Ela ergue os braços para exibir as manchas.

“Mas tivemos um pouco de sorte! Porque daí começou a chover bem forte, o que transformou o frizz do meu cabelo, e não o suor das minhas axilas, na maior atração visual de toda a congregação quando cheguei lá. Cinco minutos depois que a cerimônia tinha começado.”

Caz agora derrama o remédio em uma caneca, com três doses de vodca. A história dela não melhorou nada depois. Parece que todo mundo estava tão bêbado às três da tarde que até as tias de cinquenta e tantos anos se apoiavam em cima da mesa do bufê e diziam: “Preciso me recuperar”. Como se tratava de uma família interiorana muito “próxima”, os convidados ficaram perguntando a Caz, repetidas vezes, quem ela “conhecia” — “Mais ou menos dando a entender que eu tinha ido à porra de lugar nenhum embaixo de chuva para roubar uma salada muito sem graça”. Às quatro da tarde, Caz estava tão entediada, furiosa e desesperada que ficou sentada na privada durante uma hora.

“Eram uns banheiros químicos chiques. Parece que do tipo usado no festival de ópera Glyndebourne”, ela disse. “Tinha música tocando lá dentro. Ouvi “Under Pressure” do Queen cinco vezes. Então fiz o que Freddie faria — subi uma colina embaixo daquela chuva toda até conseguir sinal no celular; chamei um táxi e me hospedei no Marriott em Exeter. Não me pergunte se estou com cistite. Estou com cistite.”

Ela engoliu três analgésicos e se desmanchou em lágrimas. “Cinco casamentos em quatro anos”, choramingou, tirando os sapatos enlameados e jogando-os na pia. “Espero que ninguém mais que eu conheça se apaixone. Nunca. As pessoas que descobrem o amor verdadeiro não me fazem bem.”

As pessoas que descobrem o amor verdadeiro não fazem bem a ninguém, na verdade. Quer dizer, no fim dá tudo certo — depois que todo mundo se acomoda e para de fazer caso. Mas, bem perto do começo, há um teste enorme para a paciência e o amor de todos — uma cerimônia de casamento.

Porque, apesar de um monte de coisas horríveis poderem acontecer — guerra, estupro, armas nucleares, quebra da bolsa, *Top Gear*, aquela coisa de enfiar a mão dentro da calça de moletom e rearranjar as bolas suadas dentro do ônibus e depois pegar em um apoio em que *eu* agora preciso pegar também, todo coberto com o suor do seu saco —, os casamentos definitivamente são o terror das mulheres.

Casamentos são nossa culpa, moças. Todos os aspectos de sua ampla gama de horrores acontecem com nosso consentimento. E querem saber de uma

coisa? Não só decepcionamos toda a humanidade, mas nós mesmas também.

O casamento não faz absolutamente nenhum bem para as mulheres. É um poço sem fundo de desperdício e desespero. E quase todos os seus aspectos reverberam mal exatamente junto às pessoas que mais o adoram: nós mesmas. Nossa adoração pelo casamento é ruim. Não faz bem nenhum para nós. Vai acabar mal e nos deixar com uma sensação de traição e solidão.

Sempre que penso sobre o assunto, tenho vontade de correr para dentro da igreja — como Dustin Hoffman em *A primeira noite de um homem* — e berrar: “PAREM! PAREM OS CASAMENTOS!”.

E quando o órgão silencia de maneira abrupta e todo mundo se vira, estupefato, para olhar para mim, depois que o vigário parou de gaguejar “O que é isso?!” em tom de decepção, eu me dirijo ao púlpito — acabando com a porcaria da minha fascinação idiota no caminho —, acendo um cigarro e faço o seguinte sermão.

1) CUSTO. Moças! Ser mulher já é muito, muito caro. Absorventes, cabeleireiros, creche, produtos de beleza e sapatos que custam três vezes mais que os dos homens — a combinação das coisas de que precisamos (absorventes) com as coisas sem as quais nos sentimos nuas (corte de cabelo adequado) já é uma desgraça. E isso antes de levar em conta o fato de que as mulheres ganham 30% menos do que os homens *e ainda* veem a carreira afundar feito o *Titanic* quando a questão “Quem vai cuidar das crianças?” é colocada.

No passado, a questão do dote geralmente era um dos fatores decisivos da vida de uma mulher: quanto dinheiro seus pais podiam dar determinava com quem ela poderia ou não se casar.

Hoje em dia, claro, a mulher pode se casar com quem escolher. E, no entanto, a cerimônia ainda envolve somas exorbitantes de dinheiro — o custo médio de um casamento no Reino Unido é 21 mil libras —, embora, hoje, quem costuma pagar é o próprio casal, em um tipo de dote estranho, voluntário, em última instância inútil e autoimposto. Gastar 21 mil libras em um estágio da vida em que você ainda é — em geral — bem pobre e está tentando comprar coisas como “uma casa” e “alimentos” parece imbecil, de qualquer ângulo que se examine a questão — sem mencionar que um em cada quatro casamentos termina em divórcio.

Se fôssemos inventar as coisas do zero, certamente decidiríamos fazer uma comemoração gigantesca do amor de 21 mil libras quando a coisa toda estivesse no fim — quando o casal estiver na casa dos sessenta ou setenta anos, com a hipoteca paga, e então possa ver se a coisa do “eu te amo para sempre” funcionou mesmo ou não.

Vinte e um mil libras! Ah, isso me faz chorar. Eu não gastaria 21 mil libras

em nada que não tivesse a) portas e janelas ou b) a capacidade de me conceder três desejos. Vinte e um mil libras é uma quantia absurda de dinheiro para se gastar. É um número que denota insanidade.

O dinheiro é uma questão crucial aqui — devido ao que está sendo pago. Tirando a quantia usada para dar entrada em um imóvel ou comprar um carro, um casal médio provavelmente nunca mais gastará tal soma de dinheiro em uma coisa só na vida. E o que é comprado com essas 21 mil libras? Pouquíssima coisa que dura. Temos as fotografias de preço exorbitante no álbum caríssimo e todos os presentes, é claro — mas gastar 21 mil libras para receber o equivalente a 2 mil libras em equipamentos de cozinha não é uma conta que fecha, de qualquer ângulo que se examine a questão. O vestido nunca mais será usado, e você nunca vai “tingir o sapato de vermelho para usar em uma festa!”, por mais que se convença de que pode fazer isso. E no que diz respeito às alianças — bom, acho bem difícil eu ser a única mulher casada que está na quinta aliança, tendo perdido diversas em piscinas, pias e até no meio de um pão (é uma longa história).

O que essas 21 mil libras compram é o segundo ponto de por que as cerimônias de casamento são tão ruins para as mulheres:

2) O MELHOR DIA DA SUA VIDA. “É o melhor dia da sua vida.” Bom. As falhas aqui são óbvias. Claro que não é o melhor dia da sua vida. Um dia que *realmente* fosse o melhor da sua vida não incluiria o tio Errado, a tia Fracassada e alguém do escritório que você foi obrigada a convidar, a menos que quisesse passar os próximos seis anos recebendo olhares tortos cada vez que cruzasse com a pessoa na escada.

Obviamente — com esses parâmetros estabelecidos — seu casamento na verdade é uma mistura profana de festa da firma e terapia em família, e deve, portanto, ser considerado com a mesma mistura de estoicismo silencioso, determinação implacável e excesso de bebida.

Além disso, moças, tenham em mente que a frase é: “o melhor dia da sua vida”. Sim, o melhor dia da *sua* vida: a noiva. Não de outra pessoa. Vamos encarar — desde tempos imemoráveis, o noivo fica quieto e está cagando e andando para o evento, do início ao fim. Se você quiser mergulhar um homem crescido em uma combinação de desespero profundo e pânico mal reprimido, simplesmente converse com ele por um minuto ou mais a respeito de arranjos de mesa, abotoaduras, sapatos das daminhas, tendas, o aluguel de um castelo, o que Madonna fez no casamento *dela* e se você deve ou não fazer uma lavagem intestinal uma semana antes para ficar com a “pele bonita”.

O casamento é essencialmente um convite de última hora que a noiva faz para que o noivo a acompanhe — e, aliás, a ideia de fazer esse convite só vem

depois de decidir qual trio de chocolates servir na sobremesa. As mulheres começam a planejar o próprio casamento aos cinco anos, caramba. Quando não fazem ideia de quem é o homem com quem vão se casar e só imaginam um corpo de Falcon com o rosto pixelado. O único evento futuro que os meninos imaginam na mesma idade é como vão marcar o gol da vitória na Copa do Mundo enquanto tocam o solo de guitarra de “November Rain”, dos Guns N’ Roses.

Então, obviamente, não é o melhor dia da vida do noivo. E também não é o melhor dia da vida de nenhum convidado. Porque casamentos não são divertidos para os convidados. Isso é algo de que temos plena consciência quando somos convidados — a quinhentos quilômetros de casa, usando uma pashmina, batendo papo furado meio sem jeito com um bêbado de olhos injetados na mesa que foi denominada como “Cerveja Choca” quando a disposição dos lugares estava sendo decidida —, mas esquecemos no minuto em que começamos a planejar nosso próprio casamento.

“Não dá para acreditar que Carrie arrastou todo mundo até a porra da ilha de Skye para o casamento dela”, resmungamos, olhando para o extrato do cheque especial. “Três porcarias de dias em um hotel quatro estrelas. É melhor que eles não se divorciem. Aliás, estou quase costurando os dois, para que não possam se afastar — como a centopeia humana.”

“Então, onde você quer se casar?”, alguém pode perguntar.

“Em Cingapura!”, você exclama, toda entusiasmada. “Vamos convidar todo mundo para ficar lá uma semana! No terceiro dia, vai ter um passeio de barco até uma ilha deserta — só 75 libras extras por pessoa! Vai ser DEMAIS!”

Eu mesma fiz isso. Até meu casamento de fato, eu tinha feito tudo de maneira brilhante. Não ficava importunando os outros porque estava apaixonada. Não fazia drama demais nem ficava tentando chamar a atenção. Eu tinha me recuperado do rompimento com Courtney por meio do simples expediente de confeccionar um bóton animado com os dizeres NAMOREI O DEMÔNIO — E SOBREVIVI. Eu o usava em todos os meus compromissos sociais — respondendo assim a todas e quaisquer questões a respeito do nosso relacionamento simplesmente apontando para ele.

Não fiquei me lamentando nem entrei em depressão — em vez disso, compensei um ano de fidelidade mal retribuída retornando para o mundo bem animada, para ver se tinha sobrado alguma diversão para mim. E tinha sobrado um monte. Cada noite era um arraso sensual — eu corria por toda a Londres lançando olhares para qualquer pessoa divertida, lutando contra o relógio para não perder o último ônibus para casa. Uma noite com um pop star acabou com o empresário dele sendo obrigado a removê-lo, nu, do meu quarto de hotel, às três da manhã.

Uma semana depois, um garoto adolescente literalmente apareceu à minha porta — quem poderia imaginar que o serviço de delivery se tornaria tão abrangente? Tudo foi tão terno e animado, aconteceu de um jeito tão inesperado, que uma tarde ensolarada de inverno e uma noite de exclamações maravilhadas desfizeram metade do mal que Courtney tinha incutido em mim.

Nessas duas ocasiões, eu me senti grata ao observar que o fato de estar de volta à “cena da paquera” não exigia absolutamente nenhum esforço ou insegurança da minha parte — ao contrário de tudo que tinham me dado a entender a respeito do assunto. Eu não me reformulei. Engordei seis quilos e cortei uma franja feia; mas estava tão feliz que ninguém parece ter notado. Com o astro do pop que acabou inconsciente, simplesmente perguntei: “Vamos transar?”. Já com o adolescente, fiz minha investida usando o modelo incrivelmente sensual de roupão de banho atoalhado cor de vinho que comprei por 19,99 libras.

Passei um mês a bordo de uma espécie de galeão do sexo, circulando por Londres como uma pirata — lembrando, mais uma vez, que cada conversa com um integrante do sexo oposto carrega consigo aquela possibilidade minúscula, do tamanho de um átomo: “Será que esse é o cara?”.

E, toda quinta-feira, eu convidava Pete, da *Melody Maker*, para ir à minha casa, preparava uma sopa para ele e contava todas essas histórias — “Então eu liguei para o serviço de quarto e pedi um sanduíche de filé e uma calça masculina” — enquanto ouvíamos discos e chorávamos de tanto rir.

Então, no meio de fevereiro, meu humor mudou de repente.

Acordei em uma segunda-feira de manhã e descobri que uma infelicidade estranha, como um albatroz, tinha se instalado em mim. Não era depressão nem tormento — era algo ao mesmo tempo mais inquieto e esperançoso do que isso. Eu me sentia suspensa: esperava por algo e sentia muita falta de algo — apesar de ser uma coisa que eu nunca tivera.

Além disso, eu não fazia a menor ideia do que era aquilo. A fonte da minha tristeza me deixava absolutamente frustrada. Passei uma semana andando de um lado para o outro no meu apartamento, murcha — sem ter a menor ideia do que tudo significava. Eu pegava alguma coisa — o telefone, um disco, um cigarro — e logo largava, pensando, com tristeza: “Não, não é isso”.

Duas vezes fui ao supermercado comprar comida e, na metade do caminho, pensei: “Quando eu voltar, talvez tenha acontecido!”. Eu voltava apressada, cheia de energia e esperança mais uma vez, e irrompia no apartamento — só para encontrar exatamente o que eu tinha deixado lá. Fosse o que fosse, ainda não tinha chegado.

A decepção era esmagadora.

Depois de uma semana disso, na noite de domingo, meu subconsciente —

como se estivesse exasperado com minha burrice — finalmente me explicou com todas as letras. Fui para a cama bêbada e sonhei que estava na escada rolante do metrô de Baker Street, subindo. A escada parecia impossível de tão alta. Nem dava para ver o topo. Ia demorar muito, muito tempo para eu chegar às catracas.

“Vai demorar uma eternidade para chegar lá em cima!”, exclamei.

“Não faz mal”, disse uma voz. Eu me virei e vi Pete parado atrás de mim. “Eu estou aqui”, ele disse, com simplicidade.

“Ah!”, exclamei, e acordei.

“Estou apaixonada! Estou apaixonada por Pete.”

Olhei para o apartamento ao meu redor.

“Ele é o que não está aqui.”

Seis anos e um anel de noivado de 19,99 libras depois, chegou o dia do nosso casamento. Seria realizado — inicialmente — no cartório, em Londres, e haveria uma festa em um bar depois. No meio de outubro, uma época chata e vazia. Todo mundo poderia pegar um ônibus para voltar para casa. Teria custado menos de duzentos paus. Poderíamos ter dado conta de tudo em exatas cinco horas. Ah, como eu queria que nosso casamento tivesse sido assim.

Depois de ter inalado seiscentas revistas de noiva e levado em conta alguns pedidos da família dele, no entanto, acabou acontecendo em um antigo mosteiro em Coventry, dois dias depois do Natal. Por coincidência, esse é o dia do aniversário de Caz. Ela sempre segurou o tranco do amor dos outros.

Não quero exagerar, mas, meu Deus, foi um casamento péssimo.

Aqui estou eu, aos 24 anos, esperando para atravessar o salão com meu vestido de veludo vermelho e hera no cabelo. Estou parecendo a senhora Baco, tirando os pés. Minha maldição da vida toda de não ser capaz de encontrar sapatos com que eu possa caminhar se aplica também ao dia mais glamoroso de todos — sob o veludo com barra de cetim, uso sandálias horrorosas.

Meu pai usa um terno que roubou da Ciro Citterio e sapatos que roubou da Burtons — mas ele parece calmo, sábio e nem um pouco tocado por estar entregando a primeira filha ao casamento.

“Ah, minha filha adorável”, ele diz, com um cheiro de uísque. “Minha gatinha.” Os olhos dele têm um leve brilho de lágrimas. Quando a música começa a tocar no salão adjacente — a marcha lenta e interiorana “Spin a Cavalu”, do Lilac Time —, ele toma meu braço e se inclina para sussurrar algo. Fico pensando que é a ocasião escolhida por meu pai para me falar algo a respeito de como ele e minha mãe ficaram juntos 24 anos e tiveram oito filhos. Achei que seria nosso maior momento de intimidade. Ó, Senhor;

espero que ele não me faça chorar. Passei delineador demais.

“Minha menina querida”, ele diz quando abrem a porta e vejo a congregação toda se voltar para mim, para assistir à minha entrada. “Meu amorzinho. Lembre-se de que você é um *womble*.”*

Atravesso o salão com tanta rapidez que, na metade do caminho, percebo que vou chegar ao fim muito antes de a música terminar. Também reparo que estou radiante, de um jeito quase prepotente — e fico preocupada com como a juíza de paz vai encarar isso.

Ela vai achar que não estou levando a sério! Entro em pânico. Vai se RECUSAR a me casar, dizendo que sou ARROGANTE!

Eu imediatamente diminuo o passo para ritmo de funeral e assumo uma expressão de grande preocupação. Mais tarde, minhas irmãs me dizem que tiveram certeza de que eu tinha sentido a primeira pontada de uma cistite, e que automaticamente enfiaram a mão na bolsa em busca de citrato de potássio, que todas nós sempre carregamos.

Mesmo assim, estou ótima em comparação com meu futuro marido. Ele está tão nervoso que assumiu um tom verde pálido e treme feito uma meia no varal.

“Nunca vi um noivo mais nervoso”, a juíza de paz confia mais tarde. “Tive que dar a ele duas doses de uísque.”

Eu não me lembro de nada da cerimônia. Passei o tempo todo pensando: “Lembre-se de que você é um *womble*?”, ultrajada.

*

Uma hora mais tarde, todo mundo está no bar. Muitos dos convidados não puderam comparecer porque era dois dias depois do Natal e eles estavam com a família na Escócia, em Devon, ou na Irlanda. Minha família está aproveitando a bebida grátis — vários dos meus parentes não conseguem mais andar e dois dos que conseguem encontraram um memorial para um cavaleiro morto e estão fazendo uma dança “apimentada” num mastro para a estátua dele.

Nesse ínterim, meu pai conseguiu derrubar cera de vela por toda a camisa e — de acordo com o conselho de alguém — tirou a peça e colocou em um freezer na cozinha para que a cera endurecesse. Agora ele está sentado à mesa de colete e paletó, bebendo Guinness, com os olhos embaçados. Minha irmã Col desapareceu — depois, descobrimos que foi porque meu pai disse a ela que tinha pensado em mandá-la para uma instituição de delinquentes juvenis depois que ela vendeu todos os DVDs da Disney e as ferramentas dele para comprar drogas.

“Eu só estava brincando!”, ele diz, e revira os olhos. “Ou não.”

Meu irmão Eddie tenta roubar um carrinho de golfe para sair pela rua à procura dela. Dois outros irmãos precisam se colocar na frente dele e dizer:

“NÃO!”.

Quando a festa começa, uma aura silenciosa de fracasso permeia o evento. Como só passaram dois dias desde o Natal, os convidados que se aventuraram até Coventry no meio das festas de fim de ano estão se sentindo gordos e letárgicos demais para dançar, e a insistência do meu marido para que ele próprio fosse o DJ faz com que nossa primeira dança seja, de modo incoerente, “Ask” dos Smiths. Tentamos inutilmente dançar agarradinhos com aquela melodia, na pista completamente vazia, enquanto todo mundo nos assiste tentando dançar ao som de música indie romântica. Quando a música seguinte começa a tocar — “Always On My Mind”, dos Pet Shop Boys —, duas pessoas se juntam a nós na pista de dança. Meu novo sogro e nosso amigo Dave, que já está fora de si por causa do ecstasy que tomou há cerca de três horas.

Dave dança na direção do meu sogro como uma pessoa que caça borboletas.

“Tome uma das minhas pérolas”, ele diz para o meu sogro, abre a mão e revela trezentas libras em drogas.

“Meu pai não quer Tic-Tac, obrigado”, Pete diz com firmeza, e acompanha Dave para fora do recinto.

Às dez da noite, a maior parte das pessoas já foi para a cama — tentando aproveitar algum aspecto de terem sido arrastadas até um hotel caro no fim do ano. Gosto de pensar que estão todos comendo enroladinho de linguiça do bufê e assistindo a *Cheers*. Fico feliz por elas. Gostaria de ser uma delas. Converso com uma grega da família de Pete, vestida dos pés à cabeça de preto, ainda de luto por alguém que morreu em 1952. Dou um sorriso fraco.

Observo que ela — e todos os gregos da família do meu marido — parece ter se deslocado até ali por vontade própria, totalmente cega ao fato de que minha madrinha era um gay de 1,80 m chamado Charlie, vestindo calça prateada e capa cor-de-rosa. Eles só mencionam a outra madrinha — Polly —, cujo sutiã se vê por cima do vestido tomara que caia, e que exhibe a tatuagem de um golfinho que diz “Foda-se”.

Às 22h23, o alarme de incêndio toca. Enquanto todos se dirigem ao gramado, tremendo de frio, reparo que meus irmãos estão desaparecidos. Retorno para o hotel na tentativa de achá-los e bato na porta do quarto da minha irmã. Encontro vários deles ali — em pé na cama, abanando cardápios do serviço de quarto embaixo do detector de fumaça.

“Por que vocês não estão saindo?”, pergunto, parada à porta com meu vestido de noiva.

Todos se viram para mim. Estão com coroas de bexiga na cabeça, confeccionadas pelo homem que faz animais com balões que contratamos para divertir as crianças. Eddie tem na mão uma espada de balão.

“Ele captou o calor do nosso corpo!”, diz Weena, chapada e em pânico. “Só

devia ter duas pessoas aqui, mas estamos todos juntos, e o quarto ficou superaquecido! Estamos tentando esfriar!”

Eles continuam abanando os cardápios do serviço de quarto no teto. O alarme de incêndio para de tocar. São 22h32. Estou casada. Vou para a cama.

Nos onze anos seguintes, nenhum convidado volta a mencionar nosso casamento. Todos parecemos concordar em silêncio que é melhor assim.

Mas pelo menos eu fui uma noiva misericordiosa em um aspecto: não houve despedida de solteira. Passei a noite anterior comendo batatinha com meus irmãos e assistindo a *Os Caça-Fantasmas* pela quinquagésima vez. Nesse aspecto, pelo menos, fui sã. Porque o terceiro problema do casamento contemporâneo é a despedida de solteira.

3) DESPEDIDAS DE SOLTEIRA. Há vinte anos, era apenas uma noite no bar com gritos altos — soma gasta: trinta libras. Hoje, o evento inclui uma boa parcela de tempo e de dinheiro das moças que têm o azar de ser madrinhas.

Caz aguentou todo o lado ruim das despedidas de solteira do século XXI. Porque, apesar de ela ser a convidada mais relutante de um casamento, os deuses caprichosos e zombeteiros fizeram com que fosse madrinha nada menos do que quatro vezes. Em uma ocasião, ela ficou tão bêbada que invadiu a despedida de solteiro do noivo para dizer que achava que ele era gay. Em outra despedida, a insistência da noiva para que todas usassem jaquetas de cetim fez com que uma madrinha que usava tamanho 46 tivesse um ataque de pânico induzido por dismorfia corporal em uma danceteria e pegasse um táxi de Londres até Stevenage com dificuldade para respirar por causa de um ataque de histeria. Houve também a despedida de solteira em que um passeio para “fortalecer a amizade” em Yorkshire Dales acabou com Caz sendo obrigada a descer um barranco de quinze metros para pegar um carrinho que alguém derrubou porque estava bêbada demais para cuidar dele; mas todas concordamos mais tarde que isso poderia ter acontecido com qualquer uma.

4) “TODAS AS PESSOAS QUE EU AMO ESTÃO AQUI.” Você realmente quer “todas as pessoas que ama” em um mesmo salão, juntas? É difícil dar certo. Eu, por exemplo, sou péssima com a família dos outros. Em um casamento — do qual fui o padrinho —, ouvi dizer que a mãe da noiva era fã do apresentador Richard Madeley e, no meu brinde, presenteei-a com minha melhor piada sobre Richard Madeley: que o palavrão preferido dele é “*fuckadoodle*”.

Dez minutos depois, alguém veio me explicar que, como cristã devota,

aquela tinha sido literalmente a primeira vez que tal senhora tinha ouvido um palavrão.

Minha falta de brilho foi semelhante no casamento de Cathy e John, quando o pai dela me levou para conhecer a linda casa deles, toda branca, enquanto eu o seguia tomando uma taça de vinho.

“E esta é minha vista preferida”, ele disse quando chegamos ao quarto principal. “Em um dia limpo, dá para ver o vale todo.”

Então um morcego entrou voando pela janela e veio bem para cima da minha cara.

Não sei se algum morcego já voou na sua cara, mas não dá muito tempo de você ficar refletindo a respeito de como vai lidar com aquilo. Você meio que... age por instinto. Meu instinto, no caso, foi berrar “MAS QUE PORRA É ESSA?”, e jogar o vinho tinto por todo o quarto mais branco do mundo.

“Ah, nossa”, o pai de Cathy disse, com o recato e a educação de sua estirpe. “Vou buscar alguns lenços de papel.”

“CARALHO!”, berrei, e saí em disparada pelo corredor. “CARALHO! Pode deixar que eu limpo. CARALHO!”

Fui até a cozinha correndo e voltei com uma garrafa de vinho branco. Comecei a jogar o líquido por todos os lados, com muita dedicação.

“Vinho branco tira mancha de vinho tinto!”, berrei. “Eu vi na televisão!”

Como uma maníaca, despejei vinho no carpete agora vermelho-escarlate e comecei a esfregar com um pano de prato.

O pai de Cathy veio do outro lado do quarto — um pouco mais rápido do que eu achava ser possível para um homem da idade dele — e tirou a garrafa da minha mão com gentileza. Ele ficou olhando para ela — agora vazia — por um momento.

“Ah”, ele disse, cheio de pesar. “O Grand Cru 1993 da Alsácia.”

Uma longa pausa se instalou.

“Tudo bem”, ele disse, simpático, tocando a garrafa com a ponta dos dedos. “Estava quente demais para beber.”

Demorou uma hora e meia para um táxi chegar de Tiverton. Passei esse tempo todo atrás de um celeiro, comendo queijo para ficar sóbria.

5) VOCÊ. Mas, no fim das contas, quem se incomoda de verdade com o fato de forçar algumas pessoas a sair para um gramado congelante em Coventry dois dias depois do Natal, de obrigar as amigas a dançar em roda e cantarolar ou de despertar instintos suicidas em alguém por causa de uma jaqueta feia? É o seu grande dia, poxa! Você é a noiva! Você *merece* um único dia em que VOCÊ é o centro de tudo! ESSE É O SEU GRANDE DIA! É O MELHOR DIA DA SUA VIDA!

Há dois problemas nisso. O primeiro é que você sempre deve desconfiar

dos dias que são predeterminados a serem lendários: você já devia saber, depois do rastro deixado por Natais, viradas de ano, dias dos namorados, primeiras transas e aniversários. Fora deixar minha mãe bêbada, a maneira mais rápida e mais fácil de acabar com a diversão é colocar uma enorme expectativa em algo. De verdade: qualquer mulher deve passar a pelo menos um quilômetro de distância de qualquer coisa que seja garantida como “o melhor dia da sua vida”. É raro dar certo. Lembre-se de que outro dia classificado como “o melhor da sua vida” é o do nascimento dos seus filhos. Acho que não preciso lembrá-la de como é provável que esse dia termine com um pedido aos céus sem Deus que lhe deem o máximo de morfina que seu corpo pode aguentar sem que você de fato sofra uma parada cardíaca.

E, em segundo lugar, eu não acho que essa loucura demente por casamentos faça bem à nossa imagem coletiva. Faz parecer que nosso padrão de referência de diversão é bem baixo. Eu me sinto como um playboy se dando mal, mas — “Peguem leve, garotas, peguem leve”. Quando ouço mulheres falando a respeito de como o casamento delas vai ser/foi o melhor dia da vida delas, não consigo deixar de pensar: “Isso só porque você nunca tomou bastante ecstasy em um campo no interior às três da manhã, querida”.

Todos os casamentos parecem se resumir a agir como Michael Jackson no auge da insanidade — fingindo ser uma celebridade durante um dia maluco de tão caro. E nós sabemos por que as celebridades têm macacos de estimação, sapatos idiotas, o esqueleto do homem-elefante, um parque de diversões e piscinas em forma de guitarra. PORQUE ESTÃO MORRENDO POR DENTRO. PORQUE SÓ VEEM O VAZIO. Essa gente viu, durante um segundo, sua própria e definitiva desimportância em um universo que é infinito, e eles reagiram contratando alguém para colocar o canudinho em seu refrigerante. Normalmente ficamos com pena dessas pessoas porque são idiotas avariadas.

E, no entanto, as mulheres de hoje pensam no casamento como se fosse nossa “recompensa” gastar tanto dinheiro em um dia para agir como esses desmiolados, antes de encarar a realidade, acomodar-se e nunca mais ter outro dia “especial” na vida. Claro que boa parte dessa ideia de nunca mais ter outro dia especial na vida deriva do fato de você ter acabado de gastar 21 mil libras em 16 mil vol-au-vents e uma banda de jazz light — mas o simbolismo disso tudo é insuportavelmente poderoso.

Em casos assim, é necessário olhar para os homens. Por acaso *eles* têm um dia especial em que se sentem os reis do mundo — e depois retomam sua vida de tédio silencioso? Não. Eles saem para se refestelar constantemente: como Germaine Greer observou em *The Whole Woman*, eles preenchem seu tempo livre com atividades prazerosas e improdutivas como pesca, golfe, ouvir música, jogar videogame e fingir ser um goblin em *World of Warcraft*. Eles não têm essa necessidade insana e reprimida de passar um dia fingindo

que são a princesa Diana (nos anos divertidos, obviamente. Não na parte que dá vontade de se jogar na escada. Nem a parte em que Camilla apareceu para estragar tudo).

As mulheres, por sua vez, passam todo o seu tempo livre dando conta de sua lista infinita de autoaprimoramento ou de tarefas domésticas: cuidar da casa, fazer lição de casa, aconselhar os perturbados, dar vermífugo para o gato, fazer exercícios para o assoalho pélvico, tentar ser criativa com repolho e esfoliar os pelos encravados — obrigações de algum modo amenizadas porque aquele “melhor dia da vida delas” aconteceu.

Mulheres, nós trocaríamos com alegria um dia “especial” por uma vida cheia de prazeres mais modestos, não?

Ou talvez simplesmente devêssemos eliminar toda essa ideia de casamento de uma vez. Sou contrária a qualquer coisa que sugira que você mude de nome. Quando mais isso acontece? Quando você entra para um convento ou se torna uma estrela pornô. Uma comemoração de alegria ostensiva do amor não deve estar nessa companhia.

* No original, “Remember you’re a womble”, nome de uma das músicas cantadas pelos womblers, personagens infantis peludos e de nariz comprido que fizeram grande sucesso na Inglaterra na década de 1970, gerando uma série de livros, discos e programas de televisão. (N. T.)

11. Entro na moda!

“Comprei um vestido hoje!”, digo quando meu marido entra pela porta. “UM VESTIDO NOVO! UM VESTIDO NOVO UM VESTIDO NOVO UM VESTIDO NOVO!”

É um vestido marrom de tecido fininho, um modelo meio de camponesa — “DOZE LIBRAS, Pete — DOZE LIBRAS!” — que eu comprei no mercado — “É DO MERCADO, AMOR!” —, em Seven Sisters Road, naquele mesmo dia. A compra me deixou animadíssima — é a primeira peça de roupa nova que compro em quase dois anos.

Aos 24 anos, ainda não me acostumei de verdade a comprar roupas. Além do fato de as roupas de que gosto não estarem disponíveis para pronta-entrega em Holloway Road — saias armadas, golas engomadas, boinas, anáguas de flanela vermelha, botinhas de verniz, vestidos de baile, luvas de couro texturizado, protetores de orelha de pele de raposa e camisolas de angorá —, eu também ando dura há um tempo.

Apesar de ganhar um salário razoável como jornalista, cometi um dos grandes erros da minha vida: acreditei que pagar imposto de renda era algo opcional, assim como menstruar. Não paguei nem um centavo de imposto durante os quatro primeiros anos da minha vida profissional.

“Achei que ligavam para a gente se quisessem receber!”, choramingo para o contador que acabo de contratar. “Ou que mandavam uma carta dizendo: ‘Adivinhe só — está na hora do imposto!’, ou algo do tipo. Mas ninguém nunca disse *nada*. A Receita não é de falar muito.”

Meu contador então explicou como a obrigação é do indivíduo, e não da Receita, e disse que eu precisaria fornecer todos os meus extratos bancários, holerites e notas de gastos desde 1994 — mas eu não estava prestando atenção.

Em parte, porque sei que muitos dos meus extratos bancários, holerites e notas fiscais ficaram em um buraco em Camden, em 1996, junto com uma poltrona da qual, pensando bem, eu agora sentia falta — mas também porque eu estava calculando como ia ser pobre no futuro próximo.

Mesmo com minha matemática capenga, avalei que teria que usar cada centavo que recebesse para pagar os impostos retroativos durante *pelo menos* dois anos, e que teria que implorar a Pete que me sustentasse em troca de pudim de pão, piadas e sexo.

“Semproblemas”, Pete disse ao me acolher na casa dele e me entregar a chave reserva da porta de entrada. “Pareceótimo.”

Nos 24 meses seguintes, vivo na maior pobreza, mas tive *muitas* oportunidades de desenvolver minhas piadas de stand-up.

Dois anos depois, ainda estou falando do vestido. Rodopio pela casa feito Scarlett O'Hara em seu vestido de baile.

“Custou só doze libras!”, digo, cheia de culpa. “Doze libras! Apesar de a sensação de comprar algo novo ter sido incrível, agora não vou precisar mais comprar nenhum vestido durante anos! Posso fazer com que fique mais ou menos chique com acessórios! Realmente, é um bom custo-benefício. É o fim da minha onda de consumo.”

“Sabe”, Pete diz, comendo seu 914^o pudim de pão, “todas as outras mulheres compram muito mais roupas do que você. Muito. Todo horário de almoço, as mulheres que trabalham comigo voltam com alguma coisa nova. Agora que você acabou de pagar aquele imposto, acho que pode comprar mais roupa, sério. Se quiser. Quer dizer, não me importo com o que você veste. Pode andar pelada, se quiser. Pode me dar mais pudim de pão, por favor?”

No dia seguinte, enquanto Pete está no trabalho, penso sobre o que ele disse. Todas as outras mulheres compram muito mais roupas, penso. Elas têm muito mais roupas do que eu. Fazem as coisas de um jeito diferente. Não estou fazendo o que as outras mulheres fazem.

Subo até o quarto e dou uma olhada no meu guarda-roupa. Eis a soma do que tenho para vestir, aos 24 anos: um vestido gótico de veludo preto que vai até o chão, que comprei aos dezessete anos e que agora tem partes sem veludo, carecas, no cotovelo, por causa do uso. Duas calças — uma preta, uma azul-marinho. Uma camiseta promocional da banda Salad, apenas com a palavra SALAD escrita, que eu gosto de usar quando vou cozinhar ou comer linguiça. Um cardigã verde da Marks & Spencer tão bonito que eu tive que roubar de volta da minha irmã Col *duas vezes* quando ela veio me visitar. Uma camisola em estilo vitoriano que eu costumo usar durante o dia. E um maiô.

Fico pensando que não sou uma mulher adequada ao olhar para meu guarda-roupa. Todas as outras mulheres combinam peças e capricham no visual. Eu só visto o que está mais limpo. Agora que voltei a ter algum dinheiro, devia dar um jeito nisso.

Parece que ser mulher é uma coisa muito cara e que consome tempo. Minha inocência em relação a isso é incongruente, levando em conta a idade que tenho, mas é completa. Venho de um histórico da cena grunge e depois do britpop — nos quais, quanto menos se gasta com roupa, mais você pode se gabar (“Três paus! Em uma liquidação de roupa usada!” “Aaaah, que caro — achei esta jaqueta em uma vala. Em um cadáver. Embaixo de uma carcaça de raposa”), e você pode se orgulhar de que “se arrumar para sair” consiste

em pouco mais do que lavar o rosto, colocar uma bota ou um tênis e passar esmalte preto de uma libra no ônibus a caminho do centro.

Mas agora você encontra “o vestido”, e ele precisa de um cinto e de uma bolsa que seja complementar, mas não claramente combinando. Ele só funciona com a meia-calça certa, e você também precisa de algo para “jogar por cima”, se ficar com frio. É igual à porra da *Caverna do dragão* — uma lista infinita de coisas que você precisa achar, então fica correndo de um lado para o outro; possivelmente em uma caverna ou embaixo de um sábio. A coisa que você “joga por cima” não pode ser uma parca, nem uma toalha de piquenique recuperada do armário embaixo da escada. É um cardigã desconstruído, um paletó de terninho, uma pashmina de duzentas libras, ou um desses coletinhos desajeitados que, aos meus olhos destreinados, parece um cardigã que encolheu e foi feito por uma pessoa sem muita coordenação. Tudo isso dá o maior trabalho. Vai diminuir muito o tempo que tenho para fazer pudim de pão.

E o clímax chega com os sapatos — especificamente, com os sapatos de salto alto. Passei a vida inteira usando tênis ou bota, mas está muito claro que, se eu quiser vencer na vida na casa dos vinte anos, vou ter que comprar sapatos de salto alto. As revistas femininas que leio são todas inequívocas a respeito dos saltos: eles são uma parte não negociável de ser mulher, assim como a capacidade de produzir leite e o cromossomo xx. As mulheres supostamente devem gostar mais de saltos altos que de seu corpo ou seus pensamentos. Também devem ter muito mais sapatos do que corpo ou pensamentos. É simplesmente impossível ter sapatos demais, diferentemente de bunda ou pensamentos revolucionários!!!!!!!

“Ninguém mexe com uma mulher de salto” uma reportagem da *Elle* conclui. “É nossa maior arma na guerra do estilo.” Essa merda parece séria.

No dia seguinte, eu saio — determinada a tentar ser uma mulher adulta — e compro meu primeiro par de sapatos de salto alto. Eu ainda não consegui entender muito bem — acabo comprando uma sandália azul de plástico com salto quadrado por 9,99 libras. Faz meus pés suarem tanto que chia um pouco quando eu caminho — como se estivesse usando ratos como palmilhas e eles estivessem sendo esmagados lentamente, até morrer. Também causam muita dor na parte dos dedos e no calcanhar — mas não faz mal! Estou usando salto alto! Sou uma mulher!

Naquela noite, tentando subir a escada em um show, eu tropeço, caio bem em cima de Graham Coxon, do Blur, e derramo meu uísque com coca na perna dele.

“ARGH!”, Graham grita.

“Essa é minha maior arma na guerra do estilo”, digo com tristeza.

“Ninguém mexe com uma mulher de salto. Sou uma mulher.”

“ARGH!” Graham diz mais uma vez, olhando para a perna molhada. “Sua idiota.”

Mas eu não desisto com tanta facilidade assim. Treze anos depois, tenho muito mais sapatos de salto e muito mais histórias para contar a respeito de como me dei mal por causa deles. Aliás, tenho uma caixa cheia de sapatos assim embaixo da cama. Cada par foi comprado como uma entrada para a vida nova que eu tinha visto em uma revista e por consequência achei que alcançaria, agora que tinha o sapato “certo”. Aqui estão eles. Todos os sapatos que eu não uso:

- 1) Prateado, de amarrar na canela, salto anabela, Kurt Geiger. Eu usei: uma vez, em uma cerimônia de premiação. Recebi três elogios — OBA! —, mas também observei que com ele eu andava de um jeito menos feminino e confiante que a dama Edna Everage, de 82 anos, que também estava no evento.
- 2) Sapato de veludo vermelho, da Topshop. Eu usei: uma vez, em um jantar de aniversário no Soho. Apesar de ter passado a noite toda sentada, o sapato era tão apertado que precisei tirar do pé. Quando acordei de manhã, só estava com um deles. O outro, eu me lembrava vagamente, tinha sido colocado em cima da caixa da descarga de uma privada, em segurança, num bar espanhol que fica aberto a noite toda nos fundos da HMV Megastore da Oxford Street.
- 3) Sapato de veludo cinza, igual ao sapato de veludo vermelho, só que de outra cor. “É bom ter este sapato versátil em uma cor neutra também!”, pensei. Cara, como sou boa comprando sapatos!
- 4) Salto de 7,5 centímetros, azul, com babadinho na frente. Na festa em que o usei, acabei conversando com Noddy Holder, do Slade — uma pessoa que passei a vida toda querendo conhecer, já que fazia parte da realeza de Wolverhampton. Infelizmente, apesar do entusiasmo com que tentei me envolver na Noddytopia, não dava para negar que, àquela altura, meus pés estavam doendo tanto que eu alternava o peso do corpo entre um e outro, com lágrimas nos olhos. No fim, precisei pedir licença e abandonar a conversa com o meu ídolo para ir me sentar em um corredor e massagear os pés e fazer careta sem me preocupar.
- 5) O mesmo, só que agora em branco. “É bom ter este sapato versátil em uma cor neutra também!”, pensei. Cara, como eu sou boa comprando sapatos!!
- 6) Um par de sapatilhas com a ponta virada para cima em cinza e vermelho. Assim como 90% das compras insanas que as mulheres fazem

de coisas que são impossíveis de usar, ao entregar o meu cartão, eu pensei: “É o tipo de coisa que Kate Moss usaria quando saísse para fumar um cigarro”. E, assim como 90% das mulheres depois de fazer isso, precisei reconhecer que a mesma coisa que dá a Kate Moss um ar boêmio em mim fica parecendo aquela brincadeira em que você tem que colocar chapéu e cachecol antes de comer uma barra de chocolate com garfo e faca. Mas de um jeito bem ruim.

Tenho outros seis pares — sandálias douradas de gladiador que funcionam como um torniquete para os dedos dos pés; botas curtas marrons que, da noite para o dia, passaram de “grunge” para “algo que uma mulher tensa chamada Barbara usaria”; um sapatinho boneca da Doc Marten que era tão pesado que senti, de verdade, que estava desenvolvendo síndrome da fadiga crônica na primeira — e portanto última — vez que usei.

E, no entanto, parece-me que minha COLEÇÃO DE SAPATOS QUE NÃO USO — bem organizados em caixas embaixo da minha cama, como se fossem um exército tamanho 37 — é bem modesta, dentro do espectro das COLEÇÕES DE SAPATOS NÃO USADOS DAS MULHERES. Tenho uma amiga que tem 27 pares de sapatos de salto dos quais ela não consegue se separar — e que, no entanto, só foram usados uma vez, duas ou nenhuma. *Todas* as mulheres têm esses estoques escondidos em algum lugar da casa.

Por que esses sapatos não são usados? Moças, vou deixar tudo bem claro. Vou dizer uma coisa que fui percebendo gradativamente ao longo de treze anos e que todas nós já percebemos, ainda que em segredo, na primeira vez que calçamos saltos altos: só existem dez pessoas no mundo, no máximo, que de fato devem usar salto alto. E seis delas são drag queens. O resto de nós simplesmente tem que... desistir. Entregar-se. Finalmente aceitar o que a natureza nos diz. Não dá para caminhar com eles. É IMPOSSÍVEL ANDAR COM ESSES SAPATOS MALDITOS. É o mesmo que usar botas antigravidade ou patins.

O caráter inusável dos saltos altos está evidente por toda a nossa volta — chega a seu auge em qualquer festa de casamento, ocasião em que todas as mulheres usam salto. Na nossa cabeça, vemos isso como uma reunião serena e elegante de mulheres, com suas melhores roupas. É uma das maiores chances do ano de fingir que você está na cerimônia do Oscar, de salto agulha. Na verdade, é claro, parece a convenção anual do Sindicato das Imitadoras de Tina Turner — mulheres caminhando aos tropeços em uma verticalidade a que não estão acostumadas; a carne do pé escapando pelas beiradas do cetim apertado; dedos dos pés que ficam entorpecidos até dias depois.

As pouquíssimas que conseguem caminhar com elegância em cima deles ficam maravilhosas, é claro — andar de salto alto é uma habilidade tão impressionante quanto saber andar na corda bamba ou soprar anéis de

fumaça. Admiro quem faz isso. E desejo tudo de bom a essas pessoas. Eu gostaria de poder ser assim. Mas trata-se de uma minoria minúscula. Todas as outras pessoas — a ampla maioria —, ficam inversamente elegantes em relação ao que pensam quando compram sapatos assim. Arrastamos os pés, torcemos o tornozelo, não conseguimos dançar e fazemos careta o tempo todo, enquanto resmungamos por entre os dentes: “MALDITOS sapatos. Meus pés estão me matando”.

Quando a festa de fato começa, 80% das mulheres estão descalças, com os pés no máximo cobertos por meias-calças — e as beiradas do salão exibem uma fileira de saltos agulha e anabelas descartados. As mulheres passam mais tempo comprando sapatos para um casamento do que com eles nos pés no casamento.

Aceitamos totalmente a inutilidade dos saltos altos. Sempre de uma maneira simples, com um mero dar de ombros. Somos indiferentes à quantidade de dinheiro que gastamos ao longo da vida em sapatos que usamos apenas uma vez e que nos causam muita dor. Aliás, temos um estranho orgulho desse fato. As mulheres compram sapatos e, dando risada, dizem: “Claro que apertam — eu simplesmente vou passar a noite toda sentada em uma banquetta de bar e minhas amigas ou alguém que estiver passando vai me ajudar a ir ao banheiro”, apesar de isso parecer uma LOUCURA TÃO GRITANTE quanto dizer: “Acabei de comprar uma casa — não tem telhado, é claro, então vou simplesmente ficar sentada na sala segurando um guarda-chuva”.

Então, por que acreditamos que usar salto alto é uma parte intrínseca de ser mulher, apesar de saber que não dá certo? Por que temos tanto fetiche por essa coisa que, de maneira universal, nos faz caminhar feito patas? Será que Germaine Greer estava certa? Será que salto só serve para atrair a atenção dos homens e conseguir transar?

A resposta, obviamente, é não. As mulheres usam salto porque acham que isso faz com que suas pernas pareçam mais magras, FIM DE DISCUSSÃO. Elas acham que caminhar na ponta dos pés faz com que suas pernas passem do tamanho 44 para o quarenta. Mas é claro que isso não acontece. E uma perna gorda que termina numa pequena ponta só parece normal nos porcos.

A maior parte dos homens desconfia dos saltos e nem gosta deles. Eles costumam olhá-los com um ar de desconfiança. Isso ocorre porque:

- a) Uma mulher de salto alto faz com que o homem se sinta mais baixo. Em termos masculinos, é a mesma coisa que fazer uma moça se sentir mais gorda. Eles não gostam nada disso.
- b) De acordo com as estatísticas, é provável que uma mulher de salto alto

acabe a noite com o sapato na bolsa, descalça, e tenha que ser levada de cavaleiro até o táxi para não sujar as meias. Um homem é invariavelmente o cavaleiro a ser convocado. Só com base nisso, eles temem uma mulher que o aborda cambaleante no início da noite, já acometida pela dor nos dedos, e que se senta com um suspiro de velha.

Aos 35 anos, eu já me conformei. Finalmente desisti dos saltos — tirando um par de sapatos de sapateado amarelos que são inexplicavelmente confortáveis e uma coisa em veludo verde da década de 1930 com a qual consigo dançar. De fato, eu basicamente desisti dos sapatos femininos de maneira geral. Até rasteirinhas parecem sem substância e malfeitas em comparação com os sapatos masculinos. Tenho botas de montaria masculinas, botas de motoqueiro masculinas, alguns sapatos sociais, alguns Doc Martens — todos lindamente confeccionados, confortáveis e mais baratos do que os disponíveis na seção feminina, que fazem a perna terminar como o oposto de uma ponta fina e dolorida.

Resolvi que, essencialmente, estou em greve em relação aos sapatos femininos. Vou deixar de lado todo esse mundo até que os estilistas criem um modelo com que seja possível caminhar por mais de uma hora com o gingado fácil de quando Gene Kelly vai começar a dançar, sem passar um dia inteiro sentindo dor depois. Tenho plena consciência de que minhas exigências representam uma minoria desprezível no momento — ninguém pode saber quanto tempo vão durar os efeitos colaterais que uma década de Manolo Blahnik em *Sex and the City* causou na sociedade —, mas estou muito determinada na minha decisão. Afinal de contas, já vi as fotos dos pés descalços cheios de joanetes de Victoria Beckham. Não quero ter pés deformados. Se vou gastar quinhentas libras em um par de sapatos de marca, vai ter que ser um que me permita a) dançar “Bad Romance” e b) fugir correndo de um assassino, caso algum resolva me perseguir. É o mínimo que eu peço para meus calçados. Que eu seja capaz de dançar e não seja assassinada por causa deles.

BOLSAS

Claro que o outro item de moda que faz as mulheres enlouquecerem é a bolsa. Há muito tempo sabemos por que — tirando o sapato, a bolsa é o único item que sempre cabe, por mais gorda que você esteja. Ninguém tem crises de dismorfia e choro em um provador ao experimentar uma bolsa.

Aos 35 anos, tenho duas filhas, paguei metade da hipoteca da minha casa, fiquei bêbada com Lady Gaga, preparo meu próprio guacamole, consigo fazer trinta segundos da parte fácil da dancinha de “Single Ladies”, tenho duas

opiniões contrárias a respeito da globalização, sei fazer a manobra de Heimlich e uma vez fiz 420 pontos nas palavras-cruzadas.

Mas continuo me afundando em revistas femininas que fazem com que eu me sinta mal de verdade em relação às minhas conquistas. Porque ainda não tenho uma “bolsa em que vale a pena investir”.

Minha opinião sobre essas bolsas é: se algum dia eu fosse fazer um investimento de seiscentas libras, certamente seria em títulos dos Correios — e não em algo que, de maneira geral, fica no chão dos bares ou que de vez em quando uso para carregar dois quilos de batata para casa. Mas estou ficando cada vez mais ciente de que sou minoria no que diz respeito a bolsas. Mulheres normais, diz a *Grazia Magazine*, não compram uma bolsa a cada cinco anos por 45 libras na Topshop — minha rotina pessoal. Mulheres normais têm dúzias de bolsas: pequenas, que não usam para carregar batatas, que exigem seiscentas libras de investimento, como um modelo da Mulberry.

Aprendi que ter uma bolsa de seiscentas libras é a mesma coisa que ter uma queda pelo Coringa do *Batman*. OBRIGATÓRIO. É um fato irredutível de ser mulher.

As coisas chegaram ao extremo na revista *Observer Woman*, hoje defunta. Lorraine Candy, redatora-chefe da *Elle*, tentou passar uma semana usando só coisas de lojas populares. Na quarta-feira, ela escreveu: “Fracassei. Hoje, sei que não vou conseguir enfrentar o dia sem algo que faz qualquer roupa funcionar: minha bolsa nova da Chloé. Estou envergonhada”.

Senti uma onda de pavor ao ler isso: ninguém jamais tinha julgado minha bolsa barata na minha cara. Mas, bom, é um país reservado. Não sei como reagiriam à minha bolsa de 45 libras em um lugar onde as pessoas são mais expansivas — em Portugal, digamos, ou no Texas. Pode ser que pulassem em cima da cadeira berrando “MEU DEUS!”, tentando acertar minha bolsa barata com uma vassoura, como se fosse um inseto nojento.

Naquela noite, tomei uma decisão. Uma das sabedorias modernas de ser mulher é que o eBay oferece bolsas de marca falsas que são igualzinhas às verdadeiras. Mas, apesar de eu digitar “ótimas bolsas de seiscentas libras falsificadas por cem libras” no campo de “busca”, nada apareceu.

Intrigada, comecei a procurar bolsas de seiscentas libras por seiscentas libras. Louis Vuitton, Prada, Chloé; trezentas libras, 467 libras, 582 libras.

Meu Deus, como eram horrorosas. Pareciam *Guernica* em pele de cavalo. Tentei encontrar uma de que gostasse. Tentei mesmo. De couro curtido, com franjas, estranhas, sem forma, muitas delas se pareciam com a carcaça de Tom Jones com alças. Outras eram cobertas de tiras, fivelas e rebites, como um cavalo sadomasoquista.

Havia uma prateleira inteira de bolsas de couro com fechos dourados gigantescos, como se alguém tivesse derretido Grace Jones em 1988 e deixado para trás apenas a jaqueta de couro e os brincos enormes dela.

Na página catorze dos resultados da busca, finalmente vi uma de que gostei, Marc Jacobs. Era chamativa, bem amarela, e tinha uma foto de Debbie Harry estampada. Mas minha alegria em encontrar uma bolsa de seiscentas libras de que gostei foi esmagada quando, em um exame mais atento, ela se revelou ser uma sacola de lona, de dezessete libras; o único item de marca de que eu tinha gostado era uma sacola de compras Marc Jacobs.

Não sou completamente desvinculada da moda. Aprendi algumas coisas sobre estilo com o passar dos anos. Um sapato amarelo berrante é surpreendentemente versátil; meias-calças estampadas nunca são boa ideia. E se — devido ao caos, ao destino e às roupas sujas acumuladas — você acabar com um modelo assustador de tão aleatório (meias, Crocs, paletó de smoking e gorro de tricô), é só olhar os outros nos olhos e dizer, com segurança: “Eu não gosto de usar tudo combinando”.

Mas, se não consigo me conectar com as coisas mais refinadas da vida e a única conexão emocional de que sou capaz é com uma sacola de compras turbinada, isso só serve para reforçar a confirmação de que pertenço à classe baixa.

Para ser sincera, a bolsa de que eu provavelmente gostaria mais seria uma batata oca com alças. Uma batata inglesa gigante com alça a tiracolo. Então, em momentos de crise, eu poderia colocar a bolsa no forno e comê-la, sobrevivendo assim ao inverno. Meu povo é assim.

E, no entanto, apesar de tudo isso, minha negação psicológica às bolsas permaneceu. Sim, aquelas bolsas de seiscentas libras talvez não tenham apelo visual, pensei com meus botões. Mas, quem sabe, se você *tocar* nelas, revelarão sua magia avaliada em seiscentas libras que faz tudo valer a pena.

“Todas devem ser feitas de um couro macio como manteiga”, eu disse a mim mesma, sem saber de verdade o que queria dizer com aquilo. “Sempre dá para ver a diferença de perto. Eu devia ir até lá para sentir a qualidade.”

Fui à Liberty e dei uma volta, tocando bolsas, esperando o encanto tomar conta de mim. Todas só pareciam ser bolsas. No entanto, vi uma bolsinha prateada de que gostei. Por 225 libras.

“No final das contas, sou uma mulher de classe!”, pensei e corri direto para o caixa, apesar de ser obrigada a pagar uma multa de quarenta libras pelo uso do cheque especial e causar assim uma crise problemática no meu casamento. “Talvez eu tenha um tio secreto que é conde! Meu sangue real vai vir à tona! Finalmente passei a cobiçar itens de marca caros! Eu sou normal! Obrigada, *Grazia!*”

Cinco dias depois, a bolsa foi roubada em Gower Street. Aparentemente ladrões também leem a revista *Grazia*. Eles são capazes de avistar acessórios caros a quinhentos metros de distância.

Aparentemente, maridos não leem *Grazia*, e por mais magníficos ou bonzinhos que sejam, eles não conseguem se segurar e dizem de vez em

quando: “Duzentas e vinte e cinco libras! Por uma bolsa! JESUS CRISTO”, como se você tivesse acabado de dar uma garfada no saco deles, com bastante violência, e tivesse deixado o garfo ali e pendurado seu casaco nele antes de sair para tomar um banho.

Minha bolsa atual custou 25 libras no sapateiro de Crouch End. Duvido que eu vá “atualizá-la” em breve.

De todo modo, vamos encarar: a bolsa em si não está nem aqui, nem ali — o mais importante é o que você guarda dentro dela. Depois de anos de estudos extensos sobre o assunto, cheguei à lista DEFINITIVA daquilo que você precisa ter na sua bolsa:

- 1) Algo que possa absorver quantidades enormes de líquido
- 2) Delineador
- 3) Alfinete
- 4) Biscoito

Isso cobre qualquer eventualidade. Você não vai precisar de mais nada.

ROUPAS

Então, já falei dos meus pés e daquilo onde guardo meus cigarros. Mas que tipo de roupa eu uso? Como uma feminista estridente, de que modo me visto?

As mulheres sabem que roupas são importantes. Não só porque nosso cérebro é cheio de fitas, anáguas e vestidos de noite — e eu acredito que tomografias cerebrais vão comprovar isso em algum ponto do futuro. Isso acontece porque, quando uma mulher entra em um recinto, sua roupa é a primeira coisa que fala, mesmo antes de ela abrir a boca. Hoje as mulheres são julgadas pelo que vestem de uma maneira que os homens considerariam incompreensível — eles nunca sentiram aquele momento desconfortável quando alguém avalia o que você está vestindo e então começa a dar uma de superior para cima de você, começa a olhar feito um tarado, ou presume que você não vai “entender” a conversa — seja sobre trabalho, cuidar dos filhos ou cultura geral — simplesmente devido ao que você escolheu vestir naquele dia.

“Espere!”, você sempre tem vontade de dizer. “Se eu estivesse usando meu paletó de cotelê acadêmico em vez desse vestidinho, você me incluiria na sua conversa sobre Jung! Se pudesse ver meus sapatos politicamente engajados, você nunca falaria dessa maneira sobre Tony Benn comigo! Olhe! Posso mostrar uma foto dele no meu iPhone! EU TENHO UMA ROUPA PARA ESSA OCASIÃO — SÓ NÃO ESTOU USANDO AGORA!”

Claro que esses exemplos são meramente vexaminosos — classificados na

lista das roupas “erradas” que fazem você se sentir desmoralizada na primeira vez que vê seu reflexo na vitrine de uma loja, e a levam a tomar más decisões subsequentes em relação a estar gorda — como comprar, em estado de pânico, pantalonas ou uma cinta modeladora decepcionante.

Na pior das hipóteses, no entanto, uma roupa errada pode acabar com a sua vida. Pode fazer com que um juiz despreze sua acusação de estupro, como foi evidenciado pelo caso do jeans justo em 2008 (em que se afirmou que uma mulher usando jeans justo não poderia ter sido estuprada porque nenhum homem seria capaz de tirar essa peça de roupa de uma mulher sem ajuda); ou pela pesquisa da Anistia Internacional que descobriu que 25% das pessoas acreditam que a culpa é da mulher quando está vestida de maneira “provocadora” e é estuprada.

Todas sabemos que uma mulher vestida de maneira relaxada, casual ou até desleixada no local de trabalho provavelmente será considerada menos séria em relação a um colega homem vestido exatamente da mesma maneira. Garotas de jeans e tênis não são promovidas. Homens de jeans e tênis são. Nossa aparência costuma ser interpretada de maneira geral como algo diretamente relacionado a quem somos — e, portanto, geralmente serve para ditar o que acontecerá conosco na sequência.

Então, quando as mulheres começam a ter um ataque porque não sabem o que vão vestir pela manhã, não é porque queremos ser um ícone internacional do estilo. Não estamos tentando ser Victoria Beckham — afinal, tem uma pilha gigantesca de torrada na cozinha à nossa espera e sorrimos pelo menos uma vez na última quinzena.

Não — o que estamos tentando fazer é imaginar se todas as pessoas naquele dia vão “entender” o que estamos usando; se estamos “transmitindo” a mensagem certa em uma conversa cheia de nuances. Porque a moda é apenas uma sugestão de diálogo — como aqueles discursos de padrinho de casamento que a gente baixa na internet. As mulheres supostamente devem apresentar sua versão personalizada disso. Nós supostamente devemos falar do fundo do coração com o que vestimos. Precisamos encontrar guarda-roupas capsulares, coisas que sejam “nós”, que possamos “usar em ocasiões refinadas ou nem tanto”, “peças clássicas” e “jaquetas — com algo a mais”. Essa é uma das habilidades que se presume que uma mulher tenha — assim como lavar roupa “melhor”, ser naturalmente inclinada a ficar em casa o dia todo com um bebê e não se importar muito com o fato de que os homens são considerados mais engraçados.

Simplesmente se espera que as mulheres sejam boas com roupas, e que desprezem as que não são — que erram em um único modelo, como evidenciado pelas seções “Certo e Errado” em toda revista e jornal sensacionalista, toda semana. Políticas de destaque são detonadas por um único par de sapatos “errados”. Você não tem o direito de dizer que isso a

deixa de mau humor, irritada, desesperada — que está cagando e andando para a roupa de Angelina Jolie quando desce de um avião ou para o fato de Susan Sarandon estar entrando na terceira idade com uma boina. No máximo, a moda é um jogo — e eu adoro um vestido bonito. Mas, para as mulheres, é um jogo compulsório, como basquete. E não dá para escapar dele fingindo que está menstruada. Sei do que estou falando. Já tentei.

Então, para uma mulher, cada roupa é um feitiço cheio de esperança, lançado para influenciar o desfecho do dia. Um ato de tentar prever nosso futuro, como ler o horóscopo. Não é para menos que existem tantas revistas de moda. Não é para menos que o setor da moda está avaliado em 900 bilhões de dólares por ano. Não é para menos que o primeiro pensamento de toda mulher seja, para quase tudo o que acontece em sua vida — no trabalho, na chuva ou no parto —, o grito quase desesperado de: “Mas com que roupa eu vou?”.

Quando uma mulher diz: “Não tenho roupa!”, o que ela realmente quer dizer é: “Aqui não tem nada para quem eu preciso ser hoje”.

Afinal, não é nada fácil encontrar roupas com as quais você se sinta feliz. “Não tenho roupa” é o grito que se ouve em um centro comercial, três horas depois de você ter saído às compras e de adquirir apenas uma meia-calça, uma tábua de cortar dobrável e cardigãs para as crianças irem à escola. “Tudo é dois dedos curto demais, dois tons forte demais e NÃO TEM MANGA. POR QUE NÃO TEM MANGA? SE TODAS AS MULHERES NO PAÍS TIVESSEM PERMISSÃO PARA COBRIR OS BRAÇOS, COMO ERA A INTENÇÃO DE DEUS, AS PRESCRIÇÕES DE XANAX CAIRIAM PELA METADE EM DUAS SEMANAS. POR QUE NÃO TEM NADA PARA MIM NESSA LOJA GIGANTESCA E COM ILUMINAÇÃO FORTE DEMAIS?”

Mas, é claro, não é que não haja nada para você ali — especificamente para você. Antes das lojas de roupas, as mulheres confeccionavam seu próprio guarda-roupa ou procuravam uma costureira, de modo que tudo que usávamos era uma expressão sincera de quem nós éramos e das coisas que nos deixavam à vontade — dentro dos limites da moda da época, pelo menos.

Com o advento da moda massificada, no entanto, nem um único item de roupa vendido é “para” a mulher que o compra. Tudo que vemos na Topshop, na Zara, na Mango, na Urban Outfitters, na Next, na Peacocks e na New Look é feito para uma mulher absolutamente imaginária — uma ideia na cabeça do estilista —, e nós compramos quando gostamos da peça, digamos, 70%. Não fica muito melhor do que isso. É raro, se é que acontece alguma vez, encontrar algo que seja 100% “nós”, e que desejemos de verdade — apesar de nunca admitirmos para nós mesmas. A maior parte das mulheres anda por aí com coisas que imaginam ser razoáveis. Um dedo mais comprido aqui. Sem aquela trança. Em um tom de azul um pouco mais escuro. É a primeira coisa que dizemos umas para as outras: “Podiam fazer sem a gola!”.

Porque se você *sabe* que não gosto da gola, então vai saber quem eu *realmente* estou tentando ser.

E, é claro, como tudo é feito para uma mulher imaginária, com frequência nada funciona para a mulher de verdade. Somos capazes de nos lembrar de estações em que linhas completas e malucas — néon, pêssego, tubinho, saia armada — que ficaram tristonhas nos cabides, sem ser compradas, de maio a setembro, à espera de que a mulher imaginária para quem foram criadas entrasse na loja e as levasse para casa.

Com frequência, a mulher está propensa a olhar para o que vem com a próxima maré da moda — vestido de uma manga só, macacão, estampas florais no sofá, calça saruel pelo joelho para o dia bufante na bunda — e exclamar: “Mas por que os estilistas não começam a pensar no que faria uma mulher ficar bonita? Eu não quero ter que explicar essa roupa! Eu quero que ela me explique! Por 79,99 libras, quero que ela me faça um favor! QUERO QUE AS ROUPAS ESTEJAM DO MEU LADO!”.

Eu nunca tinha percebido realmente como a moda não está do meu lado até fazer uma sessão de fotos para o *Times*. A ideia era fazer uma “mulher normal” vestir as tendências da próxima estação: tons pastel, safári, estampas de ilusão de óptica, corseletes como peças de roupa aparentes e leggings estampados.

“Vamos fazer você ficar *linda*”, o editor prometeu. “Conseguimos um produtor e um fotógrafo fantásticos. Vamos cuidar de você.”

As oito horas seguintes foram as piores da minha vida que não terminaram com uma perineotomia. Antes, eu achava que o que me impedia de ter a aparência da Kate Winslet no tapete vermelho eram 10 mil libras em roupas, cabelo, maquiagem, produção e um bom fotógrafo. É claro que, nas fotos finais, eu até que saí bem. Conseguiram algumas imagens de mim bonita com corselete, calça de cetim e saltos de dez centímetros. Para ser sincera, se eu tivesse visto a minha foto em uma revista com aquela roupa, teria pensado: “Vou experimentar este modelo! Ficou bonito nela! E ela tem a bunda bem parecida com a minha, apesar de ser um pouco maior, há, há, há!”.

Mas foi só a foto: a única posição em que deu certo. Demoramos vinte minutos, meia hora, uma hora para descobrir aquela única posição em que a roupa ficava boa. No resto do tempo, fiquei dando conta da pata de camelo aqui, a gordura do braço ali, o peito saindo por cima do decote. As roupas foram esticadas, pregadas, amarradas com barbante — a luz foi modificada, o cabelo arrumado; chapéus foram trazidos, em uma emergência, para equilibrar ombros de proporções cruéis. Eu me senti como um porco. Um porco gordo e desajeitado que estava em um lugar ao qual não pertencia. Eu

supostamente deveria estar vendendo aquelas roupas ao encontrar o melhor ângulo para elas, deveria estar mostrando-as, trabalhando com elas — mas meus peitos pareciam errados; minha bunda era grande demais; meus braços eram inúteis, pesados e estavam expostos. Saí daquele estúdio, oito horas depois, suada e em lágrimas. Nunca tinha me sentido tão feia. Não conseguia nem sorrir — “Faça um ar de mistério sensual. Uma coisa meio... vaga” — fui reduzida *inteiramente* às roupas que carregava no lombo e como meu corpo ficava com elas. E, com aqueles modelos, e não com os que eu tinha escolhido com tanto cuidado para me “ajudar”, fui um fracasso total.

Não sou idiota — sempre soube que a diferença entre modelos e mulheres normais é que as mulheres normais compram roupas para ficarem bonitas; já a indústria da moda compra *modelos* para fazer as *roupas* ficarem bonitas. Certamente elas não me serviram em nada. Não pude fazer nada com aquela merda. Eu nem conseguia ficar reta em cima dos saltos.

“Sinto muito. Aposto que as modelos conseguem passar horas fazendo isso”, eu disse, cabisbaixa, ficando em pé meio desequilibrada mais uma vez, depois de ter me virado de lado, de um modo nada favorável, como um cavalo empinando.

“Ah, não”, o produtor disse, todo alegre. “Elas também caem de cima dos saltos o tempo todo. É impossível andar com essas coisas. Ninguém consegue. Há, há, há!”

Pensei mais uma vez sobre meus anos de desespero porque não conseguia andar de salto, apesar de “todo mundo” usar. Uma boa parte de “todo mundo”, pensei, estava nos desfiles de moda ou em um tapete vermelho. Quer dizer, não estavam realmente usando aquilo como “sapato”, para caminhar o dia todo. Usavam os modelos só para as fotos. Elas *sabem* que é só para as fotos. Somos nós — as clientes — que compramos essas coisas, e depois tentamos caminhar com elas o dia todo; temos que nos mover com elas; viver dentro delas.

Uma parte muito grande disso é só para exibição — não é a vida real, eu percebi. Apesar de usar a moda como nosso maior campo de estudo, no final das contas ela não nos ajuda a vestir uma roupa pela manhã. Não se quisermos usar algo que nos permita passar o dia inteiro sem ter que ajeitar a barra ou tirar a costura do meio da xoxota. Moda serve para ficar parada e ser fotografada. *Roupas*, por outro lado, são para a vida de fato. E a vida é realmente o único lugar em que você pode aprender as lições mais importantes a respeito de como se vestir e se sentir feliz.

Eis aqui, então, o que aprendi sobre roupas — ignorando revistas e campanhas publicitárias, colhendo o conhecimento onde faz diferença: a) chorando no provador da Topshop enquanto estava entalada em uma legging de PVC, b) correndo pela rua depois de ver alguém de aparência fabulosa e perguntar: “Onde você comprou isso?”* ou c) com minha irmã Weena

entrando no quarto, vendo o que eu estava usando e dizendo “Não” antes de sair do quarto...

- 1) Estampa de oncinha é neutra.
- 2) Você pode usar quase qualquer coisa com meia-calça preta opaca e bota.
- 3) Contrariamente à opinião popular, um cinto não costuma ser um bom amigo para uma moça. De fato, em muitas circunstâncias, ele age simplesmente como auxílio visual para que o observador responda à seguinte pergunta: “Qual metade é mais gorda: a de baixo ou a de cima?”.
- 4) Vermelho forte é neutro.
- 5) Durex NÃO é forte o bastante para remendar um buraco na virilha de uma meia-calça.
- 6) Você NÃO deve comprar uma roupa se precisar fazer uma pose sensual para o espelho do provador para que fique boa. Por outro lado, se você começa a dançar imediatamente no momento em que a veste, compre, independentemente do preço; a menos que seja caro demais, e nesse caso você não pode, por isso, não compre. As revistas de moda *nunca* vão dizer: “Não compre se você não tiver dinheiro”. Suas amigas também não. Sou provavelmente a única pessoa que vai lhe dizer isso NA SUA VIDA. De nada.
- 7) Você nunca deve descrever seu visual como “uma mistura de lojas comuns e vintage”. Lembre-se de como você fica irritada quando a apresentadora Fearne Cotton diz isso. Não permita que as violentadas se transformem nas violentadoras.
- 8) É muito, muito improvável que você fique bem com um vestido estilo anos 1950 justo, acima do joelho, com manga e um cardigã. Você já viu como Christina Hendricks — a peituda gostosa Joan Holloway de *Mad Men*, que a *Vanity Fair* há pouco tempo chamou de “O Corpo” — fica com uma calça cargo e uma blusa moderna? Horrível. Eis uma lição para todas nós.
- 9) A melhor calça que você vai usar na vida é de corrida, preta, com alto conteúdo de lycra. Faz suas coxas e sua bunda parecerem minúsculas. Você passa mais de dois anos tentando reunir coragem para usar a calça com botas até o joelho e jaqueta, mas sempre desiste no último minuto. É uma fonte de arrependimento duradouro.
- 10) Lamê prateado é neutro.
- 11) O mesmo vale para lantejoula dourada.
- 12) Em vez de comprar algo que diga “Lavar a seco”, simplesmente coloque uma nota de cinquenta libras no bolso e saia da loja, deixando tudo no cabide. Em longo prazo, isso vai ajudá-la a economizar dinheiro, tempo e o espetáculo nada edificante de borrifar produto antiodor nas axilas,

em uma emergência, no metrô, a caminho de uma reunião.

13) Tudo da Per Una na Marks & Spencer faz com que você pareça meio louca. Não sei por que isso acontece, mas é assim.pp

E é isso que tenho a dizer a respeito da moda.

**** Infelizmente, a resposta quase sempre é: “Num brechó fantástico em Rotterdam, há quatro anos, que infelizmente foi destruído por um incêndio. Mas, de todo jeito, não iam deixar você entrar lá”. Mas eu ainda não perdi a esperança de que alguém simplesmente aponte para a M&S e diga: “Foi ali, há dez minutos”.

12. Por que ter filhos

UM PARTO RUIM

Não foi surpresa nenhuma descobrir que eu era péssima em dar à luz. Absolutamente nenhuma. A única coisa que sei sobre parto é o que vi da minha mãe — ela voltava para casa branca depois de dar à luz cada um dos meus irmãos; entrou cambaleando em casa sete vezes com uma história ruim: uma laceração, uma cesárea de emergência, um nervo deslocado, um cordão umbilical enrolado. No quinto filho — Corinne —, a placenta não saiu e uma parteira inexperiente simplesmente pegou o cordão umbilical e puxou, como se fosse uma coleira de cachorro presa a um beagle teimoso. Minha mãe teve uma hemorragia tão forte depois disso que precisou receber dois litros de sangue. Quando foi mandada para casa, foi o mesmo que receber uma pessoa traumatizada que estava retornando da guerra.

Eu tinha onze anos — carregava o bebê de um lado para o outro como se fosse uma mistura de boneca e filhote de macaco. Todos tínhamos medo de que mamãe de repente tivesse outro colapso. Ela tinha desmaiado no supermercado; no meio da escada. Parecia que o bebê era algo essencial para ela, que devia ter ficado lá dentro. Ela parecia avariada sem ele.

O bebê seguinte — Cheryl, dois anos depois — foi pior. Mamãe voltou com um nervo deslocado no ombro e não conseguia se mexer — ficou deitada na sala, com as cortinas fechadas, durante um longo verão, chorando, enquanto a casa ia se transformando em um viveiro de mofo, formigas e crianças amedrontadas. Agora com treze anos — eu alimentava a família com salsichas de lata e biscoitos salgados com geleia; o novo filhote de macaco ficava em uma caixa de papelão aos meus pés, junto com o velho. Foi horrível até o fim de setembro, quando o clima quente se foi e mamãe finalmente voltou a andar, devagar; fui matando as formigas com água quente e água sanitária.

Então, quando engravidei aos 24 anos, eu tanto sabia cuidar de um bebê — é só colocar em uma caixa de papelão e comer salsinhas enlatadas — quanto tinha pavor da hora que ele ia sair. Sinceramente, não acho que seja capaz de fazer isso. Eu não sei *como* se faz isso. Sou louca e me mantive intencionalmente ignorante. No meu checkup de seis meses, faço um comentário sobre uma escultura moderna e estranha que está em cima da cama. De plástico branco, parece mostrar dez olhos sem pupilas que vão ficando cada vez maiores, como se fossem um alarme.

“O que é isso?”, pergunto, alegre. “Uma cópia do escultor Jeff Koons?”

“São os estágios da dilatação cervical”, a parteira responde, confusa. “Até

dez centímetros.”

“Você quer dizer.. do colo do útero?”, eu pergunto. “Por que o colo do útero dilata?”

“É assim que o bebê sai”, a parteira diz, agora com cara de quem está falando com uma louca. “O parto é isso — o colo do útero dilata gradativamente para deixar o bebê sair.”

“O colo do útero?”, repito, absolutamente assustada. “Um bebê não pode sair dali! Não é um buraco! Eu já senti! É uma coisa sólida!”

“Bom, é por isso que exige... certo esforço”, a parteira diz, da maneira mais diplomática possível.

A essa altura, já sei que não posso ter o bebê. A conta matemática do meu corpo simplesmente não fecha. Não posso abrir o colo do meu útero. Eu nem saberia por onde começar.

Assim, durante toda a gravidez, sinto pena dos médicos e das parteiras que me incentivam, animados, toda vez que se referem ao parto que está por vir. Não vai rolar, digo a mim mesma. Sinto como se todos eles — enfermeiros, obstetras, meu marido — tivessem sido informados de que, em nove meses, vou montar um show de mágica e sair voando milagrosamente pelo quarto como Peter Pan, ou — quase literalmente — fazer macacos dispararem do meu rabo. As cadeiras estão todas ajeitadas e o público espera com paciência.

Mas é claro que eu sei que não sou mágica. Não tenho meio grama de encantamento em todo o meu corpo. Tentei tudo o que pude para incentivar a magia a acontecer — a piscina do parto está montada na sala, rodeada por velas esperando para ser acesas. Tenho ervas, música e coisas para queimar. Estou pronta para lançar o encantamento — mas quando passo uma e depois duas semanas da data prevista, eu me sinto como uma xamã fracassada apontando meu cajado para o céu, berrando: “CONTEMPLAI A CHUVA!”, enquanto as plantações continuam a murchar nos campos e as camponesas se lamentam.

Quando minhas contrações finalmente começam, são doloridas, mas inúteis. O bebê está na infeliz posição posterior — o crânio faz fricção contra minha coluna — e as parteiras explicam com tristeza que, apesar de a magia ter começado, eu, sem querer, na minha ignorância, invoquei o lado das trevas: parto posterior é longo, difícil e insatisfatório. Depois de 24 horas sem dormir, elas sugerem o hospital. Eu choro. Elas insistem.

E, na claridade da ala hospitalar, confrontada com a maravilha moderna, com as linhas retas e barulhentas da tecnologia, a magia desaparece completamente. O xamã se revela apenas um velho segurando um pau e sai arrastando os pés para nunca mais ser visto: as contrações cessam inteiramente.

Uma parteira sueca de cara azeda me avalia quando sento na cama, chorando.

“É isso que costuma acontecer com as mães que querem fazer o parto em casa”, ela diz, com certa satisfação, ao abrir minhas pernas e inserir um gancho — para monitorar os batimentos cardíacos — na cabeça do meu bebê. Coitadinha! Coitadinha! Sinto muito! Não foi assim que sonhei que seria! “Elas acabam tendo que vir para cá e nós abrimos a barriguinha delas.”

Finalmente, encontrei alguém que se dá conta do que eu soube o tempo todo. Essa vaca me vê como sou: incapaz.

Da noite de sábado à manhã de segunda-feira, o serviço público de saúde repassa devagar e com muito critério a lista de ações para liberar mulheres fracassadas. Minha bolsa não rompeu — eles fazem isso com uma agulha de crochê. Minhas contrações pararam — eles a induzem com um dilatador. Meu colo cervical não cede — com muita dor, eles o abrem bem quando uma contração começa. É uma sensação um pouco parecida com ser picada por dentro, no começo de um lento assassinato.

Eles estão me ajudando porque precisam fazer isso, é claro: são essas coisas que o corpo feminino supostamente deve fazer, de modo automático, sem alarde — como precipitação ou mudança de estação. Minha bolsa rompeu, minhas contrações estão começando — meu corpo deveria ter feito tudo isso sozinho, internamente, como uma caixinha de música.

Mas, devido à minha incompetência, agora precisam abrir o estojo, e os médicos que enchem a sala estão tocando nota a nota, com expressão cada vez mais preocupada — eles fazem vibrar os dentes do mecanismo, sem emoção. Meu trabalho de parto não tem absolutamente ritmo nenhum. Cada batida é forçada.

Claro que, depois de dois dias dessa coisa toda, o bebê começou, muito relutante e em tom de desculpa, a morrer. No monitor, os batimentos cardíacos dela parecem um tamborzinho de brinquedo. Na medida em que cada contração a aperta, dá para ouvir seu coração ficar mais fraco — como se o desfile de ter um bebê estivesse passando em uma rua distante, ou talvez tivesse ido embora de vez.

Sei o que vem a seguir — oxitocina intravenosa. Medicamento. Já li sobre isso. Todo livro sobre parto ensina que deve ser temido. Quando se tem contrações naturais, o corpo geralmente age em um ritmo e com uma intensidade que você é capaz de aceitar. Com o medicamento, no entanto, o processo não é assim. Só há uma velocidade: rápida. É uma máquina brutal — um metrônomo para quem não tem ritmo. Um relógio atômico que não pode ser parado e que faz com que você estoure em contrações a cada minuto, sem falha. É o marca-passo para o útero; igual aos sapatinhos vermelhos em *Os sapatinhos vermelhos*. Faz você dançar até cair morta.

A dor foi transformadora — como passar de agnóstica para evangélica em

uma única hora. O céu de repente se encheu de Deus, e Ele tinha uma dor bíblica para mim. Os intervalos entre as contrações eram como lamber uma torneira que pingava durante um incêndio — um segundo de alívio, mas, quando você se virava, estava tão quente que a umidade queimava os seus lábios; as paredes tinham se erguido e nunca tinha havido porta nem parede. A única maneira de fazer com que ela saísse era virar do avesso de alguma maneira, como um polvo, e fazer com que disparasse pela porta mágica nos seus ossos.

Mas eu era só carne e dor, presa à cama por cabos de monitores, e minha mãe nunca me ensinou como virar do avesso.

No fim — como eu não era mágica, não podia soltar macacos voadores do traseiro, e fazia três dias e três noites que eu estava naquele lugar de fracassados —, os médicos tiveram que me amarrar e me cortar. Em vez de Lizzie sair de mim em um arroubo de magia suave e repentino, o dr. Jonathan de Rosa empurrou meus rins para o lado e a arrancou de mim, de cabeça para baixo, pelos pés, como se fosse uma lebre coberta de merda em um gancho de açougueiro.

Claro que não contei nem a metade. Não contei sobre o choro de Pete, nem sobre o cocô, nem sobre vomitar um metro acima na parede, nem de arfar “boca!” para pedir gás e ar, já que eu tinha esquecido todas as outras palavras. Ou o nervo que Lizzie machucou com a cabeça e como, dez anos depois, minha perna direita ainda fica dormente e fria. Ou sobre as quatro peridurais que não surtiram efeito e deixaram cada vértebra amassada e machucada, com o fluido dentro delas parecendo vinagre quente e podre. E a coisa mais importante — o choque, o choque de que o nascimento de Lizzie me machucaria tanto assim; me transformaria em um animal com a pata presa na armadilha dos meus próprios ossos, fazendo com que implorasse para os médicos que pegassem a faca e me livrassem da dor.

Toda segunda-feira, às 7h48, eu olhava para o relógio e me lembrava do parto, tremia e agradecia por tudo ter terminado, e me maravilhava com o fato de nós duas termos sobrevivido.

Lizzie nasceu às 8h32 — mas foi às 7h48 que me deram anestesia e a dor, finalmente, cessou.

É segunda-feira de manhã. Estou na minha cama estreita de hospital, tudo de repente quieto e calmo, com uma sonda de solução salina na mão e outra de morfina na perna, meu marido em uma cadeira e minha filha em um berço de vidro. Nem há flores na cômoda, de tão cedo que é. Meus olhos estão enormes por causa da morfina. Depois, quando olho as fotografias,

estou linda. Como Stevie Nicks, acabada, na Mulholland Drive, mas, de modo incongruente, ao lado de um bebê.

Pete está com uma aparência péssima. Eu não tinha reparado, porque, sem dor, tudo — até manchas velhas e amarronzadas de sangue e a luz nua cruel — parecia lindo; mas a foto que Caz e Weena tiram dele quando chegam, dez minutos depois, mostra um homem com os olhos vermelhos de tanto chorar e a pele de um tom verde, de exaustão e de medo, bebendo todo o meu Gatorade.

Os olhos dele estão cheios de lágrimas. Pete só consegue olhar para mim como se eu fosse morrer e se preparasse para sentir mais saudade de mim do que jamais poderia explicar.

“Pete”, eu digo, e estendo a mão para tocar nele. Tem uma entrada de soro nas costas da minha mão. Pete parece ter medo de tocar nela.

“Tudo o que eles faziam machucava você”, ele disse, e começou a chorar. Foi um choro horrível de verdade, com a boca cheia de líquido; fios de baba entre os lábios. “Eu não podia fazer nada. Cada vez que eu achava que ia melhorar, eles simplesmente faziam alguma coisa para piorar. Quando colocaram aquilo nas suas costas [a primeira das três sondas que não deram certo], ficaram falando que a dor passaria — mas deu errado e você berrou e fez xixi na calça. Eles saíram apressados com a maca pelo corredor. Você estava fazendo um barulho horrível.”

Olho para o bercinho de vidro e bato o dedo na lateral, como as pessoas fazem com aquários. Lizzie abre os olhos por um segundo e olha fixo, com sua testa franzida de macaco, para mim. O rosto dela parece vermelho em contraste com o lençol do hospital. Ela ainda se parece com um órgão interno. Não tem branco nos olhos — só preto. Pupilas enormes — dois buracos grandes em sua cabeça de macaco que levam direto a seu cérebro de macaco. Ela olha fixo para mim. Eu retribuo.

Pete e eu erguemos os olhos um para o outro. Sabemos que queremos sorrir, mas não conseguimos.

Voltamos a olhar para o bebê.

*

A dor é transformadora. Somos programados para que essa seja a lição mais rápida da nossa vida. Aprendi duas coisas com minha primeira filha:

- 1) Estar fora de forma, ir a apenas duas aulas de futuras mães e acreditar de verdade que eu provavelmente morreria não foi uma boa maneira de me preparar para o parto, no geral.
- 2) Uma vez que você experimenta aquele nível de dor, o resto da sua vida se torna relativamente fácil. Por mais horrível que uma experiência seja,

nunca é um desperdício.

Porque, sabe o que você ganha com os 27 pontos na barriga e as lacerações de sétimo a segundo grau no períneo? Perspectiva. Não digo isso como uma punheteira — para usar o termo técnico. Mas, em muitos casos, uma dose furiosa de 24 horas de dor loucamente intolerável resolve vários dos aspectos mais rabugentos e dolorosos da vida moderna.

É como se fosse um incêndio florestal na sua cabeça. Você se livra de muita madeira velha emocional. Hoje, você se irrita com o atendimento ao consumidor ruim, com sanduíches malfeitos, com o comprimento aparente das suas pernas? Isso não vai acontecer depois que você for arrastada pelos portões ardentes do inferno durante um trabalho de parto de 48 horas!

Nesse aspecto, o parto é muito superior a Sertralina ou terapia. Já bem no começo, você tem a revelação mais simples e estonteante da sua vida: a única coisa que *realmente* importa, em todo este mundo maluco e confuso, é se há ou não uma coisa do tamanho de um gato entalada no seu útero, e que qualquer dia em que você *não* tenha um gato entalado no seu útero vai ser, por princípio, absolutamente perfeito em todos os aspectos.

Mais ou menos na hora que um homem com mãos enormes vem na sua direção com fórceps do tamanho de pinças de churrasco, você pensa: perspectiva. Sim, sim, agora tenho certa perspectiva. Duvido que algum dia eu vá voltar a me irritar com o fato de a Norwich Union ter mudado seu nome para Aviva.

Para ser sincera, o parto dá à mulher um par de colhões gigantescos. A alegria que você adquire ao perceber que tudo acabou e você não morreu pode durar para o resto da vida. Tomadas pela euforia e cheias de segurança por terem manifestado tanta coragem, as novas mães finalmente dizem para a família do marido parar de se meter, tingem o cabelo de vermelho, vão aprender a dirigir, trabalham em casa, aprendem a usar a furadeira, experimentam condimentos tailandeses, fazem piadas animadas sobre incontinência e perdem o medo do escuro.

Em resumo, uma dose de dor assim tão intensa transforma você de menina em mulher. Há outras maneiras de obter o mesmo efeito — como está explicado no capítulo 15 —, mas essa é uma das maneiras mais eficientes de mudar sua vida. Se eu comparar como sou agora com o que era antes de dar à luz pela primeira vez, a transformação é quase total. Abrir meu útero abriu minhas “portas perceptivas” mais do que qualquer droga jamais conseguiu — para ser sincera, tudo o que aprendi com o ecstasy foi que, com a dose correta, você é capaz de dançar em um pódio enquanto alguém diz: “Está na hora de ir para casa, senhoras e senhores”, vez após

outra, no sistema de som.

Dar à luz, por outro lado, me ensinou muitas e muitas coisas. Antes do meu primeiro trabalho de parto, eis uma lista do que eu tinha medo: escuro; demônios; invasão extraterrestre; chegada repentina de uma nova Era do Gelo; o fenômeno tão comentado em que uma pessoa que está dormindo acorda e se vê paralisado, com uma velha sentada em cima de seu peito; filmes de terror; dor; hospitais; anestesia geral; insanidade; morte; subir ou descer uma escada muito alta; aranhas; falar em público; conversar com pessoas com sotaque estrangeiro ou regional muito pesado; autoescola — principalmente a aula de mudar de marcha; teias de aranha; ficar careca; fogos de artifício; pedir ajuda; marés que sobem rápido demais; algum dia ser mandada para entrevistar Lou Reed — famoso por ser muito mal-humorado.

Depois de ter dado à luz, passei a ter medo de: acordar e ver que o bebê, de algum modo, tinha voltado para dentro de mim e precisava ser tirado mais uma vez. E só. Apesar de eu não recomendar para ninguém trabalho de parto de três dias com o bebê em posição que exige uma cesariana de emergência, se você for passar por isso, é bom saber que a experiência não é inútil. Você basicamente sai da sala de operações como Tina Turner em *Mad Max*, e ainda produzindo leite.

CRIAR OS FILHOS

De fato, nos primeiros anos da maternidade, todas as comparações em que eu era capaz de pensar envolviam pugilismo, batalha e desafio. Quem não tem filhos pode pensar que ter crianças em casa é algo que se assemelha a um idílio cativante que gira em torno, principalmente, de leitinho quente, bolhas de sabão e muitos abraços.

Mas, para quem está envolvido no ramo da educação, a linguagem costuma ser militar, com frequência beirando a do coronel Kurtz no Vietnã. Muitos consideram a interpretação de Marlon Brando em *Apocalypse Now* uma das performances mais corajosas de Hollywood. Pessoalmente, desconfio que ele tinha passado uma semana cuidando de gêmeos de três meses com cólicas e baseou seu personagem nisso.

Os paralelos com a guerra são múltiplos: você usa as mesmas roupas, dia após dia; fica repetindo para si mesma, cheia de esperança, que isso “vai passar até o Natal”; são longos períodos de tédio pontuado por momentos de terror profundo; você fica infestada de vermes repetidamente; parece que ninguém sabe o que realmente está acontecendo; você só conversa sobre as verdadeiras realidades das suas experiências com outros veteranos; e com

frequência se vê estirada no meio de um campo, na França, às quatro da manhã, chorando e chamando a mãe — apesar disso geralmente se dever ao fato de você ter contraído mastite em férias em um camping europeu e perceber que só levou um par de sandálias para a menina de seis anos, e não por ver a perna da sua calça explodida, a vinte metros de distância, e saber que Wilfred Owen já começou a escrever um poema sobre você.

Mas apesar de ser bem fácil se entregar a uma década inteira de muito gim e pena de si mesma marcada por peças de Lego, prefiro olhar para a coisa toda de ser mãe de um ângulo mais positivo.

Em primeiro lugar, e o mais óbvio, existe o puro prazer emocional, intelectual, físico e químico dos seus filhos. A verdade sincera é que nada no mundo é capaz de fornecer mais gratificação do que se deitar na cama com as crianças, colocar a perna em cima deles, de um jeito que os esmaga bem de levinho e dizer, com seriedade: “Você é um cocô”.

Garrafas de champanhe de 15 mil libras; balões de ar quente voando sobre animais selvagens em migração; sapatos de pele de tubarão com diamante na sola; Paris — todos são, em última instância, prêmios de consolação para quem não tem acesso a criancinhas (o ideal é que estejam meio melecadas) com quem possam brincar, cutucar e apertar um pouco, intoxicados por um amor ridículo.

O mais estonteante é a tolice — a extravagância e a tolice: uma criança de sete anos vai correr escada abaixo, dar um beijão em você e subir a escada mais uma vez, tudo em menos de trinta segundos. É um item tão urgente na agenda delas quanto comer ou cantar. É como ser assaltado por Cupido.

Você, por sua vez, observa a si mesma à distância, simplesmente estupefata com a quantidade de amor que produz. Infinita. Sua adoração pode cansar, mas nunca vai acabar: ela se transforma no combustível da sua mente, do seu corpo e do seu coração. Ela a impulsiona no meio de uma tempestade para entregar capas de chuva para brincar na hora do almoço; faz hora extra para pagar sapatos e bonecos; faz com que você passe noites em claro aliviando tosse, febre e dor — do mesmo jeito que antes o tesão motivava, só que agora é muito, muito mais forte.

E a simplicidade máxima disso tudo inspira admiração. A única coisa que você quer saber — a única questão que realmente interessa — é: está tudo bem com as crianças? Elas estão felizes? Estão em segurança? E, desde que a resposta seja “sim”, nada mais importa, em última instância. Você depara com a seguinte passagem em *As vinhas da ira* e gela com a verdade: “Como se amedronta um homem cuja fome não é apenas seu próprio estômago com cólicas, mas o da barriga vazia de seus filhos? Não é possível amedrontá-lo — ele conhece um medo que vai além de qualquer outro”.

No corredor da minha casa tem uma foto em branco e preto de Nancy, Lizzie e eu na banheira, quando Nancy tinha oito meses e Lizzie, dois anos e

meio. Eu estou mordendo Lizzie de levinho. Nancy, por sua vez, mastiga meu rosto com as gengivas. Todos os olhos estão na pessoa que tira a foto — Pete, que estava dando risada, como revela a imagem levemente borrada. Lá estamos nós: um emaranhado de meio DNA compartilhado, entrelaçadas umas às outras; todas sob os olhos daquele que nos ama mais. Se eu precisasse explicar para alguém o que é felicidade, mostraria essa foto.

“É morder umas menininhas na banheira quando o pai delas grita: ‘Mordam a mamãe no rosto, é o lugar mais sensível!’”, eu diria.

Mas até parece que não conhecemos o amor nascente e meloso de se tornar pai ou mãe. O mundo estrelado dos Ursinhos Carinhosos da maternidade já foi amplamente documentado. Mas — ao passo que as alegrias quase indescritíveis do amor altruísta não devem ser subestimadas —, também é bom para a mulher refletir sobre a questão de ter filhos do seguinte ângulo: “O que eu ganho com isso? Qual é a parte boa?”. Como se você estivesse passando na frente de uma loja de esperma com o ovário na mão, decidindo se entra ou não.

No momento, tendo passado dez anos, posso dizer o que tirei disso até agora. Surpreendentemente, é um bom negócio:

- 1) A compreensão superlativa de qual é a duração de uma hora. Antes de ter filhos, eu era capaz de passar uma hora sem fazer absolutamente nada. *Nada*. De fato, uma hora era sopa. Eu era capaz de passar *dias* inteiros sem realizar absolutamente coisa nenhuma. Se alguém perguntasse como tinha sido minha semana, eu inflaria as bochechas e diria: “Caramba! Estou acabada! Não há descanso para os maus! Fiz coisas o tempo todo! Estou chegando ao *fim* da linha, amiga” — quando, na verdade, eu só tinha escrito um artigo e depois, sem vontade nenhuma, começado a arrumar as gavetas da cozinha, antes de *Big Brother* começar, deixando os batedores de ovos no chão para Pete pisar em cima.

No entanto, três dias depois de Lizzie nascer, eu me dei conta de toda a riqueza que tinha desperdiçado. Uma hora! Caramba, quanta coisa eu poderia fazer em uma hora hoje! Sentada em uma cadeira de balanço com uma recém-nascida de sono irregular no colo — com o controle remoto fora de alcance —, a única coisa que eu podia fazer era ficar olhando para o enorme relógio de estação de trem na parede, tiquetaqueando lentamente a cada segundo; milhares deles, e eu não podia fazer absolutamente nada. Na ocasião, é claro, a única coisa em que eu podia pensar era em como seria ocupada se pudesse retomar minha vida e outra pessoa segurasse o bebê.

“Ah, cara, eu podia estar aprendendo francês agora, se não tivesse esse bebê”, pensava, tristonha. Em uma hora, eu poderia aprender a pedir um café, um táxi e uma panqueca. Em só uma hora! Se minha mãe não fosse

uma *maldita egoísta* e simplesmente deixasse a vida dela de lado para vir aqui ficar de babá, eu poderia aprender a fazer nós de marinheiro! Poderia escalar uma montanha! Visitar a exposição de mapas antigos no Museu Britânico! Finalmente comprar uma cortina para o quarto em vez de pensar que seria uma coisa divertida de fazer “quando o bebê chegar”. POR QUE eu desperdicei tanto tempo antes? POR QUE, MEU DEUS, POR QUÊ? Agora vou passar *anos* sem poder fazer essas coisas. Vou fazer cinquenta anos antes de aprender a falar francês. Como sou burra.

Essa conclusão repentina e violenta sobre como o tempo é fugidio sempre vem junto com:

2) Um aumento repentino e violento da ambição. Antes de ter filhos, eu costumava pensar que trabalho era para gente careta ou que só se preocupa com dinheiro. Eu é que não vou vender minha alma para o sistema! Não — eu fico bem feliz de fazer só o mínimo e de passar todo o tempo com meus hobbies fascinantes de fumar maconha, confeccionar cartões de Natal à mão, gastar nove horas por dia em salas de bate-papo na internet, tomar longos cafés da manhã com as amigas e assistir a *Cheers*. Cai fora, Sistema — e leve consigo todas as suas armadilhas efêmeras do sucesso!

Três semanas depois do nascimento de Lizzie, minhas opiniões a este respeito deram uma volta de 360°. Quando perguntam às minhas filhas: “O que sua mãe faz?”, não quero que elas tenham vergonha e respondam: “Ela sabe qual é o nome da mãe de Cliff Clavin, de *Cheers*”, penso, com tristeza, olhando para o rostinho de Lizzie, prestes a morrer de vergonha. Quero que ela diga: “Ela é CEO da empresa internacional de engenharia da imaginação que levou a paz ao Oriente Médio. E ela *também* sabe o nome da mãe de Cliff Clavin, de *Cheers*”. Ah Lizzie, eu decepcionei você. Vou dizer uma coisa, menininha — se você tirar uma soneca de três anos, começando agora, posso dar um jeito nisso. Agora eu entendi. Preciso fazer as coisas. Vou ser importante.

Então, nas janelas minúsculas de tempo em que a criança está dormindo ou outra pessoa está cuidando dela, você passa a ser produtiva em escala quase sobre-humana.

Dê a uma mãe recente uma criança que dorme durante uma hora e ela vai ser capaz de fazer dez vezes mais coisas do que uma pessoa sem filhos. A expressão “multitarefa” não chega nem perto da produtividade quântica de alguém que faz compras de supermercado pelo telefone, escreve um relatório, prepara o chá da tarde, aconselha uma amiga em prantos ao telefone e conserta um aspirador quebrado no espaço da soneca das três da tarde.

O aforismo “Se deseja que algo seja feito, peça a uma mulher ocupada”

é um reconhecimento indireto do treinamento de eficiência por que a maternidade faz você passar. Pessoas que têm gêmeos são capazes de projetar a voz em um aposento adjacente enquanto travam uma conversa ininterrupta com um filho mais velho. Realmente, é uma coisa mágica.

Se você emprega alguém que tem filhos, sim, pode ser que a pessoa ocasionalmente tire um dia de folga para cuidar de uma criança que esteja com dengue. Mas, meu Deus, aposto que só ela sabe como chutar a máquina de fotocópia quando quebra e consegue traçar um plano estratégico de seis meses no tempo que o elevador leva para ir do 24^o andar ao térreo.

3) Nada mais é impossível. Uma coisa é certa: quando seu filho chegar aos dois anos de idade, você vai olhar para trás, para o tempo antes de ter filhos, e considerar a si mesma uma diletante fraca, sem brio, fresca, mimada, ineficiente, superficial e desperdiçadora de tempo — essencialmente, Hugh Laurie em *Blackadder*, quando entra em uma sala e berra, “Reme, reme, reme seu barco pelo rio. Solte o cinto da calça se a vida não é um latido!!”.

Todo pai e toda mãe têm um momento específico em que percebem que, como tiveram um filho, nada mais os abala. Para mim, foi o dia em que ensinar Lizzie a usar o banheiro deu errado e eu tive que chutar um cocô em uma apresentação de falcoaria em uma tenda no zoológico do Regent’s Park. Reuni o pé esquerdo de Beckham, a postura gélida de Audrey Hepburn numa passarela e a genialidade de pensar rápido da pessoa que teve a ideia de enterrar material radioativo em concreto.

Posso garantir que, comparado a isso, o dia em que só tive 27 minutos para chegar da minha casa, no norte de Londres, até a Downing Street para entrevistar o primeiro-ministro — e então recebi um telefonema dizendo que o táxi tinha sido cancelado sem motivo aparente — não foi *nada*.

E é claro que cheguei à entrevista a tempo. E sabe por quê? PORQUE SOU MÃE. Tecnicamente, supero Barack Obama em pelo menos dez categorias.

UM BOM PARTO

Dois anos e meio depois, faço tudo de novo: coloquei um bebê dentro de mim, permiti que sua cabeça crescesse até uma circunferência de tamanho não aconselhável e agora preciso incomodar meu útero com toda aquela coisa de dilatação.

Mas, dessa vez, vou fazer as coisas de um jeito diferente. Para começo de conversa, não passei os últimos dois meses da gravidez pensando: “Vou fazer

o Natal durar para sempre! Toda manhã pode começar com duas tortas servidas com chantili, seis chocolates e algumas batatinhas Pringles! Um viva para a minha gravidez!”.

Como resultado, não engordei vinte quilos e sou capaz de fazer coisas como “caminhar”, “ficar em pé” e “levantar do sofá sem fazer um som de ‘Uuuuf!’”. Fui a todas as aulas de pré-natal — incluindo um curso de visualização do parto, em que uma mulher com voz hipnótica me lembrava repetidamente que o colo do meu útero na verdade é um alçapão e que negar isso e repetir “Sei — até parece que isso vai acontecer” não é útil para ninguém — muito menos para mim. Demorou 27 anos, mas agora eu acredito, de verdade, que o colo do útero é de fato um buraco.

E, finalmente, dessa vez, admiti algo que antes parecia impossível: não vou morrer por causa disso.

Bem no fundo, essa era a minha crença na primeira vez que fiquei grávida. Foi o leviatã a que meu parto sucumbiu. Eu achava que o trabalho de parto e o nascimento de um bebê eram coisas além da imaginação e — assim como um camponês medieval, negando tudo que ia além da minha concepção — presumi que simplesmente, e com muita tristeza, teria de morrer quando acontecesse. Eu ficava contente — apesar de incrédula — com o fato de que as outras mães saíam vivas daquilo; mas me resignei, com nobreza, à minha própria lápide em um cemitério de igreja: “Morreu no parto, em 2001. Como a srta. Melly em *E o vento levou*”.

Mas agora não existe esse medo — nenhum sonho pavoroso com caixões, viúvos e bebês urrando de tanto chorar aos nove meses. Não estou escrevendo uma ode a mim mesma — “Ela foi uma pessoa bem justa, que sempre soube combinar a roupa e as luvas” — enquanto choro.

Agora que sei como o parto funciona — agora que fui conduzida durante o parto por aquela mulher de voz tranquila —, sinto que finalmente me disseram qual é o meu papel. É simples — tão simples que estou surpresa por não saber disso antes. Uma manhã dessas vou acordar e, antes que volte a dormir, passarei por uma longa lista de contrações, uma por uma. E, depois da última, vou estar com minha menina nos braços. Cada contração vai ser um trabalho em si — uma experiência de um minuto que assustaria qualquer pessoa acometida por ela de repente, sem aviso —, mas sei o que faz com que tudo seja fácil. Não há nada de errado. Tudo é como deve ser. Diferentemente das outras dores na Terra, essas não assinalam que há algo dando errado, e sim dando certo.

Foi isso que não percebi na primeira vez, quando rezei enlouquecida para que a dor parasse. Na época eu não sabia que as dores na verdade eram a resposta, e que todas as alternativas eram muito, muito piores. Hoje que eu sei o que elas são e para que servem, recebo cada uma com uma alegria calma: sessenta segundos para respirar, tão relaxada quanto uma criança

adormecida, para que não haja nenhum lugar a que essa sensação possa se apegar — nenhum músculo tenso a que possa se prender. Sou um copo de água; folhas sopradas de lado pelo vento; o espaço vazio no qual a lua pode navegar.

Quando chego ao hospital, minhas contrações estão tão fortes que eu caio de joelhos, em uma cena dramática, logo na entrada, e me agarro ao objeto mais próximo — uma estátua em tamanho natural da Virgem Maria. Quatro enfermeiras precisam vir correndo para impedir que ela vire em cima de mim e me esmague.

Nesse parto, não fico lá deitada em uma cama, inútil, esperando que um bebê seja entregue pelo serviço de quarto. Dizem que eu devo caminhar, e é isso que faço — ando quilômetros e quilômetros de um lado para o outro, como se estivesse a caminho de Belém. Uso os corredores do hospital como a pista de corrida lenta mais rápida do mundo. Caminho por horas, sem parar. Ah, Nancy! Caminho da catedral de St. Paul a Hammersmith por você, descalça, suspirando baixinho, de Angel a Oval, do palácio ao Heath. Sua cabeça é como pedra contra o osso — uma pressão silenciosa que eu não posso deter agora, nem você. A gravidade é a magia que não consegui encontrar, presa à cama, dois anos antes. A gravidade era o feitiço que eu devia ter invocado. Estava olhando nos livros de magia errados.

Depois de quatro horas andando de um lado para o outro, tudo muda, e eu sei que caminhei o suficiente. Vou para a piscina e faço força para Nancy em cinco impulsos curtos. Quando o rosto dela aparece — um filhotinho de sharpei roxo, com cabelo lambido —, até eu percebo que é tarde demais para as coisas darem errado.

“Foi fácil!”, grito. São as primeiras palavras que saem da minha boca, antes mesmo de ela sair da água; enquanto as parteiras se posicionam com toalhas, prontas para pegá-la. “Foi fácil! Por que ninguém conta para a gente que é tão fácil?”

13. Por que não ter filhos

Claro que, ao mesmo tempo que ter filhos dá trabalho — representa um compromisso de pelo menos dezoito anos; seguidos por mais quarenta anos de chiques esporádicos, empréstimos e irritação da parte deles quando você continua a cortar a torrada em formato de soldadinho, apesar de estarem com 38 anos e serem neurocirurgiões —, em muitos aspectos também é uma opção fácil para a mulher. Por quê?

Porque, se você tem filhos, pelo menos o mundo não vai ficar perguntando quando você vai ter filhos.

As pessoas vivem fazendo isso. Ouvimos essa pergunta mais vezes do que “Em que posso ajudar?” quando entramos em uma loja apenas para fazer uma ligação em um lugar mais calmo ou “Será que você não pode cortar essa franja? Seu rosto é lindo” de nossas avós.

Por algum motivo, o mundo realmente quer saber quando uma mulher vai ter filhos. Todos gostam quando elas planejam essa merda cedo. Querem que elas sejam muito claras e decididas em relação a isso — “Ah, eu quero uma taça de Merlot, o marisco, o filé... e um bebê quando chegar aos 32 anos, por favor”.

E o mundo sente um pânico estranho em relação às mulheres que são um pouco relaxadas e desprezam essa coisa toda: “Mas e o seu relógio biológico?”, gritam. “Você precisa começar a planejar com *pelo menos* cinco anos de antecedência! Se quiser ter filho aos 34 anos, precisa estar noiva aos 29, *no mínimo*. Ande logo! Encontre um marido! Procure em um supermercado! Ou você vai acabar *igual à coitada da Jennifer Aniston, sozinha e estéril*.”

E se uma mulher por acaso disser que não quer ter filhos de jeito nenhum, o mundo realmente fica esquisito:

“Aaaah, não se apresse tanto em dizer isso”, dizem, como se soubessem ou não se você é o tipo de pessoa que deseja fazer *outro ser humano inteiro nas suas entranhas, a partir de sexo e comida*, e depois construir o resto de sua vida em torno do bem-estar dela, como se fosse uma decisão despreocupada do tipo “Nossa... uau”. Como decidir fazer um piquenique em um dia inesperadamente ensolarado; ou trocar o papel de parede do computador.

“Quando você encontrar o homem certo, vai mudar de ideia, querida”, o mundo dirá, com uma petulância descabida e agressiva.

Minha irmã Caz — que sempre foi muito decidida em relação a não ter filhos, desde os nove anos — passou por uma fase em que respondia a essa pergunta com: “Quando Myra Hindley encontrou o homem certo dela, era Ian Brady”.

Mas agora ela parou.

Parece que todo mundo parte do princípio de que as mulheres sempre vão acabar tendo filhos. Elas podem passar por fases bobas e adolescentes em que fingem que isso é algo por que elas não se interessam — mas, quando chega na hora do vamos ver, a feminilidade é um beco sem saída que acaba em maternidade e fim de papo. Todas as mulheres adoram bebês — da mesma maneira que todas as mulheres adoram sapatos Manolo Blahnik e George Clooney. Mesmo as que só usam tênis, são lésbicas, detestam sapatos e George Clooney.

Então, realmente, você meio que está *ajudando* quando pergunta quando finalmente vão resolver esta questão e ter um bebê. Você só está lembrando a elas que devem manter os olhos abertos — para o caso de avistarem algum esperma quando estiverem andando por aí. Pode ser que precisem dele mais tarde.

Quando eu tinha dezoito anos, apresentei, durante um ano, um programa de música na madrugada no Channel 4, chamado *Naked City*. Se me pedissem para resumir o que era em uma frase, eu descreveria assim: “Igual a *The Word*, mas sem babaquice”.

Ao mesmo tempo que isso significava que não tinha ninguém que ia ao programa para comer uma xícara de vômito ou mandar ver com uma senhora de idade, também queria dizer que não tínhamos audiência nenhuma, então o programa foi cancelado depois de duas temporadas.

Ainda assim, quando foi lançado, teve um pouco de divulgação e eu passei algumas semanas sendo entrevistada e fotografada pela imprensa de Sua Majestade, ocasião em que eu, sem falha, sempre fazia minha “cara de muppet de boca aberta”, para a tristeza de todos os envolvidos.

Como cada órgão de imprensa tem seu tipo específico de entrevista como uma marca registrada — o *Sun* me perguntou sobre meus “melões”, o *Mirror* tentou me envolver em uma briga com Dani Behr, o *Mail* queria saber há quanto tempo a família Moran tinha chegado no país e, portanto, quão estrangeira eu era —, havia uma questão em comum a todos:

“Então... você quer ter filhos?”

Na primeira vez que me perguntaram isso, passei três minutos dando risadas histéricas.

A entrevista acontecia na minha casa caótica de Camden — com a eletricidade ainda cortada, Saffron, a idiota da nova cachorra, soltando tanto pelo por todos os lados que eu precisei colocar uma folha de jornal no sofá para o repórter sentar, se não, ia sair de lá com uma cobertura peluda na calça. Eu estava de pijama às quatro da tarde, fumando um cigarro atrás do outro e servindo licor em uma taça de vinho. Tinham ido até lá para

entrevistar alguém cujo trabalho era apresentar um programa de rock na madrugada no canal “sacana”, em que entrevistei Mark E. Smith do The Fall quando ele estava tão fora de si de bêbado que passou metade da entrevista olhando para as próprias mãos na mesa. Eu tinha dezoito anos. Era uma criança. E ainda assim:

“Então... você quer ter filhos?”

“Ter filhos?”, repeti. “Ter filhos? Cara, os ratos da minha cozinha morreram de fome porque aqui nunca tem nada. Não consigo cuidar nem de pragas. Ter filhos? HÁ, HÁ, HÁ, HÁ!”

Então, essa foi a primeira vez — mas não a última.

Claro que compreendo por que esses jornalistas me faziam essa pergunta — quando eu estava trabalhando como jornalista, fazia a mesma pergunta.

No começo, não. Quando eu entrevistava, digamos, Björk ou Kylie Minogue, a última coisa que me ocorria era perguntar se elas queriam ter filhos. Afinal de contas, eu nunca perguntava isso ao Oasis ou a Clive Anderson. Mas se você trabalha para uma revista feminina — coisa que eu fazia esporadicamente —, quando entrega o texto, com mais frequência do que não, a editora lê e depois liga para ter a seguinte conversa:

EDITORA: Está demais. Muuuuito legal. Fabulosa. Linda. Adoramos. ADORAAAAMOS. (*pausa*) Só tem duas coisas. Em primeiro lugar: o que ela estava vestindo?

EU: Sei lá. Uma blusinha?

EDITORA: Uma blusinha de quem?

EU (*confusa*): Dela mesma?

EDITORA: Não... uma blusinha de quem? Nicole Farhi? Joseph? Armani?

EU (*tentando me esforçar*): Era cinza...

EDITORA (*ríspida*): Dê uma ligada para o assessor dela e pergunte, está bem? E coloque no primeiro parágrafo. Sabe como é. “Kylie se senta no sofá com os pés descalços embaixo do corpo, vestida de maneira despojada, mas elegante, com uma blusa de cashmere Joseph, calça McQueen e sapatos Chloé que ficaram no chão a seu lado”. Esse tipo de coisa.

EU (*sem entender nada, mas prestativa*): Tudo bem.

EDITORA: E a segunda coisa: ela quer ter filhos?

EU: Sei lá!

EDITORA: Ela está namorando alguém no momento?

EU: Sei lá! Não perguntei. Estávamos falando sobre o disco e sobre uma festa a que ela foi, e como chorou quando Michael Hutchence morreu...

EDITORA: Será que você pode ligar rapidinho e perguntar para ela? Pergunte quando quer ser mãe. Acho que o texto precisa disso...

Mas só com as mulheres. Nunca me pediram para fazer isso com um entrevistado homem. Você *nunca* tem que perguntar a Marilyn Manson se ele vai à loja JoJo Maman Bébé, pegar os sapatinhos e fica chorando.

A razão por que não perguntam aos homens se eles vão ter filhos ou não, claro, é que a vida deles continua praticamente normal depois que têm um filho. É assim que o mundo funciona. Milhões de homens admiráveis obviamente escolhem não agir assim — eles ficam lado a lado com a parceira e dividem as noites sem dormir, o medo, a exaustão e a falta de remorso com os pios que parecem de passarinho. E eu gosto deles.

Mas, quando perguntam a uma mulher se ela vai ter filhos, na verdade, há uma questão mais obscura e pertinente que se esconde nas entrelinhas. Se você escutar com muita, muita atenção — desligue todas as outras fontes de som e aperte o dedo contra os lábios para silenciar os passantes —, vai ser capaz de escutar:

É a seguinte: “Quando é que você vai estragar tudo com uma criança?”.

Quando é que você vai escolher matar no mínimo quatro anos da sua carreira com um bebê — em uma idade em que a beleza, criatividade e ambição da maior parte das pessoas está no auge? Quando é que você vai deixar toda a sua criatividade e o seu poder em estado de suspensão para cuidar de um recém-nascido indefeso, que precisa de você o tempo todo — a coisa certa e bonita a se fazer? Quando é que você vai parar de fazer filmes/álbuns/livros/negócios? Quando começam a aparecer buracos no seu currículo? Quando você vai ser deixada para trás e esquecida? SERÁ QUE A GENTE PODE PEGAR UMA PIPOQUINHA PARA COMER ENQUANTO VÊ?

Quando alguém pergunta a uma mulher que trabalha “Quando você vai ter filhos?”, na verdade, o que está perguntando é: “Quando você vai embora?”.

E a pergunta é sempre: “Quando você vai ter filhos?”. E não: “Você quer ter filhos?”.

Com frequência, as mulheres têm tanto medo do relógio biológico — “VOCÊ SÓ TEM MAIS DOIS ANOS PARA ENGRAVIDAR!” — que nunca pensam se realmente se importam com essa coisa de chegar ao fim da linha. Como a fertilidade feminina é apresentada como algo limitado, que vai desaparecer muito em breve, há o risco de as mulheres entrarem em pânico e terem um bebê “só para garantir” — da mesma maneira que entram em pânico e compram um cardigã de cashmere dois tamanhos menor, pela metade do preço, em uma liquidação.

Por um lado, elas na verdade não queriam aquilo, mas, por outro, talvez

não tivessem outra oportunidade de conseguir um, então é melhor prevenir do que remediar.

Não é raridade mães dizerem, às duas da manhã, com a cabeça cheia do gim da verdade: “Não é que eu não queria ter Chloe e Jack. É só que, se eu pudesse fazer tudo de novo, não sei se teria filhos”.

Mas resolver não ter filhos é uma decisão muito, muito difícil para uma mulher: a atmosfera realmente fica bem pesada quando alguém diz “Escolhi não ter” ou “Para ser sincera, isso me parece um horror”. Chamamos essas mulheres de “egoístas”. A conotação da expressão “sem filhos” é negativa: de falta, de perda. Pensamos naquelas que não são mães como lobas solitárias — sempre à caça, tão perigosas quanto meninos adolescentes ou homens. Fazemos com que as mulheres sintam que sua narrativa foi interrompida se elas não “terminarem as coisas” da maneira adequada — tendo filhos.

Tanto homens quanto mulheres convenceram a si mesmos de uma crença tacanha: de algum modo, as mulheres ficam incompletas sem filhos. Não é apenas o simples “fato” biológico de que todas as coisas vivas supostamente devem se reproduzir e de que seu legado na Terra é a continuação do seu DNA — mas algo mais pessoal, insidioso e desprezível. Como se a mulher em si continuasse a ser criança até ter seus próprios filhos — como se só pudesse adquirir o status de “anciã” produzindo alguém mais jovem. Que existem lições que apenas a maternidade pode ensinar, que simplesmente não podem ser replicadas de nenhuma outra forma — e que qualquer outra tentativa de adquirir tal sabedoria e realização pessoal é um arremedo pobre e desgraçado. Como se as mães fossem capazes de entrar em primeiro lugar na Universidade de Oxford e as que não são mães só conseguissem ficar na lista de espera de uma instituição de segunda linha como a Universidade de Leicester de Montford.

Apesar de eu ser, de maneira geral, favorável a qualquer rara anomalia nas atividades sociais que valorize o trabalho feminino, a crença de que a maternidade é um acontecimento necessário e transformador sem paralelo ou equivalente acaba sendo, em última instância, um pé no saco para as mulheres.

Desconfio que parte dessa noção de que as mulheres só podem ser anciãs poderosas na sociedade se tiverem filhos — o surgimento das “mães gostosas” no Reino Unido, ou da “mamãe urso” de Sarah Palin nos Estados Unidos — está conectada ao fato de que as mulheres não são valorizadas quando *de fato* envelhecem: essencialmente, considera-se que o auge da sua respeitabilidade e sabedoria ocorra nos anos em que você ainda é fértil, levando uma família e, cada vez mais, um emprego ao mesmo tempo. Quando você chega aos 55 anos, é demitida da BBC e leva bronca por ter rugas. Assim, você não tem uma idade avançada gloriosa e eminente pela qual ansiar — em que você se parece um pouco com Blake Carrington, de

Dinastia, apesar de ser uma dama. Seu grande momento na sociedade é durante os anos de procriação. O machismo — e a estupidez — inerente disso me deixa sem fôlego.

Porque essa exigência para que todas as mulheres tenham filhos não é lógica, de maneira nenhuma. Se você parar um instante para considerar o estado do mundo, vai notar que há muitos bebês nascendo; o planeta realmente não precisa que *todas* nós tenhamos bebês.

Principalmente bebês do Primeiro Mundo, com seu consumo feroz de petróleo, floresta e água, e arrotos infinitos de emissões de carbono e lixo em aterros. Os bebês do Primeiro Mundo estão comendo este mundo feito cupins. Se nós realmente tivéssemos alguma perspectiva em relação às mulheres ocidentais férteis, acabaríamos atacando todas na rua e berrando: “JESUS! COLOQUE UMA ROLHA NAS SUAS ENTRANHAS! IMUNIZE-SE CONTRA O ESPERMA!”.

Se conseguíssemos nos lembrar disso por mais dez segundos de cada vez, as mulheres nunca seriam incomodadas com: “Então... quando é que você vai ter mais um?”.

Porque não se trata simplesmente do fato de que um bebê representa uma pessoa inteira de problemas para o mundo. Ele também *tira* uma pessoa útil do mundo. No mínimo. Com frequência, duas. Quando se têm filhos pequenos, você se torna inútil para as forças da revolução durante *anos*. Antes de ter minhas filhas, talvez eu me aproveitasse bastante dos outros, mas eu era informada do ponto de vista político, assinava petições e reciclava tudo, até bateria de relógio. Era pilha de lixo biodegradável aqui, jantar feito a partir do zero ali, transporte público para todo lugar. Nada de conta no Barclays, nada de feijão do Quênia — eu pagava a taxa do sindicato e fazia doações beneficentes. Ligava para minha mãe com regularidade. Eu era boa de um jeito arrogante, exibido e de baixo nível.

Mas, depois de seis semanas de desgaste com um bebê recém-nascido com cólicas, eu ficaria bem feliz de dar um tiro na cara do último panda do mundo se isso fizesse com que o bebê chorasse sessenta segundos a menos. As fraldas de pano — “Se nós não usarmos fraldas de pano, quem vai usar?” — foram dispensadas em nome das descartáveis; passamos a viver de refeições prontas. Nada mais era reciclado; a cozinha virou a maior bagunça. Taxas de sindicato e doação a viúvas necessitadas foram canceladas — precisávamos do dinheiro para comprar fraldas descartáveis e refeições prontas. Minha mãe poderia ter morrido que eu não ficaria sabendo nem me incomodaria.

Eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo do lado de fora de casa — não li jornal nem assisti ao noticiário durante mais de um ano. O resto do mundo desapareceu. Deste mundo, pelo menos — com a China, planícies de várzea, malária e levantes. O *meu* mapa-múndi agora era macio — feito de feltro colorido e apliques: os programas infantis ao norte, o

mundo do bombeiro *Sam* a oeste, e o resto do planeta coberto com o gramado ondulante dos Teletubbies cheio de coelhos.

Todos os dias eu agradecia pelo fato de tanto meu marido quanto eu sermos críticos de arte basicamente inúteis — nem um pouco envolvidos em qualquer atividade para contribuir com a melhoria do mundo.

“Imagine se você e eu fôssemos geneticistas fodões, trabalhando na cura contra o câncer”, eu disse uma vez, tristonha, depois de mais um dia cheio do pânico causado pelo trabalho feito pela metade, seguido de gritos desesperadores de: “Deus do céu, permita que o editor tenha misericórdia de nós!”.

“Estariamos tão exaustos que simplesmente teríamos que desistir do projeto — passar para algo mais fácil e menos vital”, eu prossegui, ingerindo grânulos secos de café para adquirir energia. “A cólica dela seria responsável pela morte de bilhões de pessoas. *Bilhões.*”

Vamos encarar: a maior parte das mulheres vai continuar a ter filhos, não vai faltar gente nova no planeta, então realmente não é assim tão útil para o mundo você ter um filho. Aliás, é bem o oposto. Isso não deve impedir que você tenha um, se quiser, é claro — uma exclamação alegre de: “É... mas o meu filho pode crescer e se tornar JESUS. Ou EINSTEIN! Ou JESUS EINSTEIN!”, é toda a justificativa de que você precisa, se de fato quiser ter um.

Mas também vale a pena lembrar que isso não tem utilidade vital para você enquanto mulher. Sim, você *pode* aprender milhares de coisas interessantes a respeito de amor, força, medo, relações humanas, lealdade genética e o efeito do damasco sobre um sistema digestivo imaturo.

Mas eu não acho que haja uma única lição que a maternidade tenha a oferecer que não possa ser aprendida em outro lugar. Se você quiser saber o que a maternidade pode agregar a você, como mulher, para falar a verdade não é nada que você não possa apreender, digamos, com atividades como ler os cem melhores livros da história; aprender uma língua estrangeira tão bem a ponto de poder argumentar nela; escalar montanhas; amar sem cuidado; ficar quieta, sozinha, observando o amanhecer; beber uísque com revolucionários; nadar em um rio no inverno; plantar ervilhas e rosas; ligar para sua mãe; cantar enquanto anda; ser educada; e sempre, sempre ajudar desconhecidos. Ninguém jamais alegou, nem por um instante, que homens sem filhos deixaram passar em branco algum aspecto vital de sua existência e que por isso ficaram mais pobres e aleijados. Da Vinci, Van Gogh, Newton, Faraday, Platão, São Tomás de Aquino, Beethoven, Handel, Kant, Hume. Jesus. Todos parecem ter se virado muito bem.

Toda mulher que escolhe — com alegria, reflexão, calma, por livre e espontânea vontade e de acordo com seu desejo — não ter filho faz um

enorme favor a todas as mulheres em longo prazo. Precisamos de mais mulheres que tenham permissão de provar seu valor enquanto pessoa, e não serem avaliadas apenas de acordo com seu potencial de criar novas pessoas. Afinal de contas, metade dessas novas pessoas que criamos também são mulheres, e presume-se que elas mesmas serão julgadas, no futuro, por não fazer novas pessoas. E assim a coisa segue em frente...

A maternidade pode ser uma vocação incrível, mas não tem mais valor do que uma mulher sem filhos que simplesmente é quem ela é, no máximo de suas capacidades. Pensar de maneira diferente trai a crença de que ser uma mulher pensante, criativa, produtiva e satisfeita de algum modo não basta. Que nenhuma ação jamais irá se igualar a dar à luz.

Mas vou dizer uma coisa: por mais que ter me tornado mãe tenha sido uma coisa fantástica na minha vida, já visitei exposições sobre o trabalho de Coco Chanel e, para ser sincera, pareceu bem mais impressionante. Acho que é importante fazer essa confissão. Se você tem um talento insano e não leva nenhum jeito para fazer um ninho, por que não seguir seu caminho e se divertir? Principalmente porque, como tenho certeza de que nós todas sabemos, o sacrifício realmente não rende prêmio nenhum. Jesus não faz uma lista de cada bundinha que você criou no Grande Livro do Martírio dele.

E se você for uma garota meio nerd, já leu livros suficientes e assistiu a filmes o bastante para saber que ter uma missão, salvar o mundo, tentar reunir a banda ou apenas montar uma peça aqui mesmo, no celeiro, realmente pode resultar numa vida bem vivida. Batman não quer um bebê para sentir que “fez de tudo”. Ele acaba de salvar Gotham mais uma vez! Se isso significa que deve ser um modelo feminista acima de, digamos, Nicola Horlick, então que seja.

O feminismo precisa de Tolerância Zero em relação à angústia com os bebês. No século XXI, as coisas não podem mais girar em torno de quem podemos fazer, nem no que *elas* podem fazer. Tem que estar relacionado com quem somos e o que vamos fazer.

Além do mais — por ter decidido permanecer livre, leve e solta, sem ficar grávida e no auge de seu potencial criativo —, Caz está sempre disponível para ficar de babá para mim. Vou dar um DIU de presente de Natal para ela.

14. Modelos de comportamento e o que fazer com eles

Se existe uma coisa que me dá esperança para o futuro da libertação feminina é assistir à queda e ao surgimento de diversos ícones femininos ao longo dos últimos anos. Em muitos aspectos, é nas páginas brilhantes de revistas de fofoca que o próximo capítulo do feminismo vem se moldando devagar e de maneira incongruente.

No intervalo entre a emancipação feminina e as empresárias, políticas e artistas finalmente conseguirem igualdade, a cultura das celebridades é o fórum que usamos para inspecionar e debater a vida, o papel e as aspirações das mulheres. Tabloides, revistas e o jornal *Daily Mail* transformam a vida e a carreira de umas poucas dúzias de mulheres em uma combinação de novela e lição de moral diária — pelo lado positivo, são uma reação ao desejo gigantesco de examinar a condição da mulher moderna, mas, pelo lado negativo, deixam as mulheres em questão sem poder nenhum de escrever sua própria narrativa ou de expressar sua análise pessoal a respeito da questão. É por isso que qualquer feminista que se preze tem interesse nas fofocas sobre os famosos: é o principal local em que nossa percepção sobre as mulheres está se formando hoje. Pelo menos essa é a minha desculpa para comprar a revista *oK!*

Então, na ausência de um Philip Roth mulher para esmiuçar o envelhecimento, a morte e o desejo, temos histórias de panteras como Demi Moore, Kim Cattrall e Madonna, que namoram homens mais novos e permanecem cirurgicamente “jovens”. Talvez não tenhamos uma Jay McInerney ou Bret Easton Ellis mulher — jovem, talentosa, sem amarras —, mas temos, sim, Lindsay Lohan, Britney Spears e Amy Winehouse, que alcançam o sucesso em idade absurdamente baixa e depois se destroem em centenas de calçadas e milhares de festas.

Enquanto essas histórias são discutidas infinitamente nas revistas de fofoca, formamos nossa própria opinião tanto a respeito das celebridades em si (“Que idiota. E que cabelo *horrível!*”) quanto da maneira como a imprensa as trata (“Tudo que dizem a respeito dela é *merda patriarcal maldosa*. Eu queria pedir a DEUS que Germaine Greer tivesse uma arma”). Até que tenhamos um cânone adequado de artistas mulheres, essas vidas esmiuçadas em público vão ter que bastar.

Talvez o caso mais notável — enquanto ainda nos falta uma quinta onda de discurso feminista coerente/populista — tenha sido Katie Price, mais conhecida como Jordan, que chegou a incorporar todo um nexos de questões

femininas. Em uma sociedade capitalista, Price é inegavelmente uma empresária de sucesso — mas o que ela vende é sua vida pessoal. Ela é poderosa — mas por lidar com uma noção descaradamente antiquada da sexualidade feminina. E é independente — mas definida e julgada por seus relacionamentos chamativos. Há alguns anos, Price foi seriamente considerada ícone feminista pelas publicações sérias — desconfio que isso tenha acontecido porque, no fundo, ela deixava os comentaristas culturais confusos, a ponto de levá-los ao pânico. Ela mostra os peitos — mas também tem uma linha própria de roupa de cama. O que é isso?

Fui uma das jornalistas de publicações sérias enviadas para descobrir se ela era ou não um bom modelo de conduta feminista. Em 2006, passei meia semana andando atrás dela para fazer uma matéria de capa para a revista *Elle*. Cheguei ao fim da coisa toda com a conclusão de já ter interagido com lagartos mais calorosos do que Price. Quando a encontrei pela primeira vez, foi na sessão de fotos para a reportagem. Ela me cumprimentou com um sorriso que não chegava aos dentes, muito menos aos olhos — mas, bom, botox é assim mesmo. Ela estava sentada na frente de um espelho, sendo maquiada.

“Tem uma coisa que eu gostaria de dizer”, Price falou. “Eu adoraria fazer um anúncio de rímel. Todos os que passam na televisão são propaganda falsa — usam cílios falsos. Mas os meus são de verdade. Eu adoraria fazer um anúncio de rímel”, ela reiterou, olhando para mim com um ar de “assegure-se de colocar isto no seu texto”. Price tocou os cílios com a ponta dos dedos para me mostrar como eram bonitos.

Cinco minutos depois, a empresária dela, Claire Powell, me puxou de lado. “Achamos que o próximo passo de Katie deve ser um anúncio de cosméticos. Ela pode ser o rosto de uma marca de maquiagem, esse tipo de coisa. É a direção que estamos tomando.”

Ainda assim, pelo menos naquele ponto, Price tinha algo a dizer quando estávamos falando sobre cílios. Durante as três horas seguintes no estúdio, qualquer outra tentativa de tática de conversa falhou. Livros, atualidades, televisão e cinema — ela dava de ombros. Quando perguntei o que fazia no tempo livre, ela se afundou em silêncio durante quase um minuto e então disse que gostava de colocar cristais Swarovski em aparelhos pela casa — “tipo no controle remoto”.

Ficou muito claro que Price não tinha absolutamente nenhum interesse em nada que não fosse um livro que ela tivesse escrito, uma atualidade da qual tivesse feito parte — como vender a cobertura exclusiva de seu casamento por 1 milhão de libras — ou um programa de televisão que tivesse estrelado. O mundo dela consistia inteiramente em si mesma, em sua linha de mercadorias cor-de-rosa e no semicírculo constante de paparazzi que fotografavam em detalhes essa narrativa contínua de solipsismo. Não era

para menos que os olhos dela pareciam tão vazios — ela não tinha nada em que pensar além de si mesma. É igual àquela serpente mítica que come o próprio rabo infinitamente.

Talvez devido a essa obsessão lucrativa consigo mesma, durante todo o tempo que passamos juntas, ela nunca passou de tirana sem charme e com olhos de cobra, mandando no marido da época, Peter Andre, como se ele fosse um cachorrinho, usando seus melhores sapatos, enchendo cada interação com um desprezo enfadonho — como se colocar vestidos, andar de carro e conversar com outras pessoas fosse o passatempo de uma vagabunda, e ela estivesse furiosa por isso ter sobrado para ela.

A certa altura, ela foi tão grosseira que Andre teve que pedir desculpas a todos os presentes — “Ela mostra qualquer coisa, menos um sorriso, há, há!”, ele disse, tentando fazer piada com a situação —, enquanto eu só ficava lá pensando na ideia de como alguém cuja carreira toda consistia em “ser ela mesma” podia fazer isso de maneira tão desagradável e sem graça. Era a mesma coisa que ver um corredor olímpico saindo da pista e reclamando que estava suado; ou um coelho se queixando de tanto sexo.

Houve alguns momentos divertidos na semana — como colocar no dedo a aliança de casamento de Price, que era do tamanho de uma costeleta de porco temperada com diamantes cor-de-rosa. E, na última noite — durante o jantar de uma cerimônia de premiação —, Price tomou uma taça de champanhe e se lançou em uma sessão furiosa de falar mal de outras celebridades mulheres: ela sibilava “Ela é a maior falsa!” para Caprice e ficava se gabando, cheia de prazer, a respeito de como Victoria Beckham tinha de contratar “babás feias” para o caso de David sentir “tentação. Ela não confia que ele vai ficar com o pau dentro das calças se tiver alguma mulher bonita por perto! Tenho pena dela. Todas as minhas babás são lindas”, ela se gabou, lançando um olhar esmagador para Peter Andre.

Mas, depois de cinco dias junto com ela, embora não o tempo todo, a única verdadeira “descoberta” que eu fiz a respeito de Price foi que tinha usado o número errado de sutiã durante anos. “A Marks & Spencer me fez usar um 44!”, ela disse. “E quando eu me medi, descobri que na verdade sempre tinha sido 46!”

É, eu sei. Não é exatamente o Watergate. Mas, levando em conta o resto da entrevista, foi a melhor declaração que consegui. Firme com meu dever, escrevi a reportagem — e, é claro, recebi um e-mail no dia seguinte dos assessores dela. “Será que você se importa em não publicar a coisa sobre o tamanho do sutiã de Katie?”, a empresária pergunta. “É só que a gente quer dar isso como exclusiva para a OK!”

Embasbacada com a situação em que a notícia sobre o tamanho do sutiã de uma mulher era de fato dinheiro vivo, cedi.

Realmente não me incomodo com a ideia errônea de que Price seja uma

boa mulher de negócios — apesar de ela ter que envolver os filhos nos negócios para ganhar dinheiro, algo que eu sempre associei com famílias desesperadas do Terceiro Mundo, e não com garotas que embolsam cheques de 1 milhão de libras. No fim das contas, é um mundo agitado e confuso, e precisamos escolher nossas brigas.

Mas o que eu acho intolerável *mesmo* são as pessoas que afirmam que Price é um modelo de conduta feminista — simplesmente porque ela ganhou muito dinheiro.

O raciocínio é o seguinte: os homens ainda têm todo o poder e dinheiro. Mas eles têm um ponto fraco — mulheres sensuais. Então, se o necessário para ser rica e famosa é seduzir um homem, que seja. São apenas negócios, querida. Você pode ter que ficar de quatro com a bunda para cima em calendários “glamorosos”, mas pelo menos pode pagar o aluguel da sua enorme mansão cor-de-rosa.

Bom, existe uma frase para esse tipo de comportamento. E é, para citar Jamie, o xamã de *The Thick of It*, uma “mísera foda traidora e filha da puta”.

Em um mundo machista, as mulheres que se entregam ao machismo para fazer fortuna são a França de Vichy com peitos. Você usa sutiã 42 GG, toda depilada e sempre finge ter orgasmo? Então, está negociando com um regime decadente e corrupto. Chamar isso de ícone feminista é a mesma coisa que dar o prêmio Nobel da Paz a um traficante de armas.

“Sou forte”, Price dirá em mais uma entrevista exclusiva para a *OK!*. Mas, de maneira geral, pessoas fortes não costumam ficar se lamentando para a imprensa toda semana a respeito de como estão se sentindo, como todo mundo as trata de modo injusto, e como seu ex-marido é o maior bundão.

Como Blanche, do *Corrie*, disse: “No meu tempo, quando alguma coisa ruim acontecia, você ficava em casa, enchia a cara e roía um sapato”.

Price poderia aprender muito com isso. A ideia de que ela é “forte” deriva unicamente do fato de que fica repetindo “Eu sou forte” enquanto faz coisas fracas, como participar do programa *I’m a Celebrity Get Me Out of Here!* para que as pessoas possam conhecer seu “verdadeiro eu” e tentem fugir de uma multa de trânsito dizendo: “Eu sou apenas uma típica mulher ao volante”.

Há um trabalho de programação neurolinguística semelhante relativo ao fato de ela ser “boa mãe” e ter sido eleita a mãe celebridade do ano.

“Eu cuido dos meus filhos”, ela diz. “Amo meus filhos.”

Bom, para citar o comediante Chris Rock: “SUPÕE-SE que você deve cuidar dos próprios filhos, sua filha da mãe com baixas expectativas! O que você quer? Um biscoito?”. Uma das coisas mais animadoras nos últimos anos é que Price permanece em cena tempo suficiente para que todas as consequências terríveis de suas decisões e atitudes possam se desenrolar em público. Qualquer garota em 2007 que achasse que seria um plano de carreira admirável e viável começar como modelo topless, fazer uma série de

reality shows sobre o seu casamento e depois colocar seus filhos indefesos como modelos de sua própria linha de roupas, sempre agindo como uma mulher covarde, ingrata, miserável, ressentida e ranzinza — mas com peitos enormes —, certamente teria mudado de ideia em 2010, quando a imagem pública de Price ficou logo abaixo da fama da raposa que mordeu umas crianças no norte de Londres.

Da mesma maneira, mais ou menos na mesma época, o fenômeno das esposas glamorosas de jogadores de futebol — que antes também era um modelo de conduta a que as meninas adolescentes aspiravam — começou a definhar. Na medida em que um jogador de futebol após o outro era revelado como infiel, de repente, a ideia de não fazer nada além de atrelar sua vida e seu sustento a um homem famoso e rico começou a parecer, no máximo, cafona e, no mínimo, perigoso do ponto de vista mental.

Na medida em que esses casamentos foram se desfazendo, sob exame público intenso, o tom da cobertura da mídia foi: “Mas o que uma mulher poderia *esperar* desses homens? Quando se entra em uma relação tão desigual — em que seu único valor e recurso está na aparência —, será que dá mesmo para se surpreender se seu parceiro a considera tão substituível por outra mulher igualmente impotente e nada autônoma que ele conhece em casas noturnas escuras, com os peitos em exibição?”.

Mas ao passo que Price — que não tem nada para falar nem o que vender a não ser a si mesma — sumiu, uma geração inteira de mulheres altamente criativas começou a ganhar uma força furiosa.

Já discuti o conceito relativo ao fato de as mulheres serem “fracassadas” — reconhecendo que, como gênero sexual, nossas conquistas são modestas em relação às dos homens e tratando da suspeita silenciosa e não dita de que isso significa que não somos tão boas quanto os homens no fim das contas. Afinal, se o poder e a criatividade das mulheres simplesmente foram reprimidos durante milhares de anos pela babaquice machista, nós certamente deveríamos ter mandado ver em *Guerra nas estrelas* e conquistado a França um ano depois de obter o direito ao voto, não?

Mas é claro que, ao ser libertadas, as pessoas que foram psicologicamente esmagadas não começam a fazer coisas gloriosas, confiantes e chamativas imediatamente. Em vez disso, elas passam um tempo sem fazer nada, pensando: “Mas que merda foi essa?”, tentando entender por que aconteceu, tentando — com frequência — descobrir se foi culpa delas.

Elas precisam compreender qual é sua relação com seus ex-agressores e criar novas estruturas de comando — ou descobrir se querem mesmo estar à frente de qualquer tipo de estrutura de comando. Há uma necessidade de compartilhar experiências para descobrir a) o que é “normal” e b) se você quer ser isso. E, acima de tudo, demora para entender aquilo em que realmente acredita — o que você pensa de si mesma. Se tudo que lhe

ensinaram é a história, a moral e o raciocínio de quem a derrotou, demora muito, muito mesmo para definir quais são as partes que você deseja guardar e quais deseja dispensar: quais partes são nocivas para você e quais podem ser recuperadas.

Em resumo, há um longo período de se apalpar e se perguntar: “Está tudo bem comigo?”, geralmente seguido por um silêncio pensativo muito, muito longo antes de qualquer ação ser efetivada.

Mas a ação *está* sendo efetivada agora — e um dos lugares em que isso fica mais aparente é na música pop. O pop é o cinturão cultural da mudança social. Devido a seu imediatismo, seu alcance e sua força — não demora dois anos para ser produzido, como o cinema; não demora três anos para ser escrito, como o romance; não requer um processo de dez anos de campanha, como a política —, qualquer pensamento ou sentimento que começa a fomentar no inconsciente coletivo pode chegar ao topo das paradas dois meses depois. E, assim que a ideia do pop vem à tona, imediatamente desencadeia ação e reação em outros artistas, cuja reação é igualmente rápida — levando a uma mudança quântica praticamente da noite para o dia na paisagem.

Em 2009 — treze anos depois de *Wannabe*, das Spice Girls, ter feito com que elas fossem a maior banda de todos os tempos —, a parada finalmente, e pela primeira vez na história, passou a ser dominada por artistas mulheres. La Roux — uma lésbica!, Florence and The Machine — uma ruiva!, Lily Allen — uma moça ingênua e tagarela!, Beyoncé — um ícone fenomenal com quadril grande!, e, é claro, Lady Gaga — uma bissexual que se veste com carne, *agent provocateur* multimídia!, foram as mais comentadas, as mais examinadas, as mais demandadas e, é claro, as que fizeram mais sucesso. Junto com Katy Perry, Rihanna, Leona Lewis e Susan Boyle, a onda de mulheres nas paradas significava que os artistas homens tinham morrido.

As conversas que eu tinha tido na *Melody Maker*, dezesseis anos antes — “Ah meu Deus, só precisamos colocar uma mulher na revista!” — pareceram ridículas.

Hoje, no caderno de arte do *Times*, os editores ficam desesperados com a cobertura de artistas homens: “Ninguém está nem aí. Quem vai querer olhar para mais uma foto de um fulano sem graça?”.

Em 2010, fui entrevistar a mulher considerada o próximo grande ícone feminista pelas publicações sérias: Lady Gaga. Como indicação de como a paisagem é capaz de se transformar com rapidez sob a influência de apenas uma figura de destaque, a diferença entre ela e o último suposto grande ícone feminista — Price — não tinha como ser maior.

Price é uma garota de classe média que tinha ganhado destaque com fotos

de peito, sem nada a dizer — uma vez conquistada a atenção — além de “Eueueueueueu, olhem para MIM! E para meu Katie Price Pink Boutique iPod, 64 GB, 399,99 libras”.

Gaga, por outro lado, é uma garota de classe média que ganhou destaque ao compor três dos melhores singles pop do século XXI, um atrás do outro (“Poker Face”, “Just Dance” e “Bad Romance”), e com tanto a dizer que precisou contratar um coletivo de arte multimídia — The Haus of Gaga — para fazer turnê com ela e poder expressar tudo o que desejava. A bandeira de Gaga era a igualdade para os gays, a igualdade sexual, o ativismo político, a tolerância e encher a cara na pista de dança junto com alguns passos bem bacanas. E usar uma lagosta na cabeça.

Apesar de sempre ser cedo demais para falar em carreira em menos de dez anos, só o alcance, a escala e a força dos dois primeiros anos de Gaga como estrela do pop me emocionam mais do que qualquer outra artista que tenha surgido desde Madonna. De fato, por mais que eu, na posição de mulher ocidental, reconheça minha dívida eterna com Madonna — eu *já* teria coragem de andar de asa-delta com a xoxota à mostra ou agarrar Vanilla Ice se não fosse pelo trabalho pioneiro que Madonna fez em *Sex* —, também deve ser observado que Gaga ascendeu ao palco mundial com uma roupa feita de carne crua e fazendo um protesto contra a homofobia no Exército dos Estados Unidos quando tinha apenas 24 anos. Aos 24 anos, Madonna ainda trabalhava em um Dunkin’ Donuts no Brooklyn.

E o negócio com Madonna era que, quando eu era adolescente, ela meio que... me assustava. Ela era legal, bonita, e se vestia de um jeito fantástico e dava para ver que todas as músicas dela iriam me fazer bem, enterradas no meu subconsciente. Mas eu não conseguia superar a sensação de que, se ela me conhecesse, me olharia de cima a baixo — com minhas botas usadas, minha blusa remendada e meu chapéu de palha — e passaria reto por mim, para dar em cima de Warren Beatty.

E é justo: na época, a única coisa que eu teria a oferecer a Madonna seria um discurso comprido a respeito de como eu achava que o motorista do ônibus 512 em Wolverhampton era tarado, como eu era solitária e gostava de “Cool For Cats” do Squeeze. Se eu fosse ela, também teria ido agarrar Warren Beatty.

Mas, se eu fosse uma adolescente que lia muito em 2011 e visse Lady Gaga, eu ia sentir que todos os meus Natais do pop tinham chegado juntos. Porque Gaga é uma estrela mundial que está ao lado de todos os garotos e garotas nerds, freaks, rejeitados, aspirantes a intelectuais e solitários. Se você for a um dos shows dela, apesar de a atmosfera ser “club” — baixo muito alto, drogas leves e WKD para beber —, o público consiste de toda a garotada mais sem jeito da cidade. Garotos e garotas com latinhas de coca na cabeça — como no videoclipe de “Telephone” —, com slogans rabiscados no rosto,

abraçados com drag queens e sócias de Morrissey com óculos e cardigãs. Estão ali para ver uma mulher que tem uma citação de Rilke tatuada no braço (“Na hora mais profunda da noite, confesse a si mesmo que morreria se fosse proibido de escrever.” Sim, a fonte é bem pequena), que vai se apresentar em cima de um piano de mais de quatro metros de altura, feito sob encomenda, construído de maneira a se parecer com o elefante com patas de aranha em *A tentação de santo Antônio*, de Dali, cantando sobre amor malfadado por meio da metáfora de filmes de Alfred Hitchcock.

E apesar de ela, sem a menor sombra de dúvida, apelar para a sexualidade — se você não viu um close-up da virilha de Gaga na última semana é porque precisa ver mais MTV —, não é aquela sexualidade confiante, descarada e animal de todas as outras estrelas pop mulheres. A abordagem de Gaga à moral sexual é examinar a disfunção, a alienação e as neuroses sexuais das mulheres. Quando seu álbum de estreia saiu, ela teve que brigar com a gravadora, que queria colocar uma imagem bem ousada dela, quase um pornô light, na capa.

“A última coisa de que uma garota precisa é de mais uma foto de uma estrela pop coberta de óleo, contorcendo-se na areia e tocando a si própria”, ela disse. “Tive que chorar uma semana inteira para eles trocarem.”

Quando ela tocou no MTV Awards, em 2009, sua performance consistia de um lustre caindo em cima da cabeça dela, que sangrava lentamente até a morte enquanto cantava. No ano anterior, Katy Perry tinha pulado para fora de um bolo.

Quando fui entrevistar Gaga, nós nos entendemos logo de cara. No fim da entrevista, ela me convidou para “ir para a balada” com ela, em um clube de sexo em Berlim.

“Sabe *De olhos bem fechados?* É igualzinho”, ela disse, arrastando os pés por um corredor dos bastidores, vestida com uma capa preta de tafetá feita sob medida por Alexander McQueen. “Eu não posso me responsabilizar por nada que aconteça lá. E lembre-se de usar camisinha.”

Atravessamos Berlim em uma carreta de carros 4 x 4 pretos — os seguranças dela conseguiram deter os paparazzi que a seguiam apenas parando na frente do carro deles e impedindo que saíssem — e fomos dar em um complexo industrial fora de operação no fim de um beco. Para chegar à pista de dança, era necessário atravessar um labirinto de corredores, passando por uma série de espaços reservados parecidos com celas e providos com uma seleção de camas, banheiras, arreios e correntes.

“Para transar”, um integrante alemão do nosso grupo explicou, de modo prestativo e desnecessário.

Apesar da novidade indiscutível e extrema do local, Adrian — o assessor de imprensa britânico de Gaga — e eu entregamos de cara nossa nacionalidade quando comentamos, alegres: “Ai, meu Deus, pode FUMAR

aqui”. Parecia uma perspectiva muito mais emocionante do que... sexo.

Era um grupo pequeno: Gaga, eu, Adrian, o maquiador dela, o segurança e talvez mais duas pessoas. Entramos na pequena pista de dança, em um clube cheio de drag queens, lésbicas vestidas de marinheiro, homens com camiseta justa, mulheres de couro preto. A música pulsava. Havia um arreio gigantesco pendurado em cima do bar. “Para transar.” O alemão prestativo explicou mais uma vez.

Gaga liderava nosso grupo. Até alguém como os caras do Keane se acomodaria em um reservado VIP e ficaria esperando até que lhe levassem bebida. Em vez disso — com a capa esvoaçando, bem parecida com um dos skeksis de *O cristal encantado* —, Gaga marchou até o bar e se apoiou no balcão ao modo de uma frequentadora assídua desse tipo de estabelecimento. Depois de berrar: “O que vocês vão querer?”, ela fez o pedido.

“Adoro bares assim, um buraco com cheiro de mijo”, Gaga diz. “Sou antiquada mesmo.”

Entramos em uma alcova com um banco embutido na parede, bem limpinho — “Para transar!”, o alemão diz mais uma vez — e fixamos acampamento. Gaga tirou a capa McQueen e jogou em um canto. Prontamente pisei nela, para horror do maquiador, que removeu com cuidado aquelas 10 mil libras em tafetá de baixo dos meus pés. Gaga agora estava só de sutiã, meia arrastão e tênis, com lantejoulas ao redor dos olhos.

“Sabe o que a garota do bar disse para mim?”, ela perguntou, deu um gole no uísque e uma tragada no cigarro de alguém antes de devolver bem rápido. “Você é feminista. As pessoas pensam que isso significa detestar os homens, mas não significa.’ Não é engraçado?”

Antes, naquele mesmo dia, a conversa tinha se voltado para a questão de se Gaga poderia ou não se descrever como feminista. Como costuma acontecer nas melhores conversas sobre feminismo, a isso se seguiram robustas declarações de emancipação e irmandade (“Sou feminista porque acredito nos direitos das mulheres e em proteger quem somos até o fim”) e também em reflexões a respeito de quem ela gostava. (“No vídeo de ‘Telephone’, a menina que eu beijo, Heather, vive como homem. E como alguém que gosta de mulher; há algo em uma mulher masculina que me faz sentir mais... feminina. Quando nos beijamos, fiquei com aquele friozinho na barriga.”)

O que concluímos foi que era estranho a maior parte das mulheres “se eximir” de se declarar feminista, porque isso “realmente não significa odiar os homens”.

“E agora ela acabou de dizer a mesma coisa para mim! ALÉM DISSO, ela é gostosa!”, Gaga disse, radiante. Ela aponta para a menina — que se parece com um pajem andrógino e com boca de cupido de Jean Paul Gaultier. “Linda”, Gaga suspira.

Às duas da manhã, já tínhamos bebido muita vodca, e Gaga estava com a

cabeça no meu colo. Eu tinha acabado de criar a teoria de que, se você está com uma das suas heroínas deitada no seu colo, bêbada, é chegada a hora de contar as pequenas teses que elaborou sobre ela.

“Apesar de você usar muito pouca roupa”, eu disse, levemente decorosa, fazendo um gesto para o sutiã e o fio dental dela, “você não faz isso para... excitar, certo?”

“Não!”, Gaga respondeu, com um enorme sorriso bêbado. “Não é algo que os homens heterossexuais usam para se masturbar quando estão em casa vendo pornografia. Não é para eles. É para... nós.”

E ela fez um gesto para a casa noturna toda, lotada até as tampas com lésbicas motoqueiras e drag queens.

Porque Gaga não está ali para ser comida. Ninguém penetra Gaga. Ela tem muito em comum com boa parte da história do pop — e principalmente de suas mulheres. Ela não canta aquelas músicas para levar alguém para a cama nem para passar a impressão de que é isso que deseja. Ela quer causar ruptura, quer incomodar: óculos feitos de cigarro aceso, camas em chamas, vestidos feitos de carne crua, compassos de platina, Gaga sendo torturada com água em uma banheira — olhos dilatados com efeitos especiais para que ela se pareça com seu próprio desenho de mangá. A iconografia dela é desconcertante e bagunça aquilo que estamos acostumados a ver.

O objetivo das músicas dela não é despertar desejo em amantes em potencial, mas a emoção de examinar seus próprios sentimentos e então expressá-los para os ouvintes. A turma dela — o exército com milhões de integrantes de fãs de Gaga, que se autodenominam “Little Monsters” e a chamam de “Mama Monster”, a mãe entocada de seu mundo alternativo. Como mulher, a maior novidade de Gaga não é sua teatralidade, seu talento ou seu sucesso, mas o fato de ela ter usado todas essas coisas para abrir um novo espaço aos fãs do pop. E isso — a simpatia dos gays e freaks, que fazem campanha por Gaga — talvez seja a coisa mais emocionante que ela tem. Para as mulheres, encontrar uma arena solidária e sem julgamento é tão importante quanto ter o direito de votar. Nós precisamos, além da legislação correta, da atmosfera certa, antes de finalmente encontrar nossos cânones — e então, no fim, nossas cidades e nossos impérios.

Em última instância, acho que vai ser muito difícil reprimir uma geração de adolescentes que cresceram com uma estrela pop liberal e bissexual, que solta fogos de artifício do sutiã e foi listada pela revista *Forbes* como a sétima celebridade mais poderosa do mundo.

Na semana depois que entrevistei Gaga, uma foto desfocada de um fã que estava na casa noturna apareceu em revistas por todo o mundo. Mal dava para ver meu cabelo gigantesco, suado e penteado para trás, atrás dela.

“SAÚDE DE GAGA PREOCUPA!”, as manchetes berravam, alegando que “pessoas próximas” tinham ficado “preocupadas” com as ações dela naquela noite. Posso garantir que não tinham. Todas essas pessoas estavam em pé, dançando com ela, no banco da casa noturna, divertindo-se como nunca.

Eis aqui uma das maiores falhas da obsessão da mídia moderna com os modelos de conduta femininos. Apesar de ser emocionante o fato de uma carreira como a de Gaga ganhar as primeiras páginas no mundo todo — discutida em tabloides e revistas de fácil acesso em vez de escondida em livros didáticos, fanzines ou casas noturnas minúsculas com vinho ruim, onde apenas três feministas radicais e determinadas, que na verdade não precisam dela, vão encontrá-la —, há uma falha na maior parte do discurso relativo ao estado da feminilidade atual que se dá nessas publicações.

A pensar: as pessoas que definem o contexto editorial desse tipo de revista e jornal são cretinos nada espirituosos e mal-intencionados, que constroem narrativas ficcionais a respeito de uma série de acontecimentos ou fotografias totalmente desconectadas e pagam aos robôs sem nenhuma iluminação de segunda linha dos impérios editoriais multinacionais para escrevê-las. A atitude subliminar que essas reportagens sobre mulheres famosas revelam faria com que Kate Millett — ou qualquer pessoa que tenha lido *Psicologia para leigos* — colocasse a cabeça entre as mãos e suspirasse: “Ah, a humanidade. Como permitimos que nossa estupidez fosse tão óbvia?”.

E essa é a visão *positiva* da situação. A parte paranoica e desconfiada de mim — que acorda às duas da manhã, tira o filme plástico da boca de uma garrafa de vinho tinto que foi aberta três meses antes e, desavisada, bebe tudo antes de sair à procura de garrafas em miniatura de Malibu — às vezes fica imaginando se esse tipo de jornalismo não é escrito com alguma intenção mais obscura e calculada.

Porque o tipo de cobertura da mídia que nossas mulheres de destaque recebem é enormemente reducionista e prejudicial. Apesar de a atitude da mídia em relação a todas as pessoas famosas ser uma corrente de alegria com a desgraça alheia de: “Há, há — espere só até você demonstrar o menor sinal de fraqueza. Então vamos enfiar uma faca nele e abrir até ficar com um quilômetro de largura”, as celebridades mulheres sofrem de maneira desproporcional com isso, devido à atenção fundamental dada à sua aparência.

Um “sinal de fraqueza” para uma celebridade homem é ser encontrado traindo a parceira, agindo de maneira grosseira com um funcionário, batendo o carro quando estava chapado e fora de si. Um “sinal de fraqueza” para uma mulher, por outro lado, pode ser uma única foto em que ela não saiu bem. As mulheres são destruídas por usar um único modelo “ruim” — não apenas no tapete vermelho, em que parte de suas “funções contratuais” é ter o ar de uma aparição de beleza do outro mundo; não importa se

estiverem ocupadas, preocupadas, infelizes ou se realmente não derem a mínima para aquela estupidez total.

Não — os paparazzi vão tirar a foto de mulheres indo fazer compras de jeans e blusão, sem maquiagem, e farão parecer com que o mundo delas está prestes a desmoronar porque não fez escova no cabelo antes de sair de casa.

Claro que, no mundo real, sabemos que as mulheres que sempre secam o cabelo antes de sair de casa são malucas: qualquer mulher no portão da escola que estiver com um penteado todo brilhante é alvo de olhares de dó de todas as outras mulheres, que não conseguem acreditar que ela desperdiçou vinte minutos, além de muita força do braço, alisando a carapinha para um acontecimento menos glamoroso do que o anúncio público de seu noivado com Kiefer Sutherland em Cannes. Mas quando vemos, digamos, Kate Winslet no jornal, com aparência perfeitamente normal a caminho do supermercado, nós nos condicionamos tanto à visão de tabloide da aparência feminina que até a feminista mais radical pode se pegar com a seguinte reação: “Jesus, Winslet — seu cabelo parecia melhor quando você estava afundando com mais 1517 almas no *Titanic*. Passe uma escova nele, querida” — antes de repentinamente recobrar a consciência e gritar para os céus: “SENHOR! O QUE ACONTECEU COMIGO?”.

E isso é só uma implicância com parecer um pouco relaxada. Existe uma estirpe totalmente diferente de julgamento empilhada em imagens únicas — um entre disparos de 24 quadros por segundo — em que parece que o corpo de uma mulher mudou de forma, de algum modo. Mais uma vez, compreendo o interesse nas estatísticas físicas flutuantes — os homens, preocupados, medem o pau; as mulheres, preocupadas, medem o quadril. Todos fazemos isso. Temos fascinação pelo nosso corpo e pelo dos outros, mas certamente é ridículo dar tanta importância para algo tão minúsculo: é a mesma coisa que jogar uma bigorna da Acme em um berço. Da mesma maneira que William Blake afirmava enxergar o mundo todo em um grão de areia, presumimos que podemos enxergar a vida toda de uma mulher em apenas uma foto do braço de Eva Longoria parecendo um pouco apertado em uma blusa.

Uma foto de Catherine Zeta-Jones com uma calça um pouco apertada na cintura será recebida com uma chuva de manchetes sobre “Catherine, a comilona” e editoriais que demonstram preocupação falsa a respeito de como Zeta-Jones sempre “brigou” com o peso. Alexa Chung é fotografada com um sapato que faz a perna dela parecer menor e de repente está anoréxica e prestes a sofrer um colapso nervoso. Nunca culpam as *roupas* nessas fotos — roupas idiotas que são justas demais, modelos idiotas que são largos demais. Sempre tem que ser o corpo da mulher que tem problemas. Lily Allen, Charlotte Church, Angelina Jolie, Fern Britton, Drew Barrymore, Jennifer Aniston, Gemma Arterton, Michelle Obama, Victoria Beckham, Amy

Winehouse, Billie Piper, Kerry Katona, Mariah Carey, Lady Gaga, Madonna, Cherie Blair, Oprah Winfrey, Carla Bruni, a duquesa de York, Sarah Brown — não deve haver nenhuma mulher consumidora de revistas no mundo ocidental que não foi chamada a especular sobre a saúde mental e emocional delas com base em uma única foto. Já li mais sobre a bunda de Oprah Winfrey do que sobre a ascensão da China como superpotência econômica. E não estou exagerando. Talvez a China esteja em ascensão como superpotência econômica *porque* as mulheres lá não passam o tempo todo lendo sobre a bunda de Oprah Winfrey. Se eu soubesse mais sobre a China e menos sobre a bunda de Oprah Winfrey, provavelmente poderia argumentar a favor de uma relação de causa e efeito direta.

E o caráter aleatório absoluto dessa especulação prejudicial e que desperdiça tanto tempo talvez seja a coisa mais perniciosa e absurda de todas. Parece que os jornalistas escolhem com quem vão se “preocupar” com a aleatoriedade de uma sala cheia de gente tirando nomes de dentro de chapéus. Vi fotos de Mischa Barton em uma publicação com falsa preocupação, lamentando seu corpo “tão magro que preocupa” — e depois a mesma foto na revista ao lado, na mesma prateleira, com a seguinte legenda: “Mischa Barton comemora suas novas curvas”.

Argh! “Comemora suas curvas!” Por acaso há uma frase mais maldosa no jornalismo moderno das celebridades? “Comemora suas novas curvas” é — como toda mulher sabe — a maneira codificada que as revistas usam para acusar alguém de “parecer mais gorda”, mas sem que a celebridade possa reclamar, a menos que desaprove o fato de as mulheres serem “curvilíneas”. É um paradoxo maldoso e envolvente — o tipo de coisa que poderia ser adotado pela ditadura da Coreia do Norte como método para foder sua mente, se resolvessem oprimir o proletariado usando apenas maldade e a questão da dismorfia corporal.

E assim essas celebridades precisam passar entrevistas inteiras dando a lista do que comem — “Eu adoro torrada!” — e travando uma relação com a mídia bem parecida com a de uma interna adolescente de uma clínica de distúrbios alimentares e uma enfermeira rígida: sempre com a necessidade de “provar” que se comportaram direitinho e comeram toda a torta de purê de batata com carne moída em vez de esconder a comida nas mangas do cardigã quando ninguém estava olhando. E qual é a razão dada para que essas imagens publicadas com tanta alegria de mulheres de maiô na praia, que não são retratadas como pessoas “de férias”, “fazendo um pouco de exercício” ou “divertindo-se com a família”, e sim como se estivessem no meio de uma “luta” que dura toda a vida com seus “problemas” de corpo? É o “ângulo humano”.

“Jennifer Lopez tem celulite — Deus existe!”, vão alardear, ao lado de uma foto bem grande das coxas dela. “As celebridades são IGUAIZINHAS a VOCÊ!”,

avisam ao lado da foto de uma pobre coitada da novela *EastEnders* com um jeans que não lhe cai bem e que a deixa bunduda — aparentemente alheios a como essa é uma afirmação assustadora. Para uma leitora, não há conforto final em ver a foto de uma mulher famosa, retratada pela teleobjetiva de um paparazzo, com “círculos vermelhos de vergonha” nas coxas flácidas, nos braços com estrias ou na barriga levemente inchada. Porque, em última instância, isso diz à leitora — geralmente jovem e impressionável, ainda cheia de esperança em relação ao mundo — que se ela fosse uma mulher criativa e ambiciosa, que trabalhasse com afinco, tivesse um pouco de sorte e, de algum jeito, conseguisse chegar ao topo de sua carreira e ficasse tão famosa quanto essas mulheres em uma indústria que ainda é dominada pelos homens, os paparazzi iriam para cima dela e fariam com que se sentisse tão mal quanto Cheryl Cole. Que situação mais deprimente da porra.

Vou dizer por que odeio o “ângulo humano”.

- 1) Não quero que as celebridades sejam mais humanas. A arte deveria ser uma arena para se reinventar e se superar. Não quero um monte de normais andando por aí, reclamando do preço da água encanada e dos cravos na pele. Quero que David Bowie finja ser desonesto e extraterrestre.
- 2) No século XXI, qualquer mulher que seja bem-sucedida em qualquer campo não precisa ser humanizada. Não há absolutamente nenhuma exceção a isso. Nem mesmo Margaret Thatcher. A caminhada para longe do patriarcado foi árdua e longa, durou 100 mil anos. Ainda há partes do mundo em que as mulheres não podem tocar em comida quando estão menstruadas ou são renegadas pela sociedade quando não dão à luz meninos. Até mesmo nos Estados Unidos e na Europa as mulheres continuam com uma representação tão baixa em qualquer área — ciência, política, arte, negócios, viagem espacial — que se *qualquer* mulher conseguir construir uma personalidade adequada para se virar no mundo e conquistar uma fração da eminência que os homens deixam passar batido, eu absolutamente quero que ela seja capaz de exibir tudo isso. Permitam que ela mantenha seu semblante profissional. Permitam que pareça um pouco invencível e distante. Permitam que ela adquira mistério, presságio, invulnerabilidade aterrorizante, se quiser. Quando o mundo for tomado por amazonas iluminadas com a cara de Thatcher, manipulando-o com uma combinação de armas nucleares e chantagem sexual, então realmente vamos precisar humanizá-las. Nesse meio-tempo, Jennifer Aniston simplesmente lançou mais uma comédia romântica alegrinha. Não acho que precisamos começar a desmembrar a máscara de ferro assustadora dela por enquanto perguntando quando foi a última vez que ela comeu gordura.

Apesar de os modelos de conduta femininos se expandirem em sua variedade e conquistas todo mês, há uma coisa que precisamos perguntar a nós mesmas: será que aquilo que lemos e dizemos a respeito delas é mesmo “reportagem” e “conversa”? Ou será que é apenas a mídia global agindo como a maior vaca?

15. Aborto

Acho que tenho ovário policístico. É por isso que vou fazer um ultrassom. Já fui ao clínico geral três vezes com sintomas — acne, exaustão, ganho de peso, ciclo menstrual irregular — e foi para cá que me mandaram: a unidade de ultrassom no Hospital Whittington.

Sim — com esses sintomas, você acharia que estou grávida, não é mesmo? Mas fiz um teste há seis semanas e não deu nada, então o clínico geral me mandou para cá agora. Como duas latas de abacaxi em conserva no café da manhã e choro quando vejo um esquilo triste em um anúncio. Claro que estou grávida. Mas o teste disse que não. E ainda estou amamentando. Não quero estar grávida. Por isso, não estou.

Eu me deito na cama. O monitor está pendurado na parede, pronto para me mostrar o que tem dentro de mim. Na verdade, não sei qual é a aparência de um ovário policístico, mas imagino que vou ver círculos, como se fossem bolhas de oxigênio. Talvez algo mais visceral: aglomerados; talos.

Enquanto a enfermeira lava as mãos, preparando-se, a tela do ultrassom parece a vista do deque da *Millennium Falcon* quando está estacionada. O espaço escuro e preto, com pontinhos de luz ocasionais. Imóvel.

Mas, quando finalmente encostam o ultrassom na minha barriga, é como o salto estelar: o sistema solar inteiro ganha vida. Linhas, redemoinhos, rins e entranhas. Luas com asteroides dando voltas nelas. E então, no meio — baixo, profundo, escondido — um pulsar.

Um sinal. Um relógio tiquetaqueando.

Um coração batendo.

“Você está grávida!”, a enfermeira diz, toda animada. Devem dizer às enfermeiras que sempre se mostrem assim animadas. Elas sempre fazem isso — por mais pálido que esteja o cliente ou por mais que ele tenha dito “porra” e começado a tremer.

Ela está fazendo cálculos com uma fita métrica na tela.

“Eu diria que você está de umas onze semanas”, ela diz, e aperta o monitor de ultrassom para dentro da minha barriga.

A verdade é que não existe nada que se pareça com um feto. A curva da espinha, como uma meia-lua estiolada. O crânio que parece um capacete de astronauta. Os olhos pretos que não piscam, igual a um camarão.

“Ai, meu Deus”, digo para o bebê. “Ah, sua coisinha ultrajante.”

Tenho certeza de que é meu filho gay — aquele que eu sempre quis ter. Sua entrada em cena é tão exibida — tão mãozinhas de jazz, tão “tchã-rã!”. Tão repentina. Um blecaute total na propaganda antecipada, até que ele possa fazer sua primeira aparição assim, na TV; como se fosse a porra de *Parkinson*

ou algo do tipo.

E a sorte que ele tem! Esse bebê com certeza é sortudo — nós só transamos uma vez sem proteção; naquela noite em Chipre, nos vinte minutos que as duas meninas dormiram juntas. Essa criança vai vencer as probabilidades a vida toda: vai quebrar a banca de cassinos e ficar amigo de milionários na fila da padaria. Vai encontrar ouro na primeira vez que peneirar a água do riacho e vai encontrar o amor verdadeiro no mesmo dia em que decidir se amarrar.

“Não posso ter você”, digo, tristonha. “O mundo vai desabar se eu tiver você.”

Porque nem por um segundo eu acho que devo ter esse bebê. Não tenho dilema, não tenho nenhuma decisão terrível a tomar — porque eu sei, com certeza calma, que não quero outro filho agora, da mesma maneira que sei que não quero ir para a Índia, nem ser loira, nem aprender a atirar.

Não quero ser essa pessoa outra vez: mais três anos como o salva-vidas de alguém que chora por mim, que fica com ódio de mim, que sabe que, quando está doente, só pode se sentir melhor se deitar com a cabeça na minha barriga, sonhando que está lá dentro de novo. Minhas duas meninas, diante das quais eu ando para trás — como se estivesse fazendo uma medida para elas, impedindo que o vento bata nelas, observando tudo o que fazem como uma câmera ciumenta —, são tudo o que quero.

Eu costumava ter medo de que elas morressem — O carro! O cachorro! O mar! O germe! —, até perceber que nada disso jamais seria problema: na maca, a caminho do cemitério, eu colocaria as mãos nas costelas delas, arrancaria seu coração, engoliria e daria à luz mais uma vez, para que elas nunca, jamais se acabassem. Faço qualquer coisa por essas meninas.

Mas só vou fazer uma coisa por esse bebê — o mais rápido possível, antes que a coisa vá mais longe.

Agradeço à enfermeira, limpo o gel da barriga e saio para fazer uma ligação.

Em 2007, Zoe Williams, colunista do *Guardian*, escreveu um texto absolutamente lúcido e admirável, examinando por que as mulheres sempre se sentiam na obrigação de prefaciar as conversas sobre os abortos que fizeram com um obrigatório: “Claro, foi terrivelmente traumático. Nenhuma mulher faz isso de maneira leviana”.

Ela prossegue explicando que isso se dá porque, por mais liberal que seja uma sociedade, parte-se do princípio de que, em seu cerne absoluto, o aborto é errado — mas que o Estado clemente deve fazer com que seja legal e fornecer provisões médicas à sua realização, para que mulheres desesperadas não caiam na mão de um açougueiro em um beco escuro que façam com

que as coisas fiquem ainda piores.

Abortos nunca são vistos como uma coisa positiva, como seria com qualquer outra operação que servisse para remediar um problema que tivesse potencial para estragar sua vida. As mulheres nunca falam publicamente sobre seus abortos com gratidão alegre e aliviada. Não existem cartões dizendo “Boa sorte com a pílula do dia seguinte!”. As pessoas não fazem piada com isso, apesar de todas as piadas mais verdadeiras serem sobre tabus e cobrirem todos os outros assuntos, inclusive câncer, Deus e a morte.

Além do mais, há o espectro do “errado” a ser levado em consideração. Há “abortos bons” e “abortos ruins” — igual ao esquete de Chris Morris no programa de humor *Brass Eye*, em que ele discute a “aids boa” e a “aids ruim”. Hemofílicos que pegaram aids de transfusões de sangue têm “aids boa” e merecem solidariedade. Homossexuais que pegaram o vírus em uma relação sexual sem compromisso, no entanto, têm “aids ruim” e não merecem apoio nenhum.

Uma adolescente estuprada que deseja abortar — ou uma mãe cuja vida é ameaçada pela gravidez — tem um aborto “bom”. Ela não vai discuti-lo em público, nem achar que as amigas vão ficar felizes por ela, mas essas mulheres escapam quase sem ficar estigmatizadas.

Na outra ponta do espectro, é claro, estão os “piores” tipos de aborto: abortos seguidos, abortos em estágio avançado da gravidez, abortos depois de fertilização *in vitro* e — o pior de tudo — mães que fazem abortos. Nossa visão da maternidade ainda é tão idealizada e enevoada — a Mãe, aquele ser bondoso que dá a vida — que a ideia de que uma mãe pode, subsequentemente, estabelecer limites para sua capacidade de criar e se recusar a fazer mais vida parece obscena.

Porque as mães precisam fingir que são amáveis e protetoras de toda forma de vida. Por mais nascente ou putativa que possa ser. Elas devem — como ainda acreditamos em silêncio, lá no fundo — estar preparadas para dar e dar e dar, até simplesmente se exaurirem. A melhor mãe de todas — a mãe perfeita — gestaria até o fim qualquer criança que concebesse, por mais desestabilizadora ou ruínosa que pudesse ser, porque seu amor seria grande o suficiente para abranger qualquer coisa e todo mundo.

As mulheres que decidem prosseguir com gravidezes que ameaçam sua vida — “Os médicos me disseram que outra gravidez me mataria... mas aqui está o bebê William!” — aparecem em reportagens de revista como admiráveis; as mães extremas. Elas são a verdadeira corporificação da oxitocina, o hormônio da gravidez, do amor e dos laços que mantêm o mundo cheio.

As mulheres deveriam ser, essencialmente, capazes de ter amor infinito, em sacrifício próprio.

Tenho problemas com essa ideia. Para começo de conversa, acredito em

uma coisa muito elementar e, no sentido teológico, nada cristão. Um dos grandes dilemas relativos ao aborto é tentar descobrir onde a “vida” começa em um feto — concluindo que, se o aborto pudesse ocorrer antes de a “vida” começar, isso seria o tipo “certo” de aborto. Mas, levando em conta que tanto a ciência quanto a filosofia continuam brigando para definir qual é o começo da “vida”, não seria melhor encarar esse debate de um ângulo completamente diferente? Porque, se uma mulher grávida tem domínio sobre a vida, por que ela não pode ter domínio sobre a não vida? Esse é um conceito compreendido por outras culturas. A deusa hindu Kali é ao mesmo tempo mãe de todo o universo e devoradora de todas as coisas. Ela é vida e morte. Na Suméria, Inanna é a deusa do sexo e da fertilidade, mas também se transforma em Ereshkigal, a deusa do submundo. Em nível muito elementar, se as mulheres são ordenadas pela biologia a receber, abrigar, alimentar e proteger a vida, por que não podem ter o poder de colocar fim à vida também?

Não estou defendendo que se coloque a cabeça das crianças no forno nem incentivando abortos tardios — mas, bom, ninguém faz isso. O que me incomoda é a ideia de que, ao fazer um aborto, a mulher de algum modo não está sendo feminina e, de fato, nada maternal. Que a essência absoluta da feminilidade e da maternidade é sustentar a vida, a todo custo, seja qual for a situação.

Minha crença na necessidade sociológica, emocional e prática final do aborto se tornou ainda mais forte depois que tive as minhas duas filhas. Só depois que você passou por uma gravidez de nove meses, pelo trabalho de parto, alimentou a criança, cuidou dela, ficou com ela até as três da manhã, acordou com ela às seis da manhã, derreteu-se de amor por ela e foi reduzida a lágrimas furiosas por ela é que vai realmente entender como é importante para uma criança ser desejada. Como a maternidade é um jogo em que você precisa entrar com o máximo de energia, disponibilidade e alegria possível.

E a coisa mais importante de todas, é claro, é ser querida, desejada e cuidada por uma mãe razoavelmente sã e estável. Posso dizer com toda a honestidade que o aborto foi uma das decisões menos difíceis da minha vida. Não quero parecer descuidada quando digo que demorei mais para resolver que pia colocaria na cozinha do que se eu estava ou não preparada para passar o resto da vida responsável por mais um ser humano, porque eu sabia que fazer isso mais uma vez — comprometer minha vida por causa de outra pessoa — tinha uma grande possibilidade de exaurir minhas capacidades e meu conceito de quem eu sou, de quem quero ser, do que quero e do que preciso fazer — ao ponto da ruptura. A ideia de que eu não pudesse — em um momento anterior, ou em outro país — ter escolha em relação à questão me parece bárbaro, tanto do ponto de vista emocional quanto físico.

Como Germaine Greer coloca em *The Whole Woman*: “tornar-se mãe sem desejar é viver como uma escrava ou um animal doméstico”.

Claro que, no final, havia muita chance de que eu acabasse ficando agradecida pela chegada de um terceiro filho. Ele poderia ter vindo e me forçado a descobrir novas reservas de energia, dedicação e amor. Poderia ser a melhor coisa que me aconteceu na vida. Mas eu não gosto de apostar. Não gasto nem uma libra na loteria, então não vou assumir nenhum risco em relação a uma gravidez. As apostas são altas, altas demais. Não posso concordar com uma sociedade que me forçasse a apostar em quanto eu seria capaz de amar sob pressão.

Não consigo compreender argumentos antiaborto que se concentram no caráter sagrado da vida. Como espécie, demonstramos de maneira bem abrangente que não acreditamos que a vida é sagrada. A aceitação cheia de indiferença da guerra, da fome, das epidemias, da dor e da pobreza esmagadora da vida toda nos mostra que, independentemente do que possamos dizer a nós mesmos, só fizemos os mais fracos dos esforços para *realmente* tratar a vida humana como algo sagrado.

Eu não compreendo, portanto, por que, em meio a tudo isso, mulheres grávidas — mulheres que tentam tomar decisões racionais sobre seu futuro e, geralmente, sobre o de sua família também — devem estar sujeitas a mais pressão para preservar a vida do que, digamos, Vladimir Putin, o Banco Mundial ou a Igreja Católica.

No entanto, o que eu de fato acredito ser verdadeiramente sagrado — e, aliás, mais útil para a Terra como um todo — é tentar garantir que exista o mínimo possível de pessoas desequilibradas e destrutivas. Independentemente do raciocínio que se use, colocar fim a uma gravidez com doze semanas de gestação é um ato mais moral, de maneira incalculável, do que colocar uma criança não desejada neste mundo.

São essas crianças infelizes e não desejadas que crescem e se tornam adultos raivosos, que causam a maior parte das desgraças da humanidade. São elas que fazem os Estados parecerem ferozes; as ruas, perigosas; os relacionamentos, violentos. Se a psicanálise colocou a responsabilidade pelos distúrbios psicológicos na conta dos pais, de maneira um tanto brutal, o mínimo que podemos fazer é tirar o chapéu para as mulheres que têm consciência suficiente para não criar essas pessoas problemáticas, para começo de conversa.

Mas é claro que não fazemos isso. Nos últimos dois anos, três projetos de lei no Reino Unido tentaram tolher o acesso das mulheres ao aborto. O *Times* informou que “números sem precedentes” de médicos estão optando por não realizar abortos, desolados pelo aumento no número de operações.

Uma grande parte da razão por que o sentimento antiaborto tem permissão para não arredar pé é que o debate não passa disso — uma

discussão ideológica, religiosa ou sociopolítica sobre o aborto. O tema raramente é discutido em termos de experiência pessoal, apesar de números recordes de mulheres — 189 100 no Reino Unido em 2009 — optarem por ele. A cada ano, estima-se que 42 milhões de abortos ocorram no mundo — 20 milhões deles ocorrem com segurança e supervisão médica adequada, e 22 milhões acontecem sem segurança nenhuma. Pelo mundo todo, mulheres fazem o que sempre fizeram, ao longo de toda a história: encaram uma crise que tem o potencial de alterar ou ameaçar sua vida, depois nem podem falar sobre o assunto. Porque alguém próximo a elas pode se incomodar — aquelas pessoas que não estão sangrando e que não acabaram de fazer um aborto.

As mulheres — sempre ávidas para falar sobre os elementos mais viscerais do caráter físico da reprodução feminina — têm vergonha demais, ou sentem confiança de menos na receptividade, para discutir seus abortos, mesmo com as amigas ou com os parceiros. Isso traz à tona a situação curiosa em que, ao passo que praticamente todo mundo conhece uma pessoa querida que tenha feito um aborto, a chance de que de fato tenham conversado sobre a questão com parentes mais velhos, conservadores, ou com homens, são remotas.

Por consequência, temos um clima em que as pessoas contrárias ao aborto podem discutir a questão como algo que “elas” fazem “lá longe”, e não de acordo com a realidade: que tenha sido um ato calmo, racional e pensado, e que, de acordo com as estatísticas, aconteceu muito perto de casa.

Quando escrevi sobre minha decisão de fazer um aborto no *The Times*, fiquei surpresa com a reação dos leitores — mais de quatrocentos comentários, mais de cem cartas e e-mails. Como regra geral, as pessoas que se mostravam contrárias ao aborto não mencionavam nenhuma experiência de gravidez ou de aborto, ao passo que as pessoas favoráveis, sim.

No entanto, a reação que me pareceu mais surpreendente foi uma carta maravilhosa de uma colunista feminista muito famosa que disse nunca ter mencionado seus abortos, apesar de ter escrito sobre o tema muitas e muitas vezes.

“Sempre tive medo do que poderia acontecer se eu fizesse isso. Achei que ninguém ia me perdoar. Achei que — de algum modo — invalidaria meu argumento.”

E — como mulher reconciliada em seu próprio corpo — eu sinto que posso argumentar com o deus de qualquer um a respeito do meu direito de colocar fim a uma gravidez. Minha primeira concepção — tão desejada — acabou em aborto espontâneo, três dias antes do meu casamento. Uma enfermeira gentil tirou o esmalte da minha mão para poder colocar no meu dedo um termômetro para a operação de curetagem subsequente. Chorei ao entrar na sala de operações e chorei ao sair. Naquele momento, meu corpo

tinha decidido que aquele bebê não era para ser e colocou fim nele. Dessa vez, foi a minha mente que tomou a decisão de que o bebê não era para ser. Não acredito que uma decisão tenha mais validade do que a outra. Os dois me conhecem. Têm a mesma capacidade de decidir o que é certo.

Quero colocar fim à gravidez o mais rápido possível, por isso vou direto falar com a pessoa que me atendeu no meu último parto. Durante uma consulta sem jeito de cinco minutos, ele precisa observar que o hospital em que estamos — St. John & St. Elizabeth, em St. John's Wood — é católico, e que eu, de fato, acabo de pedir um aborto ao papa.

De volta à minha casa, a pesquisa menos divertida de todos os tempos no Google sugere uma consulta em Golders Green, seguida por um “procedimento” em Essex. Há duas opções viáveis para o aborto em si — posso ser apagada, acordar e descobrir que tudo terminou, mas ter que passar a noite no hospital, ou posso ficar consciente, mas ir para casa no mesmo dia. Ainda estou amamentando minha filha mais nova — então vai ser ficar consciente e voltar para casa.

Há ainda a terceira opção — o “aborto médico”, em que você toma duas pílulas e então tem um aborto espontâneo, em casa —, mas eu andei perguntando e todo mundo que passou por isso diz: “Costuma deixar você bem histérica. Você passa dias andando de um lado para o outro, sangrando. E existe a possibilidade de não dar certo, e aí você tem que fazer a curetagem de todo jeito. Então vá até lá e acabe com tudo de uma vez”.

A clínica a que vamos fica em Essex, em uma área que tem aquele ar leve suburbano de troca de esposas e bordéis limpinhos administrados por mulheres peitudas. Suponho que seja o lugar certo para uma clínica de aborto, tendo em vista como parece um lugar que abriga as necessidades físicas vergonhosas da humanidade. O interior do estabelecimento lembra um albergue da juventude vitoriano — aquela atmosfera de que os “clientes” não têm boas intenções, com os funcionários observando-os em silêncio, do patamar acima, com os lábios apertados e expressão de desaprovação.

Na sala de espera há quatro casais e duas mulheres sozinhas. A mais nova veio da Irlanda — ela chegou aqui hoje de manhã e parece que vai voltar na balsa da noite, pelo que ouço de sua conversa com a recepcionista.

A mais velha parece ter quase cinquenta anos, talvez até um pouco mais do que isso. Ela chora sem soltar um único som. Tem cara de quem não contou para absolutamente ninguém e nunca vai contar.

Os casais também estão em silêncio — todas as conversas possíveis já foram travadas antes de chegar aqui. Meu marido está com os olhos vermelhos, mas está firme, assim como nos dois partos e no aborto espontâneo. Ele deu sua declaração definitiva a respeito de tudo isto há anos:

“Parece insano que, para *nós* nos reproduzirmos, *ocê* ter que passar por toda essa... merda”.

Na conversa sem romantismo que tivemos, quando eu liguei para ele da frente da clínica de ultrassom, nem houve discussão. Ele disse: “O que você quer fazer?”. Eu respondi: “Não”. Ele falou: “Certo”.

Sabíamos como nos sentíamos — meu Deus, na semana anterior tínhamos nos deitado na cama depois de passar o dia todo com amigos e o recém-nascido deles dizendo: “Ela está com aquele olhar distante, e ele parece meio morto. A gente se esquece de quanta atenção eles precisam, não é? De como simplesmente ficamos... encahados”.

A enfermeira chama meu nome e solto a mão dele para ir até a sala. Enquanto caminho, vou sendo tomada por um ataque de pânico e, em um arroubo telescópico, eu sei — sei com frieza — que estou cometendo um erro terrível e que preciso ficar com o bebê, independentemente de qualquer coisa. Mas eu também conheço ataques de pânico, e sei que eles mentem. Absolutamente todos os outros pensamentos que *ocê* teve a trouxeram até aqui, sem falha, digo a mim mesma. Não é uma revelação de último minuto. É só medo. Mande parar.

Não sei dizer como eu achava que seria o aborto. Quando fiz curetagem depois do aborto espontâneo, fui apagada — chorando — e acordei — chorando — quando tudo estava terminado.

“Onde está o bebê?”, eu perguntava, feito louca, enquanto me levavam em uma maca para um quarto e diziam — da maneira mais gentil possível — para eu calar a boca. O único conhecimento real que tive sobre o procedimento foram os efeitos do pós-operatório: dor, obviamente, e a consciência dos hormônios da gravidez que me abandonavam, hora após hora. Levando embora a flutuação do estrogênio e fazendo com que eu me sentisse pesada — minha gravidade apropriada — mais uma vez: igual a quando *ocê* está na banheira lendo e a água começa a escorrer.

Dessa vez, passei o tempo todo acordada. A coisa toda é uma surpresa ruim. Suponho que, se eu achasse algo, era que seria “clínico” — médicos simplesmente fazendo seu trabalho, com frieza e bem rápido; um procedimento preciso e veloz. Mas, ali deitada na cama — no último horário do dia —, os médicos têm o ar de gente que passou tempo demais fazendo coisas desagradáveis para consertar os erros dos outros.

“*ocê* queria ser médico para ajudar as pessoas e se sentir melhor no fim de um dia de trabalho”, é o que penso ao observá-los, enquanto a enfermeira pega minha mão. Mas não acho que se sintam melhor no fim do dia. Parece que os seres humanos só decepcionam *ocês*.

O aborto em si não é o que eu esperava, não só porque é tão dolorido, mas

também porque parece bem seco. O colo do útero é aberto manualmente, com um aparelho. Então um espécúlo é introduzido e começam a fazer o aborto, que parece ser amassar coisas com uma colher. É violento de se contorcer toda. Como quebrar a gema de um ovo com um pauzinho japonês, penso, fazendo a respiração que aprendi para o parto, coisa que é, obviamente, uma piada de muito mau gosto.

Dói bastante — como trabalho de parto, cinco horas depois que começa. O analgésico foi completamente inútil, mas reclamar de dor, levando em conta o que você está fazendo, parece inapropriado. Mesmo que você própria não acredite que deva experimentar dor ao fazer um aborto, existe uma atmosfera peculiar de que os funcionários aqui acreditam que sim.

“Você está indo bem”, a enfermeira diz e segura minha mão com muita força. Ela é gentil, mas obviamente também já está vestindo o casaco e pensando que vai dar o fora daqui muito em breve. Ela está sentindo o cheiro do fim de semana daqui. Já está longe.

O médico então usa um aspiradorzinho para limpar meu útero, e a sensação é exatamente a que se imagina. Nos meses seguintes, essa lembrança me faz adiar repetidamente a compra de um aspirador da Black & Decker.

Todo o processo deve ter demorado uns sete minutos — é rápido —, mas o anseio para que todos os instrumentos e mãos sejam tirados de você e para que permitam que você se recomponha em paz e se cure é imenso. Você quer que todo mundo CAIA FORA. Todo mundo.

O médico desliga o aspirador. Então volta a ligar e faz o último pedacinho: do mesmo jeito que acontece quando você limpa a sala, termina, e então resolve dar uma geral nas almofadas do sofá, já que está lá mesmo.

Finalmente ele termina, e eu solto um “Ahhh!” involuntário quando a mão dele se afasta.

“Viu só?”, ele diz, com um sorriso firme. “Não foi assim tão ruim! Prontinho!”

Então olha para a tigela que contém tudo o que estava dentro de mim. Intrigado com alguma coisa, ele chama o colega que já está indo embora.

“Olhe só para isso!”, ele diz e aponta.

“Há, há, há — que coisa!”, o outro diz.

Os dois dão risada, a tigela logo é levada embora, as luvas são tiradas e a limpeza começa. Agora o dia terminou.

Eu não quero perguntar o que eles viram. Talvez tenham conseguido detectar que ele era gay, mesmo nesse estágio inicial.

O melhor pensamento é: talvez ela tivesse uma deformidade horrível e eu a teria abortado espontaneamente de todo modo.

O pior pensamento é: talvez alguma coisa estivesse lutando para ficar viva — talvez ele estivesse gastando seu restinho de sorte enquanto estou lá,

sentindo-me pálida como papel do lado de fora, e vermelha e preta por dentro, como carne podre. Essa é a pior parte. A pior parte de todas. Eu queria que esses médicos calassem a boca.

Quando levam você para a sala ao lado — a sala de recuperação —, você fica lá, enrolada em um roupão atalhado, em uma poltrona reclinável. Dão uma revista e uma bebida gelada. Tem uma palmeira em um vaso em um canto. Parece o pior remake da história do vídeo do Wham! “Club Tropicana”.

A irlandesa vai embora depois de cinco minutos — ela precisa pegar o ônibus, para pegar o traslado, para pegar a balsa de volta para casa. Caminha com muita dor. Fica absolutamente óbvio que não deveria ter que viajar de outro país para fazer sua vida voltar aos trilhos. Fico imaginando se os juízes da Irlanda já viram uma mulher tão pálida assim, contando notas de cinquenta no balcão da recepção, em um país onde não conhece ninguém, que depois sai sangrando por todo o trajeto de Essex a Holyhead. Imagino se o pai dela é favorável à lei porque não acha que se aplique a ela — e se ele odiaria a lei se soubesse que se aplicava e que fez com que ela viesse até aqui.

A mulher mais velha — que estava chorando em silêncio na sala de espera — está aqui agora, ainda chorando. Parece que todas concordamos, a certa altura, em fingir que não estamos aqui, de modo que nenhuma olha no olho da outra. Só ficamos lendo a revista até que o “período de recuperação” de quarenta minutos termine, e a enfermeira diz: “Pode ir embora”.

E nós pegamos o carro e vamos — meu marido dirige de maneira perigosa, porque segura minha mão com muita, muita força —, e eu digo: “Acho que vou mandar fazer uma versão contraceptiva de Trident”. E ele responde: “Certo”, e aperta minha mão com ainda mais força. E o dia acaba assim.

*

Levando em conta o tema, parece estranho dizer que este capítulo tem um final feliz — mas tem.

Todos os relatos sobre aborto que ouvi na vida sempre são seguidos de uma ladainha dolorosa sobre como o procedimento deixou uma marca. Por mais solidária às mulheres que a publicação seja, há uma necessidade de mencionar como o aniversário de um aborto é sempre lembrado com pesar — a data em que o bebê devia chegar é marcada com uma enxurrada repentina de lágrimas.

A narrativa é a seguinte: apesar de a mulher poder dizer para si mesma, racionalmente, que não tinha como criar aquele bebê, haverá sempre uma parte dela que não vai acreditar nisso — que segue em frente em silêncio, acompanhando o bebê que deveria ter vindo. A mensagem é que o corpo das mulheres não abre mão de seus bebês assim com tanta facilidade, nem de

modo tão silencioso. O coração sempre vai lembrar.

É isso que eu espero. Mas não é isso que acontece. É o oposto. Fico esperando meu luto e minha culpa chegarem — estou preparada, de peito aberto, de verdade —, mas nunca chegam. Não choro quando vejo roupinhas de bebê. Amigas que anunciam que estão grávidas não me deixam com inveja nem silenciosamente triste. Não preciso lembrar a mim mesma de que às vezes a gente faz a coisa “errada” pela razão “certa”.

Aliás, é o contrário. Cada vez que durmo a noite toda, fico agradecida pela escolha que fiz. Quando minha filha mais nova larga a fralda, fico feliz por não ter um terceiro vindo logo atrás. Quando amigos aparecem com seus bebês, fico agradecida, enormemente agradecida, por ter tido a opção de não voltar a fazer isso — e porque essa opção não exigiu que eu me deitasse na mesa da cozinha de uma amiga, depois de as crianças irem dormir, rezando para que não tivesse uma infecção nem sangrasse até a morte antes de chegar em casa.

Converso com outras amigas sobre isso e, depois de alguns drinques, elas concordam.

“Passo por playgrounds e penso: se eu tivesse levado a gravidez a cabo, ainda estaria sentada naquele banco, gorda, deprimida, acabada, esperando minha vida recomeçar”, Lizzie diz.

Rachel, como sempre, é mais crua. “Foi uma das quatro melhores coisas que eu já fiz — depois de me casar com meu marido, ter um filho e reformar o loft com orçamento fixo.”

Suponho que me fizeram acreditar que meu corpo — ou meu subconsciente — ficaria *bravo* comigo por não ter o bebê. E que a opinião deles sobre o assunto seria, de algum modo, superior — mais “natural”, mais moral — do que a decisão racional que minha mente consciente tomou. Que as mulheres foram feitas para ter bebês e que cada um que não se realizou deve ser contado, lamentado e arrependido, que aquilo permaneceria imperdoável para sempre.

Mas a única coisa que eu conseguia enxergar — e a única coisa que consigo ver hoje, anos depois — é a história feita de milhões de mulheres que tentam desfazer o erro que poderia acabar com elas, e então simplesmente seguem em frente, discretas, agradecidas e silenciosas em relação à coisa toda. O que eu vejo é que essa ação só pode ter boas consequências.

16. Intervenção

Agora estou com 35 anos, empilhando décadas do mesmo modo despreocupado com que eu empilhava semanas quando era criança. Tenho uma cabeça melhor e sou mais flexível nas minhas emoções, mas esses ganhos parecem ter sido conquistados com o desgaste da minha pele, que assumiu as características levemente quebradiças do tafetá. Talvez o colágeno seja absorvido da pele pelo coração, penso, passando o dedo no braço e observando, fascinada, como a pele enruga embaixo dele. Passo manteiga de cacau nas pregas e elas desaparecem. Horas depois, estão de volta.

Minha pele está começando a ficar... carente.

Não é a única parte do meu corpo que registra mudanças. As ressacas agora são levemente agourentas e depressivas. Um giro meio sem jeito na escada faz meu joelho doer. Meus seios começam a necessitar de sustentação — preciso manter os seguranças por perto o tempo todo.

Estou a quilômetros de distância da exaustão, nem estou cansada, mas não sinto que poderia começar a dançar espontaneamente a qualquer momento, coisa que sempre sentia antes.

Só me interessa um pouco mais por ficar sentada do que antes.

Os primeiros grandes lembretes a respeito da mortalidade começam a chegar. Os pais das pessoas ficam doentes. Os pais das pessoas morrem. Há enterros e missas de sétimo dia, em que eu digo coisas reconfortantes para meus amigos — ao mesmo tempo que me reconforta o fato de a morte ainda estar a uma geração de distância. Suicídio, derrame, câncer, tudo isso ainda está acontecendo com os adultos acima de mim. Não chegaram à minha geração, por enquanto.

Mas observo as pessoas mais velhas de luto ao lado da cova, na igreja, no crematório, que estranhamente se parece com uma sauna municipal, como modo de me instruir para um evento futuro. Em breve vou ser eu lidando com as despedidas terríveis.

Logo também vou olhar para minhas mãos e perceber que na verdade são as mãos da minha avó, e que o anel que reluzia há tantos anos — sem que eu fizesse nada em relação a isso — tornou-se antiguidade. Deixei de ser verdadeiramente jovem. Vai haver um período de espera, mais ou menos uma década de suspensão, e então a próxima coisa que vai acontecer é que vou começar a ser velha. É isso que vem a seguir.

*

Inverno, Londres, mais uma missa de sétimo dia. Um homem fantástico

morreu, e eu estou aqui para prestar meu respeito. Ele fazia sucesso e era amado, e a igreja está estourando com os colegas dele: nunca tinha estado em um recinto com tanta gente poderosa, uma geração acima da minha.

Quando recebi o convite para comparecer à cerimônia, eu me senti muito honrada. Mas também fiquei bem nervosa de ter que ir. Alan tinha um círculo social extraordinário — a corporificação da Londres inteligente e moderna da década de 1960, que tinha se solidificado, ao longo dos anos, no sistema do século XXI. Chefões do passado e do presente da BBC; ex-secretários de Estado; editores de jornais; meia dúzia de lordes e damas; David Frost. Eu nunca tinha sido convidada para ir a um lugar com tantas mulheres alfa.

Na frente da igreja, havia alguns paparazzi, fotografando as pessoas que entravam. Havia caçadores de autógrafos — pedindo às pessoas de luto que autografassem livros com “Tudo de bom!” e “Beijos!”.

Do lado de dentro, havia o silêncio repentino e uma congregação apertada em bancos e mezaninos. Os casacos são Prada, Armani, Dior. Pelica nas bolsas e nos sapatos; cremes de mão de vetiver e rosas. O recinto todo cheira a riqueza. Incorpora o privilégio inglês silencioso e inabalável. Eu já estava esperando tudo isso.

Mas o que eu não estava esperando eram os rostos — das mulheres. Os dos homens estavam como era de esperar — tanto os famosos quanto os não famosos, só parecem, bom, homens. Homens na casa dos quarenta, dos cinquenta e dos sessenta anos. Homens bem de vida, bem cuidados, sem grandes problemas de modo geral. Homens que passam férias em lugares com sol garantido e que gostam de gim.

Mas as mulheres... Ah, *todas* as mulheres parecem iguais.

As poucas que estão na casa dos vinte anos ou trinta e poucos se eximiam. Pareciam normais. Mas assim que a idade chegava aos 35, 36, 37, os primeiros aspectos da homogeneidade começam a aparecer. Lábios que não se desgastaram bem da maneira como era de esperar — inchados para cima e para fora, de maneira ilógica, como os rosados de Elvis Presley. Testas lisas e brilhantes. Algo indefinível, mas definitivamente errado, ao redor das bochechas e do maxilar. Olhos arregalados — como se estivessem em algum centro médico refinado de Harley Street e tivessem acabado de receber a conta.

Há um ar de que a empregada do Leste Europeu lavou e passou o vestido, o casaco e o rosto delas, de uma vez só. Que o rosto dessas mulheres ficou pendurado em um cabide de jacarandá na lavanderia às onze da noite, depois de ser borrifado com spray de roupa de verbena, para dormir.

Ao olhar o salão, eu me lembro daquela cena de *O sobrinho do mago* em que Polly e Digory encontram um salão de banquete em que uma corte inteira — dúzias de reis e rainhas, todos coroados — está sentada em uma mesa comprida, petrificada por magia.

Quando as crianças caminham ao longo da mesa, o rosto das pessoas vai mudando gradativamente — de expressões “bondosas, alegres, simpáticas” em uma ponta, a uma seção intermediária de ansiedade, mau jeito e agitação, e, à extrema direita, pessoas com rostos “ferozes — bonitos, mas cruéis”.

É essa a cara das mulheres na igreja St. Bride, perto de Fleet Street. Só que elas não parecem cruéis, frias ou calculistas.

Na medida em que se avança pelas décadas — das moças animadas e sem problemas na casa dos vinte anos, na direção das grandes damas com quarenta, cinquenta e sessenta anos —, as mulheres do salão parecem cada vez mais assustadas. Ser tão privilegiada e ter tanta segurança quanto elas — mas ainda assim passar por procedimentos tão doloridos e caros — dá a impressão de que aquele salão está cheio de medo. Medo feminino. Adrenalina que as fez procurar um cirurgião em uma ala de hospital cheia de rostos enfaixados.

Não sei exatamente do que elas tinham medo — de serem largadas pelos maridos, ultrapassadas pelas mulheres mais novas, julgadas pelas câmeras, ou simplesmente da decepção quieta e cansada do espelho do banheiro pela manhã —, mas todas pareciam estar com os nervos à flor da pele. Elas tinham gastado milhares e milhares de libras para ficarem, literal e figurativamente, petrificadas.

Então, aquele foi o dia em que eu finalmente soube que a cirurgia plástica não era uma escolha sã nem feliz. Fiquei olhando para os resultados, e elas não pareciam nem saudáveis nem sagradas. Porque, além de todas essas mulheres parecerem ter feito algo muito extremo e óbvio por medo, seus maridos, parceiros, irmãos, filhos e amigos homens pareciam estranhamente alheios à coisa toda. *Eles* não tinham feito nada daquilo.

Eles ficam lá, bem ao lado delas, vivem ali, mas estão obviamente em um mundo diferente. Algo incomoda — incomoda profundamente — essas mulheres, algo que os homens espantaram como se fossem insetos inoportunos. Como eu já disse, da mesma maneira que dá para saber se está ocorrendo algum tipo de machismo fazendo a pergunta: “Será que isso é educado?”, dá para saber se algum tipo de pressão misógina da sociedade está sendo exercida por meio da questão: “Será que os homens também estão fazendo isto?”.

Se não estiverem, há grandes chances de você ter deparado com aquilo que nós, as feministas estridentes, nos referimos como “uma porra de uma babaquice total”.

Porque o problema real aqui é que estamos todos morrendo. Todos nós. A cada dia, as células enfraquecem, as fibras se estendem e o coração chega mais perto da última batida. O custo real da vida é a morte, e nós passamos nossos dias como se fôssemos milionários: uma semana aqui, um mês ali, desperdiçados de maneira despreocupada até que só lhe sobrem duas moedas

nos olhos.

Pessoalmente, gosto do fato de que vamos morrer. Não há nada mais divertido do que acordar toda manhã e dizer: “UAU! É ISSO! É ISSO MESMO!”. Faz a mente se concentrar de um modo maravilhoso. Faz com que você ame com vigor, trabalhe com intensidade e perceba que, no quadro geral das coisas, você realmente não tem tempo para ficar sentada no sofá sem fazer nada, assistindo a alguma bobagem na televisão.

A morte não é uma libertação, mas um incentivo. Quanto mais concentrada você fica na sua morte, mais vive sua vida de maneira correta. Meu desfecho tradicional para um papo furado — depois de falar como choro por terem fechado aquele boteco fantástico em Tollington Road; aquele que servia ovos em conserva — é apontar que os seres humanos ainda acreditam na vida após a morte. Acho que esse é o maior problema filosófico que a Terra enfrenta. Mesmo pessoas declaradamente não religiosas acham que vão se encontrar com a avó e o cachorro que já morreu quando finalmente baterem as botas. Todo mundo acha que vai ganhar uma harpa.

Mas acreditar em vida após a morte é uma negação da sua existência atual. É como se a vida fosse uma doença mental insidiosa e desestabilizadora. Por baixo de cada dia — de cada ação, de cada palavra — você pensaria que *na verdade* não importa se ferrar com tudo dessa vez, porque vai poder resolver as coisas no Paraíso. Você faz as pazes com seus pais, se torna uma pessoa boa e perde aqueles últimos cinco quilos no céu. E aprende a falar francês. Afinal de contas, você vai ter tempo! É a eternidade! E você vai ter asas e só vai fazer sol! Então, de verdade, quem se importa com o que você faz agora? Isto aqui, realmente, é só uma sala de espera sem graça em que você vai passar vinte minutos, durante os quais não vai ter asa nenhuma e vai ser forçado a caminhar de um lado para o outro, como os porcos.

Se alguma vez imaginamos por que as pessoas são tão apáticas e relaxadas a respeito de todos os pavores que podem ser evitados no mundo — fome, guerra, doença, os mares cada vez mais amarelos cor de mijo e se enchendo de anéis de latinha de refrigerante e de máquinas de fax despedaçadas —, é por isso. O Paraíso. O maior desperdício de tempo que já inventamos, fora o quebra-cabeça.

Só quando a maior parte das pessoas no planeta acreditar — de verdade — que está morrendo, minuto a minuto, nós de fato vamos começar a agir como seres totalmente sencientes, racionais e cheios de compaixão. Porque, apesar de o apelo da “bondade” ser forte, o pavor de se chocar, de maneira inevitável, com a nulidade infinita, é muito mais eficiente. Eu realmente estou esperando até que todos tenhamos O Medo. O Medo é a minha Segunda Vinda. Quando todo mundo no planeta reconhecer que vai morrer, nós *realmente* vamos começar a realizar coisas.

Então, é isso. Estamos todos morrendo. Estamos todos nos esfarelado para o vazio, uma célula por vez. Estamos nos desintegrando como cubos de açúcar no champanhe. Mas apenas as mulheres precisam fingir que isso não está acontecendo. Homens de cinquenta e poucos anos andam por aí com a barriga caindo para fora da calça e o rosto parecendo um cobertor de mendigo embaixo da ponte. Eles exibem pelos nasais e rugas que parecem um abismo e fazem “uuuf!” sempre que se levantam ou se sentam. Os homens envelhecem visivelmente, todos os dias — mas as mulheres supostamente devem suspender o declínio por volta dos 37, 38 e viver os cerca de trinta ou quarenta anos restantes em alguma espécie de bolha mágica em que o cabelo ainda é brilhante e castanho, o rosto não tem rugas, os lábios são carnudos e os peitos habitam o terço superior do tórax. Sinto muito por mencionar isso mais uma vez — nós, as feministas estridentes, falamos muito sobre o assunto —, mas Moira Stuart e Anna Ford foram demitidas ao chegar aos 55 anos, enquanto Jonathan Dimbleby, aos 73 anos de idade, vailentamente se transformando na porra de um mago atrás de sua mesa. Como Mariella Frostrup disse: “A BBC faz parecer que apresentadores mais velhos são como o Santo Graal. Mas a única coisa que eles precisam fazer é examinar a lista de pessoas que foram demitidas”.

Por que as mulheres? Por que não podemos simplesmente afrouxar o cinto, tirar o salto e apodrecer bem felizes, igual aos meninos?

Minha Teoria da Conspiração Subconsciente a respeito da negação da idade é a seguinte: começam a achar que as mulheres estão “caídas” quando chegam perto dos 35. Essa é a idade em que a fertilidade declina e o botox e os preenchimentos começam a entrar em cena. É a época em que as mulheres começam a gastar suas economias e seus fundos de aposentadoria para remover esses sinais e fingir que voltaram a ter trinta.

Levando isso em conta, minha Teoria da Conspiração Subconsciente gostaria de observar que é por volta dos 35 anos — o que é uma coincidência *gigantesca* — que as mulheres começam a se sentir confiantes.

Depois de finalmente terem deixado para trás — vamos ser francas — o pavor da casa dos vinte (Você transou com Steve. Steve! Steve “Cara de Fuinha”! Você tinha aquele emprego tão tedioso que se escondia no armário para comer pedacinhos de papel! E PASSOU PELO VERÃO DOS CULOTES), a casa dos trinta é o ponto em que as coisas boas finalmente começam a acontecer.

A essa altura, você provavelmente está bem no emprego. Tem pelo menos quatro vestidos bacanas. Foi a Paris, fez sexo anal, sabe ajustar o aquecedor para não passar frio no inverno e é capaz de citar trechos de “The Wasteland” enquanto prepara drinques com uísque.

É estranho, então, que, bem quando seu rosto e seu corpo começam a apresentar os sinais (rugas, flacidez, cabelo branco) de que você entrou na

zona da eminência arrasadora e da intolerância a besteira, haja pressão para que você... remova-os completamente. É estranho que você passe a impressão de que, na verdade, ainda é um pouco tonta e incompetente, e que está *totalmente* aberta a ser ferrada por alguém que seja um pouco mais inteligente e um pouco mais velho do que você.

Eu não quero isso. Quero um rosto cheio de rugas de expressão e de cansaço e dentes amarelados que, francamente, digam para as pessoas idiotas e mercenárias SE FODEREM. Quero um rosto que expresse com a fala arrastada — possivelmente na voz do ator James Cagney, apesar do Cagney de *Cagney & Lacey* servir também: “Já vi mais criancinhas teimosas/gerentes de linha maldosos/passagens de montanhas íngremes/coreografias de dança complicadas/montes de dinheiro do que você vai ver na *vida*, docinho. Por isso, saia da minha cadeira especial e vá buscar um sanduíche para mim”.

Rugas e cabelos brancos são o modo que a natureza tem de dizer aos outros que não mexam com aquela pessoa — o equivalente às faixas amarelas e pretas de uma abelha ou as marcas nas costas de uma aranha viúva-negra. As rugas são sua arma contra os idiotas. São um cartaz de “FIQUE LONGE DA MULHER SÁBIA E INTOLERANTE”.

Quando eu ficar “velha” (com 59 anos — acredito que 59 seja velha), pretendo explodir pela cidade com um cabelão espetado de meio metro, parecendo uma mulher selvagem, BERRANDO sobre como consigo sentir minhas células morrendo e pedindo doses duplas para me ajudar a esquecer. Não vou gastar 50 mil libras para tingir o cabelo, arrebitar os peitos, recompor o rosto e fingir que sou uma pastorinha virgem coberta de orvalho, pronta para fazer minha primeira investida na feira das noivas.

Porque existe um anúncio não dito que vem atrelado a esse visual. As mulheres que entraram na faca parecem estar dizendo: “Minhas amigas não são minhas amigas, não posso confiar nos meus homens porque eles têm o coração fraco, o trabalho da minha vida não vale nada, tenho 59 anos e estou com as mãos vazias. Continuo tão indefesa quanto no dia em que nasci. ALÉM DO MAIS, gastei todo o dinheiro do meu iate com a minha bunda. De acordo com qualquer avaliação razoável, fui um fracasso na vida”.

*

Mas o que dizer da estética? Apesar de ser tão fácil quanto atirar em peixes congelados em um barril, o ato de desprezar as mulheres que gastaram 30 mil libras em intervenções ruins e que hoje parecem um astronauta em uma experiência com a gravidade em um túnel de vento, há algumas mulheres — celebridades que não podemos nomear, porque elas nos processariam, MAS QUE TODOS SABEMOS QUEM SÃO — que fizeram o tipo caro de verdade e sutil de intervenção. Elas simplesmente parecem... jovens, renovadas e faiscentes. É fantástico. Milhares e milhares e milhares de dólares de fantástico. É certo

que as intervenções *sutis* são válidas, não? Você não está tentando ficar com cara de quem tem 27 anos outra vez. Só está tentando parecer uma mulher de 52 anos *fantáááááástica*. Em alguns aspectos, apresentar um caso moral contra a cirurgia plástica parece nebuloso e surreal. Afinal de contas, paramos de travar discussões sobre a moralidade do comércio de armas há anos — e isso está relacionado a matar pessoas e, em alguns casos, com muita severidade. A cirurgia plástica, por outro lado, tem a ver com o fato de mulheres meio caídas desejarem ter o nariz igual ao de Reese Witherspoon — algo que a maior parte de nós, tenho certeza, concordaria que não está no mesmo nicho de arrancar a perna de um órfão da Somália com uma bomba.

Mas a coisa não é sutil. Ainda reparamos nisso. Todo mundo comenta sobre as “boas” intervenções, da mesma maneira que faria se fossem “ruins”. Ainda observamos que o tempo parece ter se desviado de súbito para a direita quando se aproximou delas e deixou seu rosto sem marcas. Ainda reparamos nos seios fartos dos trinta anos no decote de mulheres de cinquenta e poucos. Apesar de parecer natural, sabemos — porque somos capazes de ver a data no calendário e também nosso próprio rosto — que aquilo é irreal. Que é a negação do fato de que estamos morrendo. É um condicionamento desconcertante e fundamental da percepção. Uma conspiração de que apenas — apenas — as mulheres fazem parte. NÃO EXISTE ESSA COISA DE PARECER “SUTILMENTE” MUITO MELHOR DO QUE TODAS AS OUTRAS PESSOAS, DE MANEIRA DRAMÁTICA E ILÓGICA.

Suspiro. Eu adoro artifícios, fantasia e escapismo tanto quanto qualquer pessoa — adoro me montar, me maquiar, me reinventar, usar peruca, me transformar dos pés à cabeça, quantas vezes for necessário. Todos os dias, se eu quiser. As mulheres deviam ter o direito de ter a aparência que bem entenderem, caramba. O patriarcado pode ir para LONGE de mim e me deixar em paz com meu rosto e meus peitos. Em um mundo ideal, ninguém jamais criticaria as mulheres por sua aparência — seja lá qual for. Mesmo que o visual seja “Tenho um grampo no couro cabeludo para deixar meu rosto assim esticado”. O rosto de uma mulher é seu castelo.

Mas tudo isso seguindo o preceito de que a aparência das mulheres deve ser divertida, alegre, criativa e diga algo fantástico a respeito dos seres humanos. Apesar de uma drag queen de 1,75 m — que esteja se equilibrando sobre sapatos de salto apertados, no centro de Birmingham, às quatro da manhã, com lábios de um dedo de grossura — tenha sofrido dor, gastado um monte de dinheiro e esteja em negação TOTAL da realidade (tem um pênis), ela não fez isso por medo. Ao contrário, a coragem que isso exige não pode ser medida.

Mas as mulheres que vivem com medo de envelhecer e lançam mão de truques dolorosos e caros para se esconder do mundo não são nenhum exemplo de algo fantástico feito pelos seres humanos.

Ah, faz parecer que as mulheres foram *obrigadas* a fazer isso por meninos maiores do que elas. Faz parecer que somos fracassadas. Faz parecer que somos covardes. E isso é a última coisa que somos.

Essa é a última, mas a última coisa mesmo que as mulheres são.

Pós-escrito

Londres, outubro de 2010

Então, será que agora eu sei como ser mulher? A atitude condescendente e de autocondenação seria dizer: “Não. Não, eu ainda não faço a mínima ideia! Continuo sendo a mesma idiota desajeitada que era aos treze anos. Ainda sou apenas um chimpanzé de vestido com um laptop, tocando fogo em frigideiras, caindo de escadas, dizendo as coisas erradas e me sentindo uma criança insegura por dentro. Sou uma boba da corte! Uma idiota! Uma burralda!”.

Porque, é claro, ainda existem aspectos em que eu não sei ser mulher. Ainda não tive que lidar com filhos adolescentes, nem com morte na família, nem com a menopausa, nem com o desemprego. Ainda não sei passar roupa, nem fazer conta de matemática, nem dirigir, nem — e preciso ser muito sincera aqui — me lembrar com 100% de certeza qual é a esquerda e qual é a direita em uma emergência. Quando estou de copiloto, sou responsável por muitos retornos, cantadas de pneu e xingamentos. Ainda há 1 milhão de coisas que preciso aprender. Um bilhão. Um trilhão. Em termos de quão melhor eu poderia ser, eu mal nasci. Ainda sou um ovo.

Mas, bom, por outro lado, não confio no hábito feminino de ficar exaltando, de maneira reflexiva, seus próprios defeitos. Não estou falando daquela perspicácia engraçadinha perante elogios — “Se eu emagreci? Não. É só que estamos em uma sala grande, querida”. “Você acha que meus filhos são bem educados? Coloquei neles pequenos eletrodos e, toda vez que se comportam mal, aperto o botão CRIANÇA SEM EDUCAÇÃO no meu bolso.” Deixemos isso para lá.

Não — estou falando do hábito contumaz na atitude das mulheres de achar que estamos... falhando se não formos um pouco neuróticas. Que de algum modo somos grosseiras, complacentes e não femininas se estivermos contentes.

A maneira como as mulheres acreditam não serem seres humanos tão bem-intencionados que dão o melhor de si, mas que são uma lista infinita de problemas (gordas, peludas, antiquadas, fedidas, cansadas, nada sensuais e donas de um assoalho pélvico desobediente, para completar) a serem resolvidos. E isso com o desperdício de uma quantidade enorme de tempo e de dinheiro — *uma quantidade enorme* de tempo e de dinheiro. Você já viu quanto custa a remoção de pelos a laser? Talvez daqui a vinte anos nós possamos finalmente poder colocar os pés para cima e dizer: “Durante nove minutos hoje, eu *quase* consegui!”.

Antes, é claro, de recomeçar a programação chata, sem remorso e sem agradecimento de novo, no dia seguinte.

Então, se me perguntassem “Você sabe como ser mulher agora?”, minha resposta seria: “Mais ou menos *sim*, de verdade, para ser sincera”.

Porque, se todas as histórias neste livro se resumem a uma revelação, é a seguinte: simplesmente andar e cagar para todas essas coisas. Não se incomodar com todos esses supostos “problemas” de ser mulher. Recusar-se a vê-los como problemas, para começo de conversa. Sim — quando tive meu enorme despertar feminista, a ação que isso provocou em mim foi... um grande dar de ombros.

No final, quase todas as noções que eu tinha a respeito do meu futuro quando fiz treze anos se revelaram uma perda total de tempo. Quando eu pensava em mim mesma como adulta, só conseguia imaginar que seria uma pessoa magra, suave e calma, para quem as coisas... aconteciam. Algum tipo de princesa turbinada com um cartão de crédito. Eu não tinha nenhuma noção a respeito de desenvolvimento pessoal, de seguir meus interesses, de aprender grandes lições de vida, ou, o mais importante, de descobrir no que eu era boa e tentar ganhar a vida com isso. Eu achava que essas eram coisas que, em certo ponto, algum adulto ia chegar e basicamente me dizer o que fazer, e que eu realmente não deveria me preocupar com isso. Eu não me preocupava com o que eu ia fazer.

O que me preocupava, no entanto, era o eu que devia ser, e eu achava que devia me esforçar muito nisso. Achava que todos os meus esforços deveriam se concentrar em ser fabulosa, em vez de fazer coisas fabulosas. Achava que minhas grandes tarefas eram descobrir meu “estilo de amor” por meio de testes da revista *Nova*, montar um guarda-roupa capsular, aprender a atravessar o dia de salto alto e batom, encontrar um perfume que fosse minha assinatura, planejar quando ter um bebê e aprender a ser eficiente no sexo — mas sem ficar com fama de vagabunda completa. E tudo isso, ao mesmo tempo, deixando de lado, de algum modo, um montão de traços de caráter que entregariam todo o meu disfarce de “fingir ser uma mulher adequada” — falar rápido demais, tropeçar e cair, discutir, soltar cheiros, ficar irritada, ficar animada com a ideia de revolução e querer ser a estrela convidada do *Muppet Show*, em uma trama em que Gonzo se apaixonava por mim. Apesar de terem parado de fazer o *Muppet Show* sete anos antes.

Eu achei que, uma vez que conseguisse ser magra e bonita, me vestisse com estilo, fosse ativa e graciosa, todo o resto entraria nos eixos. Que o verdadeiro trabalho da minha vida não seria uma carreira — mas eu mesma. Que, se eu me esforçasse para ser agradável, o mundo me adoraria e depois me recompensaria.

Claro que a suposição de que as mulheres devem apenas “ser” enquanto os homens vão “fazer” já foi argumentada como um traço de caráter inimigo,

atrelado ao gênero sexual. Os homens vão lá e fazem as coisas — travam guerras, descobrem novos países, conquistam o espaço, fazem a turnê de *Use Your Illusion I e II* — enquanto as mulheres os inspiram a feitos maiores e depois discutem, longamente, o que aconteceu, como personagens de novelas.

Mas eu não tenho certeza se acredito que “ser” *seja* uma coisa inata das mulheres — é simplesmente o modo como somos treinadas. Retornando ao meu argumento anterior — a respeito de tantas suposições relativas ao “caráter feminino” que se resumem ao fato de termos sido “fracassadas” durante tanto tempo —, eu sugeriria que, quando alguém passou milênios sem ter permissão para fazer nada, sua tendência é ser muito crítica, analítica e reflexiva em relação a si mesma, porque não há mais *nada* que se possa fazer, de verdade, a não ser a) ser gostosa e b) voltar-se para dentro.

Será que os personagens de Jane Austen teriam passado páginas e páginas discutindo os relacionamentos em seus círculos sociais se tivessem um pouco mais de controle sobre o próprio destino? Será que as mulheres teriam ataques que quase levam à morte por causa de seu visual, e de quem gosta ou não delas, se essas não fossem as coisas de acordo com as quais até hoje são julgadas? Será que daríamos tanta importância para nossas coxas se nós possuíssemos a maior parte da riqueza do mundo em vez dos homens?

Quando penso sobre todos os aspectos da feminilidade que me tolheram de medo desde os treze anos, tudo se resume, de verdade, às princesas. Eu não achava que precisasse me esforçar para ser mulher — coisa que é assustadora, mas, obviamente, possível. Eu achava que, de algum jeito, por mágica, por meio de um esforço psíquico sobre-humano, eu precisasse me transformar em uma princesa. Era assim que alguém se apaixonaria por mim. Era assim que eu seguiria em frente. É assim que o mundo me acolheria. Os livros; os filmes da Disney; o fato de a mulher mais famosa do mundo quando eu era criança ser a princesa Diana — apesar de haver outros modelos de conduta em circulação, só o ataque arrebatador do caráter de princesa a que toda menina está sujeita vai se alojando no coração, de maneira perniciosa e silenciosa.

Na década que passou, a reação pós-feminista às princesas foi a criação de princesas “alternativas”: as garotas vigorosas de *Shrek* e dos novos filmes da Disney, que usam calça, lutam kung-fu e salvam o príncipe. Possivelmente como reação à vida, seguida da morte, de Diana, as princesas precisaram ser reconfiguradas para incluir o fato de que agora todos sabemos que ser princesa de verdade não é só ficar andando toda linda e nobre dentro de um castelo. Tem a ver com distúrbios alimentares, solidão, fitas gravadas do Wham!, ficar se agarrando com rapazes por aí, travar uma batalha feroz com a família britânica e, no fim, dar conta do fascínio incrível que você surte sobre aqueles que conspiram para matá-la.

É interessante notar que, desde a morte de Diana, as mulheres, de maneira geral, perderam o interesse na ideia de ser de fato uma princesa. Elas perderam boa parte de seu valor. Quando o príncipe Charles estava na idade de se casar, era objeto de cobiça das mulheres do mundo todo: tratado como uma mistura de James Bond e o Príncipe Encantado. E, quando Diana se casou com ele, mulheres do mundo todo suspiraram pelo vestido, pelo anel, pelos diamantes e pela vida de sonhos que o casamento lhe proporcionaria.

Quando o príncipe William anunciou o casamento *dele* a Kate Middleton, por outro lado, as mulheres se uniram em seus sentimentos: “Coitada dessa vaca. Jesus Cristo, será que ela sabe no que está se metendo? Uma vida toda de pessoas de olho nela, falando mal dela, fotos de paparazzi das coxas dela e especulações a respeito de seu estado mental. Antes você do que eu, querida”.

Não — o sonho atual das mulheres que ainda se contentam em “ser” em vez de “fazer” é casar com um jogador de futebol. Case-se com um boleiro e vai obter a riqueza, o glamour e os privilégios da princesa — além da mesma aceitação implícita de que seu marido poderoso vai trair você e é preciso simplesmente aceitar esse fato —, sem a expectativa de que precisa ser recatada, altiva e saber se comportar bem em um banquete. A mulher de jogador de futebol é a princesa do século XXI.

Mas, independentemente de ser uma mulher de jogador de futebol usando Dolce & Gabbana ou Ariel com seu rabo de peixe no fundo do mar, o sentido figurativo da “mulher-princesa” continua sendo o mesmo. A predominância residual que essa ideia tem sobre a capacidade feminina de imaginar seu próprio futuro é perigosa e sorrateira.

O que tem de tão errado assim na princesa? Bom, eu sei que a coisa que me deu mais alívio e liberdade nos meus anos adultos foi abrir mão de uma vez por todas da ideia de que eu poderia ser, em segredo, ou talvez um dia viesse a ser uma princesa. Aceitar que você é simplesmente uma mulher normal que vai ter que ralar, trabalhar duro e se educar para conseguir fazer qualquer coisa é algo libertador — depois que você supera a decepção dilacerante de perceber como é comum.

Permita-me listar meus aspectos não principescos — o reconhecimento de cada um deles foi adquirido com tristeza e uma noção de perda inicial terrível.

- 1) Eu não sei cantar. Reconhecer isso gerou uma mágoa gigantesca — todas as princesas cantam. Todas as mulheres supostamente são capazes de cantar. Elas têm o dom de acalmar os passarinhos nas árvores assim que começam a cantarolar. Em contraste, eu pareço aquele barulho que caminhões gigantes de dezesseis rodas fazem, logo antes de baterem contra uma barreira policial. BIII BIII. CRIIIIII. “Ai, meu Deus, ninguém vai sair vivo daqui.”

- 2) Não sou doce — como bolo ou mel. Nem posso dizer a quantidade de livros de sacanagem que li e me levaram a acreditar que, quando um homem chupa a gente, está basicamente tomando um sorvete gostoso. A primeira vez que alguém comentou — de maneira positiva, saiba — que eu tinha um gosto de “torta de carne deliciosa”, passei duas horas chorando, histérica. Que tipo de produto ressentido, suado e carnudo eu era? Ali embaixo tinha que ser um tiramisu... um paraíso doce e leitoso; um pudim. Não um prato principal de camponês. Um churrasco de porco. Mas é claro que somos animais femininos suados e carnudos — só pelo e glutamato. Claro que não temos gosto de torta folhada de morango — como aconteceria com uma princesa.
- 3) Não vou ser idolatrada por um homem poderoso, cheio da grana, que brande uma espada e vai mudar minha vida se eu me casar com ele. Porque esse é Aragorn, filho de Arathorn, e ele não existe. Não quero um bruto alfa patriarcal — um homem de ação cheio de segurança, que vai me tratar como “sua mulher”. Quando P. J. O’Rourke disse: “Nenhuma mulher jamais sonhou em ser jogada em uma cama e deleitada por alguém vestido como liberal”, fiquei com vontade de exclamar: “Fale por si, querido! *Você* não está exatamente qualificado para julgar. Qual foi a última vez que *você* foi a um bar com uma cinta modeladora, para paquerar?”. No mundo moderno, essa noção antiquada a respeito do que faz com que um homem seja desejado por uma mulher é inútil e está fora de moda: isso se evidencia pelo fato de que apenas pessoas com mais de quarenta anos falam no assunto. Para a maior parte das pessoas com menos que isso, essa é uma época em que aquilo que *realmente* faz um homem ser “alfa” é evitar o pugilismo (é a maior chatice e ainda por cima é caro), ser divertido (já são cinquenta anos de sitcoms. Se você ainda não adquiriu algumas técnicas para contar piada, fica parecendo meio tonto) e, como bônus, saber reinstalar o Adobe AIR quando o Twitter para de funcionar no seu laptop. Falando em nome de todas as minhas amigas, queremos um parceiro meio CDF, nerd, educado e ridículo, com quem possamos ficar em casa, falando mal de todos os babacas e esperando as batatas assadas ficarem prontas. E que, obviamente, tenha tanto tesão por nós que com frequência rasteja pela sala, dizendo em voz rouca: “Preciso transar com você ou literalmente vou enlouquecer”. Comparado a isso, o Príncipe Encantado parece um tonto completo.
- 4) Princesas nunca andam em turma. Elas não têm amigos. Não jogam conversa fora. As princesas nunca passam o dia andando pelo Museu de História Natural com as irmãs, discutindo seu mineral ou sua pedra preferidos (o meu é o pedaço de peridotito que chegou aqui a bordo de um meteoro; o de Weena é o feldspato: “Sexy”). As princesas nunca se

sentam na mesinha da calçada de um bar com alguns príncipes, em uma tarde de outono fria, e fazem uma lista de suas performances vocais favoritas dos Beatles, em ordem de preferência. As princesas nunca saem de férias com outras famílias, enchem um pouco a cara e acabam dando uma volta olímpica pelada ao redor de uma árvore ou do gramado, enquanto os filhos observam — com ar de desaprovação — de uma janela do andar de cima. As princesas não aguentam um dia chato no escritório brincando de “Eu sou Burt Reynolds”. (Uma pessoa é escolhida para ser “o alvo”. Ela pensa em uma celebridade. Todos os outros participantes fazem o máximo de perguntas possíveis para adivinhar a identidade da celebridade, até que — finalmente — alguém pergunta: “Você é Burt Reynolds?”. Sempre é Burt Reynolds. Esse jogo pode durar horas.)

Quando eu estava com dezesseis anos, já tinha outra ideia. Não queria ser princesa. Elas eram um tédio. O negócio eram os artistas. Eles eram os caras com quem eu queria andar. Eu queria ser musa. Queria muito ser musa. Ser tão incrível que uma banda escrevesse uma música sobre mim, ou que algum escritor criasse uma personagem baseada em mim, ou que um pintor produzisse tela após tela de mim, em todos os humores, que fossem exibidas em galerias no mundo todo. Ou até mesmo uma bolsa. Jane Birkin inspirou uma bolsa. Em contraste, eu me contentaria com meu nome em um saco plástico da farmácia.

Até parece que fui a primeira garota ambiciosa a pensar que essa seria a maneira de achar meu lugar no mundo. Em uma entrevista em *Mate-me por favor*, Patti Smith — que é indiscutivelmente uma deusa feminista — relatou como, quando era criança em New Jersey, “a coisa mais legal do mundo era ser amante de um grande artista. A primeira coisa que fiz ao sair de casa foi [me mudar para Nova York e] me transformar na amante do [artista lendário] Robert Mapplethorpe”.

Claro que, no fim, quando Mapplethorpe se revelou muito gay, Smith ficou sem opção a não ser compor *Horses* e deixar crescer o bigode feminino mais influente do mundo. Ela foi forçada a produzir.

Inspirada por Patti Smith, quando comecei a frequentar festas após shows, bêbada, eu ficava por lá — tentando parecer tão cheia de mistério que alguém se sentiria impelido a escrever uma música a respeito de como eu era descolada. Tipo uma versão feminina de Fonz, mas toda sensual. E quando esse plano falhava, de modo abjeto, e não havia nenhuma canção a meu respeito, eu ficava um pouco mais bêbada e simplesmente adotava uma abordagem mais direta: com a fala arrastada, tentava convencer meus amigos a me imortalizar em uma canção.

“Não precisa ser nenhum single muito importante”, eu dizia, muito

razoável, com o cigarro ao contrário na boca. “Não sou assim tão exigente. Pode ser só a primeira faixa do álbum. Ou a última, que tem jeito de hino, acho. Aquela que vai crescendo até um refrão de afirmação sobre como as coisas nunca mais vão ser as mesmas agora que você me conheceu. Vamos lá... quanto tempo demoraria? Cinco minutos? Escreva uma música sobre mim. ESCREVA UMA MÚSICA SOBRE MIM. INSPIRE-SE EM MIM, PORRA!”

Não era um ato puramente egocêntrico. “Seria bom para as mulheres *como um todo* se você escrevesse uma música sobre uma pessoa como eu”, explicava, com nobreza, enquanto a pessoa pedia um táxi pelo celular distraidamente. “Todas as músicas sobre mulheres são a respeito de uma modelo chata que Eric Clapton conheceu ou de uma groupie com uma ‘tristeza interior’. Você não acha que as mulheres seriam mais felizes se ‘Layla’ tivesse um refrão inteiro sobre Eric Clapton observando Patti Boyd enquanto ela tentava pular uma cerca de parque, bêbada, para pegar um sapato que ela tinha jogado lá dentro em uma aposta? Você vai inovar, cara — do ponto de vista da musa, vai ser tão revolucionário quanto a introdução sonora da guitarra elétrica! ESCREVA UMA MÚSICA SOBRE UM PEIXE FORA D’ÁGUA! ESCREVA UMA MÚSICA SOBRE MIIIIIIIM, PORRA!”

Na medida em que os anos foram se passando — e meus amigos continuaram, com insistência, sem escrever romances ou musicais para ser encenados no West End, sobre mim — gradualmente percebi que não levo jeito para musa. Garotas como eu não inspiram os outros.

Simplemente não dou para musa, finalmente pensei com meus botões, tristonha, quando completei dezoito anos — olhando para um mundo absolutamente não inspirado por mim. “Não sou princesa. Não sou musa. Se vou mudar o mundo, não vai ser apoiando uma organização beneficente que desarma minas terrestres usando uma tiara, nem como inspiração para o próximo *Revolver*. Apenas *ser* eu mesma não basta. Vou ter que *fazer* alguma coisa.”

E, no século XXI, ser uma mulher que deseja fazer algo não é difícil. Em qualquer outra época, mulheres ocidentais que causam agitação por mudanças correriam risco de ser presas, renegadas pela sociedade, estupradas e mortas. Mas, agora, nós mulheres do mundo ocidental podemos suscitar basicamente qualquer mudança que quisermos por meio de cartas com um leve toque de sarcasmo que escrevemos escutando a Radio 4 e tomando uma xícara de chá.

Não importa o que desejemos para o futuro, ninguém vai precisar morrer por isso. Apesar de essencialmente ainda estarmos exclamando: “Ergam a bandeira roxa, branca e verde!”, símbolo do movimento pelo voto feminino, hoje podemos vestir roupas de qualquer cor que escolhermos, caso roxo,

branco e verde pareçam berrantes demais. Não precisamos nos jogar embaixo de um cavalo.

Simplesmente ser sinceras a respeito de quem realmente somos é metade da batalha. Se as coisas que você lê em jornais e revistas fazem com que fique pouco à vontade e se sinta péssima, não compre! Se você se ofende com o fato de que a diversão corporativa se dá em bares com mulheres de peito de fora, que vergonha para seus colegas! Se você se sente oprimida pela ideia de um casamento caro, ignore sua sogra e fuja para o cartório! E se você acha que uma bolsa de seiscentas libras é obscena, em vez de dizer, corajosa: “Vou ter que gastar todo o limite do cartão de crédito”, diga baixinho: “Na verdade, não tenho dinheiro para isso”.

Existem tantas coisas — em *todos* os aspectos — para as quais não temos dinheiro e, no entanto, preferimos suspirar e nos resignar para poder entrar na turma e se sentir “normal”. Mas, é claro, se *todo mundo* está, de certa forma, ansioso para dizer qual é a real situação, então existe uma nova experiência comum e mediana que é mantida em segredo por todas aquelas que têm vergonha demais para dizer: “Não ache que sou esquisita, mas...”.

Até parece que tudo isso é só para as moças e só diz respeito a elas. Se a liberação feminina realmente se der — como a força gravitacional das mudanças sociais e econômicas sugere que vai acontecer, de maneira gradual porém irrefreável —, então isso também vai ser bom para os homens. Se eu fosse o patriarcado, sinceramente, ficaria *emocionada* com a ideia de que as mulheres finalmente poderiam estalar o chicote com igualdade. Vamos encarar: o patriarcado deve estar *exausto* a esta altura. Faz 100 mil anos que eles não param nem para tomar um chazinho: os homens reinam sozinhos. Eles jogam as bolas contra a parede.

Se tivessem a opção de fazer um horário flexível — com as mulheres mandando no mundo a metade do tempo —, o patriarcado poderia finalmente tirar um pouco o pé do acelerador; tirar aquelas férias de que fala há tantos anos; arrumar a casa, de uma vez por todas. O patriarcado realmente poderia fazer proveito de alguns fins de semana de disputas de paintball acirradas.

Afinal, até parece que as feministas estridentes querem tomar o poder dos homens. Não estamos clamando pelo mundo todo. Só queremos a nossa parte. Os homens realmente não precisam mudar nada. No que me diz respeito, os homens podem continuar fazendo basicamente o que bem entendem. Eles realmente não precisam parar com tudo. Muitas coisas que eles estão fazendo — iPads, o Arctic Monkeys, o novo acordo de armas nucleares entre os Estados Unidos e a Rússia — são legais. Eles são engraçados, sou amiga de vários deles, servem para transar e ficam ótimos

usando reproduções de uniformes da Segunda Guerra Mundial ou entrando de ré em vagas de estacionamento apertadas.

Não quero que os homens vão embora. Não quero que parem de fazer o que fazem.

O que eu quero são forças de mercado radicais. Quero ESCOLHA. Quero VARIEDADE. Quero MAIS. Quero MULHERES. Quero que as mulheres tenham mais do mundo para si, não só porque seria justo, mas porque seria melhor. Mais emocionante. Reordenado. Reinventado. Deveríamos ter colhões femininos para dizer: “É... eu gosto do jeito que o mundo está. E já faz um bom tempo que eu estou aqui, observando. Agora... o que podemos fazer para mudar é o seguinte. Porque estamos todos juntos nisto. Todos nós somos, sabe como é, os caras”.

Então, no fim, acho que o título do livro é um pouco enganador. No decorrer de todos esses anos de tropeços, vergonhas e maravilhas, achei que meu desejo fosse ser mulher. Tornar-me um amálgama incrível de Germaine Greer, Elizabeth Taylor, E. Nesbit, Courtney Love, Jilly Cooper e Lady Gaga. Encontrar alguma maneira de dominar todas as artes ancestrais de ser feminina, até me transformar em uma espécie de modelo enfeitado de todas as coisas que me confundiram e me derrotaram desde o início, na minha cama, em Wolverhampton, com treze anos. Uma princesa. Uma deusa. Uma musa.

Mas, na medida em que os anos foram passando, percebi que aquilo que eu realmente queria ser, no final, é humana. Apenas uma humana produtiva, honesta e tratada com cortesia. Um cara. Mas com um cabelo fabuloso.

Agradecimentos

Quando tive a primeira reunião com minha agente, Georgia Garrett, e ela me perguntou o que eu queria fazer, eu me peguei dizendo: “Quero escrever um livro sobre feminismo! Um livro polêmico, mas engraçado, sobre feminismo! Como *The Female Eunuch* — mas com piadas sobre as minhas calcinhas!”.

Foi uma surpresa para ela e para mim — eu tinha ido lá vender um tipo de *Comer, rezar, se divertir* para mulheres e/ou meu projeto de longo prazo: uma versão gay de *Oliver!*, retrabalhada. Mas a reação imediata dela — “Entendi! Escreva esse livro! Agora!” —, cheia de entusiasmo, combinada ao fato de eu ter descoberto que escrever um livro significava que eu tinha uma razão legítima para voltar a fumar, significou que escrevi *Como ser mulher* em um borrão cheio de urgência de cinco meses. Cara, fumei um monte. No final, meus pulmões pareciam duas meias cheias de areia preta. Mas, durante todo o trajeto, minha agente foi a principal animadora de torcida e inspiradora de devaneios, e eu agradeço do fundo do meu coração destruído pelo tabaco.

Meu editor brilhante, Jake Lingwood — e todo mundo na Ebury — que também se entusiasmou da mesma maneira com a coisa toda — até na fase em que eu estava fazendo campanha para que a capa fosse minha barriga nua desabada em uma mesa, com a frase “A barriga VERDADEIRA de uma mulher é assim” escrito embaixo, em letra de fôrma vermelha. Valeu, pessoal. Principalmente pelo dinheiro. Comprei um fogão e uma bolsa nova. É isso aí! Feminismo! Uhu!

Obrigada a Nicola Jeal, Louise France, Emma Tucker, Phoebe Greenwood e Alex O’Connell do *Times*, que demonstraram uma paciência gostosa e sensual durante um verão em que não parei de ligar para perguntar: “Será que posso ficar sem escrever minha coluna nesta semana? Estou escrevendo um livro sobre FEMINISMO, pelo amor de Deus, não tentem me ACORRENTAR ao NÚMERO DE PALAVRAS DETERMINADO POR CONTRATO, saia do meu PÉ, sistema” apesar de serem todas mulheres e insistirem para que eu tirasse umas férias, e por serem totalmente razoáveis em relação à coisa toda.

Minha família, como sempre, achou que tudo bem eu vender a vida deles em troca de risadas e me levou ao bar quando fiquei estressada, insistindo para que enchesse a cara e depois fingisse que esqueci a carteira em casa. Minhas irmãs — Weena, Chel, Col e Caz — são as feministas mais radicais deste lado de Greer, e sempre foram boas em revigorar meu ardor pelo projeto — principalmente por me lembrar que o truque de festa preferido de Carl Jung era bater nas pessoas com um pano de prato até alguém o socar.

Não sei por que isso foi especialmente inspirador, mas foi. E meus irmãos — Jimmy, Eddie e Joe — também são minhas irmãs na Luta, tirando a parte em que me jogavam no chão berrando: “Hora da sacanagem!”.

Agradecimentos intermináveis ao formidável Alexis Petridis, que — durante um verão inteiro que passei ligando para ele, chorando, “Parece que estou escrevendo um livro impossível! Escreva para mim, Alexis! Apesar de você fazer parte do patriarcado!” — nunca observou que de fato tinha um trabalho e precisava dar conta dele, e que eu estava soluçando demais para que conseguisse entender o que eu estava dizendo.

Agradeço às mulheres do Twitter — Sali Hughes, Emma Freud, India Knight, Janice Turner, Emma Kennedy, Sue Perkins, Sharon Horgan, Alexandra Heminsley, Claudia Winkleman, Lauren Laverne, Jenny Colgan, Clare Balding, Polly Samson, Victoria Coren e principalmente Grace Dent, que me inspirou admiração e, francamente, pavor —, que todos os dias me lembravam de que mulheres com opinião e bem informadas existem aos montes, e que eu realmente precisava me aprimorar se quisesse fingir que ia concorrer com elas.

Obrigada também às mulheres honorárias do Twitter — Dorian Lynskey, Martin Carr, Chris Addison, Ian Martin, David Quantick, Robin Turner, David Arnold — por serem as melhores colegas de redação imaginárias do mundo, e especialmente a Jonathan Ross e Simon Pegg por suas citações incríveis. E a Nigella, cujos comentários me fazem urrar.

“Lizzie” e “Nancy” — amo vocês até não poder mais, e sinto muito por mamãe ter passado um verão inteiro ausente, mas, para ser sincera, tio Eddie sabe jogar Mario Kart melhor do que eu, e depois que as ensinei a dizer “Dane-se o patriarcado!” toda vez que caíam, vocês receberam o melhor que eu tinha a dar como mãe, sinceramente.

Finalmente, gostaria de dedicar este livro — como se estivesse em um palco ou coisa assim, pronta para tocar “Paradise City”, e não só digitando em um laptop sem absolutamente ninguém para ver — ao meu marido, Pete Paphides, que é o feminista mais estridente que eu conheço, a ponto de realmente ter me ensinado o que é feminismo ou pelo menos o que deveria ser: “Todo mundo sendo educado com os outros”. Querido, eu amo você muito. E fui eu que quebrei a maçaneta da porta dos fundos aquela vez. Caí em cima dela quando estava bêbada, fingindo ser Amy Winehouse. Agora posso confessar.

Copyright © 2011 by Caitlin Moran
Proibida a venda em Portugal.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL **How To Be a Woman**

CAPA **Alessandra Kalko**

IMAGENS DE CAPA ACIMA: **Latinstock/© corbis/ Corbis (dc) e**
ABAIXO: **CSA Images/Printstock Collection/ Getty Images**

PREPARAÇÃO **Lígia Azevedo**

REVISÃO **Renato Potenza Rodrigues e Juliane Kaori**

ISBN **978-85-8086-369-7**

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br